BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

POLÍCIA MILITAR DE SANTA CATARINA

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS - BOPE

MANUAL DE TÉCNICAS OPERACIONAIS DO BOPE

2018

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONFECÇÃO DO PRESENTE MANUAL

De acordo com o que preceitua a Diretriz de Procedimento Permanente nº 042/2014/CMDOG e observando a necessidade de atualizar as técnicas e táticas empregadas pelo efetivo do Batalhão de Operações Policiais Especiais - BOPE, a partir do ano de 2012 houve o direcionamento e concentração de esforços para padronização e desenvolvimento dos procedimentos empregados nesta Unidade.

Cursos e treinamentos realizados por diversos integrantes do BOPE serviram para que todo um leque de conhecimentos fosse aberto, estudado e depurado até a obtenção do resultado atual, que se materializa nos trabalhos em apresentação: Instrução Tática Individual, Combate em Ambientes Confinados – CQB, Patrulha Urbana, Patrulha Rural, 1ª Intervenção em Ocorrências de Crise com Refém / Suicida Armado / Explosivos, além dos manuais das armas de dotação do BOPE.

Não há, aqui, o objetivo de se desconsiderar os trabalhos já publicados pela PMSC, a exemplo do Manual de Técnica de Polícia Ostensiva. Muito pelo contrário; o objetivo é agregar ao conhecimento já materializado e consagrado novos conhecimentos adotados e desenvolvidos pelo BOPE, como alternativa aos operadores da PMSC para estudo e emprego.

O que está descrito nas linhas que seguem é o que o BOPE adotou como padrão de conduta, levando em consideração a eficiência e eficácia de suas ações, e a segurança de seus operadores. Sem “mistério” ou “carta fechada”, o que segue é o que, neste momento, entendemos como sendo a melhor prática para nossos policiais militares (podendo ser adaptada às realidades diversas e utilizada por todos os integrantes da PMSC).

Por certo, o material que segue carece de revisão constante para eventuais atualizações, correções e alterações, sendo que anualmente serão revistos e, quando for o caso, republicados. Ainda, outras áreas de conhecimento de atuação do BOPE poderão ser materializadas durante as revisões. O necessário para nossa Unidade foi deixar a “inércia de repouso”, que provoca a estagnação, e partir para a “inércia de movimento”, que nos catapulta da zona de conforto para um ciclo positivo de trabalho de produção e compartilhamento de conhecimentos técnicos e atualizados.

A todos os policiais militares da PMSC que tiverem acesso a este material, pedimos que o utilizem com inteligência, não o repassando a terceiros (por motivos óbvios), treinem e operem de forma técnica. Toda sugestão será bem vinda e considerada para as revisões de 2019.

Bom serviço a todos.

“Não pergunte se somos capazes, dê-nos a missão!”

LISTA DE ABREVIATURAS

APH: Atendimento Pré Hospitalar.

BOPE: Batalhão de Operações Policiais Especiais.

CEC: Causador do Evento Crítico.

COBRA: Comando de Operações Busca Resgate e Assalto.

CPI: Concepção de Perigo Imediato.

CQB: *Close Quarter Battle*.

CQC: *Close Quarter Combat.*

EOD: *Explosive Ordinance Disposal*.

IED: *Improvised Explosive Device*.

ITI: Instrução Tática Individual.

OODA: Observar, Orientar, Decidir, Agir.

OTR: *Obturador Tactico de Recamara*

PMSC: Polícia Militar de Santa Catarina.

POP: Procedimento Operacional Padrão.

QBRN: Químico, Biológico, Radiológico ou Nuclear.

SAS: *Special Air Service*.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Postura tática 26
Figura 2 - Postura tática 27
Figura 3 - Caminhada tática........ 28
Figura 4 - Caminhada tática........ 29
Figura 5 - Caminhada tática........ 29
Figura 6 - Posição armamento 30
Figura 7 - Posição armamento 30
Figura 8 - Controle de arma 31
Figura 9 - Controle de arma 32
Figura 10 - Dedo reto 32
Figura 11 - Saque objetivo (passos 1, 2 e 3)........ 33
Figura 12 - Saque objetivo (passos 4 e 5)........ 33
Figura 13 - Terceiro olho 34
Figura 14 - Terceiro olho 34
Figura 15 - Terceiro olho 35
Figura 16 - Visão de túnel........ 36
Figura 17 - Visão periférica........ 36
Figura 18 - Tiro semivisado 37
Figura 19 - Funil fatal........ 38
Figura 20 - Retenção com arma curta 39
Figura 21 - Retenção com arma curta 39
Figura 22 - Retenção com arma longa........ 39
Figura 23 - Retenção com arma longa........ 40
Figura 24 - Posição SAS........ 40
Figura 25 - Posição SAS........ 41
Figura 26 - Posição pronto baixo........ 42
Figura 27 - Posição pronto baixo........ 42
Figura 28 - Posição pronto emprego 43
Figura 29 - Posição pronto emprego 43
Figura 30 - Plataforma de tiro: Em pé 44
Figura 31 - Plataforma de tiro: Ajoelhado........ 44
Figura 32 - Plataforma de tiro: Ajoelhado........ 45
Figura 33 - Posição do pé 45
Figura 34 - Posição *High-Low* 46
Figura 35 - Plataforma de tiro: Deitado (tomada da posição) 47
Figura 36 - Plataforma de tiro: Deitado 47
Figura 37 - Deitado emergencial 48
Figura 38 - Posições não ortodoxas........ 49
Figura 39 - Posições não ortodoxas........ 49
Figura 40 - Posições não ortodoxas........ 50
Figura 41 - Troca de empunhadura 50
Figura 42 - Troca de empunhadura – pronto baixo 51

Figura 43 - Troca de empunhadura – pronto emprego 51
Figura 44 - Troca de empunhadura 52
Figura 45 - Bandoleiras: Uma ponto, Dois pontos e Três pontos-móvel 53
Figura 46 - Colocação da bandoleira 55
Figura 47 - Retirada da arma principal 55
Figura 48 - Transição de arma (passos 1 e 2) 56
Figura 49 - Transição de arma (passos 3 e 4) 57
Figuras 50, 51 e 52 - Semimochilado: Três pontos-móvel 58
Figuras 53 e 54 - Semimochilado: Dois pontos 59
Figura 55 e 56 - Semimochilado: Retomada do armamento 60
Figura 57 – Modo errado: Um ponto semimochilado.. 61
Figura 58 – Transição em S... 62
Figura 59 - Mochilado com bandoleira três pontos-móvel (posicionamento) 63
Figura 60 - Mochilado com bandoleira três pontos-móvel... 63
Figura 61 - Giro estacionário - esquerda.. 65
Figura 62 - Giro estacionário - direita 65
Figura 63 - Giro estacionário - retaguarda 66
Figura 64 - Velocidade de deslocamento - cruzado e lateral.. 67
Figura 65 - Tomada de ângulo.. 68
Figura 66 - Frente para o abrigo / Frente para a ameaça / Armamento em pronto emprego ... 69
Figura 67 - Postura tática / Movimento de quadril e tronco 69
Figura 68 - Postura tática e empunhadura correspondente: exposição parcialmente de cabeça e braço.. 70
Figura 69 - Postura tática alternada: exposição de cabeça, perna braço e tronco.................... 70
Figura 70 - Uso de espelhos 71
Figura 71 - Canto leve e canto pesado 77
Figura 72 - Engajamento centro-canto (1) 77
Figura 73 - Engajamento centro-canto (2) 78
Figura 74 - Cone da morte: silhueta do policial projetada na abertura da porta 79
Figura 75 - Entrada cruzada 80
Figura 76 - Entrada em gancho 80
Figura 77 - Entrada limitada 81
Figura 78 - Entrada gancho-cruzada.. 82
Figura 79 - Entrada mista: policial 1 segura o canto leve, enquanto o segundo policial inicia a tomada de ângulo até o domínio visual do canto pesado 83
Figura 80 - Entrada mista: policiais executam as técnicas *high-low* e entrada limitada para visualização simultânea dos cantos não vistos 83
Figura 81 - Cheque de porta utilizando o cotovelo.. 84
Figura 82 - Coluna com 4 operadores 88
Figura 83 - Coluna com 5 operadores, sendo o 1º escudeiro 88
Figura 84 - Dois policiais atuando em um cômodo / Quatro policiais atuando em um cômodo 89
Figura 85 - Coluna com todos os operadores abrigados no escudo 90
Figura 86 - Nomenclatura do escudo balístico... 90
Figura 87 - Posição do Escudeiro para deslocamento.. 91
Figura 88 - Posição torre 92

Figura 89 - Pontas em janela ... 92
Figura 90 - Disparo envolvente: técnica NÃO utilizada pelo BOPE/PMSC ... 93
Figura 91 - Escudo “lambendo”, deslocando-se próximo à parede ... 94
Figura 92 - Grupo reorganizado após a invasão tática ... 95
Figura 93 - Policial posicionado para o lançamento da granada ... 96
Figura 94 - Kit Arrombamento do COBRA ... 97
Figura 95 - Modo incorreto para arrombamento com os pés ... 98
Figura 96 - Modo correto para arrombamento da porta com pés ... 98
Figura 97 - Modo correto de emprego do aríete ... 99
Figura 98- Arrombamento com emprego de marreta ... 99
Figura 99 - Arrombamentos empregando halligan em porta com abertura “para fora” ... 100
Figura 100 - Modo correto de emprego do alicate corta-frio em posição alta ... 101
Figura 101 - Modo correto de emprego do alicate corta-frio em média altura ... 101
Figura 102 - Modo correto de emprego do alicate corta-frio em baixa altura ... 102
Figura 103 - Entrada explosiva com carga em “C” ... 103
Figura 104 - Composição de patrulha com quatro elementos ... 108
Figura 105 - Composição de patrulha com oito elementos ... 110
Figura 106 - Tomada de ângulo ... 115
Figura 107 - Morro da Caixa Continente – Florianópolis ... 121
Figura 108 - Comunidades Chico Mendes e Novo Horizonte - Florianópolis ... 122
Figuras 109 e 110 - Transposição de becos à direita ou à esquerda ... 123
Figuras 111 e 112 - Transposição de encruzilhada ... 123
Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 113, 114 e 115 - Entrada em becos. ... 125
Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 116, 117 e 118 - Entrada em beco de bifurcação/encruzilhada. ... 126
Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130 e 131 – Deslocamento ponto a ponto. ... 130
Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 132, 133, 134, 135, 136 e 137 – Transposição de becos à direita ou à esquerda. ... 131
Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 138, 139, 140, 141 e 142 – Transposição de encruzilhada. ... 133
Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149 e 150 – Entrada em becos. ... 135
Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157 e 158 – Entrada em beco em bifurcação/encruzilhada. ... 138
Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 159, 160 e 161 – Abordagem ... 140
Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 162, 163, 164 e 165 - Ponta 1 ferido durante a patrulha. ... 142
Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 166, 167, 168 e 169 - Ponta 2 ferido durante a patrulha. ... 143

Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 170, 171, 172 e 173 - Comandante ferido durante a patrulha. 143
Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 174, 175, 176 e 177 - Retaguarda ferido durante a patrulha. 144
Figura 178 - Equipamentos individuais 146
Figura 179 - Equipamentos individuais 148
Figura 180 - Equipamentos individuais 148
Figura 181 - Caminhada tática em mata: 1 Ponta – 2 Planta – 3 Calcanhar 156
Figura 182 - Atiradores progredindo.. 156
Figura 183 - Ambiente rural x Ambiente urbano 157
Figura 184 - Vietnã em pé e ajoelhado 158
Figura 185 - Caçador em pé e ajoelhado – pronto emprego 158
Figura 186 - Caçador deitado em pronto emprego... 159
Figura 187 - Atividades simultâneas 159
Figura 188 - Sentido da patrulha 161
Figura 189 - Ponta 1 executando segurança de vanguarda 162
Figura 190 - Ponta 2 (Segurança do Rastreador) 163
Figura 191 - Ponta 1 (Rastreador) e Ponta 2 (Segurança do Rastreador) 163
Figura 192 - Comandante na formação da patrulha 164
Figura 193 - Segurança de Retaguarda na formação da patrulha............................ 164
Figura 194 - Patrulha com 08 (oito) operadores 165
Figura 195 - Coluna por 1 166
Figura 196 - Coluna por 2 167
Figura 197 - Linha 167
Figura 198 - Losango 168
Figura 199 - Linha 169
Figura 200 - Linha alternada 169
Figura 201 - Linha alternada 169
Figura 202 - Losango 170
Figura 203 - Assalto 170
Figura 204 – Abordagem 171
Figura 205 - Retração em linha alternada 171
Figura 206 - Retração em linha alternada 172
Figura 207 - Retração coluna por 1 172
Figura 208 - Retração coluna por 1 173
Figura 209 - Alto 174
Figura 210 - Alto guardado 174
Figura 211 - Congelar 175
Figura 212 - Ocorrências de crise 184
Figura 213 - Cinco passos do primeiro interventor em ocorrências de crise........................... 187
Figura 214 - Teatro de operações 187
Figura 215 - Relação de ações entre primeiro interventor em ocorrências de crise e negociador BOPE 188
Figura 216 - Campanha de prevenção ao suicídio “Setembro Amarelo” 191
Figura 217 - Alternativas táticas 192

Figura 218 - Coluna tática do COBRA/BOPE 193
Figura 219 - Técnico explosivista BOPE 194
Figura 220 - Timbó Grande/SC - 30/06/2015 – Roubo ao Banco do Brasil 195
Figura 221 – Carabina Taurus-FAMAE CT40 198
Figura 222 – Nomenclatura 201
Figura 223 - Nomenclatura desmontada 202
Figura 224 – Posição “S” segurança 203
Figura 225 – Posição “1” intermitente (tiro a tiro) 203
Figura 226 - Sistema de pontaria 204
Figura 227 - Tambor regulável para 50, 100 e 150 metros 204
Figura 228 - Regulagem vertical 204
Figura 229 - Regulagem lateral 205
Figura 230 - Retirada dos pinos de união 205
Figura 231 - Retirada do guarda-mão 206
Figura 232 - Pino de fixação da haste 206
Figura 233 - Guia da mola recuperadora 207
Figura 234 - Retém do preparador 207
Figura 235 - Retém do ferrolho 207
Figura 236 - Colocação da guia da mola recuperadora e pino de retenção 208
Figura 237 - Pino de retenção não ajustado / Pino de retenção ajustado corretamente 208
Figura 238 - Abertura/fechamento da caixa de culatra 209
Figura 239 - Colocação/retirada do carregador (utilizando polegar ou indicador) 209
Figura 240 - Coronha estendida/rebatida. 209
Figura 241 - Carabina Tática Taurus CTT 40 211
Figura 242 - Nomenclatura 214
Figura 243 - Nomenclatura desmontada 215
Figura 244 - Seletor de tiro 215
Figura 245 - Alça: vértice aberto / orifício do visor 216
Figura 246 - Regulagem vertical (alça) 216
Figura 247 - Regulagem lateral 217
Figura 248 - Pino de fixação da caixa 218
Figura 249 - Abertura da caixa 218
Figura 250 - Conjunto do ferrolho 219
Figura 251 - Abertura/fechamento da caixa de culatra 220
Figura 252 - Retém do carregador 220
Figura 253 - Rebatimento da coronha - Tecla trava do rebatimento 221
Figura 254 - Prolongamento da coronha - Tecla de travamento telescópico 221
Figura 255 - Carabina Taurus-FAMAE CT 30 223
Figura 256 - Nomenclatura 226
Figura 257 - Nomenclatura desmontada 227
Figura 258 - Seletor de tiro na posição "S" segurança / posição "1" intermitente (tiro a tiro) 227
Figura 259 - Sistema de pontaria 228
Figura 260 - Tambor regulável para 50, 100 e 150 metros 228
Figura 261 - Regulagem vertical 229
Figura 262 - Regulagem lateral 229

Figura 263 - Retirada dos pinos de união ... 231
Figura 264 - Retirada do guarda-mão ... 231
Figura 265 - Retém do preparador ... 231
Figura 266 - Retirada do ferrolho e impulsor do ferrolho ... 232
Figura 267 - Retirada do ferrolho e impulsor do ferrolho ... 232
Figura 268 - Ferrolho e impulsor do ferrolho ... 232
Figura 269 - Abertura/fechamento da caixa de culatra ... 233
Figura 270 - Colocação/retirada do carregador ... 233
Figura 271 - Coronha estendida/rebatida ... 234
Figura 272 - Submetralhadora MT 40 ... 237
Figura 273 - Nomenclatura ... 240
Figura 274 - Nomenclatura desmonstada ... 241
Figura 275 - Sistema de pontaria ... 242
Figura 276 - Tambor regulável para 50, 100 e 150 metros ... 242
Figura 277 - Regulagem vertical ... 242
Figura 278 - Regulagem lateral ... 243
Figura 279 - Retirada dos pinos de união ... 243
Figura 280 - Retirada do guarda-mão ... 244
Figura 281 - Guia e mola recuperadora ... 244
Figura 282 - Retém do preparador ... 244
Figura 283 - Retirada do ferrolho ... 245
Figura 284 - Colocação da guia da mola recuperadora e pino de retenção ... 245
Figura 285 - Pino de retenção não ajustado / Pino de retenção ajustado corretamente ... 245
Figura 286 - Abertura/fechamento da caixa de culatra ... 246
Figura 287 - Colocação/retirada do carregador ... 246
Figura 288 - Coronha estendida/rebatida ... 247
Figura 289 - Submetralhadora H&K MP5-A3 ... 249
Figura 290 - Nomenclatura ... 252
Figura 291 - Nomenclatura desmontada ... 253
Figura 292 - Seletor de tiro ... 254
Figura 293 - Regulagem de verticalidade ... 255
Figura 294 - Regulagem lateralidade ... 255
Figura 295 - Acionamento dos dois pinos de união ... 256
Figura 296 - Punho e mecanismo do gatilho ... 256
Figura 297 - Retirada do porta obturador ... 257
Figura 298 - Retirada da guia e mola recuperadora ... 257
Figura 299 - Retirada do obturador ... 257
Figura 300 - Sistema de percussão ... 258
Figura 301 - Placa do guarda mão ... 258
Figura 302 - Conjunto do percussor ... 258
Figura 303 - Fecho de mola ... 259
Figura 304 - Obturador ... 259
Figura 305 - Punho e mecanismo do gatilho ... 260
Figura 306 - Coronha ... 260
Figura 307 - Abertura/fechamento da caixa de culatra ... 261

Figura 308 - Retirada do carregador 261
Figura 309 - Coronha 262
Figura 310 - Fuzil Imbel MD 97 LM 265
Figura 311 - Munições calibre 5,56x45mm 268
Figura 312 - Nomenclatura 269
Figura 313 - Nomenclatura desmontada 270
Figura 314 - Ação dos gases 271
Figura 315 – Posição do obturador 272
Figura 316 - Seletor de tiro 2 posições (Modelo LC) / Seletor de tiro 4 posições (Modelo LM)273
Figura 317 - Retirada do pino de união 273
Figura 318 - Tampa da caixa da culatra e conjunto ferrolho-impulsor do ferrolho 274
Figura 319 - Retirada do percussor 274
Figura 320 - Pino do ferrolho 275
Figura 321 - Separar ferrolho do impulsor 275
Figura 322 - Guarda mão 275
Figura 323 - Êmbolo 275
Figura 324 - Obturador do cilindro de gases 276
Figura 325 - Abertura/fechamento da caixa de culatra 276
Figura 326 - Colocação/retirada do carregador 276
Figura 327 - Retirada do carregador 277
Figura 328 - Fuzil Armalite M15 SPR Mod1 279
Figura 329 - Munições calibre 5,56x45mm 281
Figura 330 - Nomenclatura 283
Figura 331 - Nomenclatura desmontada 284
Figura 332 - Seletor de tiro 285
Figura 333 - Sistema de pontaria (orifíco maior, menor e aberto) 286
Figura 334 - Regulagem da massa de mira 286
Figura 335 - Regulagem da alça de mira 287
Figura 336 - Retirada dos pinos de união 288
Figura 337 - Conjunto ferrolho 288
Figura 338 - Conjunto ferrolho 288
Figura 339 - Vista vertical da arma (entalhe) 289
Figura 340 - Vista lateral da arma (Alavanca de manejo) 289
Figura 341 - Percurssor – retirada do pino retentor do percussor (esquerda) e percussor (direita) 289
Figura 342 - Pino câmara do ferrolho 290
Figura 343 - Extrator (acima) e ejetor (abaixo) 290
Figura 344 - Amortecedor 290
Figura 345 - Anéis de gás 291
Figura 346 - Percurssor 292
Figura 347 - Alavanca de manejo 292
Figura 348 - Abertura/fechamento da caixa da culatra 293
Figura 349 - Retirada/colocação do carregador 293
Figura 350 - Coronha 294
Figura 351 - Carregadores 294

Figura 352 - Fuzil Sig Sauer SG 551 296
Figura 353 - Munições calibre 5,56x45mm 298
Figura 354 - Nomenclatura 300
Figura 355 - Nomenclatura desmontada 301
Figura 356 - Seletor de tiro 302
Figura 357 - Massa de mira de Tritium estendida (esquerda) e rebatida (direita) 303
Figura 358 - Regulagem da alça de mira em distância (Aberta= 100 e 4= 400 metros) 303
Figura 359 - Parafuso de regulagem de verticalidade 304
Figura 360 - Parafuso de regulagem de lateralidade 304
Figura 361 - Regulagem do obturador do cilindro de gases Posição 1 (esquerda) e Posição 2 (direita) 305
Figura 362 - Retirada dos pinos de união 305
Figura 363 - Retirada da alavanca de montagem 306
Figura 364 - Retirada do ferrolho e impulsor 306
Figura 365 - Retirada do ferrolho e impulsor 307
Figura 366 - Placas do guarda mão 307
Figura 367 - Retirada do obturador do cilindro de gases (destaque para o retém) 307
Figura 368 - Êmbolo 308
Figura 369 - Cilindro de gases 308
Figura 370 - Êmbolo (orifício de admissão de gás) 309
Figura 371 - Ferrolho e impulsor 309
Figura 372 - Alavanca de manejo 310
Figura 373 - Abertura/fechamento da caixa de culatra 310
Figura 374 - Colocação e retirada do carregador 311
Figura 375 – Coronha 311
Figura 376 - Carregadores 312
Figura 377 - Colocação da luneta (retém da luneta) 312
Figura 378 - Fuzil Imbel 7,62 Para-Fal A1MD1 315
Figura 379 - Nomenclatura 318
Figura 380 - Nomenclatura desmontada 319
Figura 381 - Munições calibre 7,62x51mm 320
Figura 382 - Seletor de tiro 320
Figura 383 - Sistema de pontaria 321
Figura 384 - Seletor de posição para 150 e 250 metros 321
Figura 385 - Regulagem vertical 322
Figura 386 - Regulagem lateral 322
Figura 387 - Regulador totalmente aberto 323
Figura 388 - Regulador totalmente fechado 323
Figura 389 - Acionamento vertical da alavanca de desmontagem 324
Figura 390 - Retirada da tampa da caixa da culatra e conjunto ferrolho/impulsor do ferrolho 324
Figura 391 - Tampa da caixa da culatra e conjunto ferrolho e impulsor do ferrolho 325
Figura 392 - Impulsor do ferrolho e ferrolho 325
Figura 393 – Ferrolho, percussor e pino do percussor 326
Figura 394 - Retém do obturador do cilindro de gases 326

Figura 395 - Retirada do obturador do cilindro de gases 327
Figura 396 - Componentes de manutenção 327
Figura 397 - Entalhe e inscrição “A” para cima 328
Figura 398 – Posição do percussor e do pino do percussor 328
Figura 399 - Posicionamento inicial do ferrolho em seu impulsor 329
Figura 400 - Saliência da tampa da caixa da culatra 329
Figura 401 - Abertura/fechamento da caixa de culatra 330
Figura 402 - Alimentação/retirada do carregador 331
Figura 403 - Detalhe do dedo indicador pressionando o retém 331
Figura 404 - Coronha rebatida 331

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INSTRUÇÃO TÁTICA INDIVIDUAL – ITI 25
1. TÉCNICA X TÁTICA 25
1.1. TÉCNICA........ 25
1.2. TÁTICA 25
2. FUNDAMENTOS TÁTICOS 25
2.1. POSTURA TÁTICA........ 25
2.2. CAMINHADA TÁTICA 27
2.3. DESLOCAMENTO FORA DE SITUAÇÃO........ 30
3. EMPREGO DE ARMA DE FOGO 31
3.1. PROCEDIMENTOS DE SEGURANÇA DE TIRO........ 31
3.1.1. CONTROLE DE ARMA........ 31
3.1.2. DEDO RETO........ 32
3.1.3. SAQUE OBJETIVO........ 32
3.1.4. TERCEIRO OLHO........ 34
4. VISÃO DE TÚNEL X VISÃO PERIFÉRICA 35
5. TIRO SEMIVISADO 37
6. FUNIL FATAL 37
7. TÉCNICAS DE CONDUÇÃO DO ARMAMENTO – POSIÇÕES........ 38
7.1. RETENÇÃO 38
7.1.1. ARMA CURTA........ 39
7.1.2. ARMA LONGA 39
7.2. SAS........ 40
7.3. PRONTO BAIXO........ 41
7.4. PRONTO EMPREGO 43
7.4.1. ARMA CURTA........ 43
7.4.2. ARMA LONGA 43
8. PLATAFORMAS DE TIRO – POSIÇÕES DE TIRO........ 44
8.1. EM PÉ 44
8.2. AJOELHADO (TORRE)........ 44
8.2.1. ARMA CURTA........ 44
8.2.2. ARMA LONGA........ 45
8.2.3. PÉ VIVO X PÉ MORTO 45
8.3. HIGH-LOW 46

8.4. DEITADO ... 47
    8.4.1. DEITADO EMERGENCIAL ... 47
8.5. NÃO ORTODOXAS ... 49
9. TROCA DE EMPUNHADURA ... 50
9.1. TROCA DE EMPUNHADURA NA POSIÇÃO PRONTO BAIXO ... 51
9.2. TROCA DE EMPUNHADURA NA POSIÇÃO PRONTO EMPREGO ... 51
10. BANDOLEIRA ... 53
10.1. UM PONTO ... 53
10.2. DOIS PONTOS ... 54
10.3. TRÊS PONTOS-FIXOS ... 54
10.4. TRÊS PONTOS-MÓVEL ... 54
10.5. COLOCAÇÃO DE BANDOLEIRA ... 55
    10.5.1. RETIRADA DA ARMA PRINCIPAL ... 55
11. TRANSIÇÕES DE ARMA LONGA PARA ARMA CURTA ... 55
11.1. EMERGENCIAL ... 56
11.2. SEMIMOCHILADO ... 57
    11.2.1. TRÊS PONTOS-MÓVEL ... 57
    11.2.2. DOIS PONTOS ... 59
11.3. TRANSIÇÃO EM S ... 61
11.4. MOCHILADO ... 63
12. QUADRO COMPARATIVO - BANDOLEIRA X TRANSIÇÕES ... 64
13. MUDANÇA DE DIREÇÃO – GIRO ESTACIONÁRIO ... 64
13.1. ESQUERDA ... 64
13.2. DIREITA ... 65
13.3. RETAGUARDA ... 66
14. VELOCIDADES DE DESLOCAMENTO ... 66
14.1. VELOCIDADE ... 66
14.2. CORRIDA ... 67
15. VARREDURA ... 67
15.1. TOMADA DE ÂNGULO (FATIAMENTO) ... 67
15.2. OLHADA RÁPIDA ... 68
15.3. ESPELHO ... 71
16. MEMENTO DE TREINAMENTO PRÁTICO EXERCÍCIOS PRÁTICOS ... 72
CAPÍTULO 2 - COMBATE EM AMBIENTES CONFINADOS (CQB) ... 75

17. INTRODUÇÃO 75
18. CONCEPÇÃO DO PERIGO IMEDIATO (CPI) 76
19. ENTRADAS: TÉCNICAS DE PASSAGEM PELA PORTA 78
19.1. ENTRADA CRUZADA 79
19.2. ENTRADA EM GANCHO 80
19.3. ENTRADA LIMITADA 80
19.4. ENTRADA GANCHO-CRUZADA 81
19.5. ENTRADA MISTA 82
20. CHECAGEM DE PORTA 84
21. PRINCÍPIOS DO CQB 84
21.1. SEMPRE ATUE NO MÍNIMO EM DUPLA 85
21.2. SEMPRE POSSUA UMA SEGUNDA ARMA (BACKUP) 85
21.3. SEMPRE PREENCHA TODOS OS ESPAÇOS 85
22. ENTRADAS: TÉCNICAS DE PROGRESSÃO NO AMBIENTE 86
22.1. ENTRADAS COBERTAS 86
22.2. ENTRADAS DINÂMICAS 86
22.2.1. PRINCÍPIOS DA ENTRADA DINÂMICA 86
23. TIPOS DE VELOCIDADES EM ENTRADAS 87
24. FORMAÇÃO DA COLUNA 87
25. ESCUDO BALÍSTICO 89
25.1. PLATAFORMAS DE TIRO COM EMPREGO DE ESCUDO 91
25.1.1. TORRE 91
25.1.2. JANELA 92
25.2. MOVIMENTAÇÃO COM ESCUDO 93
26. VERBALIZAÇÃO 94
27. DISTRATIVOS 95
28. BRECHA 96
28.1. MECÂNICA 97
28.2. TÉRMICA 102
28.3. BALÍSTICA 102
28.4. EXPLOSIVA 102
CAPÍTULO 3 – PATRULHA URBANA 105
29. INTRODUÇÃO 105
30. CONCEITO DE PATRULHA URBANA 105
31. COMPOSIÇÃO DA PATRULHA 105

31.1. ELEMENTOS DE COMANDO 105
31.2. ELEMENTOS DE EXECUÇÃO 106
31.3. COMPOSIÇÃO COM QUATRO OPERADORES 106
31.4. COMPOSIÇÃO COM OITO OPERADORES 108
32. PLANEJAMENTO 111
33. *BRIEFING* 111
34. *DEBRIEFING* 112
35. TÁTICAS UTILIZADAS 112
35.1. INCURSÃO 112
35.2. ENVOLVIMENTO/CERCO 112
35.3. OCUPAÇÃO 112
35.4. CONTENÇÃO 112
35.5. MARTELO E BIGORNA 112
35.6. CAVALO DE TRÓIA 113
36. CONCEITOS TÉCNICOS E TÁTICOS APLICADOS À PATRULHA URBANA 113
36.1. VISÃO PERIFÉRICA 113
36.2. CONTROLE DE ARMA / CONTROLE DE CANO 113
36.3. TROCA DE EMPUNHADURA 114
36.4. VARREDURAS 114
36.5. POSIÇÃO “HIGH LOW” 116
36.6. CAMINHADA TÁTICA 116
36.7. MOBILIDADE DO PONTA 2 116
36.8. SIAMESA CORPO/CANO DA ARMA 117
36.9. SIAMESA OMBRO A OMBRO 117
36.10. PONTA DUPLA 117
36.11. CARROSSEL 117
36.12. CONFERE 118
36.13. SAÍDA LATERAL 118
36.14. LANÇO 118
36.15. LANÇO COM RETENÇÃO 118
37. FORMAÇÕES 119
38. DESLOCAMENTOS 119
38.1. FATORES RELEVANTES PARA O DESLOCAMENTO 120
39. TIPOS DE PROGRESSÃO 122

39.1. PROGRESSÃO CENTOPEIA 122
  39.1.1. TRANSPOSIÇÃO DE BECOS À DIREITA OU À ESQUERDA 122
  39.1.2. TRANSPOSIÇÃO DE ENCRUZILHADA........ 123
  39.1.3. ENTRADA EM BECOS 124
  39.1.4. ENTRADA EM BECO DE BIFURCAÇÃO/ENCRUZILHADA........ 125
39.2. PROGRESSÃO PONTO A PONTO 127
  39.2.2. TRANSPOSIÇÃO DE BECOS À DIREITA OU À ESQUERDA 130
  39.2.3. TRANSPOSIÇÃO DE ENCRUZILHADA........ 132
  39.2.4. ENTRADA EM BECOS 133
  39.2.5. ENTRADA EM BECO EM BIFURCAÇÃO/ENCRUZILHADA........ 136
39.3. PROGRESSÃO HÍBRIDA 138
40. ABORDAGEM EM SITUAÇÃO DE PATRULHA URBANA 139
41. RESGATE DE POLICIAL FERIDO DURANTE O DESLOCAMENTO........ 140
41.1. PONTA 1 FERIDO DURANTE A PATRULHA........ 141
41.2. PONTA 2 FERIDO DURANTE A PATRULHA........ 142
41.3. COMANDANTE FERIDO DURANTE A PATRULHA 143
41.4. RETAGUARDA FERIDO DURANTE A PATRULHA........ 144
41.5. OPERADOR DE OUTRA GUARNIÇÃO FERIDO........ 145
42. EQUIPAMENTOS INDIVIDUAIS........ 145
43. COMUNICAÇÃO........ 149
43.1. GESTOS 149
43.2. VERBAL 149
CAPÍTULO 4 – PATRULHA RURAL 152
44. CONTEXTUALIZAÇÃO........ 152
45. PATRULHA RURAL POLICIAL MILITAR........ 153
46. FASES DA PATRULHA RURAL 153
47. MISSÕES DA PATRULHA RURAL 153
47.1. PATRULHA DE RECONHECIMENTO........ 153
47.2. PATRULHA DE COMBATE........ 154
48. FUNDAMENTOS DA PATRULHA RURAL........ 155
49. CONDUTA DE PATRULHA 155
50. CAMUFLAGEM........ 156
51. COMUNICAÇÃO........ 157
52. POSTURA TÁTICA........ 157
52.1. VIETNÃ........ 158

52.2. CAÇADOR 158
53. ATIVIDADES SIMULTÂNEAS 159
53.1. PROGRESSÃO 160
53.2. LIGAÇÃO 160
53.3. OBSERVAÇÃO 160
54. COMPOSIÇÃO DA PATRULHA 160
54.1. COMPOSIÇÃO DA PATRULHA COM 04 (QUATRO) OPERADORES: 161
54.2. COMPOSIÇÃO DA PATRULHA COM 08 (OITO) OPERADORES: 165
55. FORMAÇÕES DA PATRULHA 166
55.1. FORMAÇÕES DE BUSCA 166
  55.1.1. COLUNA POR 1 166
  55.1.2. COLUNA POR 2 166
  55.1.3. LINHA 167
  55.1.4. LOSANGO 168
55.2. FORMAÇÃO DE CONTATO 168
  55.2.1. OFENSIVA 168
    55.2.1.1. LINHA 168
    55.2.1.2. LINHA ALTERNADA 169
    55.2.1.3. LOSANGO 170
    55.2.1.4. ASSALTO 170
    55.2.1.5. ABORDAGEM 171
  55.2.2. DEFENSIVA 171
    55.2.2.1. RETRAÇÃO EM LINHA ALTERNADA 171
    55.2.2.2. RETRAÇÃO COLUNA POR 1 172
    55.2.2.3. RETRAÇÃO COLUNA POR 2 173
55.3. FORMAÇÕES NEUTRAS 174
  55.3.1. ALTO 174
  55.3.2. ALTO GUARDADO 174
  55.3.3. CONGELAR 175
56. FATORES QUE INFLUENCIAM A FORMAÇÃO DA PATRULHA 175
57. TÁTICAS DE AÇÃO IMEDIATA – TAI 176
57.1. OFENSIVA 176
57.2. DEFENSIVA 176
58. TÁTICAS DE AÇÃO IMEDIATA EMBARCADO – TAIE 176

59. ERROS A SEREM EVITADOS 177
60. MEMENTO DE INSTRUÇÃO 178
CAPÍTULO 5 – PRIMEIRA INTERVENÇÃO EM OCORRÊNCIAS DE CRISE 180
61. CONCEITOS INICIAIS 180
61.1. BOMBA 180
61.2. CARACTERÍSTICAS DA CRISE 180
61.3. CAUSADOR DO EVENTO CRÍTICO – CEC 181
61.4. CRISE 181
61.5. CRITÉRIOS DE AÇÃO 181
61.6. ELEMENTOS ESSENCIAIS DE INTELIGÊNCIA 181
61.7. EQUIPE TÁTICA 182
61.8. EXPLOSIVO 182
61.9. GERENCIAMENTO DE CRISES 182
61.10. GERENTE DA CRISE 182
61.11. GRUPO TÁTICO 182
61.12. NEGOCIADOR 182
61.13. NEGOCIAÇÃO REAL 183
61.14. NEGOCIAÇÃO TÁTICA 183
61.15. OBJETIVOS DO GERENCIAMENTO DE CRISES 183
61.16. POSTO DE COMANDO 183
61.17. PRIMEIRA INTERVENÇÃO 183
62. O QUE SÃO OCORRÊNCIAS DE CRISE? 183
63. PROCEDIMENTO OPERACIONAL PADRÃO - POP 184
64. PRIMEIRO INTERVENTOR EM OCORRÊNCIAS DE CRISE 185
65. A CHEGADA DO NEGOCIADOR 187
66. TIPOLOGIA DO CAUSADOR 188
67. INDIVÍDUO MENTALMENTE PERTURBADO 189
68. COMPORTAMENTO SUICIDA 190
69. SUICÍDIO PROVOCADO POR POLICIAL 191
70. PREVENÇÃO AO SUICÍDIO 191
71. ALTERNATIVAS TÁTICAS 192
72. O GRUPO TÁTICO 192
73. PROCESSO DE RENDIÇÃO 193
74. PRIMEIRA INTERVENÇÃO EM OCORRÊNCIAS COM EXPLOSIVOS 193

75. PRIMEIRA INTERVENÇÃO EM OCORRÊNCIAS DE ROUBOS A BANCOS – NOVO CANGAÇO 195

CAPÍTULO 6 – ARMAS – CARABINAS 198

76. CARABINA TAURUS CT .40 198

76.1. TABELA BALÍSTICA 199

76.2. ESPECIFICAÇÃO 200

76.3. CLASSIFICAÇÃO 200

1. NOMENCLATURA 201

76.4. NOMENCLATURA – DESMONTADA 202

76.5. SELETOR DE TIRO 203

76.6. SISTEMA DE PONTARIA 203

76.7. REGULAGEM DA MASSA DE MIRA 204

76.8. REGULAGEM DA ALÇA DE MIRA 205

76.9. DESMONTAGEM 205

76.10. MONTAGEM 207

76.11. MANUSEIO 208

77. CARABINA TÁTICA TAURUS CTT .40 211

77.1. TABELA BALÍSTICA 212

77.2. ESPECIFICAÇÃO 213

77.3. CLASSIFICAÇÃO 213

77.4. NOMENCLATURA 214

77.5. NOMENCLATURA – DESMONTADA 215

77.6. SELETOR DE TIRO 215

77.7. SISTEMA DE PONTARIA 216

77.8. REGULAGEM DE VERTICALIDADE 216

77.9. REGULAGEM DE LATERALIDADE 217

77.10. DESMONTAGEM 217

77.11. MONTAGEM 219

77.12. MANUSEIO 219

78. CARABINA TAURUS FAMAE CT .30 223

78.1. TABELA BALÍSTICA 224

78.2. ESPECIFICAÇÃO 225

78.3. CLASSIFICAÇÃO 225

78.4. NOMENCLATURA 226

78.5. NOMENCLATURA – DESMONTADA 227

78.6. SELETOR DE TIRO 227
78.7. SISTEMA DE PONTARIA 228
78.8. REGULAGEM DA MASSA DE MIRA 229
78.9. REGULAGEM DA ALÇA DE MIRA 229
78.10. OBTURADOR DO CILINDRO DE GASES 230
78.11. DESMONTAGEM 230
78.12. MONTAGEM 232
78.13. MANUSEIO 233
CAPÍTULO 7 – ARMAS – SUBMETRALHADORAS 237
79. SUBMETRALHADORA TAURUS MT .40 237
79.1. TABELA BALÍSTICA 238
79.2. ESPECIFICAÇÃO 239
79.3. CLASSIFICAÇÃO 239
79.4. NOMENCLATURA 240
79.5. NOMENCLATURA – DESMONTADA 241
79.6. SELETOR DE TIRO 241
79.7. SISTEMA DE PONTARIA 242
79.8. REGULAGEM DA MASSA DE MIRA 242
79.9. REGULAGEM DA ALÇA DE MIRA 243
79.10. DESMONTAGEM 243
79.11. MONTAGEM 245
79.12. MANUSEIO 246
80. SUBMETRALHADORA H&K MP5-A3 249
80.1. TABELA BALÍSTICA 250
80.2. ESPECIFICAÇÃO 251
80.3. CLASSIFICAÇÃO 251
80.4. NOMENCLATURA 252
80.5. NOMENCLATURA – DESMONTADA 253
80.6. SELETOR DE TIRO 254
80.7. SISTEMA DE PONTARIA 254
80.8. REGULAGEM DA ALÇA DE MIRA 255
80.9. DESMONTAGEM 256
80.10. MONTAGEM 258
80.11. MANUSEIO 261

CAPÍTULO 8 – ARMAS - FUZIS 265
81. FUZIL IMBEL MD 97 265
81.1. TABELA BALÍSTICA 266
81.2. ESPECIFICAÇÃO 267
81.3. CLASSIFICAÇÃO 267
81.4. MUNIÇÕES CALIBRE 5,56X45mm 268
81.5. NOMENCLATURA 269
81.6. NOMENCLATURA – DESMONTADA 270
81.7. AÇÃO DOS GASES 271
81.8. POSIÇÕES DO OBTURADOR 271
81.9. SELETOR DE TIRO 273
81.10. DESMONTAGEM 273
81.11. MANUSEIO 276
82. FUZIL DE ASSALTO M15 SPR MOD 1 279
82.1. TABELA BALÍSTICA 280
82.2. MUNIÇÕES CALIBRE 5,56X45mm 281
82.3. ESPECIFICAÇÃO 282
82.4. CLASSIFICAÇÃO 282
82.5. NOMENCLATURA 283
82.6. NOMENCLATURA – DESMONTADA 284
82.7. SELETOR DE TIRO 285
82.8. SISTEMA DE PONTARIA 285
82.9. REGULAGEM DA MASSA DE MIRA 286
82.10. REGULAGEM DA ALÇA DE MIRA 287
82.11. DESMONTAGEM 287
82.12. MONTAGEM 291
82.13. MANUSEIO 293
83. FUZIL DE ASSALTO SIG SG551 296
83.1. TABELA BALÍSTICA 297
83.2. MUNIÇÕES DO CALIBRE 5,56X45mm 298
83.3. ESPECIFICAÇÃO 299
83.4. CLASSIFICAÇÃO 299
83.5. NOMENCLATURA 300
83.6. NOMENCLATURA – DESMONTADA 301

83.7. SELETOR DE TIRO 302

83.8. SISTEMA DE PONTARIA 302

83.9. REGULAGEM DA ALÇA DE MIRA 303

83.10. REGULAGEM DO OBTURADOR DO CILINDRO DE GASES 305

83.11. DESMONTAGEM 305

83.12. MONTAGEM 308

83.13. MANUSEIO 310

84. FUZIL 7,62 PARA-FAL A1MD1 314

84.1. TABELA BALÍSTICA 316

84.2. ESPECIFICAÇÃO 317

84.3. CLASSIFICAÇÃO 317

84.4. NOMENCLATURA 318

84.5. NOMENCLATURA – DESMONTADA 319

84.6. MUNIÇÕES CALIBRE 7,62X51mm 320

84.7. SELETOR DE TIRO 320

84.8. SISTEMA DE PONTARIA 321

84.9. REGULAGEM DA MASSA DE MIRA 322

84.10. REGULAGEM DA ALÇA DE MIRA 322

84.11. REGULAGEM DO REGULADOR DE ESCAPE DOS GASES 323

84.12. DESMONTAGEM 323

84.13. KIT MANUTENÇÃO DE CAMPANHA 327

84.14. MONTAGEM 328

84.15. MANUSEIO 330

REFERÊNCIAS 332

ANEXO 333

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

INSTRUÇÃO TÁTICA INDIVIDUAL

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 1 – INSTRUÇÃO TÁTICA INDIVIDUAL – ITI

1. TÉCNICA X TÁTICA

1.1. TÉCNICA

Conjunto dos métodos e pormenores práticos essenciais à execução perfeita de uma arte ou profissão; o conjunto dos processos de uma arte; a maneira de executar determinado procedimento.

1.2. TÁTICA

Conjunto de meios ou recursos empregados para alcançar um resultado favorável; a ação planejada para a obtenção de um determinado fim; a estratégia.

2. FUNDAMENTOS TÁTICOS

Conceitos, princípios e técnicas básicas que servem de fundamento para todas as demais instruções e áreas de atuação previstas para as diversas modalidades de policiamento, principalmente as repressivas.

2.1. POSTURA TÁTICA

“Conforto, equilíbrio e naturalidade”

Postura básica adotada pelo policial militar nas mais variadas atividades. A partir dela obtêm-se diversas outras posições.

A **postura tática** se assemelha à posição de guarda de um boxeador, diferenciando-se, porém, pela condução do armamento. Ao se adotar a **postura tática** o policial militar busca uma postura corporal que propicie *conforto*, *equilíbrio* (estabilidade) e *naturalidade*, sendo estas as características que trarão melhores condições de enfrentamento, tanto no manuseio de armamento como na execução de técnicas não letais e mãos livres.

Busca colocar o policial em condição de superioridade através da postura ofensiva e de iniciativa (Demonstração de Força/Agressividade Controlada), bem como deixa o policial em posição iminente para atuação enérgica.

Caçador X Caça

O policial deve sempre adotar a postura de **caçador**, jamais de caça. O caçador é aquele que procura sua caça, adotando postura ofensiva, ativa, e tem iniciativa para o confronto. A caça é submissa e passiva.

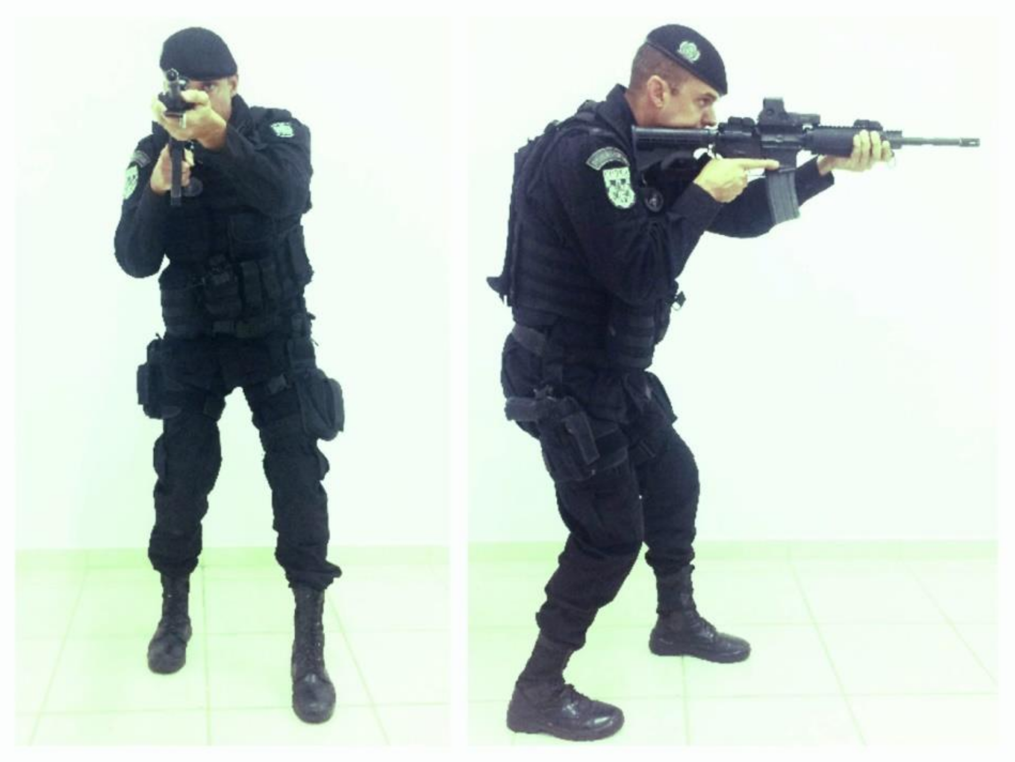


Figura 1 - Postura tática

Para executar a **postura tática**...

- Alinhar a abertura das pernas, no mínimo, à largura dos ombros.
- Alinhar a ponta do pé de apoio (à retaguarda) com o calcanhar do pé oposto (à frente).
- Direcionar as pontas dos pés para frente (direção à ameaça).
- Manter a coluna reta.
- Joelhos semiflexionados.
- Redução de silhueta (“bolinha”).

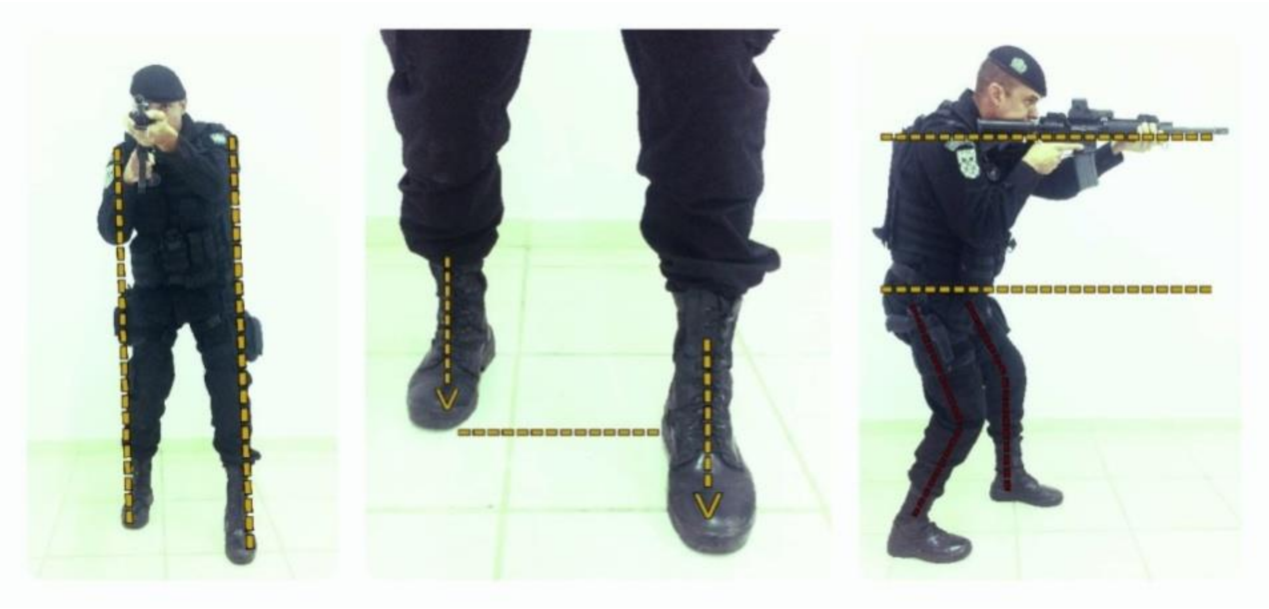


Figura 2 - Postura tática

2.2. CAMINHADA TÁTICA

A **caminhada tática** é o deslocamento do policial em áreas de risco, progressões e em situações de risco iminente, buscando a melhor plataforma para se efetuar a varredura da área e disparos em movimento quando necessário, minimizando acidentes com obstáculos no caminho.

Propicia um deslocamento mais silencioso que favorece a surpresa nas ações pretendidas. A condução do armamento varia entre as posições **pronto emprego** e **pronto baixo**.

- Os joelhos mantêm-se semiflexionados; busca-se o mínimo de variação de altura.
- A lógica da **caminhada tática** é a manutenção da **postura tática** durante o movimento.
- Aplica-se durante progressões, varreduras, invasões, na aproximação em abordagens e nos momentos críticos em que talvez seja necessário efetuar disparos em movimento.

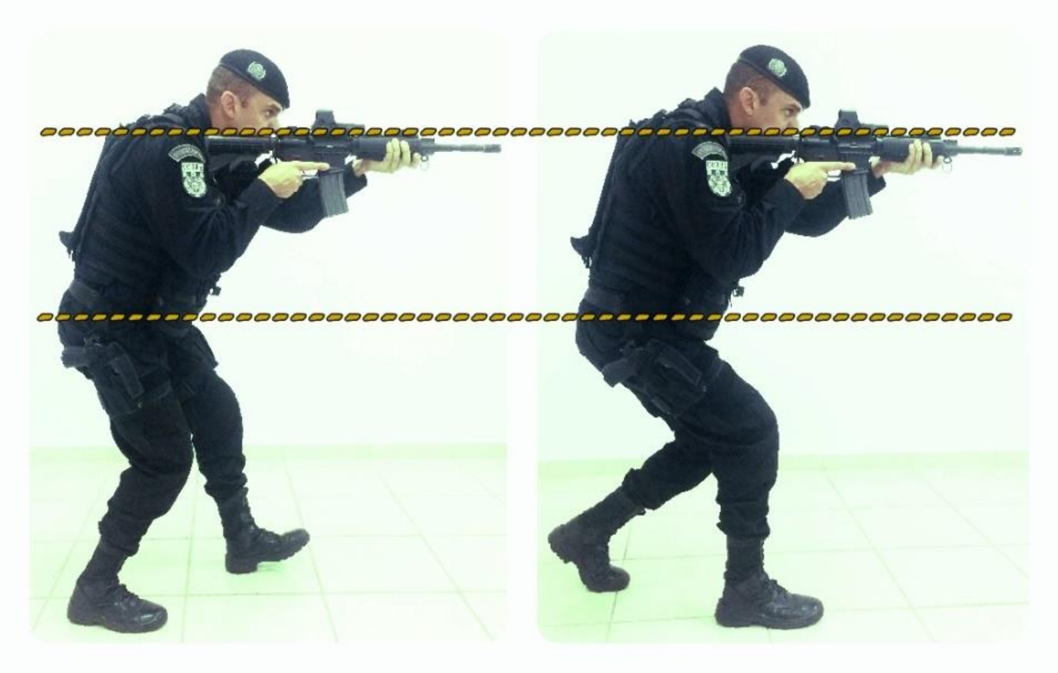


Figura 3 - Caminhada tática

Fora das limitações da área de risco, antes de iniciar ou após a progressão, o policial deve adotar uma variação da **caminhada tática** alterando sua plataforma de tiro com variação entre as posições **pronto baixo** e **retenção**, como forma de preservar sua boa condição física. Além disso, caminha-se quase que normalmente, buscando uma menor variação de altura, contudo, sem o rigor da **postura tática** durante a caminhada. Pelas mesmas razões da **caminhada tática**, os pés tocam o solo conforme as ordens a seguir.

Ao caminhar para **frente**, os pés tocam o solo na seguinte ordem: *calcanhar - planta – ponta*.

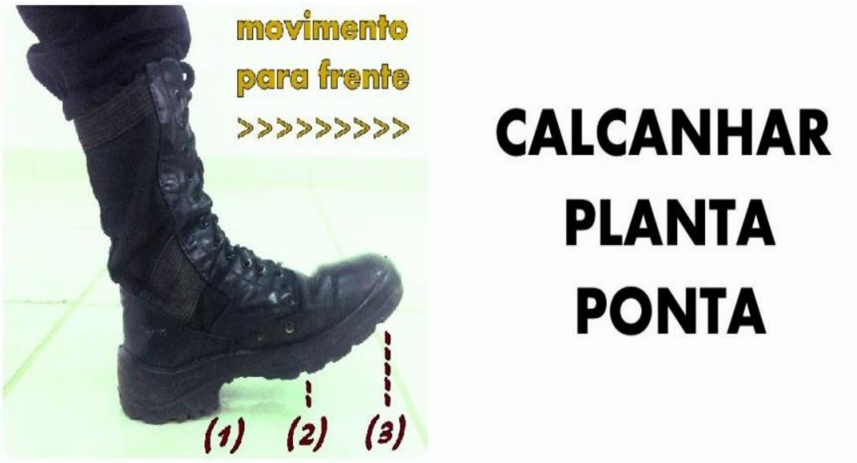

movimento para frente
>>>>>>>>>
CALCANHAR
PLANTA
PONTA
(1)
(2)
(3)

Figura 4 - Caminhada tática

Sendo necessário caminhar para **trás**, os pés devem tocar o solo na ordem: *ponta – planta – calcanhar*. Entretanto é necessário o cuidado do policial militar, pois este movimento aumenta o risco de queda ou ruídos indesejáveis.

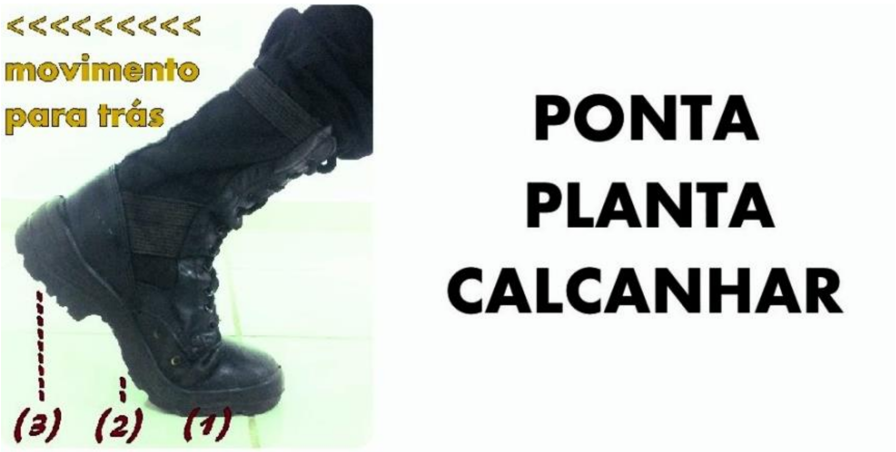

<<<<<<<<<
movimento para trás
PONTA
PLANTA
CALCANHAR
(3)
(2)
(1)

Figura 5 - Caminhada tática

O armamento deve estar em condição de emprego, empunhado, a fim de que o policial militar possa dar resposta imediata frente à ameaça que surgir durante seu deslocamento.

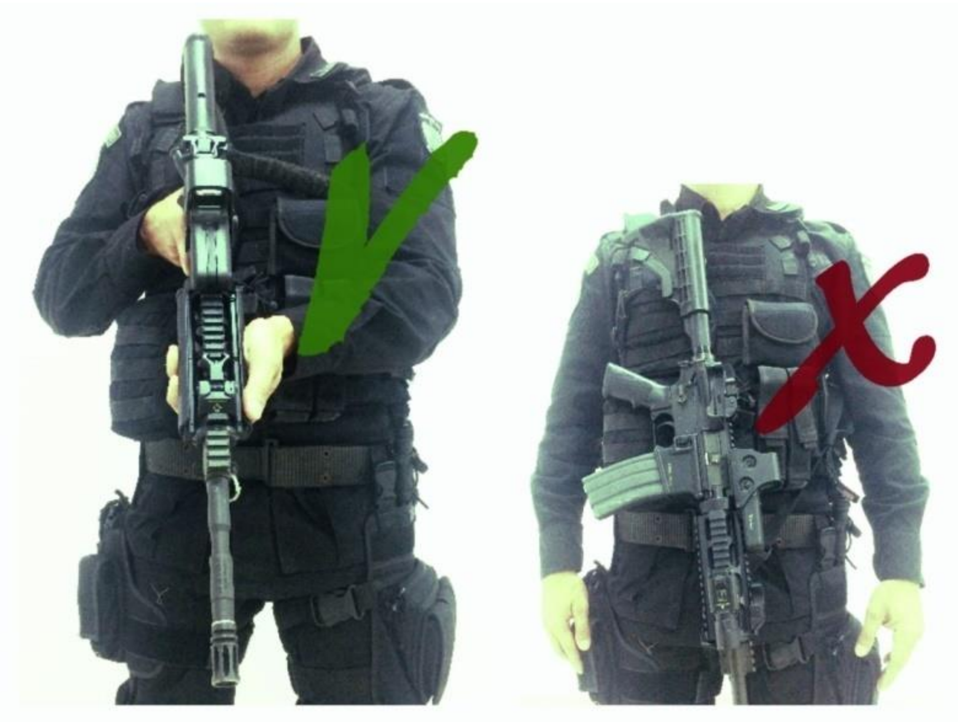


Figura 6 - Posição armamento

2.3. DESLOCAMENTO FORA DE SITUAÇÃO

Caminha-se normalmente, distante do objetivo e da situação de risco, sem permitir que a arma fique solta.

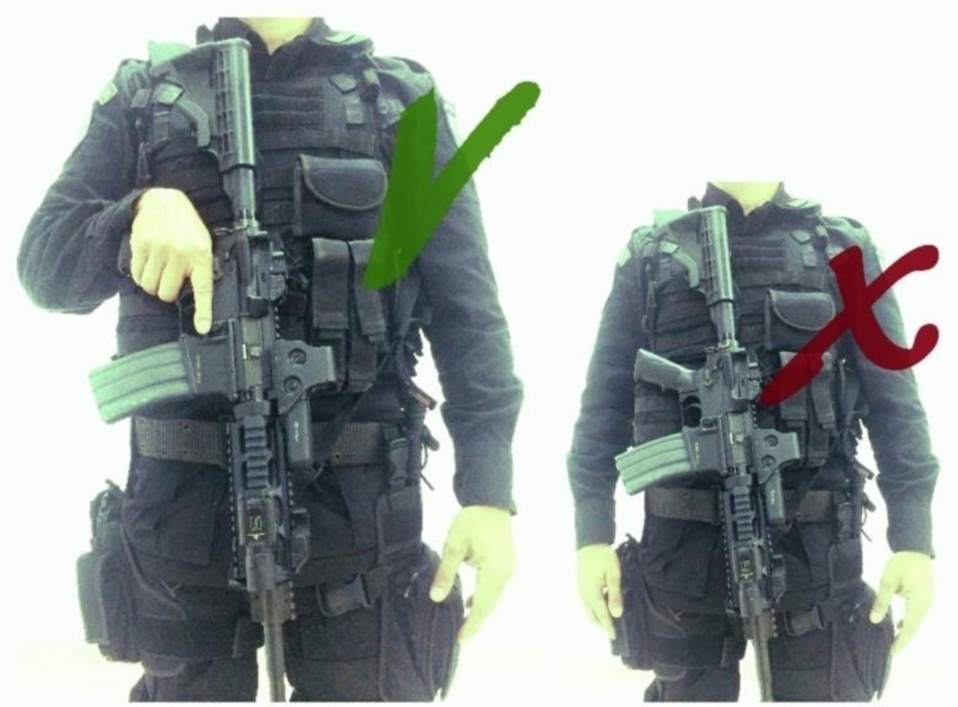


Figura 7 - Posição armamento

3. EMPREGO DE ARMA DE FOGO

3.1. PROCEDIMENTOS DE SEGURANÇA DE TIRO

Alguns procedimentos de segurança adotados na prática de tiro são também empregados na atuação policial, dada a segurança que proporcionam ao policial militar, a terceiros e ao patrimônio (bens materiais). Como regra geral, temos:

3.1.1. CONTROLE DE ARMA

"Não se aponta uma arma de fogo para aquilo que não se deseja atingir, danificar, destruir, machucar ou matar"

Trata-se da correta empunhadura da arma de fogo com direcionamento do cano para posição segura, evitando-se varrer integrantes da equipe, pessoas não suspeitas ou determinados objetos materiais.

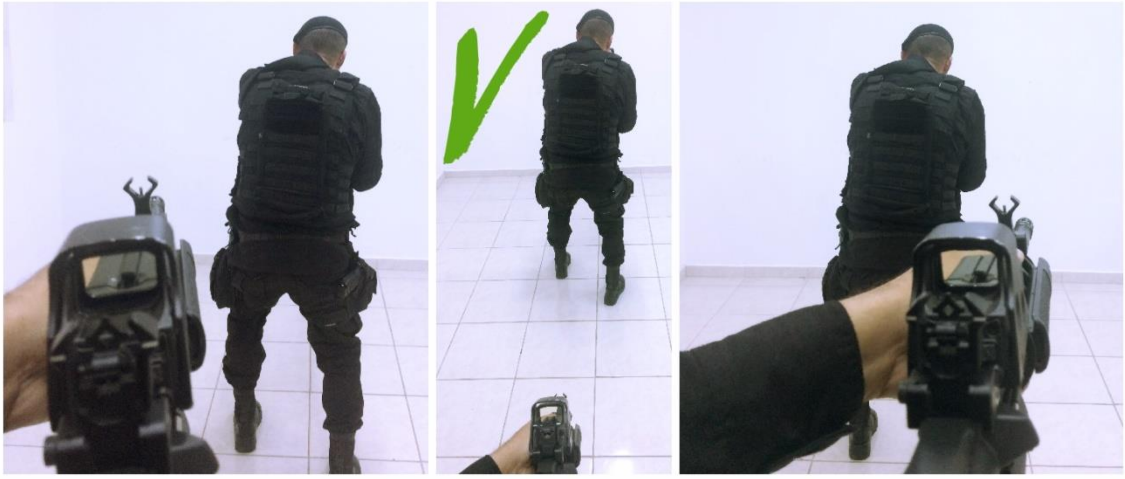


Figura 8 - Controle de arma

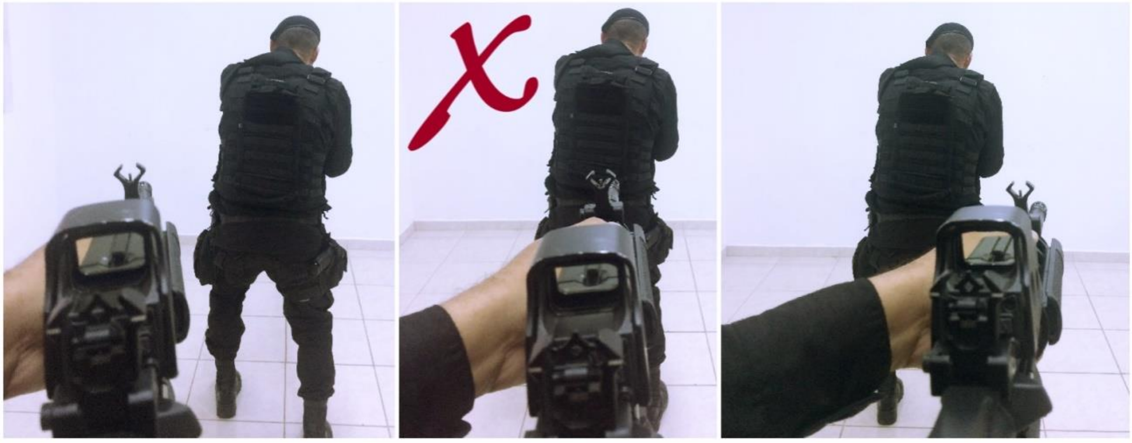


Figura 9 - Controle de arma

3.1.2. DEDO RETO

"O dedo só toca o gatilho quando for atirar"

O dedo indicador da mão forte deve se manter fora do gatilho, estendido, em contato com a armação da arma, sendo direcionado ao gatilho apenas para atirar.

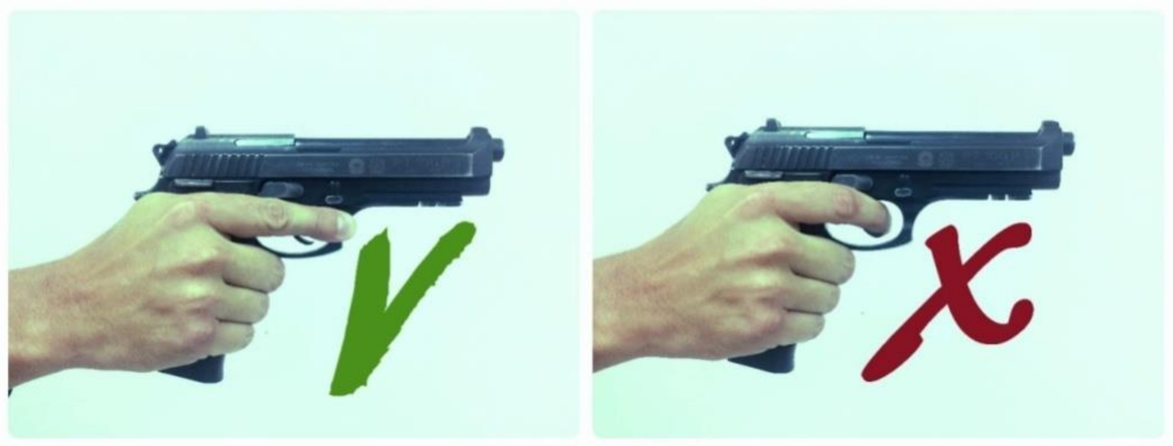


Figura 10 - Dedo reto

3.1.3. SAQUE OBJETIVO

É a apresentação da arma para a posição de **pronto emprego** da forma mais rápida e prática possível, deixando a arma em condição de se efetuar disparos à frente mesmo antes de se completar empunhadura dupla, buscando-se evitar movimentos desnecessários.

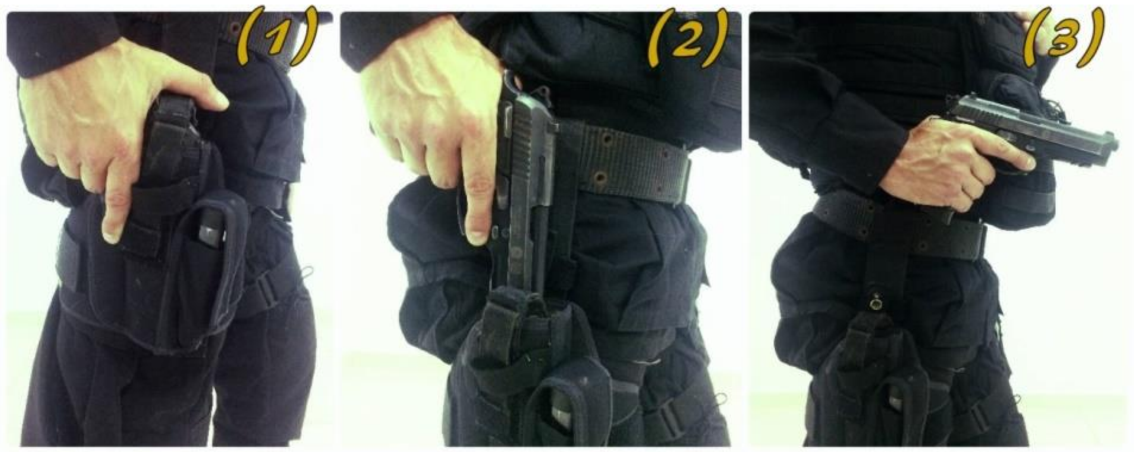


Figura 11 - Saque objetivo (passos 1, 2 e 3)

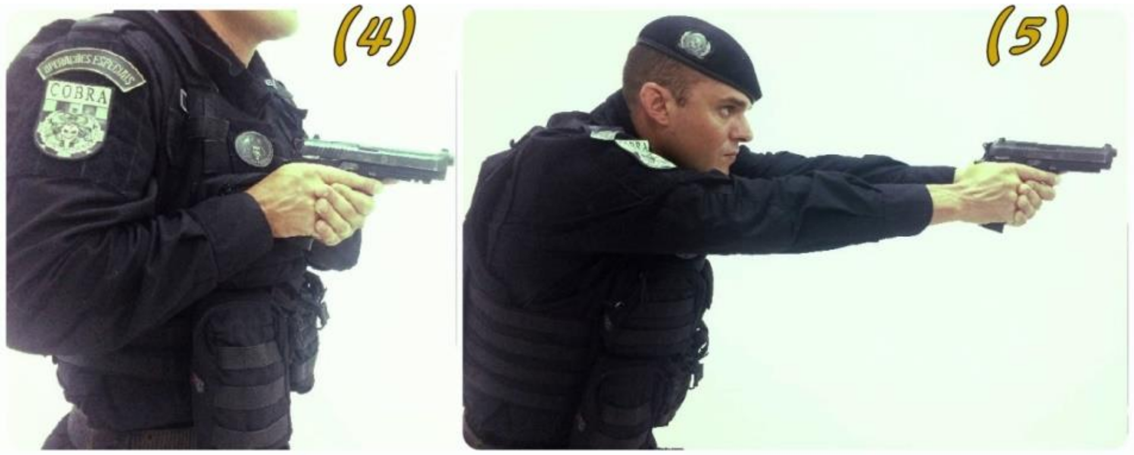


Figura 12 - Saque objetivo (passos 4 e 5)

1. Empunhar a arma (**empunhadura simples**); liberar a retenção do coldre.
2. Sacar e destravar.
3. Direcionar à ameaça tão logo a arma seja retirada do coldre.
4. Completar a **empunhadura dupla** junto ao peito com arma direcionada à ameaça.
5. Espetar a ameaça com empunhadura dupla na posição **pronto emprego**.

3.1.4. TERCEIRO OLHO

O nome dado ao fundamento tático **terceiro olho** é usado figurativamente para representar o cano da arma quando somado aos dois olhos do policial militar. É executado enquanto a arma direcionada acompanha o percurso realizado pelos olhos do policial.

A atividade policial exige de seu operador o máximo de atenção aos **perigos imediatos** que possam surgir. Para melhor observação e rápida resposta, o policial deve manter os dois olhos abertos em todo momento, praticando varredura e tiro **semivisado**.

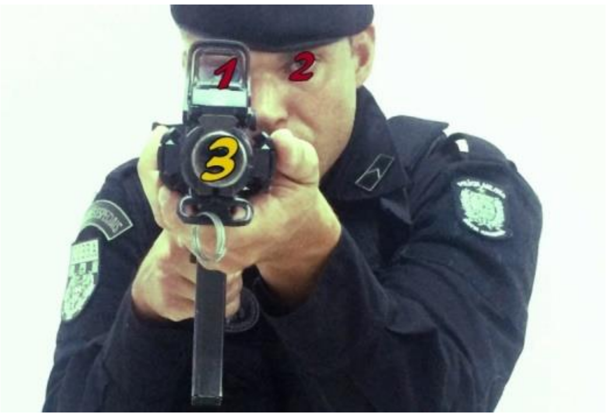


Figura 13 - Terceiro olho

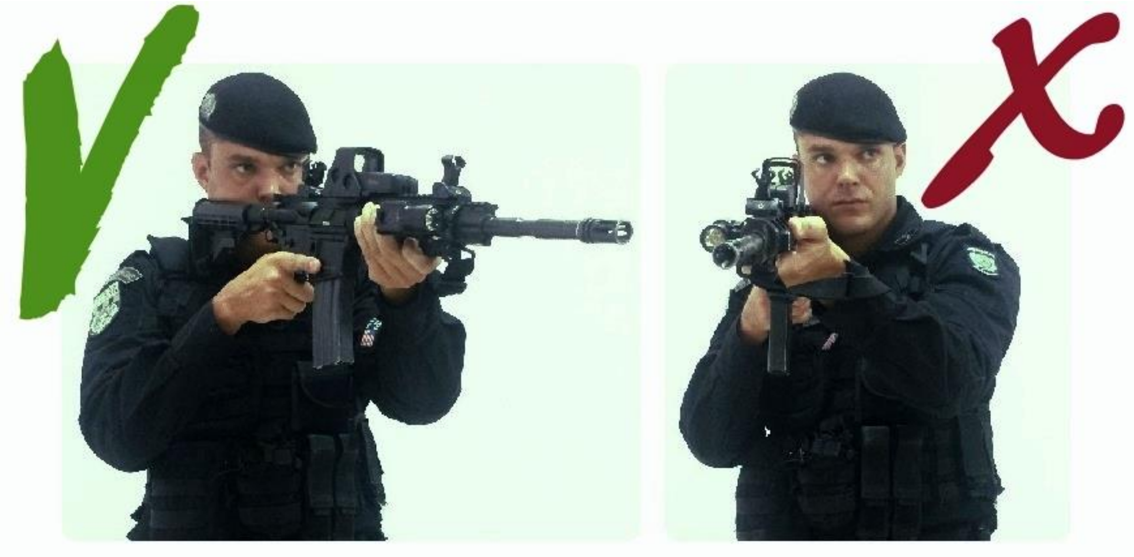


Figura 14 - Terceiro olho

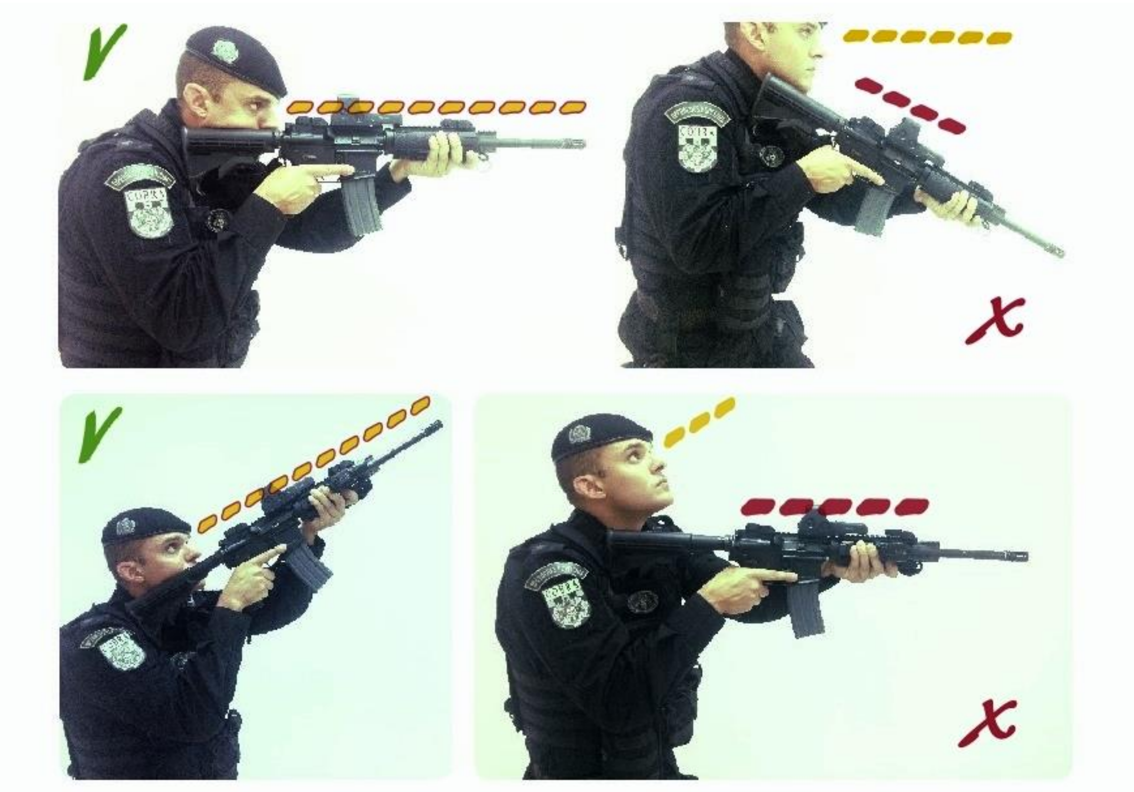


Figura 15 - Terceiro olho

4. VISÃO DE TÚNEL X VISÃO PERIFÉRICA

Visão de túnel é a visualização restrita, com foco em um único ponto, que dificulta a leitura do ambiente.

Visão periférica é a visualização ampla, comportando um ângulo próximo a 180º. Ela é obtida mantendo-se os dois olhos abertos, a atenção e concentração do policial militar na identificação dos perigos imediatos, evitando-se a visão de túnel.

O policial militar deve evitar a visão de túnel e adotar a silhueta reduzida frente às ameaças, restringindo a visão em raríssimos casos.

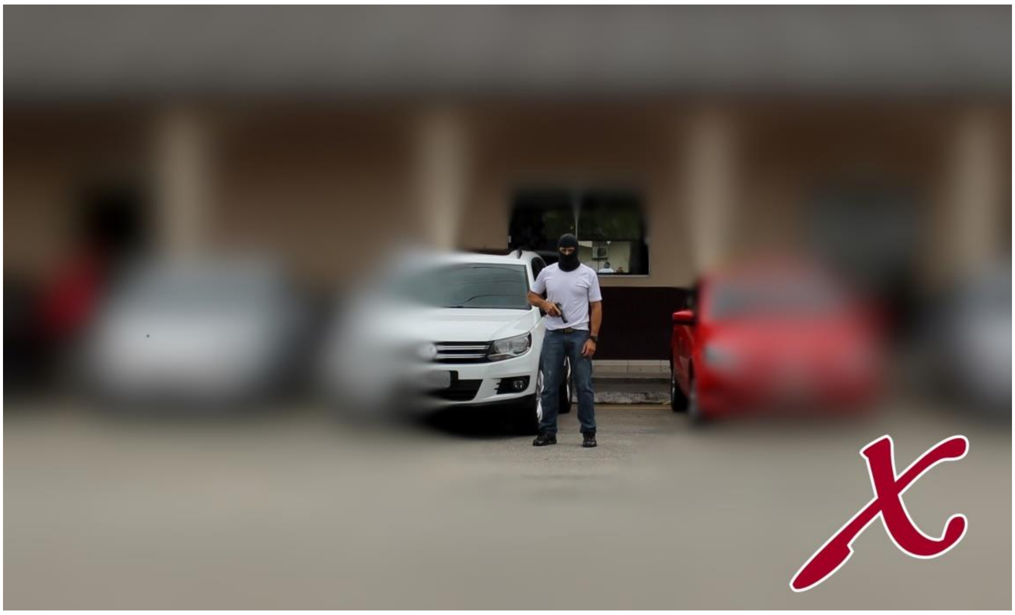


Figura 16 - Visão de túnel

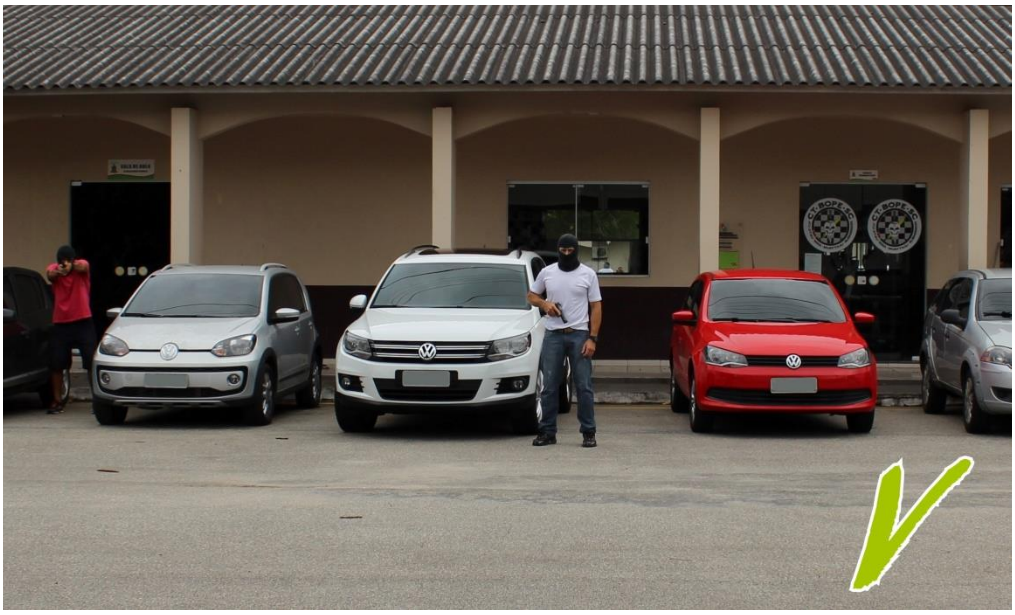


Figura 17 - Visão periférica

Na primeira situação é possível observar a restrição do campo visual ocasionado pelo efeito da visão de túnel, não sendo possível visualizar e identificar todas as ameaças presentes no cenário.

Na segunda situação fica nítida a vantagem obtida pela manutenção da visão periférica, possibilitando a identificação das ameaças.

Além da restrição do sentido da **visão**, poderá ocorrer também a perda/restrição do sentido da **audição**, sendo que para este fator denominamos **audição de túnel**.

5. TIRO SEMIVISADO

O tiro **semivisado** consiste em manter o foco no objetivo (ameaça), com visão secundária (desfocada) no aparelho de pontaria. Seu emprego está associado à técnica do **terceiro olho**, portanto mantendo os dois olhos abertos. É essencial na execução das varreduras para melhor domínio do ambiente e identificação dos perigos imediatos, sendo fundamental seu treinamento para obtenção da efetividade de disparo de arma de fogo.

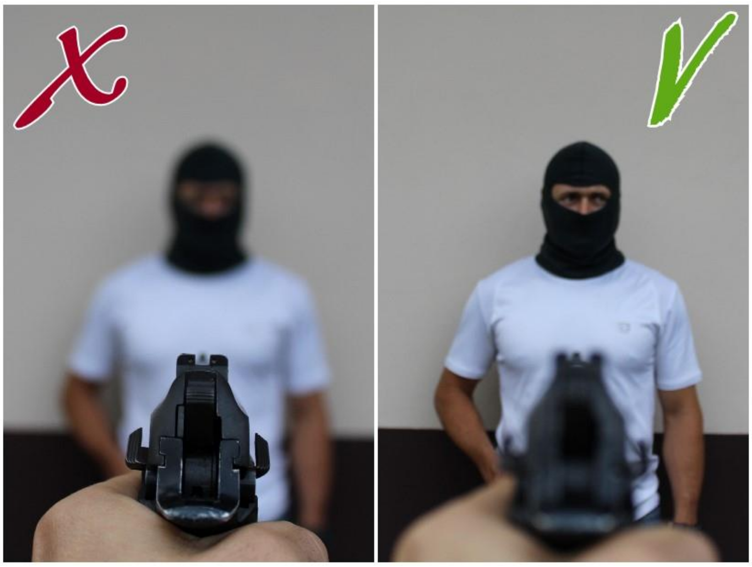


Figura 18 - Tiro semivisado

6. FUNIL FATAL

Funil Fatal ou **Cone da Morte** são locais que atraem disparos, por serem locais lógicos de haver presença policial, como: viaturas, escudos balísticos. Também podem ser locais que retratam a silhueta do policial militar, como: portas, janelas, corredores, becos, foco de iluminação, escadas e etc.

Por colocar o policial em risco, devem ser evitados ou superados de forma objetiva.

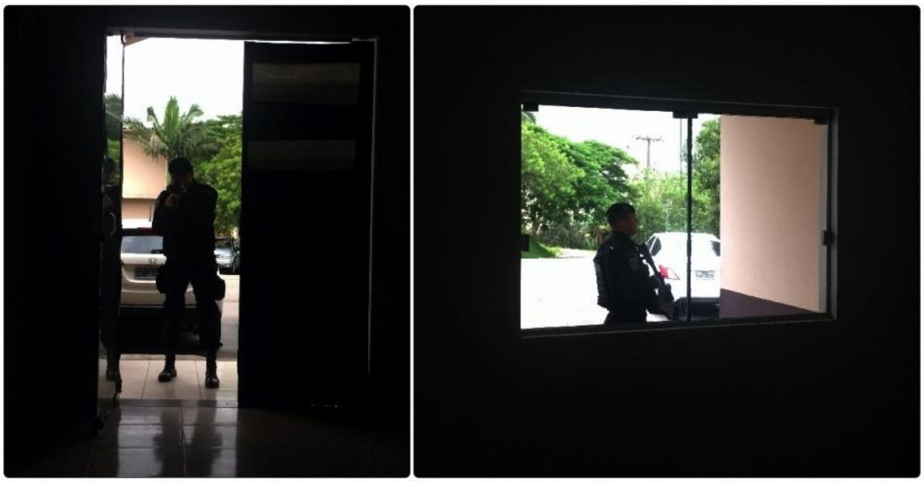


Figura 19 - Funil fatal

7. TÉCNICAS DE CONDUÇÃO DO ARMAMENTO – POSIÇÕES

É essencial a manutenção da **postura tática** (*conforto*, *equilíbrio* e *naturalidade*) para melhor operar com o armamento. As técnicas de condução do armamento são inúmeras, sendo adotadas como padrão do BOPE/PMSC as técnicas descritas abaixo, separadas em dois conjuntos distintos: posições de **retenção** e posições **pronto**.

7.1. RETENÇÃO

As posições de **retenção** são utilizadas para manter o armamento em condição de emprego ao mesmo tempo em que dá conforto ao policial militar, preservando seu bom condicionamento físico. A arma permanece rente ao corpo, direcionada para baixo, levemente inclinada em relação ao solo e voltada para frente, de modo que não aponte para os membros inferiores do policial. Braços e cotovelos recolhidos junto ao corpo. A arma pode ser lateralizada ou frontal.

7.1.1. ARMA CURTA

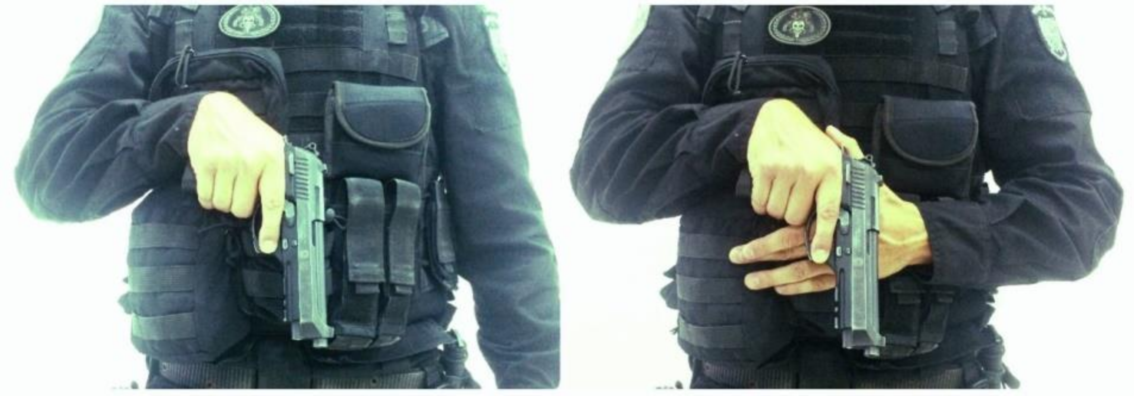


Figura 20 - Retenção com arma curta

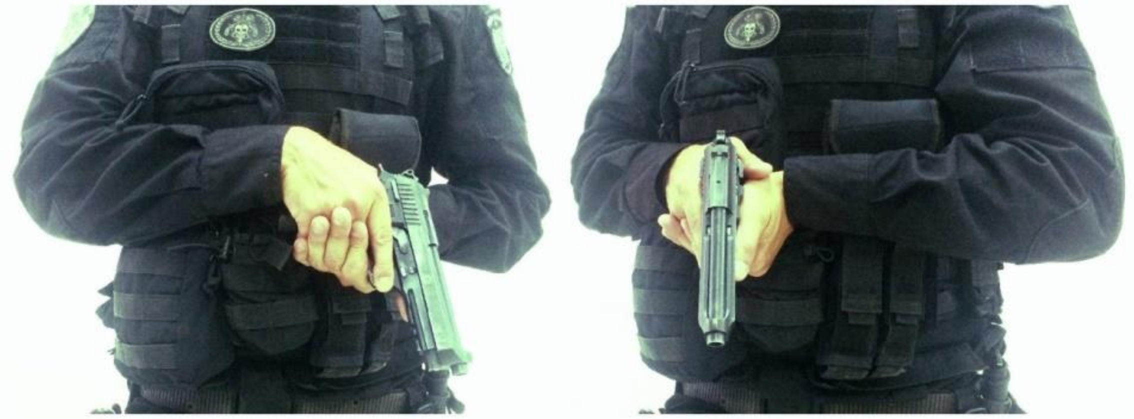


Figura 21 - Retenção com arma curta

7.1.2. ARMA LONGA

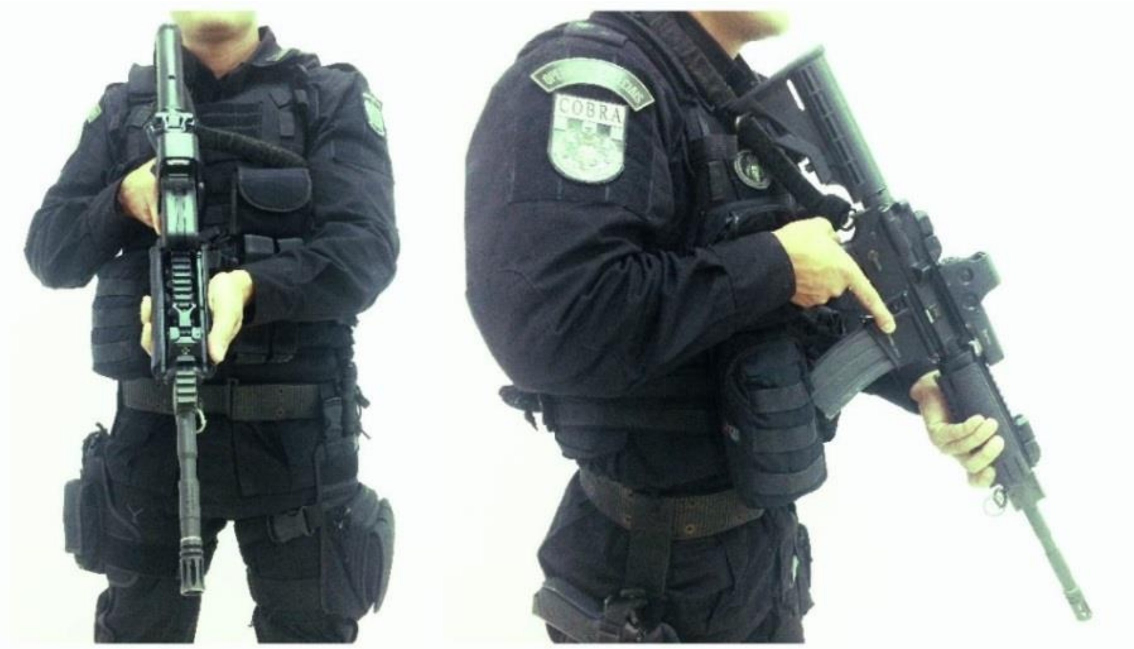


Figura 22 - Retenção com arma longa

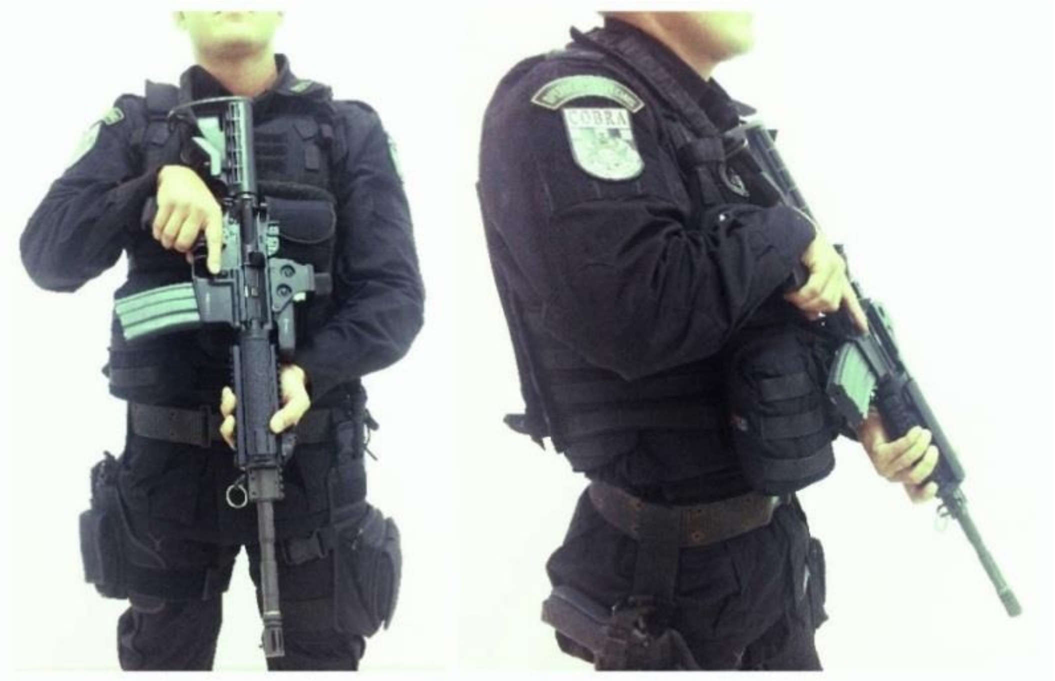


Figura 23 - Retenção com arma longa

7.2. SAS

Também apresentada como uma das posições de **retenção**, a posição **SAS** é utilizada diante de maior expectativa de confronto. É a posição intermediária entre a retenção e as demais posições **pronto**. Na posição **SAS** a arma permanece rente ao corpo, empunhadura dupla, em ângulo aproximado de 45º em relação ao solo.

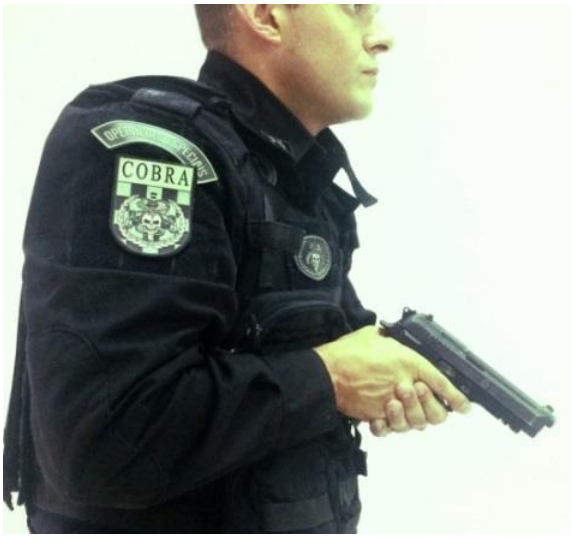


Figura 24 - Posição SAS

Em caso de necessidade de emprego imediato da arma de fogo, basta direcioná-la à ameaça, sendo possível efetuar disparos antes mesmo de espetar o alvo.

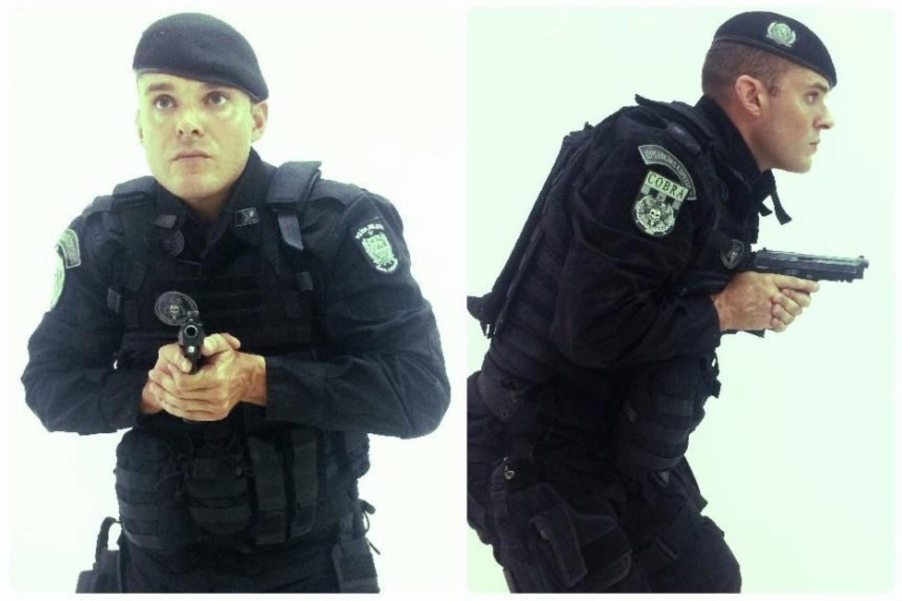


Figura 25 - Posição SAS

Esta posição intermediária pode ser executada partindo-se das posições de retenção, ou partindo das posições **pronto baixo** e **pronto emprego**, frente à necessidade de retenção de arma para passagens por portas, mudança de direção, diminuição de silhueta, etc, sem perder o efeito das posições e engajamento. Para tal situação, executa-se o recolhimento dos braços, trazendo a arma para junto ao corpo, mantendo o direcionamento da arma à ameaça.

7.3. PRONTO BAIXO

Na posição **pronto baixo**, como o próprio nome informa, a arma já está pronta: empunhadura dupla, braços estendidos, arma em 45^{o} (aproximadamente) em relação ao solo, voltada para frente, retirando-a da linha dos olhos, restando apenas o direcionamento da arma para o perigo imediato que surgir. A arma permanece abaixo da linha dos olhos (abertos) para oportunizar melhor **visão periférica**. Pode ser adotada como posição de busca quando não há necessidade ou oportunidade para a posição **pronto emprego**. Não deve ser adotada diante de uma ameaça iminente.

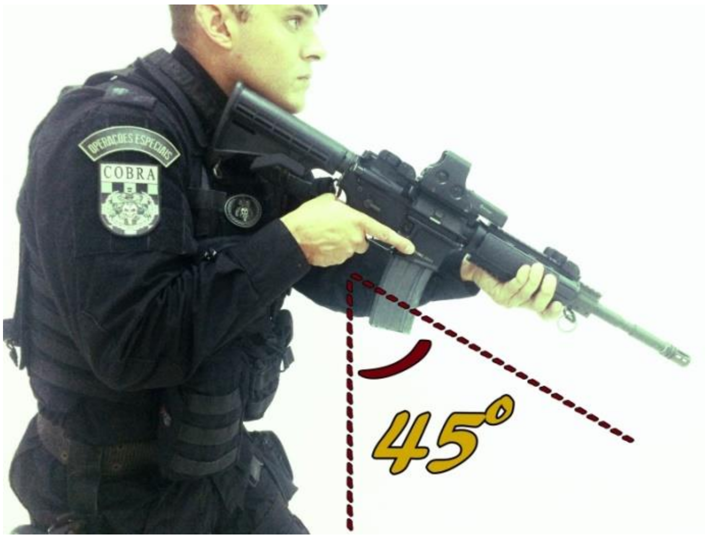


Figura 26 - Posição pronto baixo

Com emprego de arma curta, recomenda-se a adoção da posição **SAS** em substituição da posição **pronto baixo**. Tal adoção permite melhor retenção, controle e reação diante das ameaças que possam surgir.

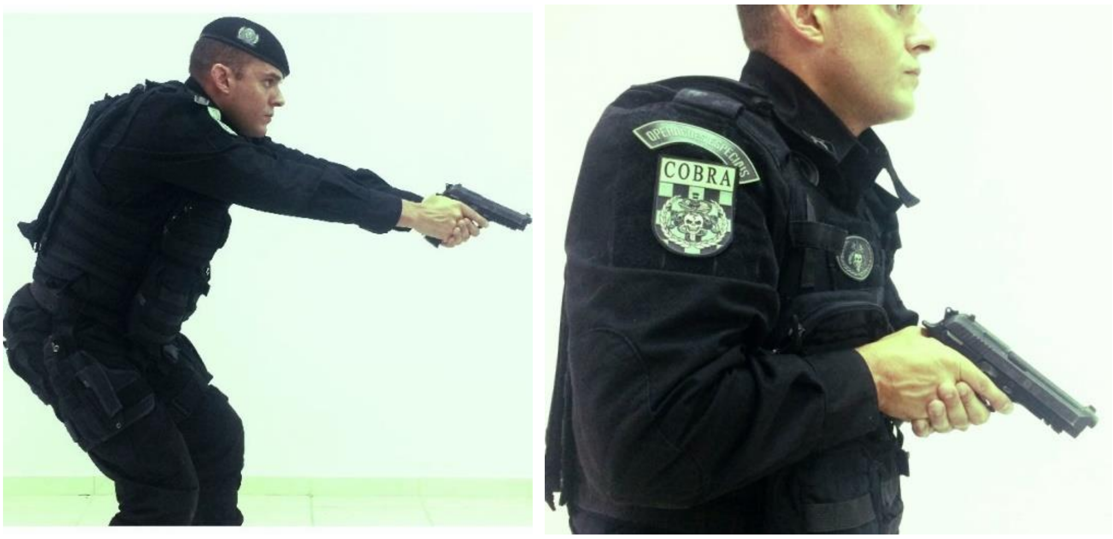


Figura 27 - Posição pronto baixo

7.4. PRONTO EMPREGO

Mesma base realizada na posição **pronto baixo**, porém na posição **pronto emprego** a arma é elevada à altura dos olhos, mantendo os dois olhos abertos (**semivisado**), com alvo engajado.

7.4.1. ARMA CURTA

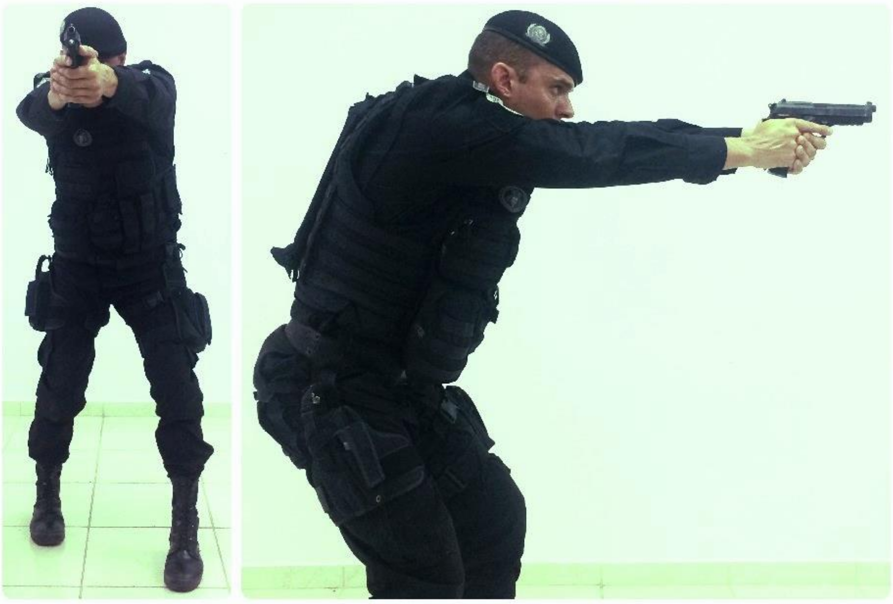


Figura 28 - Posição pronto emprego

7.4.2. ARMA LONGA

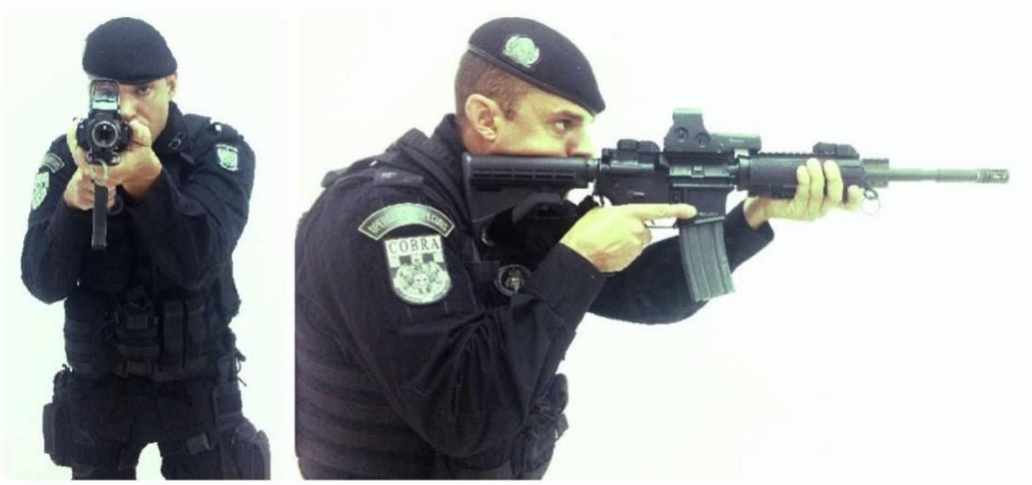


Figura 29 - Posição pronto emprego

8. PLATAFORMAS DE TIRO – POSIÇÕES DE TIRO

8.1. EM PÉ

Adota-se, essencialmente, a **postura tática** associada à **caminhada tática**, objetivando redução de silhueta, pouca variação de altura (plataforma de tiro), além das características essenciais: *conforto*, *equilíbrio* e *naturalidade*.

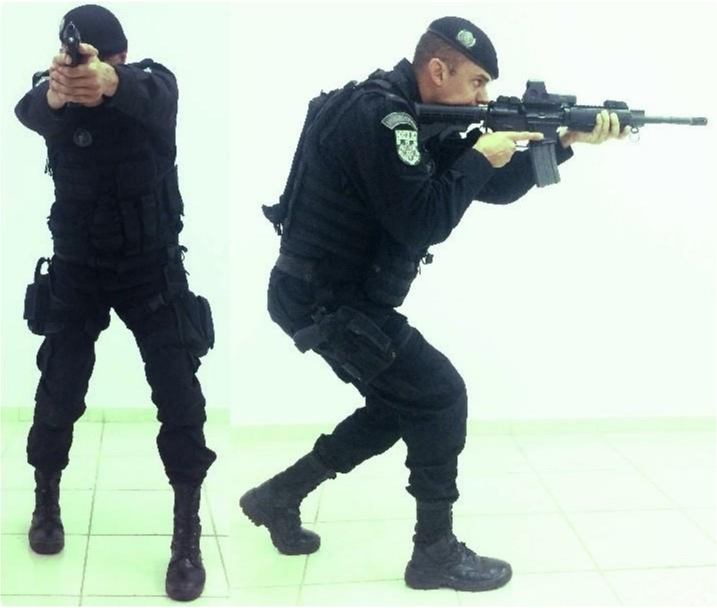


Figura 30 - Plataforma de tiro: Em pé

8.2. AJOELHADO (TORRE)

8.2.1. ARMA CURTA

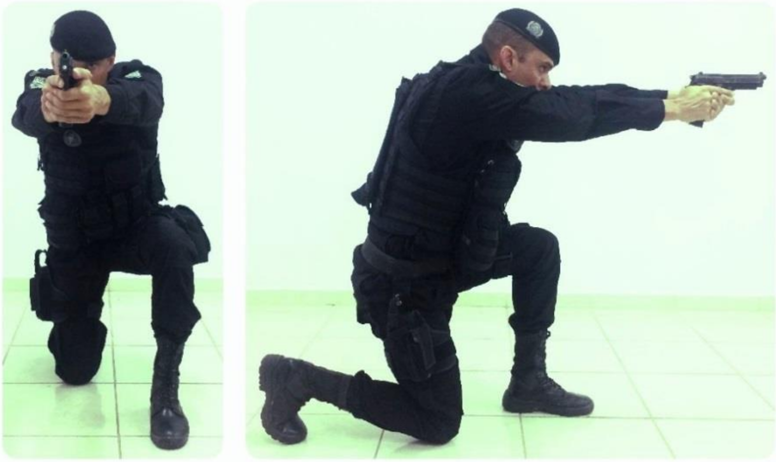


Figura 31 - Plataforma de tiro: Ajoelhado

8.2.2. ARMA LONGA

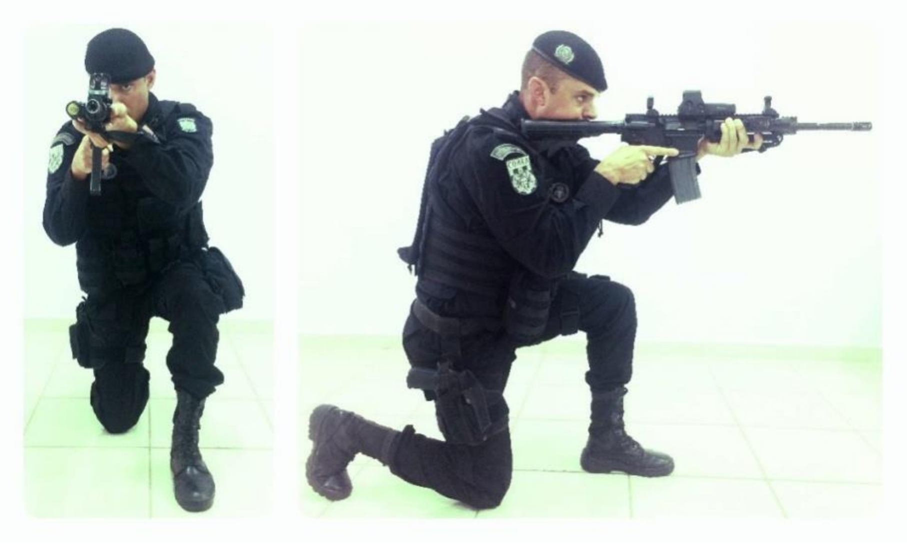


Figura 32 - Plataforma de tiro: Ajoelhado

8.2.3. PÉ VIVO X PÉ MORTO

O **pé vivo** proporciona estabilidade pra posição ajoelhado, e serve como terceiro apoio. Auxilia o retorno para posição em pé.

O **pé morto** anula o apoio que poderia exercer, restando somente o apoio em um dos pés e o joelho oposto. Além de causar cansaço no joelho que apoia ao chão, este pé não auxilia o retorno para a posição em pé, lançando todo peso sobre a perna oposta (sobrecarga).

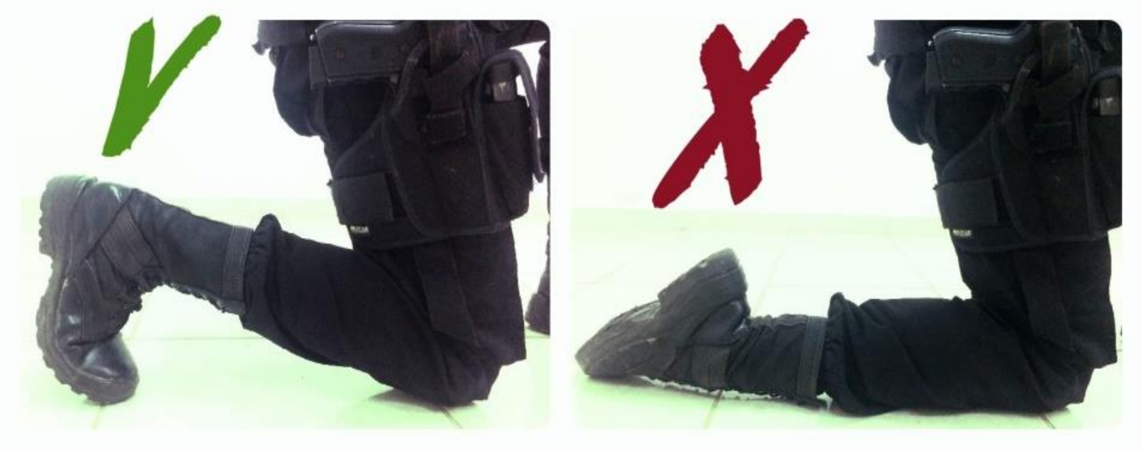


Figura 33 - Posição do pé

8.3. HIGH-LOW

Do inglês ***high-low*** (alto-baixo), esta posição permite que dois policiais militares possam adotar simultaneamente duas plataformas distintas (em pé – alto; ajoelhado – baixo), ocupando silhueta equivalente a de um só policial, assim, dobrando o poder de fogo e domínio de múltiplas ameaças, sem que para isso necessitem sair de seu abrigo ou dividir a equipe. É possível ainda a inclusão de um terceiro componente na plataforma deitado, todavia não é recomendada sua prática pela dificuldade de locomoção em caso de retração ou evasão.

O segundo policial militar toma a posição alta (por trás) e limita seu avanço utilizando como referência o carregador do fuzil, que ficará sobre o policial na posição baixa (à frente). Deste modo, aquele que estiver na posição alta não impede o deslocamento de quem está na posição baixa, bem como não gera o risco deste levantar-se de forma abrupta diante do cano do armamento de quem está atrás. Lembramos que a iniciativa de levantar/deslocar cabe ao policial que está à frente, o qual deve, sempre antes de levantar, olhar para cima, visualizar o armamento de quem está atrás de si, se orientar e levantar-se em segurança. *Confere - Princípio da Patrulha Urbana.*

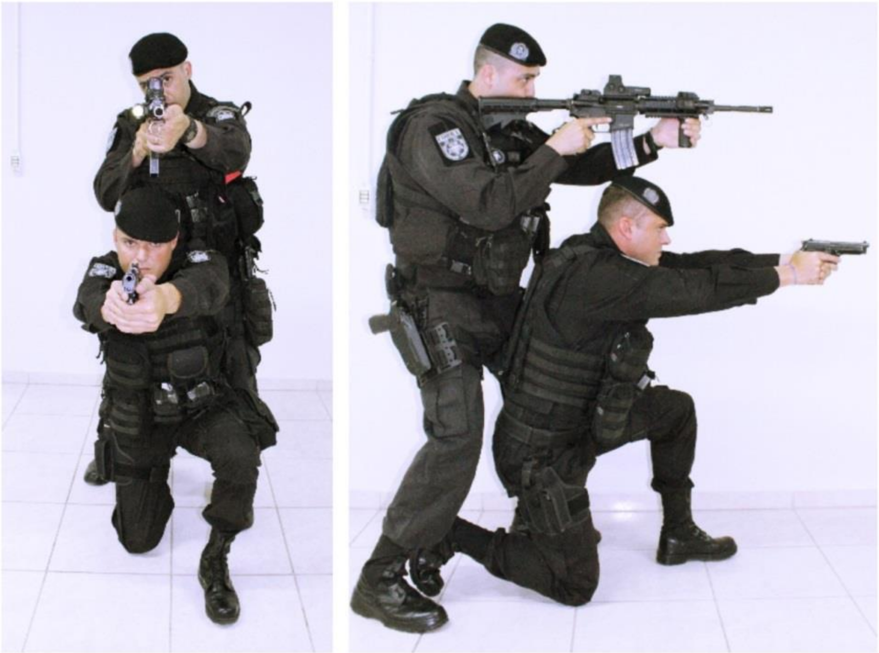


Figura 34 - Posição *High-Low*

8.4. DEITADO

Partindo da posição **ajoelhado**, o policial militar utiliza a mão fraca para apoiar no solo, projeta-se para frente, posiciona suas pernas sem recuar, desce o tronco e braços até conseguir apoiar os cotovelos e estender o corpo no chão. O armamento é mantido na posição **pronto emprego,** quando possível, direcionado contra a ameaça.

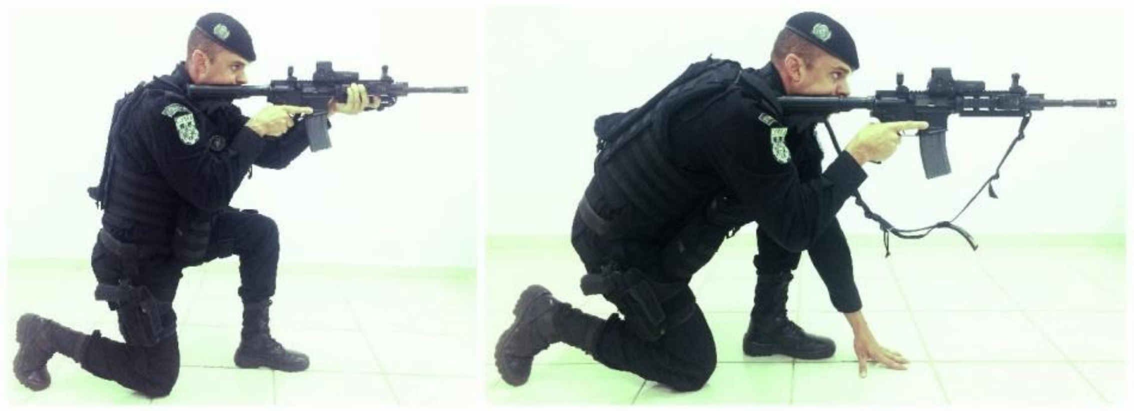


Figura 35 - Plataforma de tiro: Deitado (tomada da posição)

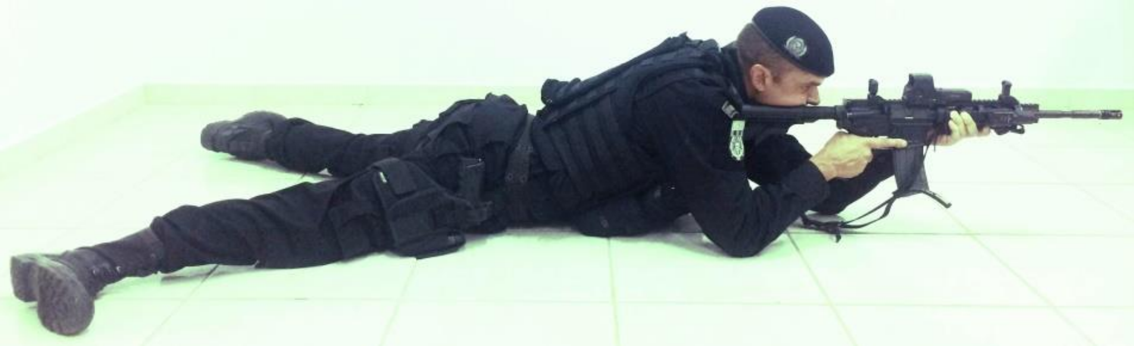


Figura 36 - Plataforma de tiro: Deitado

8.4.1. DEITADO EMERGENCIAL

Diante de uma necessidade emergencial, partindo da posição **em pé**, o policial militar toma a posição **ajoelhado** lançando-se com ambos os joelhos ao solo para acelerar a tomada da posição, e em seguida lança seu tronco à frente para estender o corpo e reduzir o máximo da silhueta junto ao chão. O armamento é mantido na posição **pronto emprego** para repelir a ameaça causadora da emergência.

Havendo essa necessidade, o policial deverá se atentar para o risco de lesão nos joelhos e cotovelos devido ao impacto com o solo.

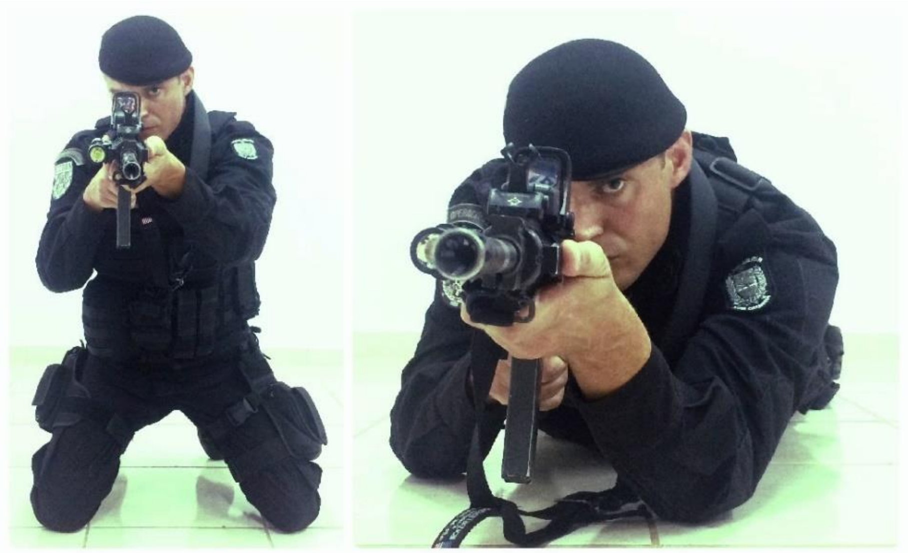


Figura 37 - Deitado emergencial

É possível também a tomada de posição com o uso das mãos sem o apoio dos joelhos.

Com intuito de minimizar os riscos de lesão, recomenda-se o uso incondicional de equipamentos de proteção individual (EPI) como joelheiras, cotoveleiras, luvas, etc.

NENHUM PASSO PARA TRÁS!

Na tomada de posição ajoelhado e deitado, é importante que o policial não dê passo para trás. Ele deve completar o passo à frente ou tomar a posição no mesmo lugar que se encontra.

Um passo para trás poderá resultar em colisão contra um companheiro, que por sua vez poderá efetuar um disparo acidental; queda; contato com objetos que produzam ruídos, etc.

8.5. NÃO ORTODOXAS

Posições não ortodoxas são aquelas que não seguem fielmente técnicas ou manuais. São utilizadas em situações onde as demais plataformas não se encaixam, necessitando de adaptações ao cenário.

Como primeiro exemplo, temos a posição ajoelhado (torre), onde o policial militar pode sentar sobre o joelho, perna ou calcanhar, a fim de diminuir sua silhueta e se adaptar a um abrigo de tamanho reduzido.

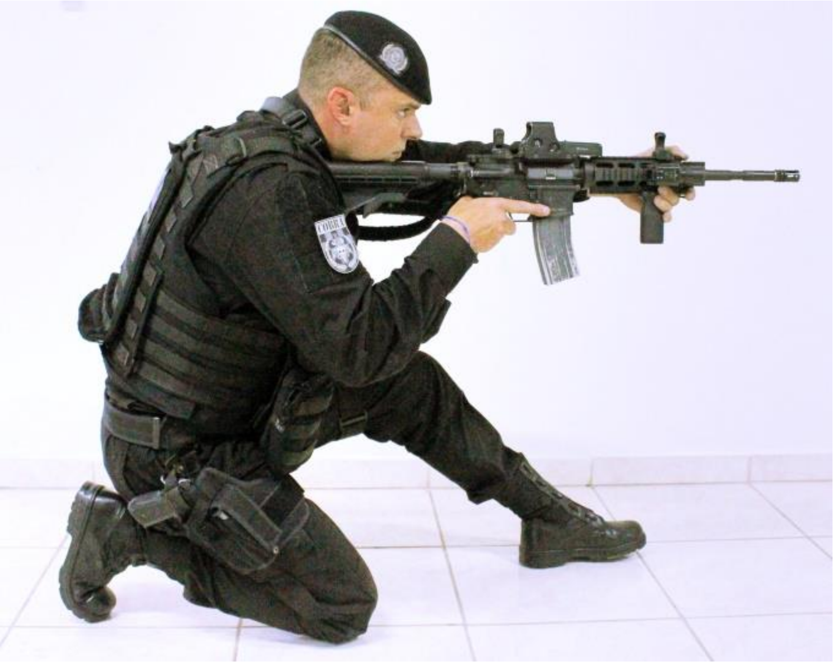


Figura 38 - Posições não ortodoxas

Há inúmeras outras posições entre as plataformas em pé, ajoelhado e deitado, com características e emprego variados. Veja algumas a seguir:

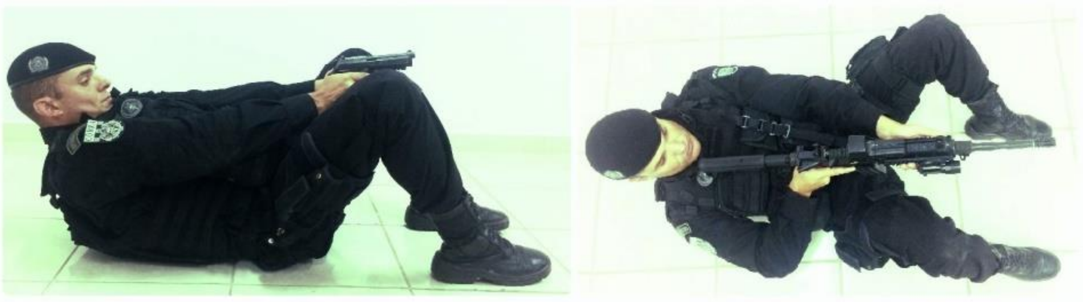


Figura 39 - Posições não ortodoxas

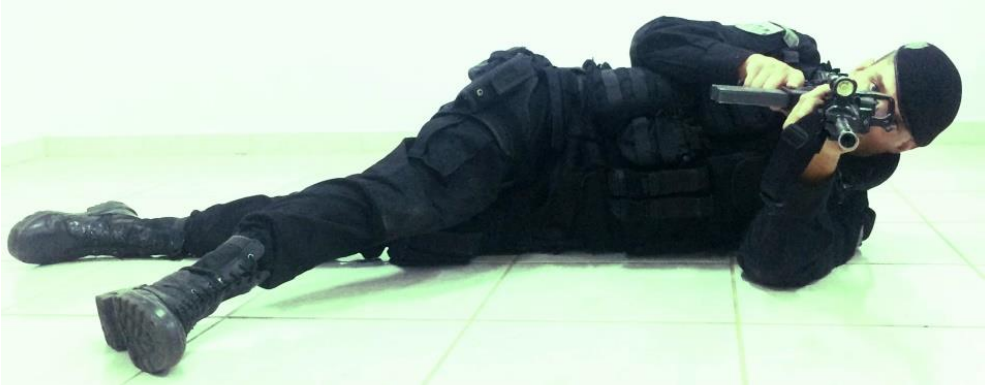


Figura 40 - Posições não ortodoxas

9. TROCA DE EMPUNHADURA

A troca de empunhadura (mão forte – mão fraca) permite melhor posição de tiro e maior proteção quando associada aos abrigos e coberturas. É constantemente adotada e bastante recomendada para arma longa. Pouco adotada para arma curta.

A troca de empunhadura pode ocorrer nas posições **pronto emprego** ou **pronto baixo**. Em pronto baixo aumenta-se a segurança e é mais facilmente aplicada em comparação ao pronto emprego, onde o uso de armas longas que possuam grandes dimensões e peso, como por exemplo FAL e PARA-FAL, exigem mais esforço físico e prejudicam o equilíbrio da manutenção da posição.

A realização da troca de empunhadura na posição pronto baixo é recomendada na composição de colunas e diante de mudanças de direção, passagens por becos e portas, cantos de edificações, pois evita a exposição do armamento e do policial.

No exemplo a seguir ocorrerá a troca de empunhadura da mão direita (forte) no punho para a mão esquerda (fraca) no guarda mão.

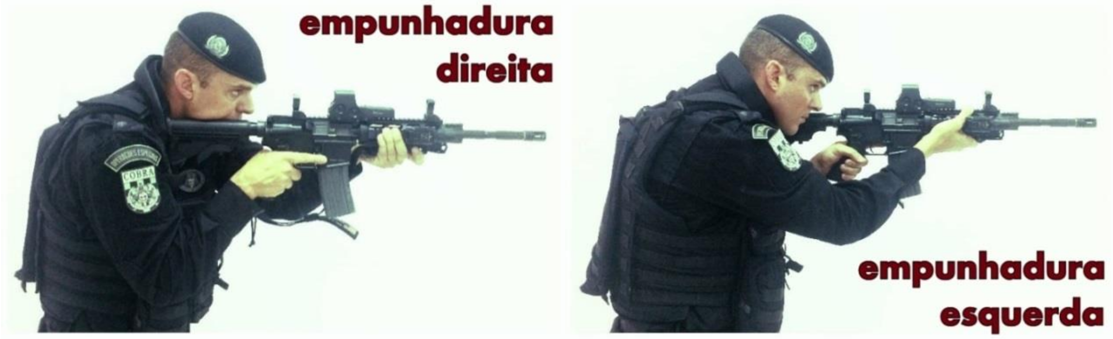


Figura 41 - Troca de empunhadura

9.1. TROCA DE EMPUNHADURA NA POSIÇÃO PRONTO BAIXO

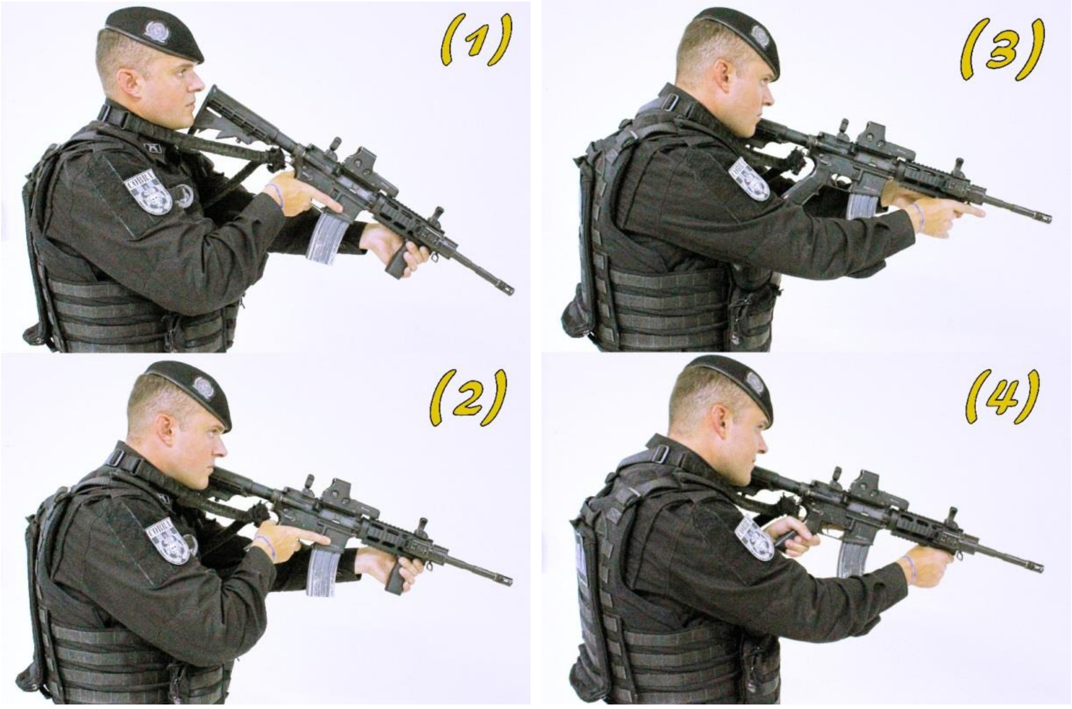


Figura 42 - Troca de empunhadura – pronto baixo

9.2. TROCA DE EMPUNHADURA NA POSIÇÃO PRONTO EMPREGO

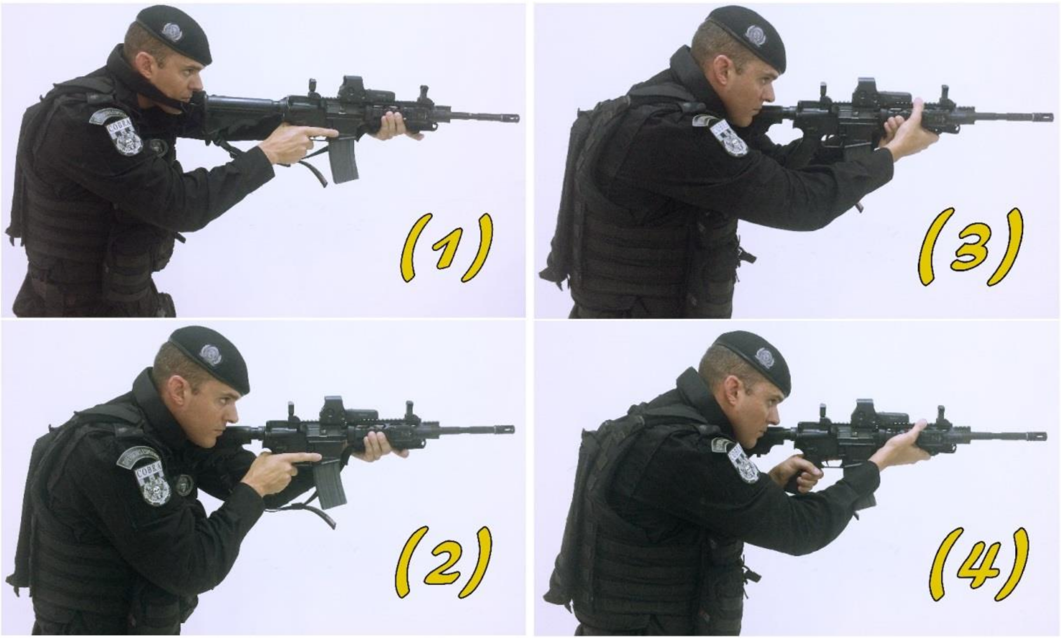


Figura 43 - Troca de empunhadura – pronto emprego

A troca inversa, retornando para empunhadura inicial, segue os mesmos passos apresentados, bastando apenas adequar à leitura de mão forte (esquerda) e mão fraca (direita).

A troca de empunhadura pode ser realizada tanto iniciando pela mão do punho como pela mão da placa do guarda mão. Todavia o policial deve ter atenção que o armamento maior e mais pesado dificulta a troca de empunhadura pelo punho.

Ao iniciar a troca de empunhadura pelo punho o policial deve redobrar sua atenção ao princípio do dedo fora do gatilho, pois as mãos estarão imprimindo pressão no punho do armamento para mantê-lo suspenso e equilibrado.

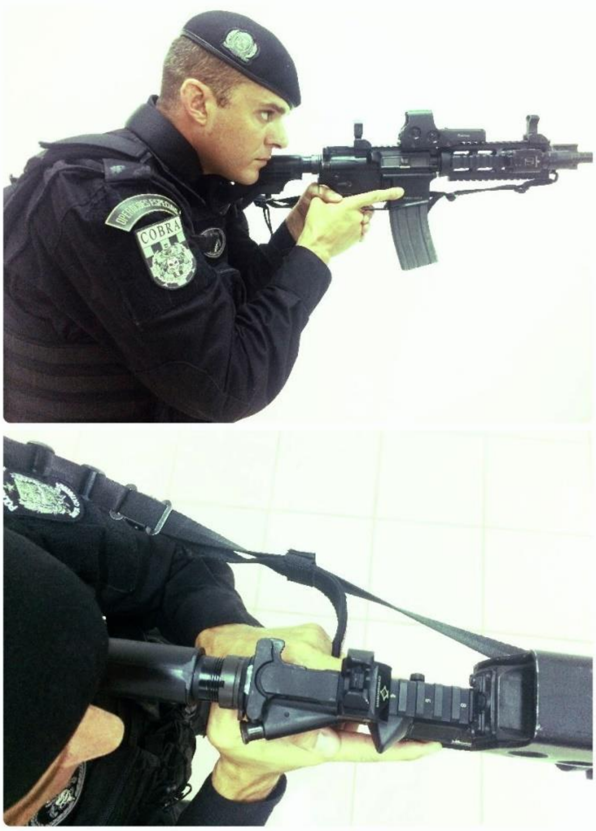


Figura 44 - Troca de empunhadura

10. BANDOLEIRA

A **bandoleira** é um acessório imprescindível ao emprego de arma longa. A importância do seu uso está na ação **emergencial** (pane ou falta de munição) ou conveniência **tática** para emprego de arma curta, técnicas e tecnologias não letais ou mãos livres (para abertura de portas, busca pessoal, transposição de obstáculos, atendimento pré-hospitalar e outras ações).

Há uma grande variedade de bandoleiras. Dentre as principais características destaca-se a quantidade de pontos de fixação, sendo elas:

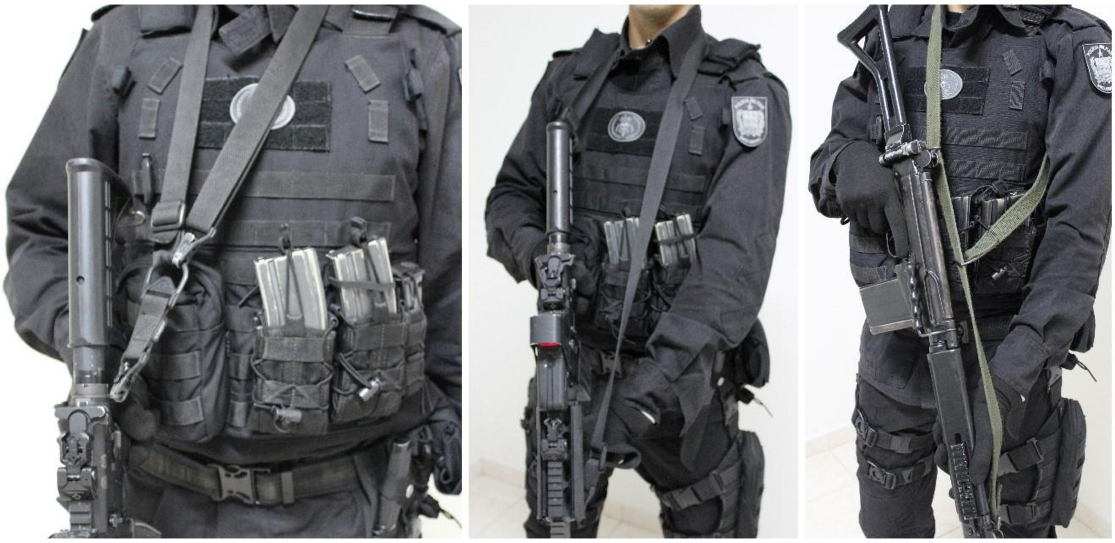


Figura 45 - Bandoleiras: Uma ponto, Dois pontos e Três pontos-móvel

10.1. UM PONTO

- A bandoleira é fixada somente em um ponto de fixação do armamento (anterior - coronha ou armação próximo à coronha).

- A bandoleira de **um ponto** é recomendada para armas de menor dimensão, como por exemplo, as submetralhadoras (Taurus Famae MT-40, HK MP5).

- Possui a característica de deixar a arma "solta".

- Como vantagem pode ser utilizada alçada pelo braço fraco sem prejuízo das posições de tiro e trocas de empunhaduras.

- É a bandoleira que apresenta menor variação de emprego.

10.2. DOIS PONTOS

- A bandoleira é fixada em dois pontos de fixação do armamento, sendo um anterior (coronha ou armação próximo à coronha) e outro posterior (armação próximo ao cano).

- Quando em bandoleira a arma fica consideravelmente solta, a menos que a bandoleira possua alça ajustável (ajuste rápido).

- É a configuração mais apropriada para adoção da **posição Vietnã**, empregada em patrulha rural.

- Permite uma variedade de emprego adequado à maioria das atividades policiais.

10.3. TRÊS PONTOS-FIXOS

- A bandoleira é fixada em dois pontos fixos do armamento, e num terceiro ponto fixo regulado na própria bandoleira.

- Apresenta grande variedade de emprego.

- É comum encontrar bandoleiras de três pontos-fixo cuja terceiro ponto possui um clipe para liberação, convertendo-a em três pontos-móvel.

- Pode ser regulada para conversão em dois pontos.

10.4. TRÊS PONTOS-MÓVEL

- A bandoleira é fixada em dois pontos fixos do armamento, e num terceiro ponto móvel regulado na própria bandoleira.

- Produz ruídos quando possui peças metálicas na parte móvel.

- É a bandoleira que apresenta maior variedade de emprego.

- Permite “mochilar”.

- Pode ser regulada para conversão em dois pontos.

10.5. COLOCAÇÃO DE BANDOLEIRA

- Cabeça (pescoço): padrão para atuação.
- Cabeça e mão fraca: fora de situação, busca pessoal e veicular, etc.

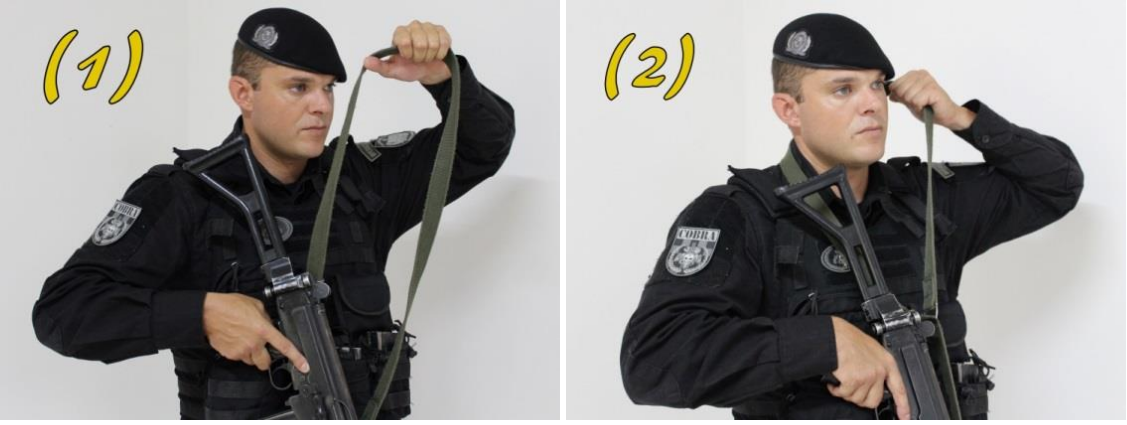


Figura 46 - Colocação da bandoleira

10.5.1. RETIRADA DA ARMA PRINCIPAL

- Mão fraca envolve a bandoleira, puxando-a junto com a coronha.

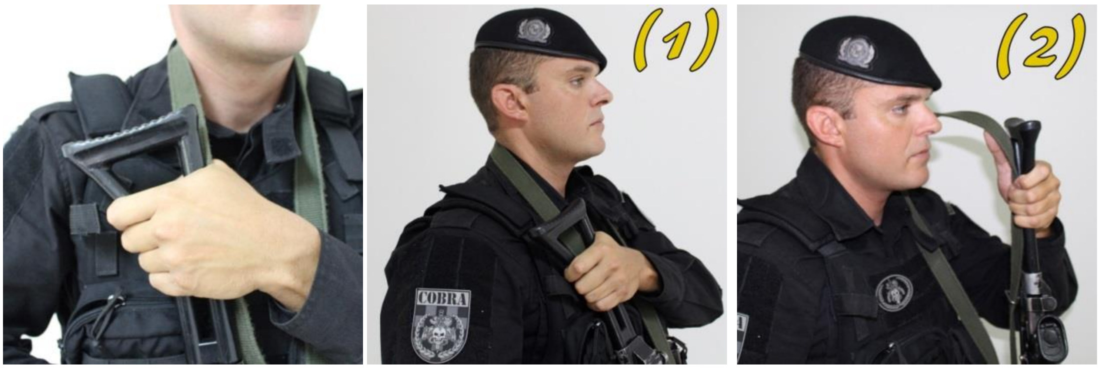


Figura 47 - Retirada da arma principal

11. TRANSIÇÕES DE ARMA LONGA PARA ARMA CURTA

A mudança de arma longa (principal) para a arma curta (reserva) pode se dar por dois motivos: conveniência (tática) ou pane (emergencial). Se a troca for por conveniência, deve-se atentar para o travamento da arma principal antes de realizar a transição.

Os tipos de transições são:

11.1. EMERGENCIAL

- Transição básica de combate.

- É a transição mais rápida.

- Partindo do princípio que o policial em atuação estará usando a bandoleira somente no pescoço, esta transição é a mais básica e é utilizada principalmente em situação emergencial (em caso de pane da arma principal, por exemplo).

- Consiste simplesmente em abaixar a arma longa em frente ao corpo, conduzindo-a, e sacando a arma curta. Deve-se evitar ao máximo soltar a arma longa, pois poderá resultar em desequilíbrio e/ou em impacto contra os órgãos genitais, prejudicando a ação do policial.

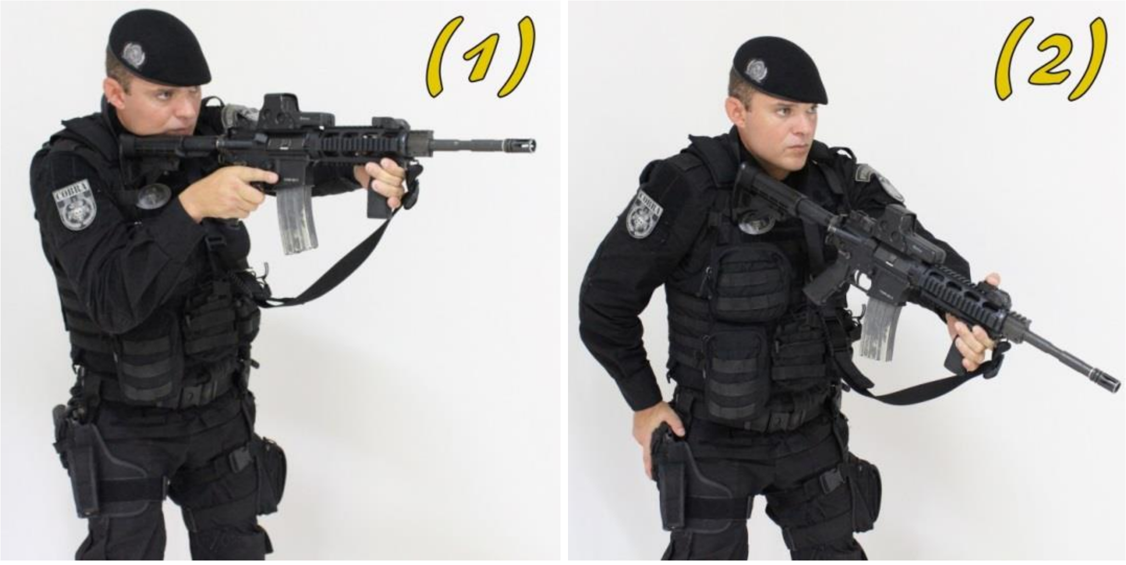


Figura 48 - Transição de arma (passos 1 e 2)

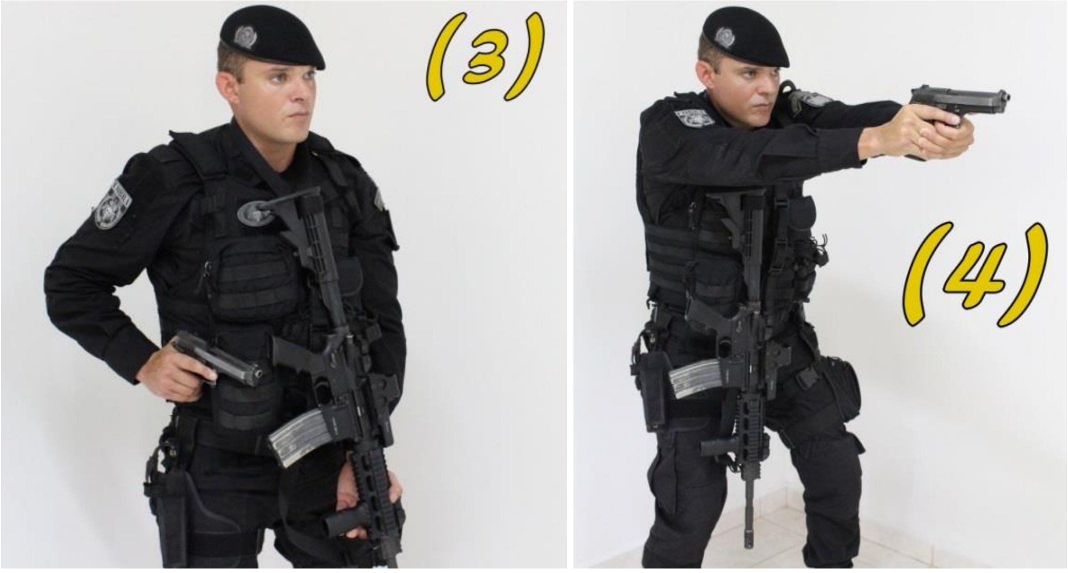


Figura 49 - Transição de arma (passos 3 e 4)

SEGURANÇA

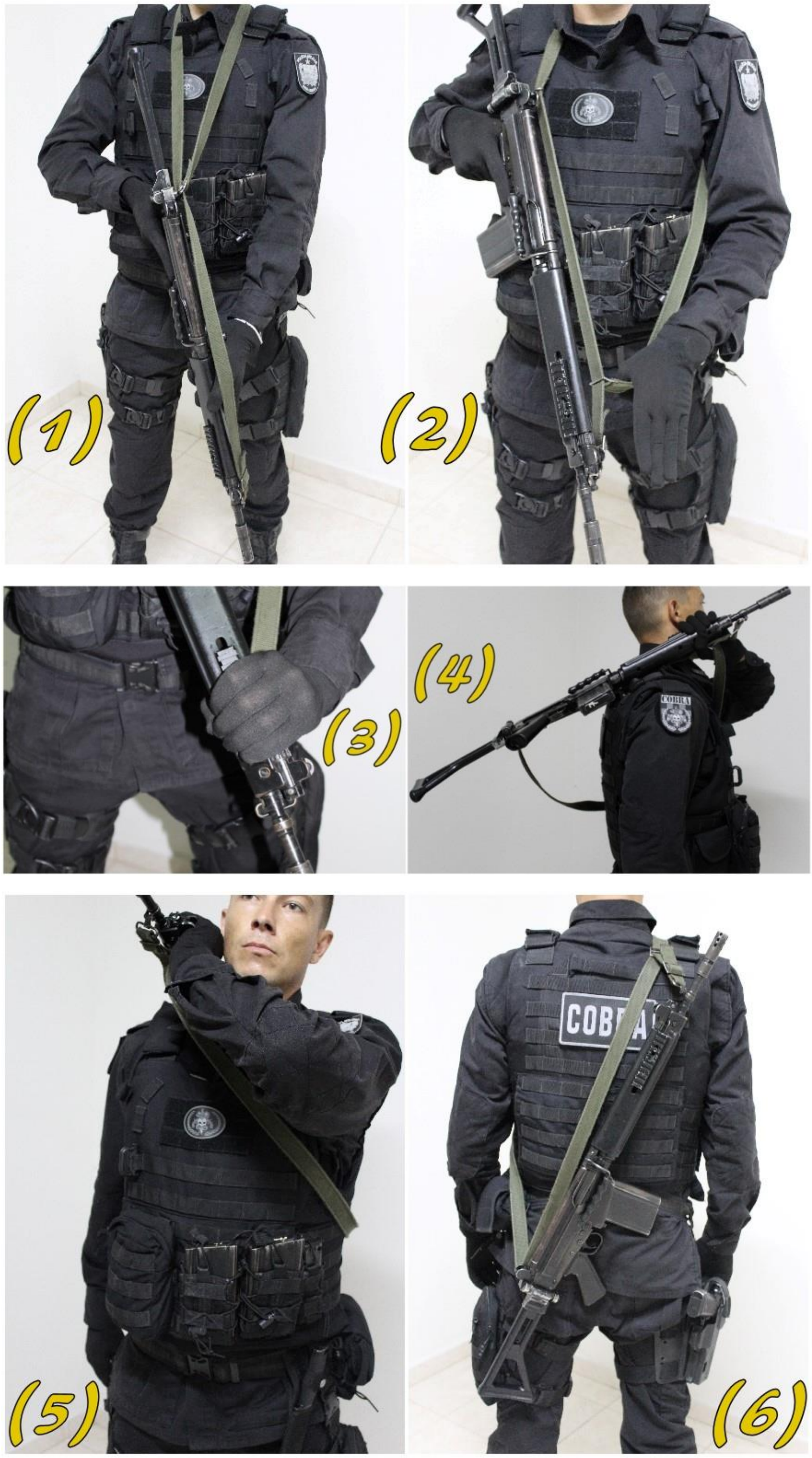
A transição emergencial, como a própria nomenclatura sugere, é realizada em caso de emergência (pane, falta de munição), sendo as outras transições mais apropriadas por conveniência tática. Para estas, é recomendado sempre antes de iniciar os movimentos selecionar SEGURANÇA no registro de tiro e segurança (travar a arma).

11.2. SEMIMOCHILADO

Na transição **semimochilado** o armamento é colocado nas costas com o uso de bandoleira por apenas uma alça, passando o armamento sobre o ombro da mão forte. É consideravelmente lenta e por isso não é recomendada diante de perigo imediato.

11.2.1. TRÊS PONTOS-MÓVEL

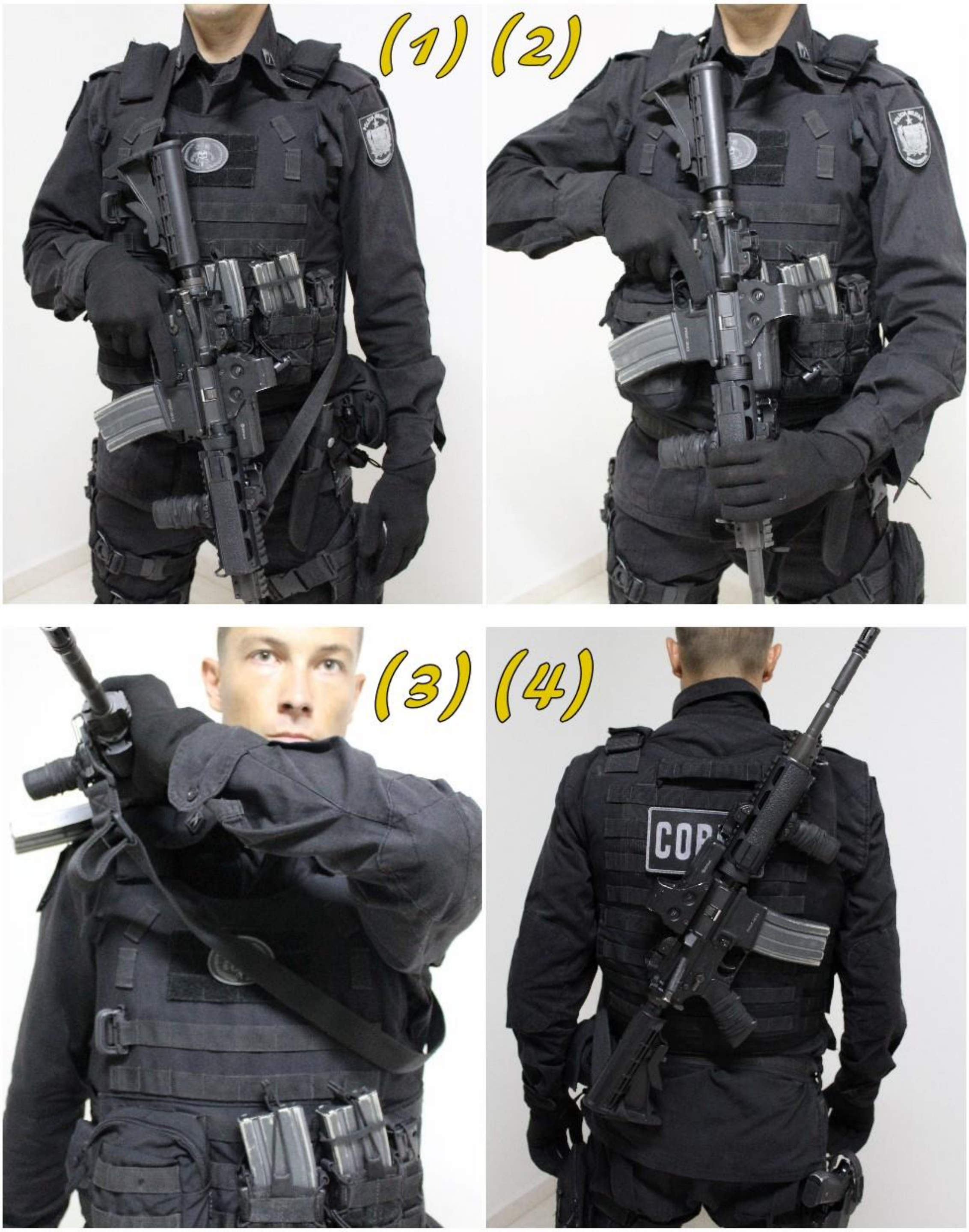
O ponto móvel permite a alteração do eixo de fixação da arma, modificando o ponto de equilíbrio da arma (da coronha para próximo ao cano).



Figuras 50, 51 e 52 - Semimochilado: Três pontos-móvel

11.2.2. DOIS PONTOS

Com bandoleira de dois pontos o procedimento é o mesmo, desconsiderando apenas a extensão do ponto móvel visto na bandoleira de três pontos-móvel.



Figuras 53 e 54 - Semimochilado: Dois pontos

Importante ressaltar que na transição **semimochilado** o cano da arma ficará sempre voltado para cima, dando melhores condições para se proceder às buscas, pois, em caso do policial necessitar se abaixar, não ocorrerá o contato da boca do cano com o solo que, a depender do tipo de pavimento, poderia causar o entupimento do cano e inutilização temporária do armamento.

A retomada do armamento é feita pelo lado da mão fraca:

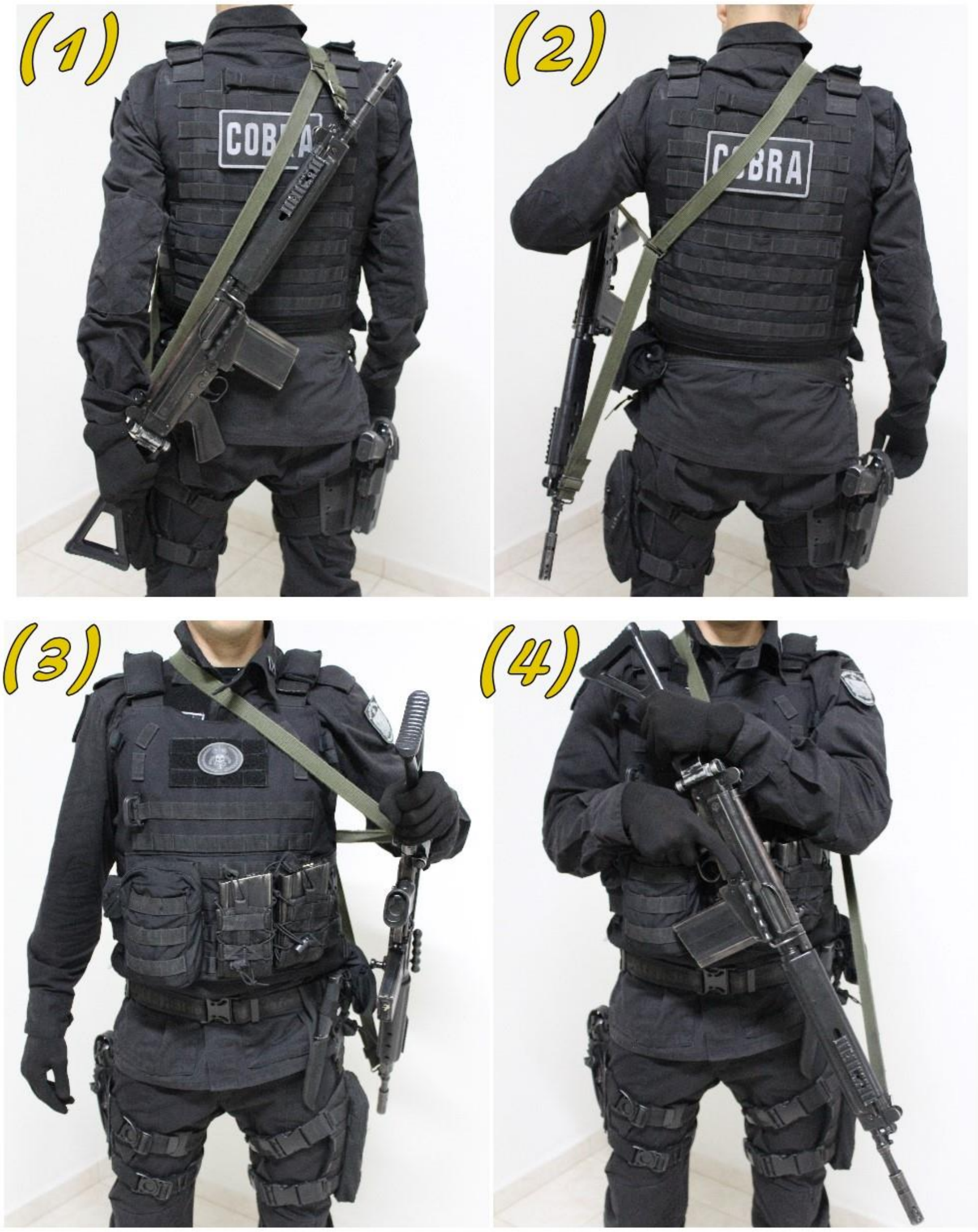


Figura 55 e 56 - Semimochilado: Retomada do armamento

A transição **semimochilado** não é indicada para o uso de bandoleira um ponto. Por haver apenas um ponto de fixação, o armamento fica “solto”. No momento em que o policial solta o armamento sobre o ombro, ele cai bruscamente e sem controle, podendo ocorrer dano à bandoleira, ao armamento ou lesão ao policial.

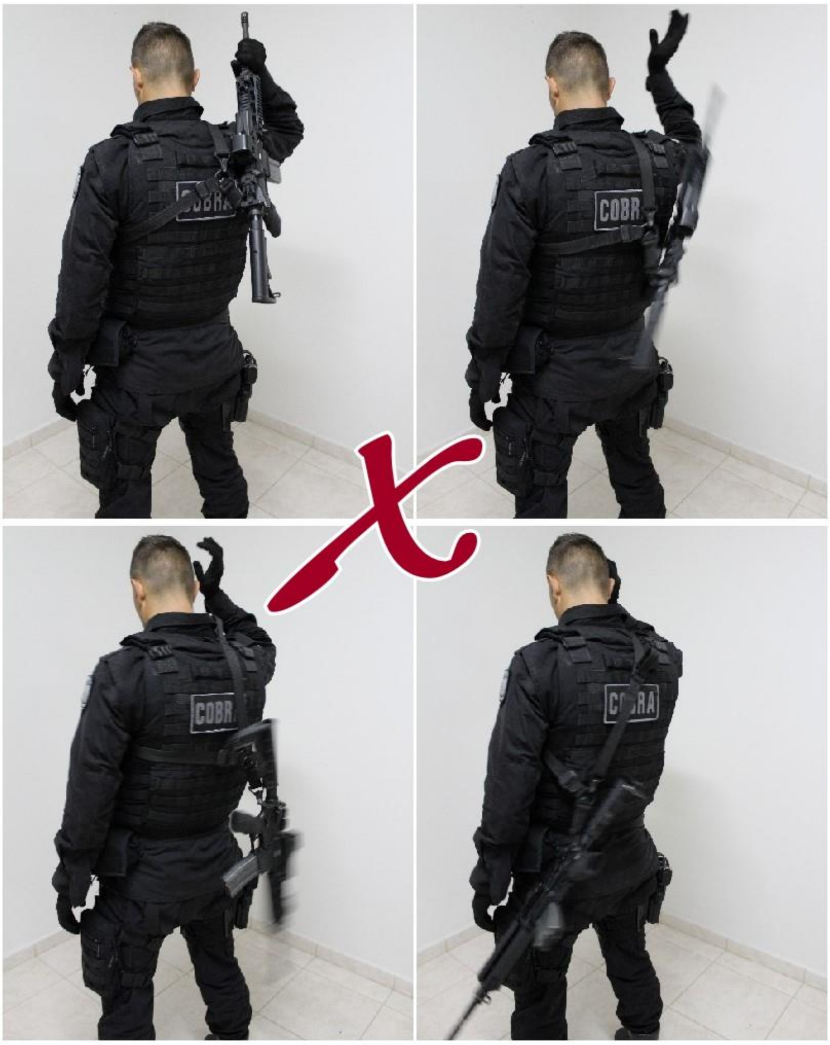


Figura 57 – Modo errado: Um ponto semimochilado

11.3. TRANSIÇÃO EM S

Nessa transição o armamento é colocado nas costas passando sob o braço da mão fraca. O armamento fica preso junto ao corpo somente por uma alça, assim como no **semimochilado**, porém difere daquela transição por resultar no cano do armamento direcionado para baixo. Esta transição é mais rápida do que

semimochilado em razão de o movimento ser realizado pela mão fraca, liberando mais rapidamente a mão forte para o saque da arma secundária.

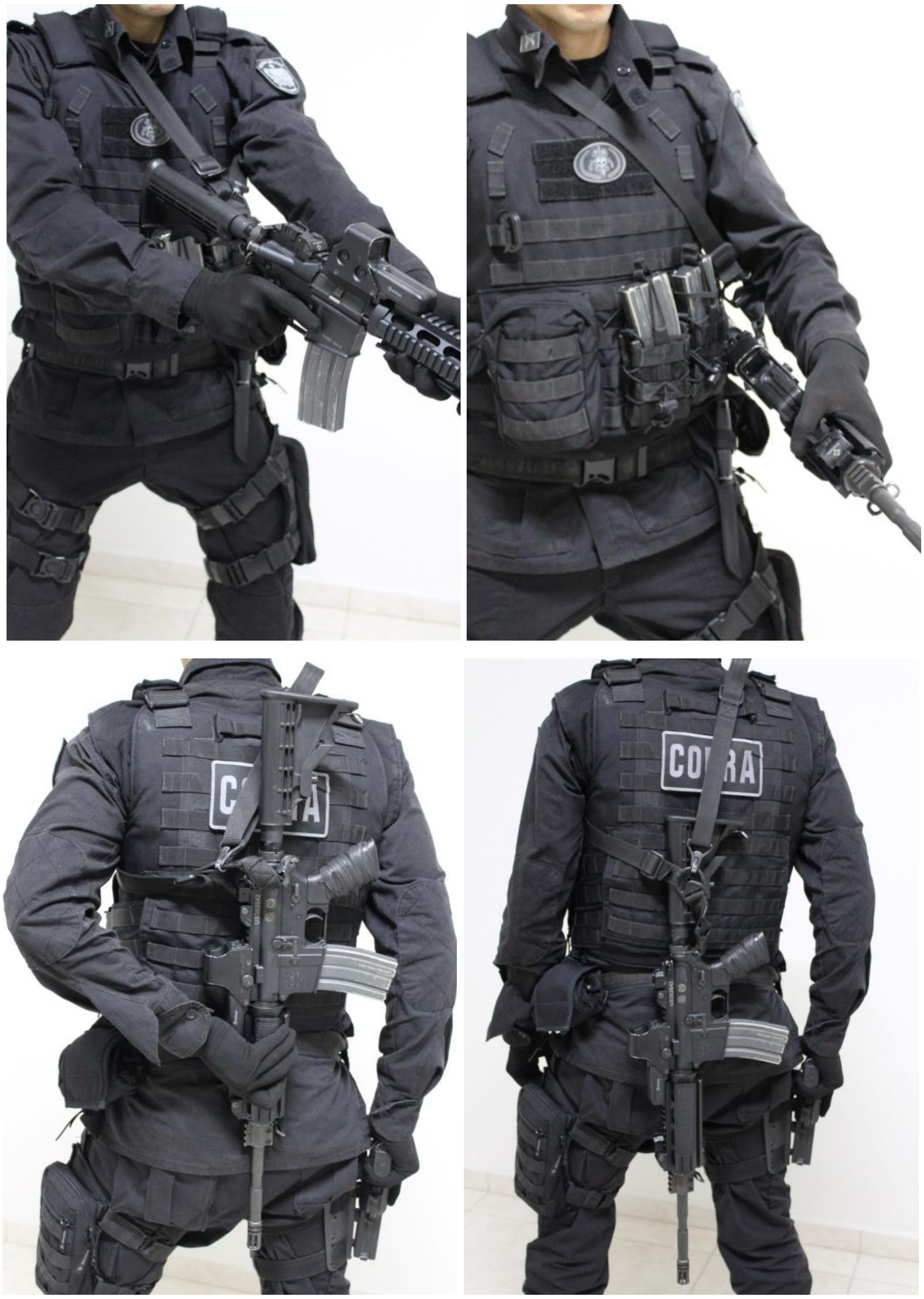


Figura 58 – Transição em S

11.4. MOCHILADO

A transição denominada **mochilado** refere-se à colocação do fuzil, em bandoleira, nas costas em posição semelhante a uma mochila, consistindo em duas alças criadas pela bandoleira, sendo uma em cada braço.

O uso da transição **mochilado** é complexo e demorado, sendo sugerido seu emprego somente fora de situação, como por exemplo, não estando em atividade necessitar transportar o armamento principal para não deixá-lo em viatura ou qualquer outro local impróprio. Neste caso, em caso de necessidade de emprego imediato de arma de fogo, o policial dispõe da arma secundária (arma curta).

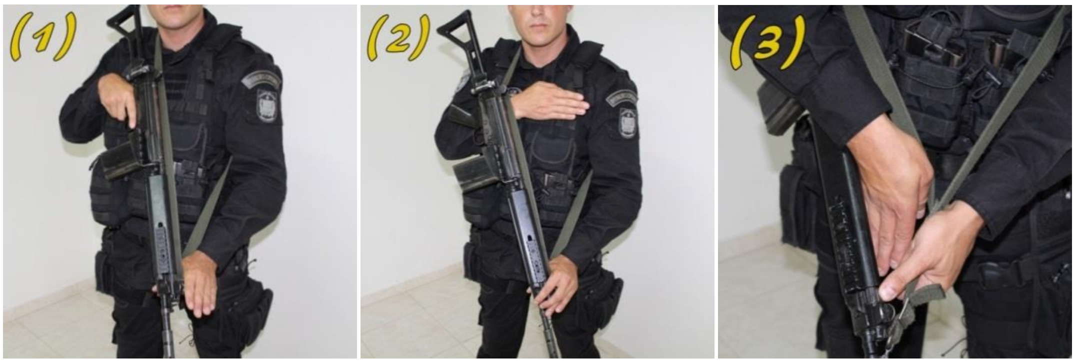


Figura 59 - Mochilado com bandoleira três pontos-móvel (posicionamento)

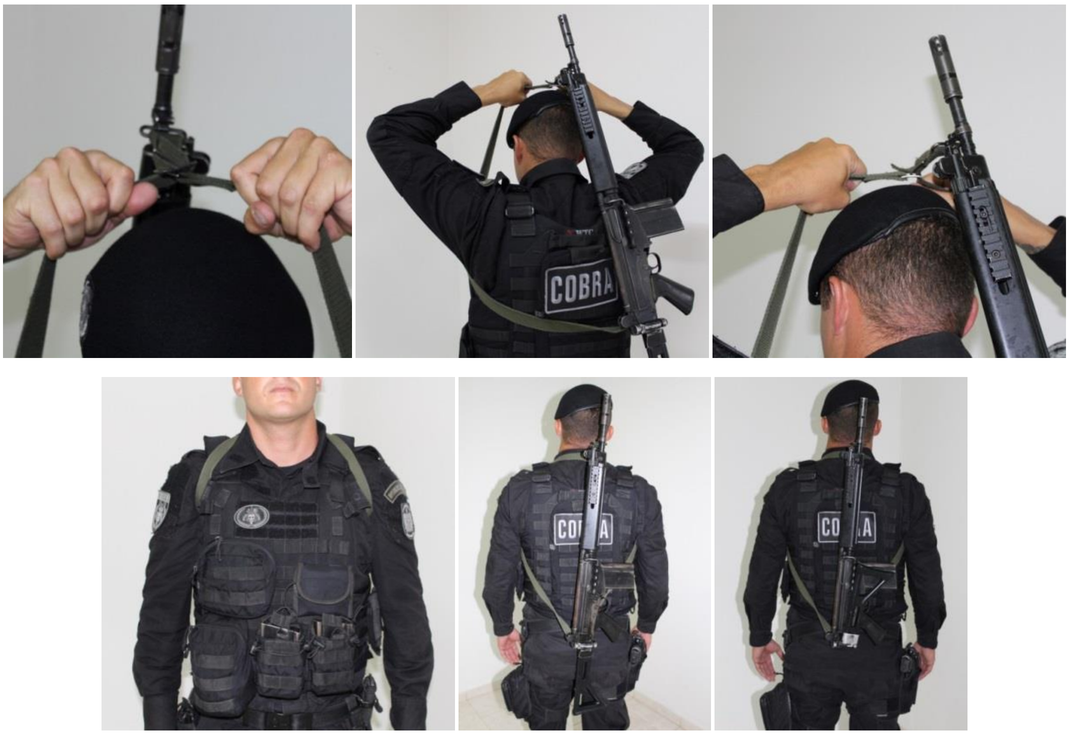


Figura 60 - Mochilado com bandoleira três pontos-móvel

12. QUADRO COMPARATIVO - BANDOLEIRA X TRANSIÇÕES

BANDOLEIRA	TRANSIÇÕES			
	Emergencial	**Transição “S”**	**Semimochilado**	**Mochilado**
Um ponto	OK	OK	-	-
Dois pontos	OK	-	OK	-
Três pontos-móvel	OK	OK	OK	OK
Três pontos-fixo	OK	OK	OK	OK

13. MUDANÇA DE DIREÇÃO – GIRO ESTACIONÁRIO

Por mais trivial que pareça, o treinamento de mudança de direção se faz necessário para o aprimoramento da capacidade psicomotora (memória muscular). Seu constante treinamento melhora o controle de arma, manutenção de uma boa posição de tiro, rápido posicionamento frente às ameaças multidirecionais, etc.

Consiste basicamente na mudança de direção do policial, mantendo a melhor plataforma de tiro possível. Tanto na mudança de direção (em movimento) quanto no giro estacionário (pé firme – parado), é importante que o movimento seja executado sempre avançando, sem nenhum passo para trás, conforme já alertado em relação às plataformas de tiro.

13.1. ESQUERDA

Passo com a perna direita avançando. Giro para a esquerda.

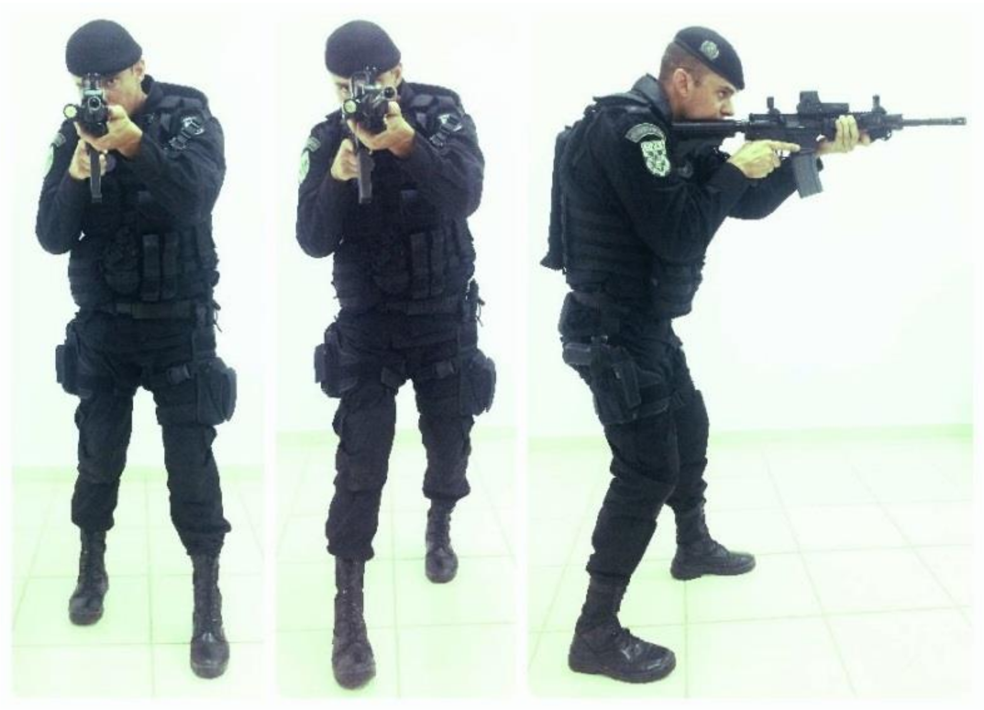


Figura 61 - Giro estacionário - esquerda

13.2. DIREITA

Passo com a perna esquerda para a lateral direita cruzando e avançando. Giro para a direita.

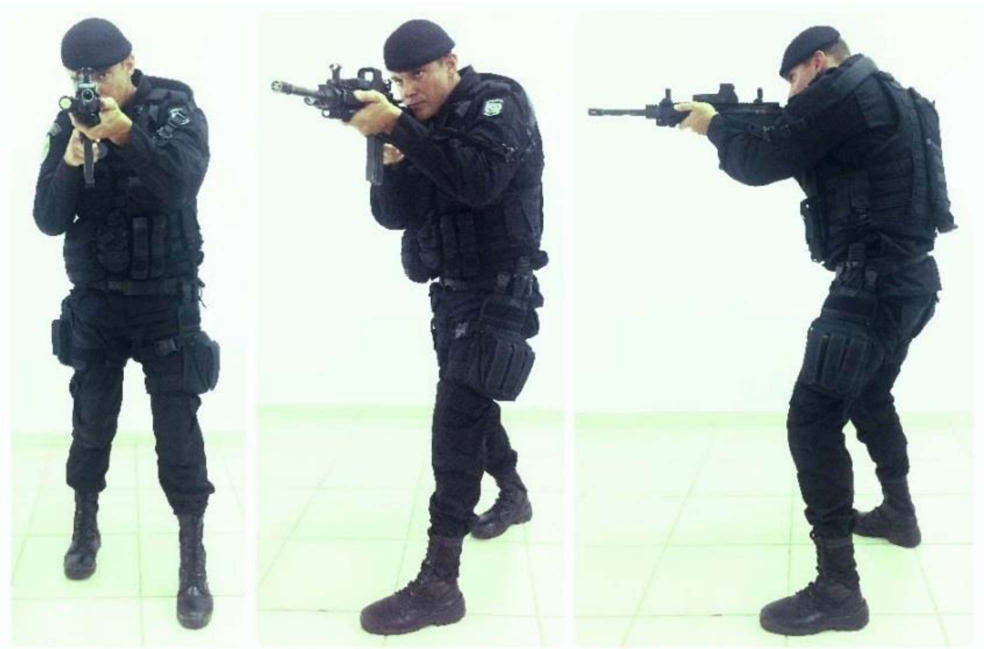


Figura 62 - Giro estacionário - direita

13.3. RETAGUARDA

Passo à frente e diagonal com perna direita. Giro para a esquerda.

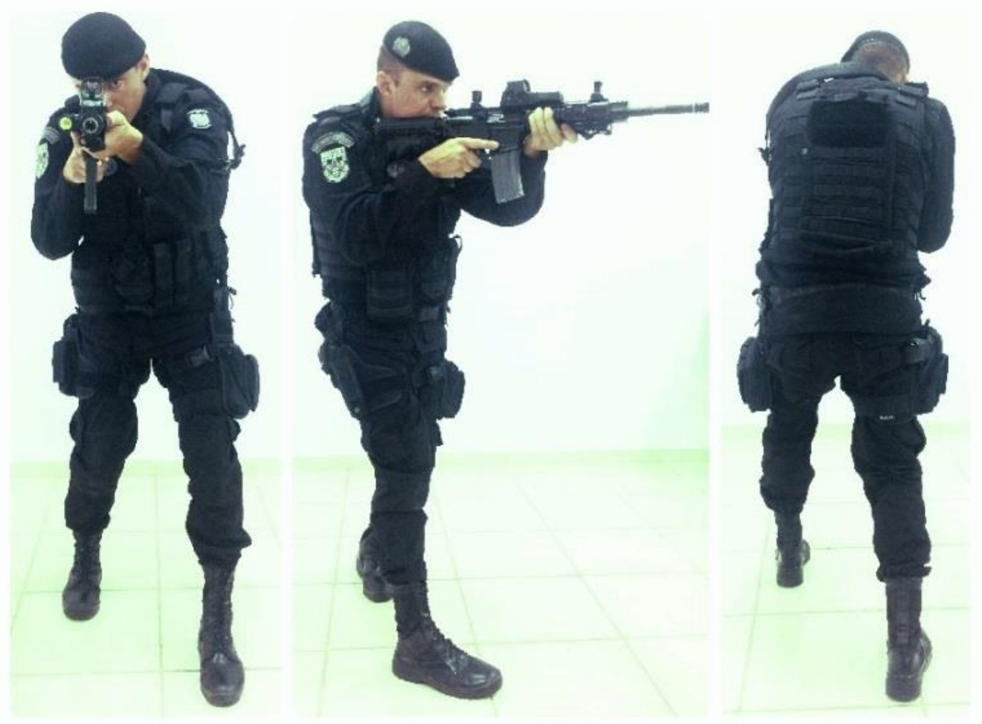


Figura 63 - Giro estacionário - retaguarda

14. VELOCIDADES DE DESLOCAMENTO

14.1. VELOCIDADE

Estão relacionadas ao objetivo da progressão empregando a manutenção da postura tática.

- Velocidade de cobertura: lenta
- Velocidade de busca: média
- Velocidade de assalto: rápida

14.2. CORRIDA

As **corridas** são executadas com prejuízo da postura tática em detrimento do objetivo pretendido: aproximação do companheiro da patrulha, recomposição da retaguarda, tomada de abrigo e de pontos, outros.

- Corrida tática: Utilizada na recomposição da retaguarda ou aproximação.
- Corrida evasiva: Manutenção do sigilo à distância ou redução da exposição.

A **corrida tática** e **corrida evasiva** podem ser executadas por meio das posições de retenção, com o armamento junto ao corpo: cruzado no peito, à frente do corpo, ou lateralmente, mantendo a posição natural do corpo.

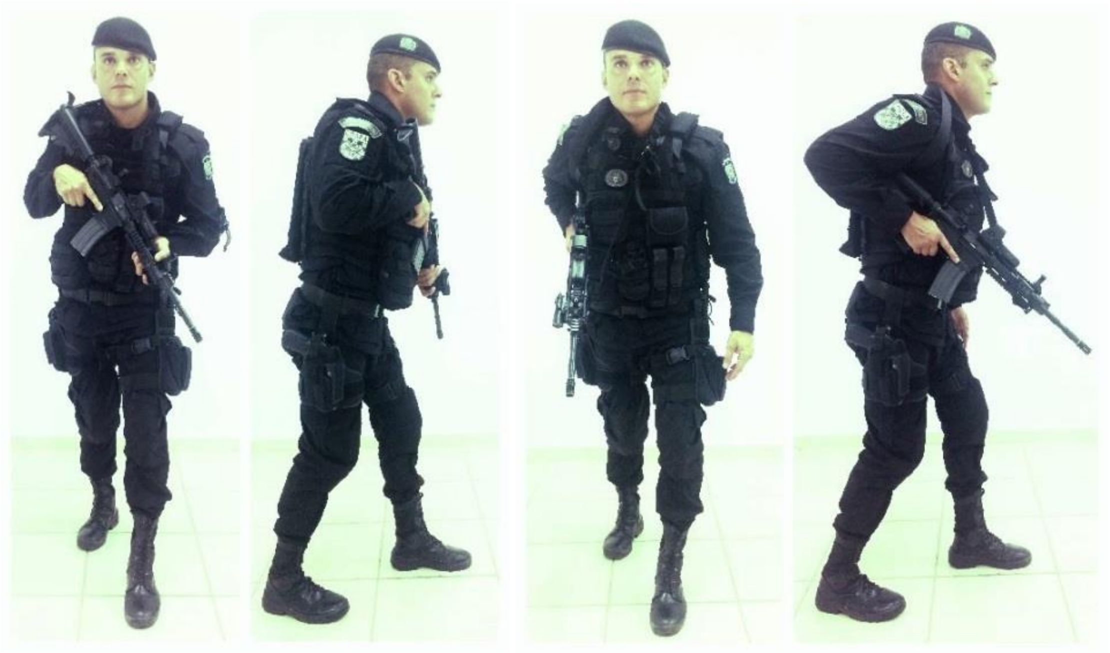


Figura 64 - Velocidade de deslocamento - cruzado e lateral

15. VARREDURA

15.1. TOMADA DE ÂNGULO (FATIAMENTO)

O policial militar posiciona-se frontalmente em direção à barricada (abrigo ou cobertura), adotando postura tática, e com movimentos progressivos avança lateralmente, movimentando quadril e tronco, sem expor o corpo, conquistando ângulo a ângulo (fatiando), até que todo ambiente seja varrido ou a ameaça encontrada. Todo movimento deve ser realizado com emprego de armamento na posição pronto emprego, com empunhadura do lado correspondente ao avanço.

Para evitar a falsa sensação de segurança e ampliar a visibilidade do ambiente a ser varrido, o policial deve se afastar da barricada.

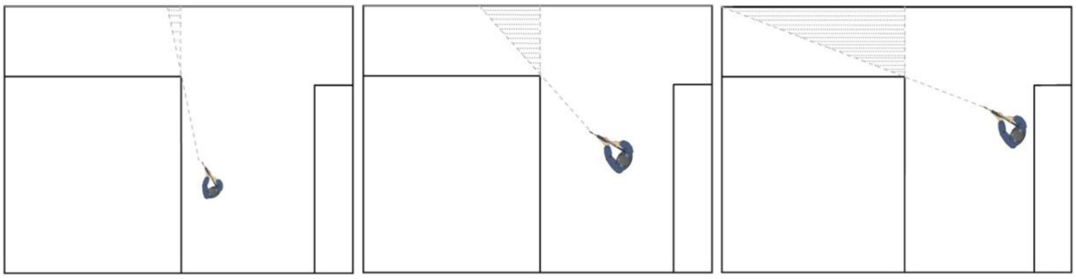


Figura 65 - Tomada de ângulo

ALINHAMENTO E INCLINAÇÃO DA ARMA

- Durante a varredura o policial deve dar atenção ao alinhamento da arma e formato do anteparo do abrigo ou cobertura.
- Realizar a varredura com a arma lateralizada pode resultar em disparo no anteparo ao invés de impactar em seu objetivo. Isso ocorre porque o aparelho de pontaria pode ter superado o anteparo enquanto que o cano ainda não o superou.

15.2. OLHADA RÁPIDA

Com um movimento enérgico, o policial militar, abrigado, avança a cabeça e arma (terceiro olho) a fim de observar de uma só vez todo ambiente a ser varrido, retornando rapidamente ao abrigo.

A postura corporal adotada na tomada de ângulo e na olhada rápida é a mesma. A diferença principal está na velocidade do procedimento. A tomada de ângulo se faz de forma progressiva, enquanto a olhada rápida se faz em um só movimento.

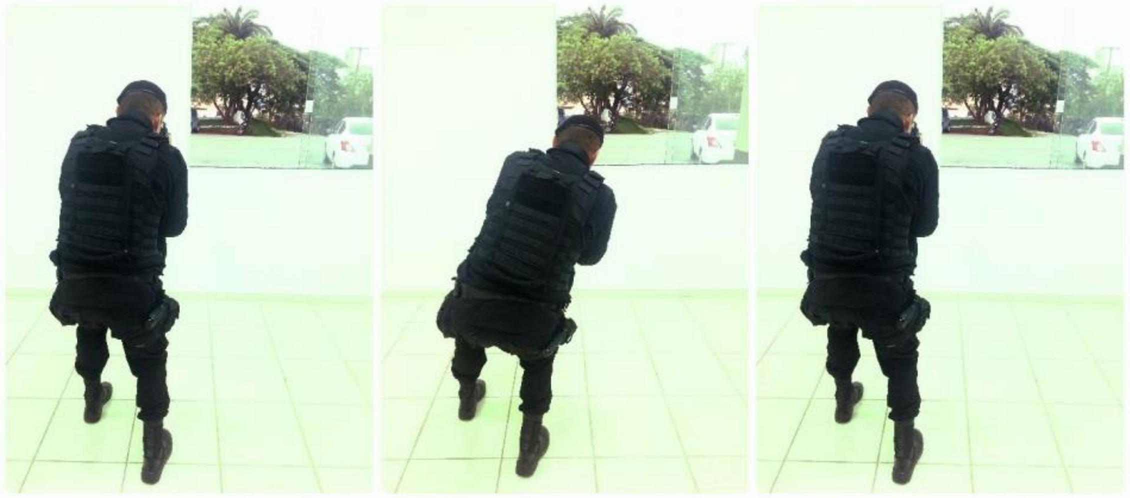


Figura 66 - Frente para o abrigo / Frente para a ameaça / Armamento em pronto emprego

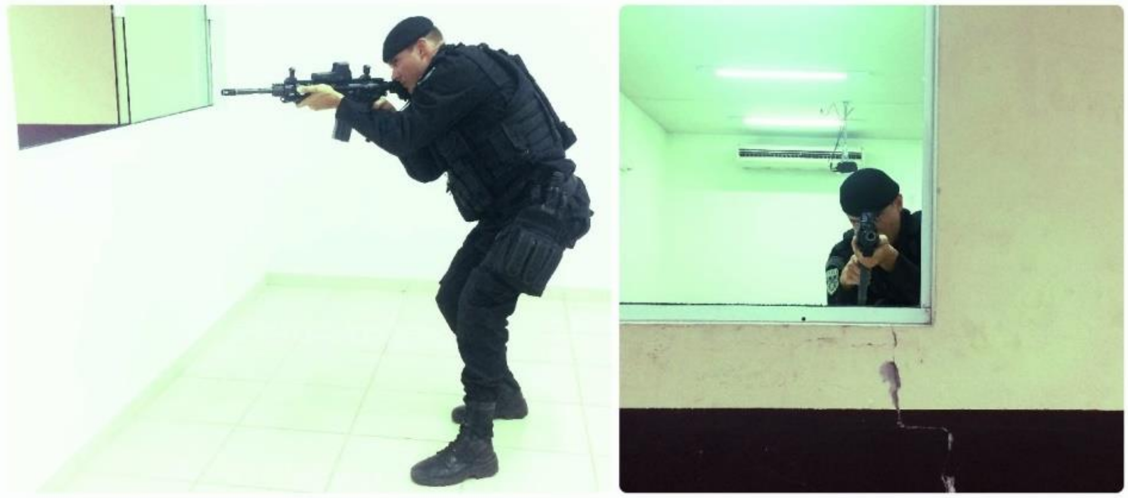


Figura 67 - Postura tática / Movimento de quadril e tronco

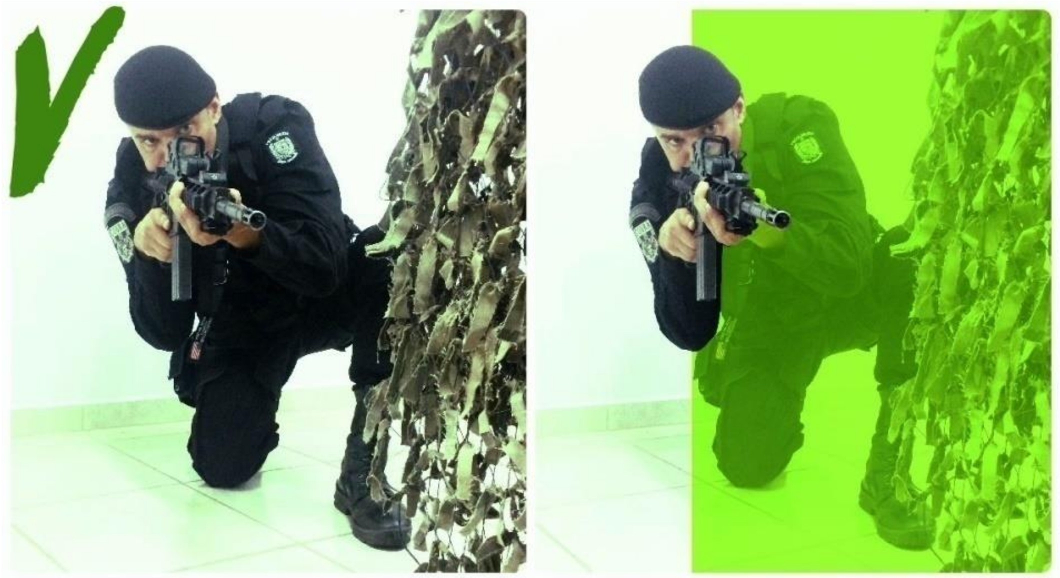


Figura 68 - Postura tática e empunhadura correspondente: exposição parcialmente de cabeça e braço

POSTURA TÁTICA – EMPUNHADURA CORRESPONDENTE

Não observar a **postura tática** durante a varredura pode causar exposição do policial. A **postura tática** acompanha a empunhadura, que por sua vez corresponde ao lado do avanço. Na posição ajoelhado, a perna mais próxima ao abrigo fica alta e a oposta baixa. Isso permitirá o movimento de quadril e tórax para avançar com o armamento na posição **pronto emprego** e realizar a varredura com maior segurança.

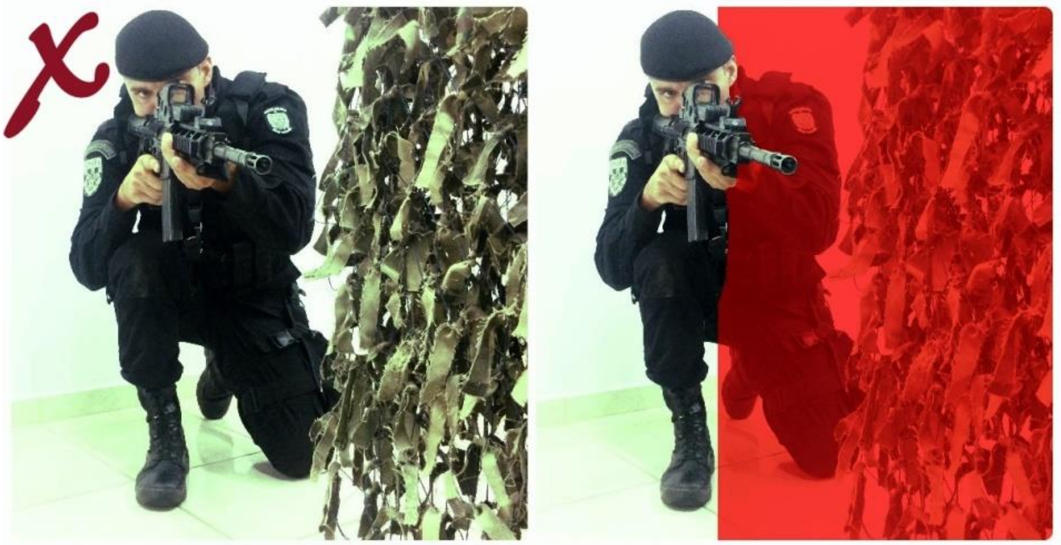


Figura 69 - Postura tática alternada: exposição de cabeça, perna braço e tronco

15.3. ESPELHO

Com auxílio de um espelho, o policial militar abrigado faz a varredura do ambiente a fim de localizar ameaças. É indicado para locais de difícil acesso ou que exponham o policial dada a característica do local, como por exemplo: alçapão, sótão, janela basculante, local estreito, etc.

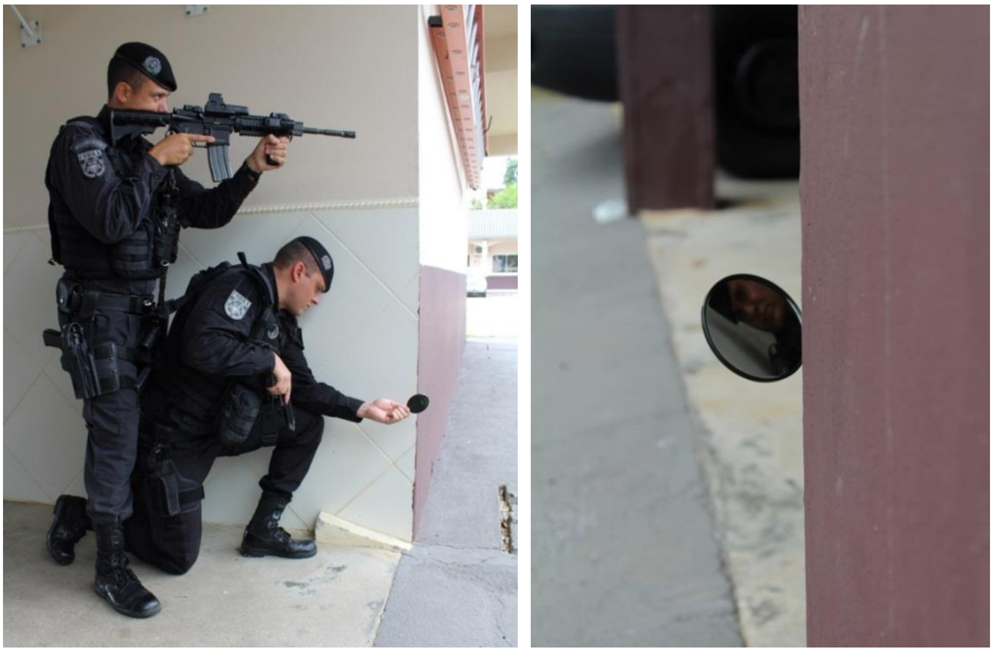


Figura 70 - Uso de espelhos

Sugere-se a tomada de posição *high-low*, ficando um policial responsável pela varredura com espelho e outro pela segurança da guarnição. Esta varredura reduz exponencialmente a exposição e risco aos policiais, porém limita o campo de visão do ambiente.

TIPOS DE ESPELHOS

Plano: fornecem imagens com o mesmo tamanho e simétricas dos objetos.

Convexo: fornece a ampliação (prolongamento) do campo de visão.

Côncavo: fornece imagens que variam conforme a posição dos objetos; pode ser direita ou invertida, ampliada ou reduzida.

Por tais características, recomendamos ao policial militar que utilize espelhos CONVEXOS.

16. MEMENTO DE TREINAMENTO PRÁTICO EXERCÍCIOS PRÁTICOS

PREPARAÇÃO: Armas frias e com dispositivo de segurança – fio ou OTR.

1 – CAMINHADA TÁTICA: marcação com cones; posição pronto baixo e pronto emprego; atentar para posição da bandoleira (VÁRIAS REPETIÇÕES)

2- TREINAMENTO DE SEMI-VISADA (colocação alvos ou folhas A4 – centro de massa): a) pronto baixo; b) pronto emprego com engajamento (primeiro semivisado; depois faz visada por dez segundos pra corrigir) (VÁRIAS REPETIÇÕES)

3 – TREINAMENTO DE SEMI-VISADA (idêntico ao anterior, porém com os olhos fechados)

4 – TREINAMENTO DE SEMI-VISADA COM ARMA CURTA (uso de alvos): a) dois tempos: 1 saque, 2 espeta; b) um tempo: saque objetivo; c) saque semi-visada e visada (para correção); saque e semi-visada (olhos fechados). (LEMBRAR DE DESTRAVAR A ARMA, AO SACÁ-LA)

5 – TREINAMENTO DE TRANSIÇÃO DE ARMA (ESTÁTICO):

- Bandoleira cabeça e mão fraca: MD97 em pronto baixo – pronto emprego (na fita) – transição (1 e 2) – arma curta saque objetivo (na fita)

- Bandoleira cabeça: MD97 em pronto baixo – pronto emprego (na fita) – transição (1) – arma curta – saque objetivo (na fita) (ARMA DEVE SER COLOCADA JUNTO AO CORPO, PARA QUE NÃO BATA E INUTILIZE O POLICIAL)

6 – TREINAMENTO DE TROCA DE EMPUNHADURA: bandoleira somente na cabeça; troca de empunhadura varrendo o chão; troca de empunhadura com FAL. (NÃO SE ATIRA NA TROCA – VARRENDO)

7 – TREINAMENTO EM MOVIMENTO:

- Caminhada tática: pronto baixo – pronto emprego – empunhadura direita – empunhadura esquerda (e continue...)

- Mesmo exercício, agora com transição de arma mais pesada.

8 – TREINAMENTO PARA POSIÇÃO DE JOELHOS:

- Estático: pronto baixo – pronto emprego – ajoelha (sempre avançando) – levanta

- Dinâmico: pronto baixo – pronto emprego – ajoelha – levanta

9 – TREINAMENTO PARA POSIÇÃO DEITADO:

- Estático: pronto baixo – pronto emprego – ajoelha – mão fraca no chão – deita – mão fraca no chão – ajoelha – levanta

- Dinâmico: pronto baixo – pronto emprego – ajoelha – mão fraca no chão – deita – mão fraca no chão – ajoelha – levanta

10 – TREINAMENTO DE TRANSIÇÃO DE ARMA (DINÂMICO):

- Bandoleira cabeça: MD97 em pronto baixo – pronto emprego – transição (1) – arma curta – saque objetivo (ARMA DEVE SER COLOCADA JUNTO AO CORPO, PARA QUE NÃO BATA E INUTILIZE O POLICIAL)

11 – EXERCÍCIO PARA MOCHILAR ARMA: lembrando que não é para emergência, tanto é que tem que passar a mão fraca pela bandoleira; bandoleira três pontos (dois fixos e um móvel)

12 – TREINAMENTO DE GIRO ESTACIONÁRIO (ESTÁTICO): alvos à direita, alvos à esquerda e alvos à retaguarda

13 – TREINAMENTO DE GIRO ESTATIONÁRIO (DINÂMICO): com cones, cruzando e fazendo controle de arma

14 – TREINAMENTO DE PROGRESSÃO:

- Formação siamesa (em dupla): segundo homem se adianta

- Formação siamesa (em dupla): segundo homem se adianta e tem contato visual (apito) – faz formação *high-low*;

- Tomada de ângulo (em torno da COE)

***** CORRIGIR CONSTANTEMENTE A POSTURA TÁTICA E POSTURA DE TIRO *****

***** *"ISSO NADA MAIS É DO QUE UM TREINAMENTO DE TIRO, SÓ FALTA ACIONAR O GATILHO"* *****

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

COMBATE EM AMBIENTES CONFINADOS - CQB

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 2 - COMBATE EM AMBIENTES CONFINADOS (CQB)

17. INTRODUÇÃO

Constitui-se doutrina de combate em ambientes confinados o conjunto de técnicas que permitem a atuação operacional do policial militar em áreas edificadas, sendo imprescindíveis para a sobrevivência policial no caso de eventuais confrontos com ameaças armadas ou desarmadas no interior de recintos fechados.

Internacionalmente, tais técnicas são conhecidas pela denominação americana de CQB (Close Quarter Battle) ou CQC (Close Quarter Combat).

Em todo o mundo, há diversos registros com expressivo número de policiais mortos ou feridos em enfrentamentos sob as circunstâncias do ambiente confinado. Tais índices são resultados das condições críticas pelas quais os policiais militares são submetidos quando estão operando em ambientes confinados.

Nesse sentido, a curta distância é o principal fator crítico do CQB. Isso porque, normalmente, os espaços dos cômodos são pequenos, o que amplia as chances de um policial ser facilmente atacado ou ferido, independente do tipo de arma do oponente, somado à redução da capacidade de pronta resposta à agressão por parte do policial.

Outras desvantagens dos policiais em relação aos infratores: ausência de abrigos ou coberturas; espaço limitado a manobras; baixa luminosidade; controle da visão periférica; possibilidade de múltiplos alvos, elevado nível de estresse; capacidade do criminoso em eleger locais estratégicos para efetivar uma emboscada.

Durante toda a movimentação dentro da edificação, o policial deve adotar uma postura ofensiva e estar à procura de toda fonte de perigo. Além de empregar as técnicas de CQB, descritas a seguir, é imprescindível a observação de conceitos táticos importantes como a postura de caçador, o caminhar tático em silhueta reduzida e plataforma de tiro, terceiro olho, controle de arma, projeção siamesa, disciplina de luz e som, bem como o uso das técnicas básicas de varredura que são a tomada de ângulo, a rápida olhada e o uso de espelhos.

18. CONCEPÇÃO DO PERIGO IMEDIATO (CPI)

Dentre as diversas técnicas que cuidam da movimentação da equipe tática dentro de um ambiente confinado, a Concepção do Perigo Imediato (CPI) foi eleita a padrão para fluição dos integrantes do BOPE de SC.

A teoria da CPI é simples e parte do conceito de perigo imediato, que é o ponto, local ou situação em um ambiente onde existe a maior probabilidade de surgir uma ameaça física contra o policial.

A CPI, por sua vez, divide o perigo imediato em primário e secundário. Perigo imediato primário são pessoas, ao passo que perigo imediato secundário são cantos, locais, portas, janelas, mobiliários, etc.

O operador, portanto, ao adentrar em um ambiente confinado, deve sempre procurar por pessoas, preocupando-se com a visualização das mãos. Caso não veja alguém, a preocupação será em busca dos perigos imediatos secundários dispostos conforme a configuração do recinto e a distribuição do mobiliário.

Para interpretação do ambiente e identificação dos perigos imediatos, o policial deverá aplicar o ciclo OODA (Observar – Orientar – Decidir – Agir), observando e identificando as fontes de risco, orientando-se acerca das possíveis alternativas, decidindo a ação ótima para o caso e finalmente executando a ação propriamente dita.

Outro conceito importante para a Concepção do Perigo Imediato é a identificação do canto leve e canto pesado. No canto leve, o operador possui uma pré-visualização do ambiente, correspondente a cerca de 25%. O canto pesado corresponde ao outro lado, cujo o policial deverá se preocupar em varrer ao passar pela porta.

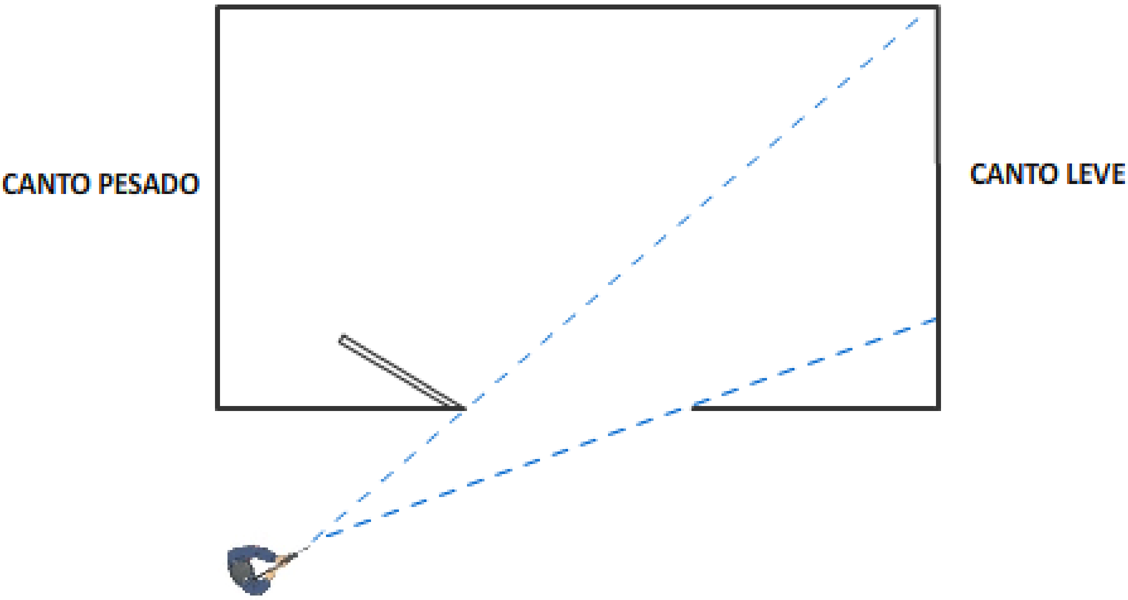


Figura 71 - Canto leve e canto pesado

Quanto ao enquadramento da arma primária durante a movimentação na edificação e passagens por portas, fica a critério do operador realizar o engajamento centro/canto (posição pronto-emprego do centro para o canto do ambiente) ou canto/centro (o operador passa pela porta buscando primeiramente o canto e depois o centro do cômodo).

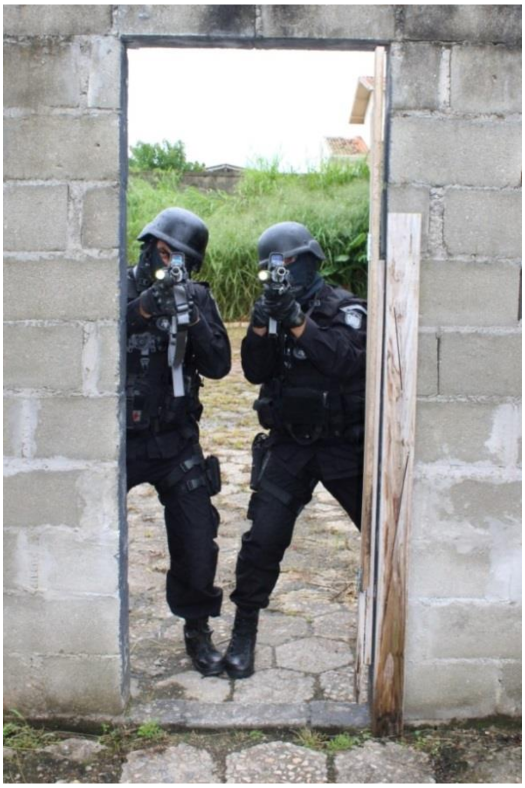


Figura 72 - Engajamento centro-canto (1)

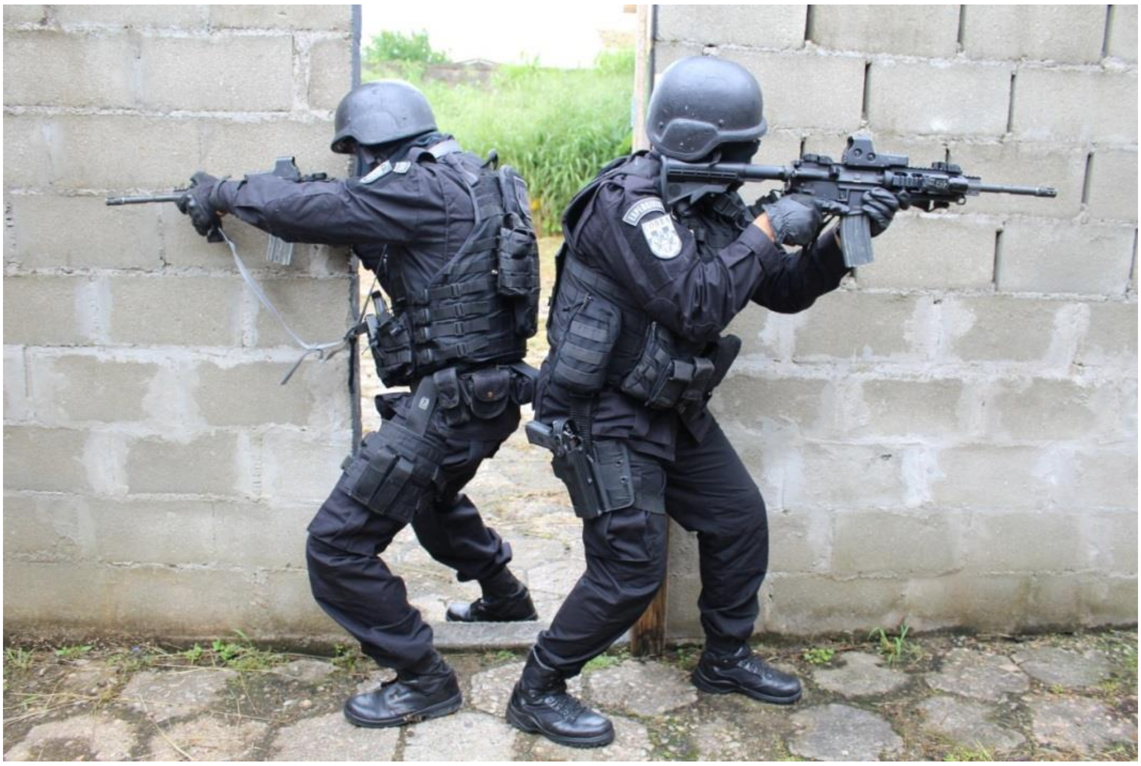


Figura 73 - Engajamento centro-canto (2)

19. ENTRADAS: TÉCNICAS DE PASSAGEM PELA PORTA

As técnicas tradicionais de passagem pela porta são as entradas cruzada, gancho e limitada. Além destas, o BOPE/SC emprega a entrada gancho-cruzada em invasões táticas e a entrada mista (nominada dessa forma por ser uma mistura de técnicas) para progressões lentas, furtivas.

Com exceção da entrada mista, todas as outras técnicas de passagem pela porta requerem relativa velocidade durante a execução. Isso porque as portas são exemplares cones da morte, assim entendidos como a silhueta e a faixa de luz projetadas por uma abertura, produzindo uma área de alto risco quando da sua passagem.

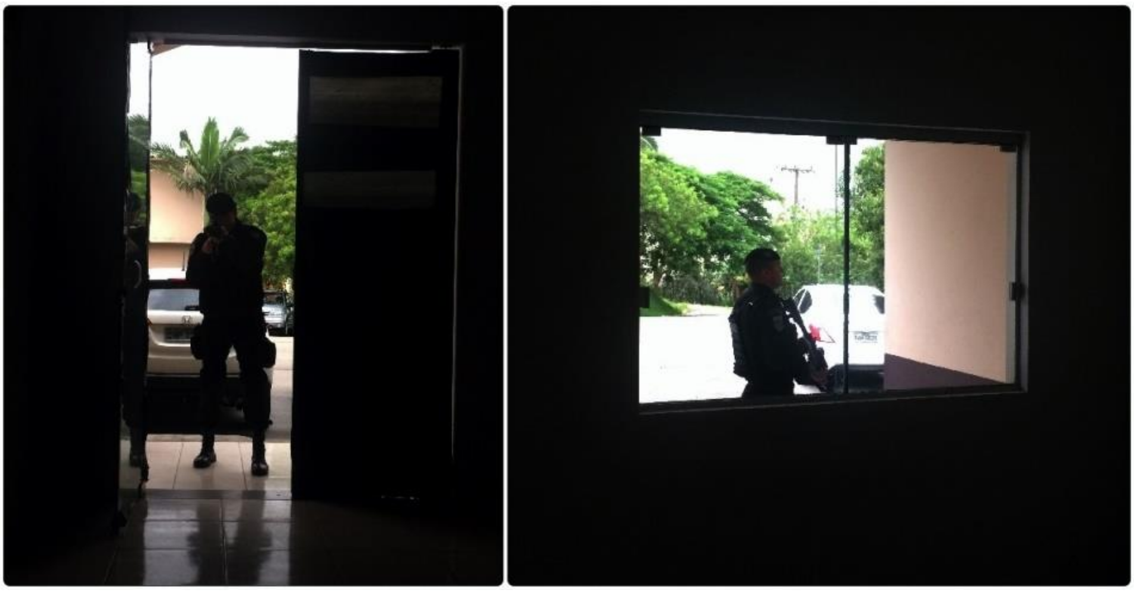


Figura 74 - Cone da morte: silhueta do policial projetada na abertura da porta

As portas no Brasil normalmente possuem tamanhos variáveis entre 80 e 70 centímetros de largura, podendo estar posicionadas no centro ou no canto das paredes. Tais verificações são determinantes para as técnicas de movimentação e treinamento da equipe.

19.1. ENTRADA CRUZADA

Na entrada cruzada, os policias estão posicionados um em cada lado da porta, atravessando-a em movimento semelhante a uma cruz. É recomendável para ocasiões em que a porta se encontra fechada e o policial necessita checar a maçaneta ou aplicar uma técnica de arrombamento. O ponto fraco dessa técnica é o lapso temporal, ainda que breve, que leva o segundo operador para adentrar no ambiente, oportunizando uma agressão ao primeiro operador pelo canto que ainda não foi coberto.

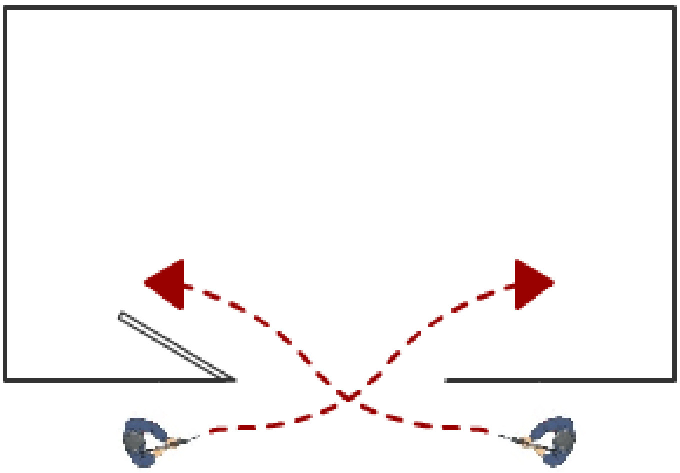


Figura 75 - Entrada cruzada

19.2. ENTRADA EM GANCHO

Na entrada em gancho, os policiais também estão posicionados um em cada lado da porta e ao adentrar se movimentam em gancho. A dificuldade dessa técnica está na súbita troca de direção e de áreas pré-visualizadas pelos policiais.

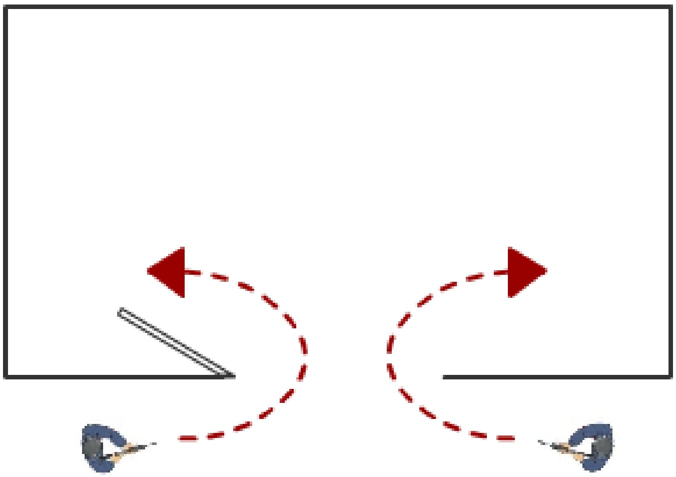


Figura 76 - Entrada em gancho

19.3. ENTRADA LIMITADA

Entrada limitada consiste na técnica que o operador se projeta parcialmente ao ambiente, contudo sem adentrar. A projeção é semelhante à rápida olhada da varredura, só que o operador não retorna ao abrigo/cobertura do batente da porta, permanecendo na posição e visualizando o canto do recinto.

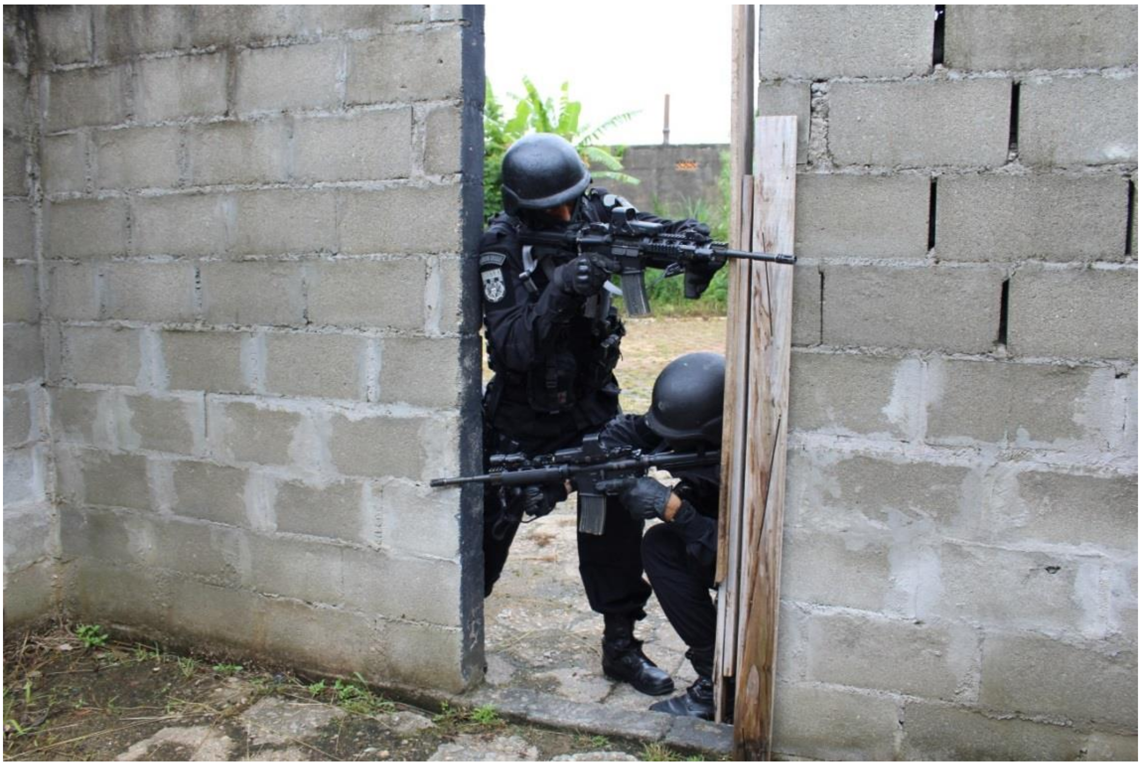


Figura 77 - Entrada limitada

19.4. ENTRADA GANCHO-CRUZADA

Muito utilizada pelo Grupo COBRA durante as invasões táticas, a entrada gancho-cruzada permite que a dupla de operadores coreografe o momento de passagem pela porta, permitindo que ambos adentrem simultaneamente no ambiente e em condições de tiro. Nessa progressão, os dois policiais estão do mesmo lado da porta e esta já se encontra aberta. A dificuldade da técnica reside no entrosamento dos policiais e nas diversas larguras de portas.

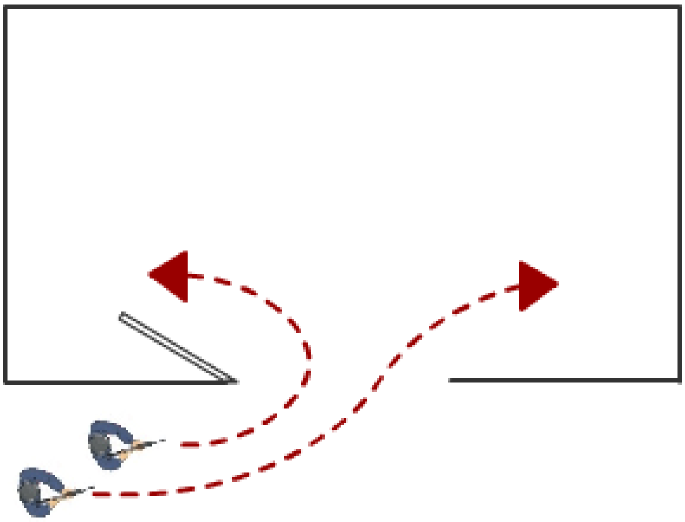


Figura 78 - Entrada gancho-cruzada

19.5. ENTRADA MISTA

A entrada mista, por sua vez, é muito recomendável nas progressões lentas, furtivas, cuja prioridade é a segurança dos policiais e não é necessário imprimir grandes velocidades durante o deslocamento.

É executada a partir de dois policiais que estão juntos e se aproximam de um ambiente com porta aberta. Na entrada mista eles conseguirão plotar todo o recinto, antes de projetar no ambiente, aplicando a seguinte cronologia de técnicas: o operador 1 permanece em posição de pronto-emprego e com a visualização parcial do ambiente; o operador 2 aplica a tomada de ângulo até o outro lado da porta, aclarando quase a totalidade do ambiente; para finalizar, falta a visualização dos “escanteios”, os quais serão constatados simultaneamente com os dois policiais tomando a posição *high-low* e entrada limitada; caso esteja limpo ambos passam cruzado.

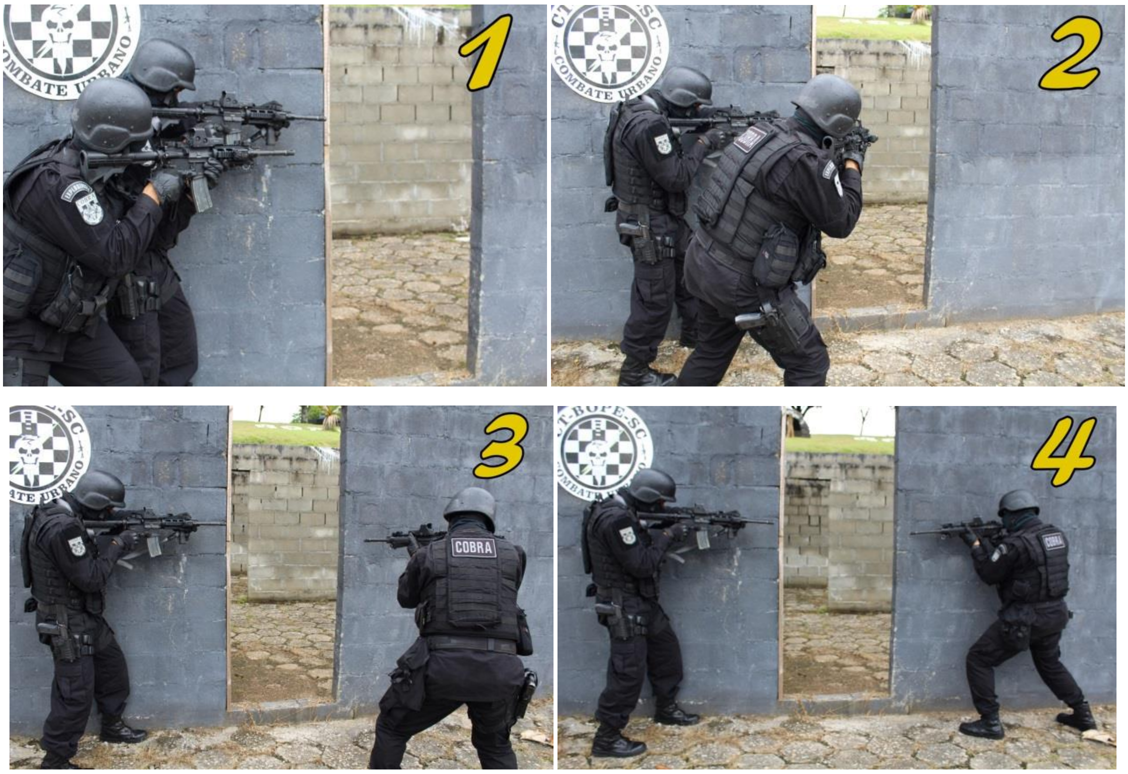


Figura 79 - Entrada mista: policial 1 segura o canto leve, enquanto o segundo policial inicia a tomada de ângulo até o domínio visual do canto pesado

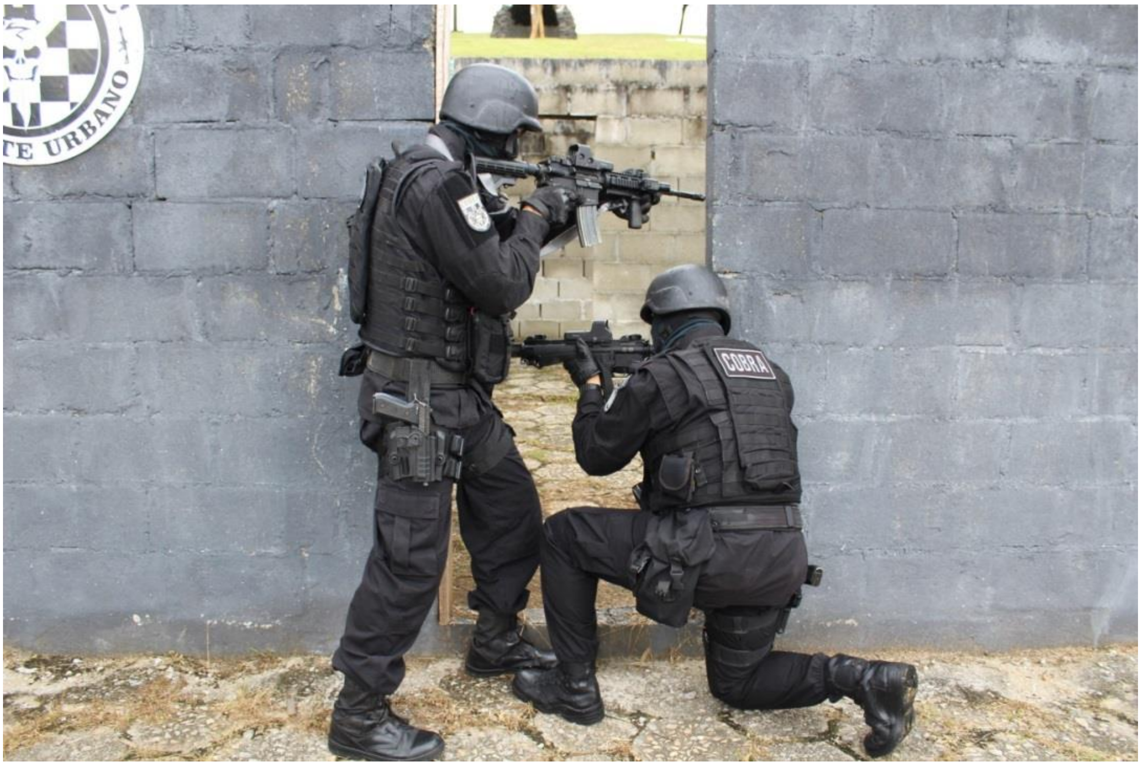


Figura 80 - Entrada mista: policiais executam as técnicas *high-low* e entrada limitada para visualização simultânea dos cantos não vistos

20. CHECAGEM DE PORTA

Em qualquer técnica de passagem, o policial sempre deverá checar a porta, empurrando-a com o cano do próprio armamento ou com cotovelo da mão fraca, com a finalidade de verificar se não há qualquer alteração.

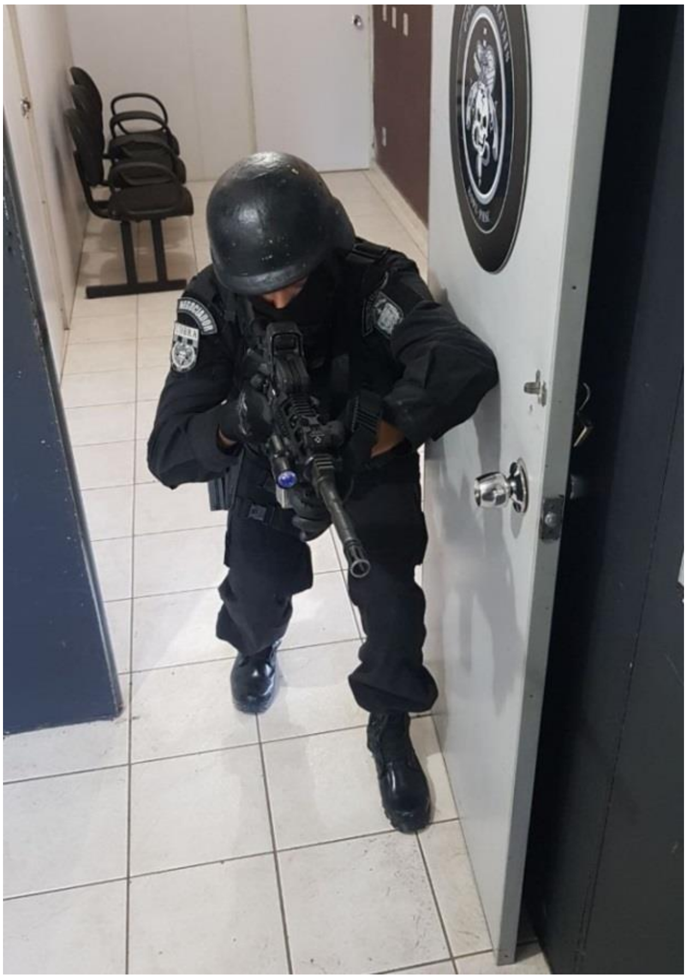


Figura 81 - Cheque de porta utilizando o cotovelo

21. PRINCÍPIOS DO CQB

O conceito de princípio se refere à origem, à base, à causa primária, enfim, ao momento que uma coisa tem início.

Os princípios do CQB, portanto, são a base de todo o conjunto técnico que permite a atuação operacional do policial militar em áreas edificadas. Sempre que observados, a probabilidade de sobrevivência do policial no caso de eventuais confrontos armados será elevada.

São três os princípios:

- sempre atue no mínimo em dupla
- sempre possua uma segunda arma (backup)
- sempre preencha todos os espaços

21.1. SEMPRE ATUE NO MÍNIMO EM DUPLA

Dois operadores constituem a célula básica de qualquer grupo de operações especiais do mundo. As técnicas de CQB são desenvolvidas a partir de dois policiais militares, tudo com o intuito de amplificar a segurança de ambos.

21.2. SEMPRE POSSUA UMA SEGUNDA ARMA (BACKUP)

Como os confrontos em ambientes confinados são sempre rápidos e a curtas distâncias, a segunda arma implicará na segurança do policial caso necessite realizar uma transição de arma, com a ocorrência de pane ou por mudança da configuração do local da missão. Ressalta-se que no BOPE/SC, o operador sempre possuirá como arma principal, uma arma longa (fuzil de assalto ou submetralhadora) e como arma secundária, uma arma curta (pistola).

21.3. SEMPRE PREENCHA TODOS OS ESPAÇOS

O policial, durante a progressão em ambiente confinado, deve sempre checar, ainda que visualmente, todos os ambientes, cômodos, cantos, mobiliários, atrás da porta etc, sob pena de ser surpreendido por um agressor a qualquer tempo.

22. ENTRADAS: TÉCNICAS DE PROGRESSÃO NO AMBIENTE

22.1. ENTRADAS COBERTAS

Também chamadas de entradas furtivas, lentas ou programadas, as entradas cobertas são penetrações em ambientes sem visualização, quando há necessidade de continuação do deslocamento da equipe.

É a arte da furtividade combinada com a suave movimentação do time, utilizada em buscas, varreduras e neutralização de alvos suspeitos com segurança.

É utilizada quando não se quer mostrar a presença da guarnição ou quando a exata localização do suspeito não é conhecida (marginal embarricado).

No caso, a prioridade da segurança será essencialmente do policial militar. Este deve estar preocupado em aplicar técnicas de varreduras e táticas individuais, não se preocupando com a velocidade do deslocamento, mas sim em dominar e abordar o marginal, em segurança, dentro da edificação.

22.2. ENTRADAS DINÂMICAS

A entrada dinâmica, invasão tática ou assalto, é empregada quando há a necessidade de uma ação rápida, de surpresa e de choque dentro de um ambiente. No meio policial, é classicamente utilizada em ocorrências de crise como uma das alternativas táticas, sendo executada somente por grupos táticos especiais.

Corresponde a uma ação agressiva, contínua, realizada quando se entra em uma edificação efetuando a limpeza dos espaços, movendo-se rapidamente e atacando poderosamente qualquer ameaça de forma rápida e efetiva até o domínio completo do local.

22.2.1. PRINCÍPIOS DA ENTRADA DINÂMICA

Três são os princípios da entrada dinâmica (os “3 S”):

- Velocidade (***Speed***);

- Surpresa (***Surprise***);
- Ação de choque (***Shock action***).

23. TIPOS DE VELOCIDADES EM ENTRADAS

Conforme o tipo de progressão da coluna, as entradas irão possuir três tipos de velocidade, quais sejam:

- Velocidade de Cobertura: deslocamento lento, progressivo, usado em situações de terrenos desconhecidos;
- Velocidade de Busca: deslocamento moderado, usado para domínio rápido de um ambiente ou para atingir um ponto pré-determinado. A velocidade varia conforme o objetivo, sendo que esta é fator de aumento de risco.
- Velocidade de Assalto: deslocamento rápido e direcionado, usado quando a situação exige ação dinâmica. Empregada em ocorrências de crise.

24. FORMAÇÃO DA COLUNA

Para a execução de qualquer missão, a coluna básica do BOPE/SC é composta por no mínimo 4 (quatro) policiais, com as seguintes funções:

1º PM – Ponta 1;
2º PM – Ponta 2 (acumula a função de granadeiro);
3º PM – Comandante;
4º PM – Retaguarda (acumula a função de arrombador).

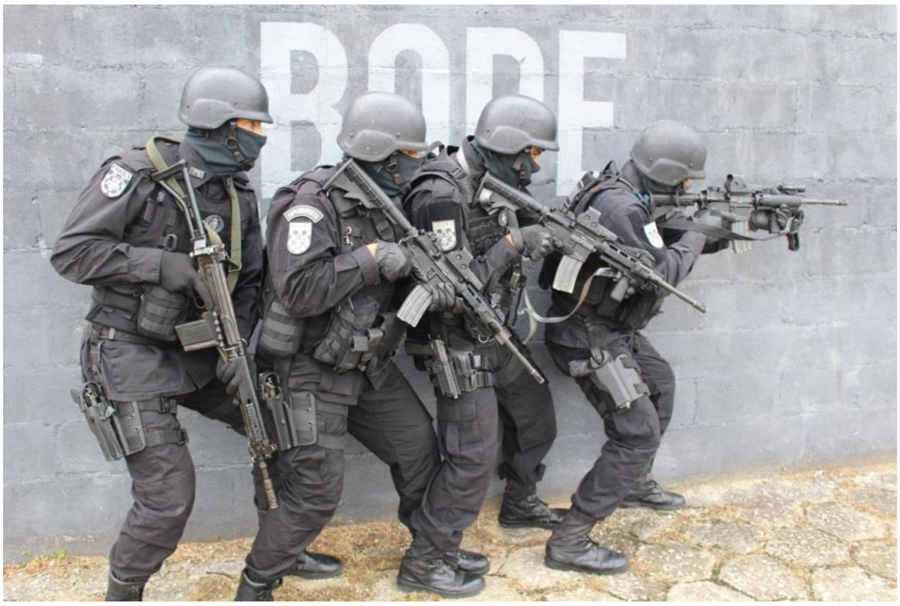


Figura 82 - Coluna com 4 operadores

Destaca-se que no CQB, a distribuição das funções é tão-somente para determinar o posicionamento inicial da coluna, onde todos devem exercer qualquer função na fluição.

Quatro operadores é a composição básica, podendo-se acrescentar mais um militar com a função de escudeiro ou, no caso da invasão tática, mais quatro operadores, totalizando oito em uma coluna.

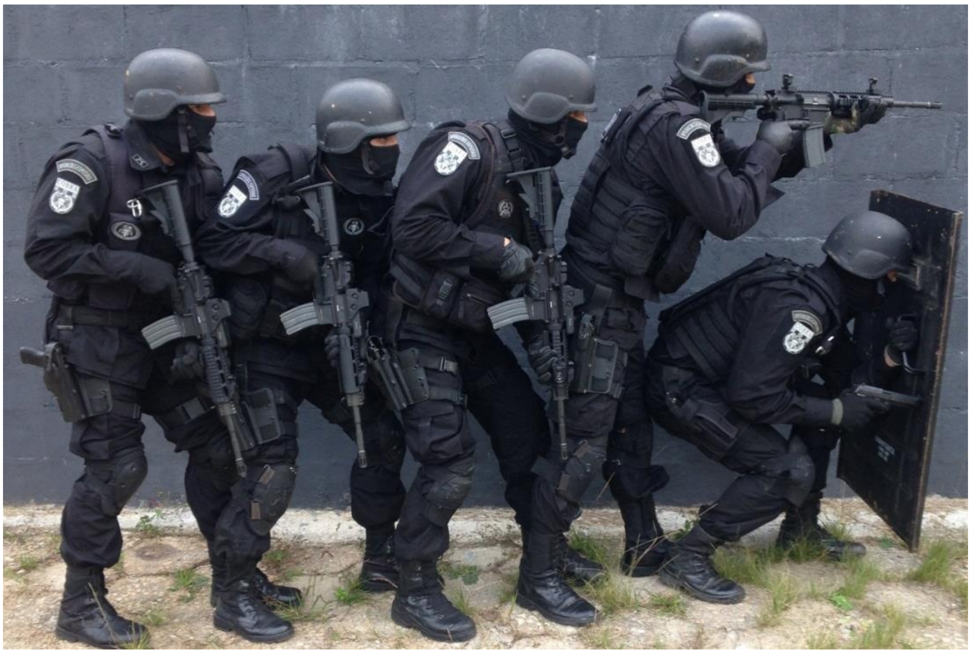


Figura 83 - Coluna com 5 operadores, sendo o 1º escudeiro

Em qualquer progressão, os policiais devem buscar informações quanto ao grau de periculosidade dos marginais, da presença de um ou múltiplos reféns (para entradas dinâmicas), além da quantidade ou complexidade do número de cômodos.

Isso determinará alguns aspectos da fluição, onde os policiais atuarão em dupla por cômodo ou a coluna básica (4 operadores) em todos os cômodos.

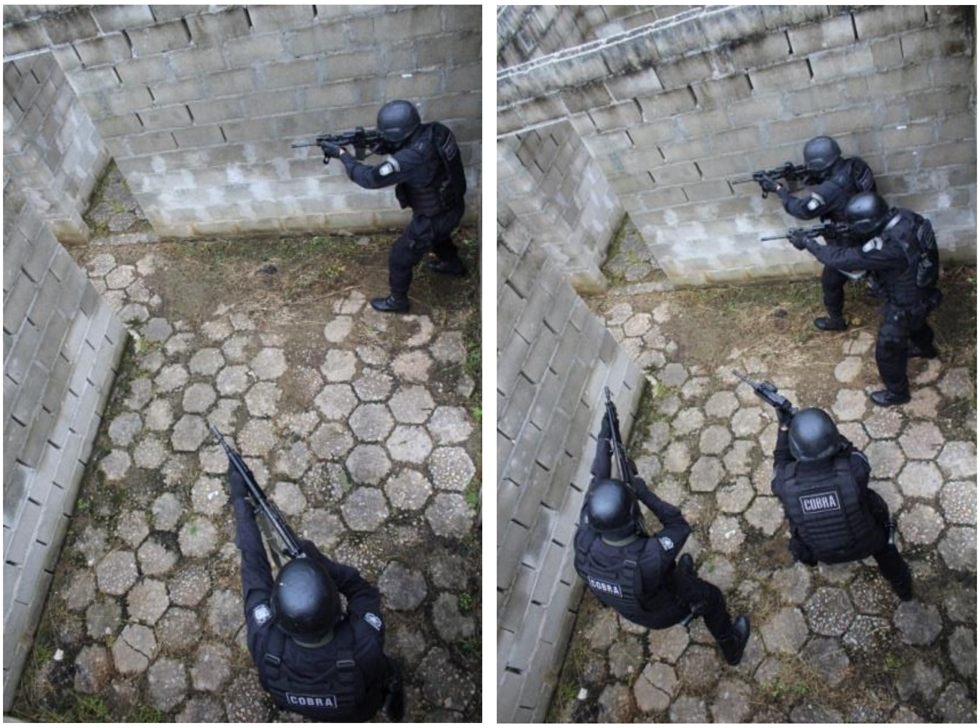


Figura 84 - Dois policiais atuando em um cômodo / Quatro policiais atuando em um cômodo

25. ESCUDO BALÍSTICO

Importante equipamento de proteção coletiva, o escudo balístico é capaz de proteger o policial que opera com o mesmo (o escudeiro), bem como toda a equipe se encontra a sua retaguarda. Por óbvio, essa proteção será relativa, pois depende da capacidade do poder de fogo do agressor.

Os escudos possuem proteção balística “nível 3A”, semelhantes aos coletes balísticos (ambos são compostos por aramida) e aguentam, em média, pontas com calibres .22; 6,35mm; 7,65mm;.38; .44; .45; .357; .380 e 9mm.

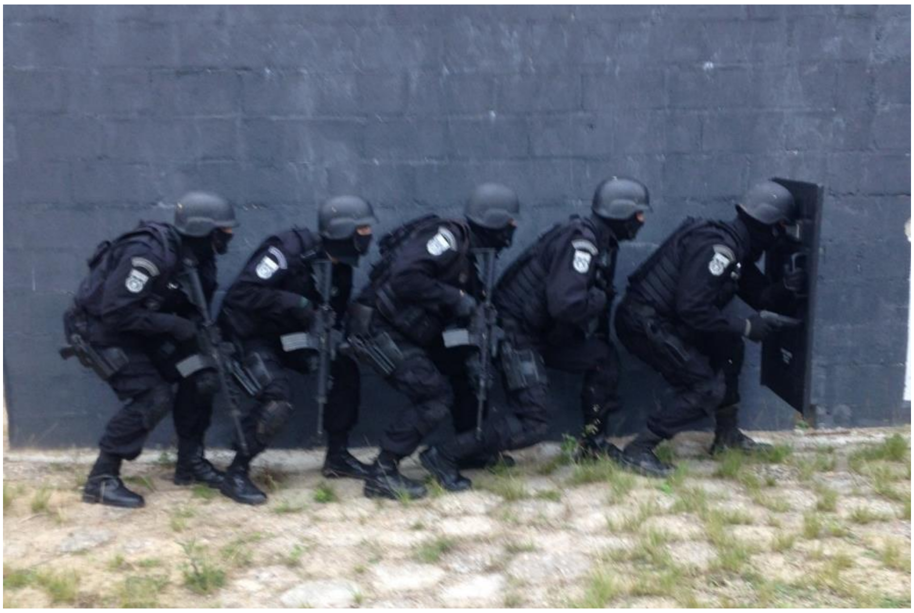


Figura 85 - Coluna com todos os operadores abrigados no escudo

O peso de um escudo balístico varia entre 7 e 11 quilogramas. Possui 1 metro de altura, 60 centímetros de largura e 1,3 centímetros de espessura. Quanto à nomenclatura, sua parte superior é chamada de coroa, a lateral de lábios e a inferior de trilho. Na retaguarda, tem-se o punho, a alça de empunhadura e a corrediça.

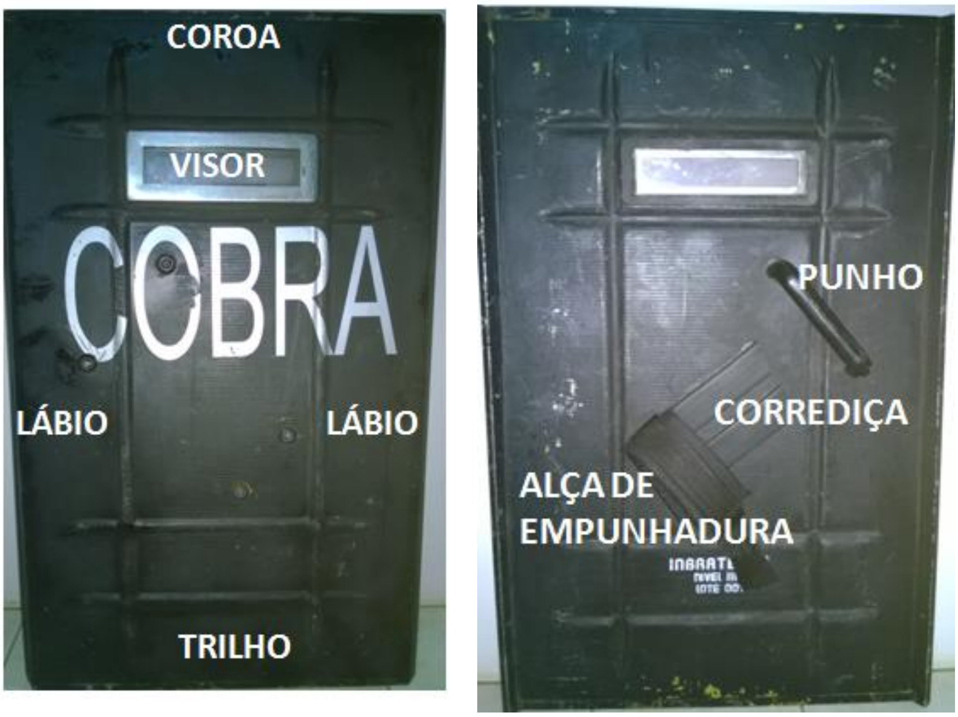

COROA
VISOR
COBRA
LÁBIO
LÁBIO
TRILHO
PUNHO
CORREDIÇA
ALÇA DE EMPUNHADURA

Figura 86 - Nomenclatura do escudo balístico

Para operar com o escudo, o policial militar deverá estar entre os de menor estatura da equipe. Isso porque ele facilmente atingirá a postura tática atrás do escudo, possibilitando o deslocamento da coluna, além do ataque por cima do escudo executado pelo ponta 1.

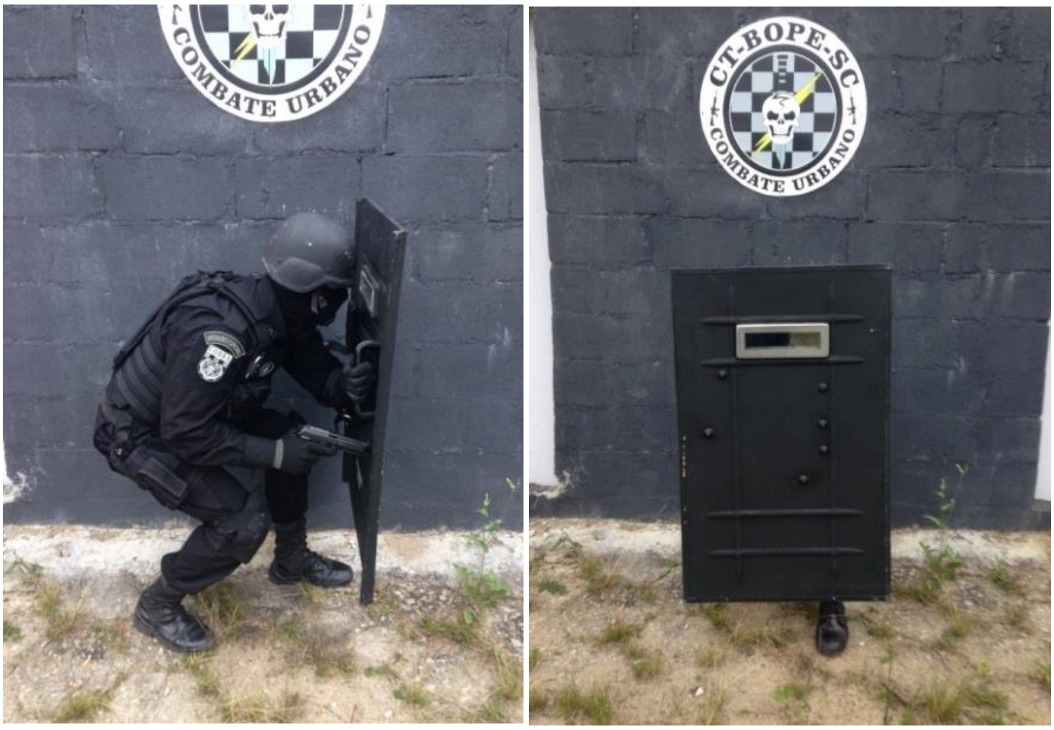


Figura 87 - Posição do Escudeiro para deslocamento

25.1. PLATAFORMAS DE TIRO COM EMPREGO DE ESCUDO

Com relação às formas de ataque pelo escudo, há duas possibilidades:

25.1.1. TORRE

Executada pelo ponta 1, o qual se posiciona com sua arma longa por cima do escudo. O cano da arma deve ultrapassar a coroa. É recomendada para progressões em ambientes estreitos, como corredores.

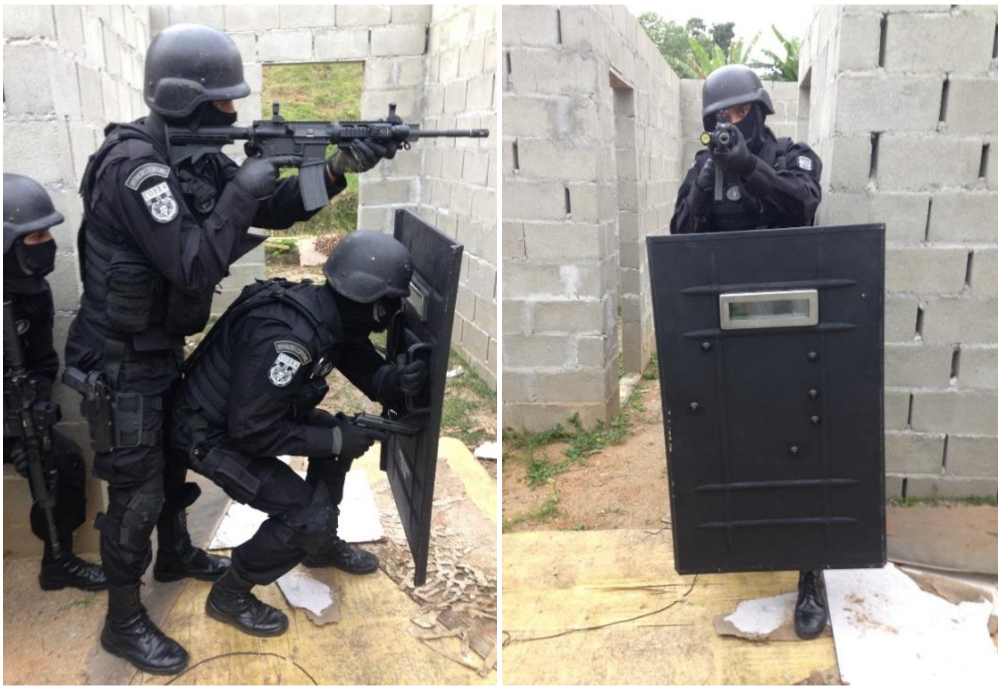


Figura 88 - Posição torre

25.1.2. JANELA

Executada por ambos os pontas, os quais realizam os ataques pelos lábios do escudo.

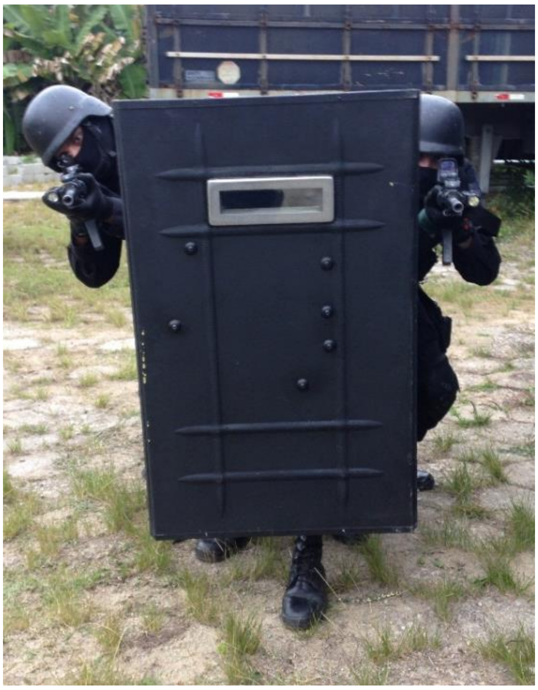


Figura 89 - Pontas em janela

DISPARO ENVOLVENTE

Técnica não empregada no BOPE/SC. Nesta técnica o escudeiro faz a exposição desnecessária do seu braço e sua proficiência de tiro é muito baixa.

.

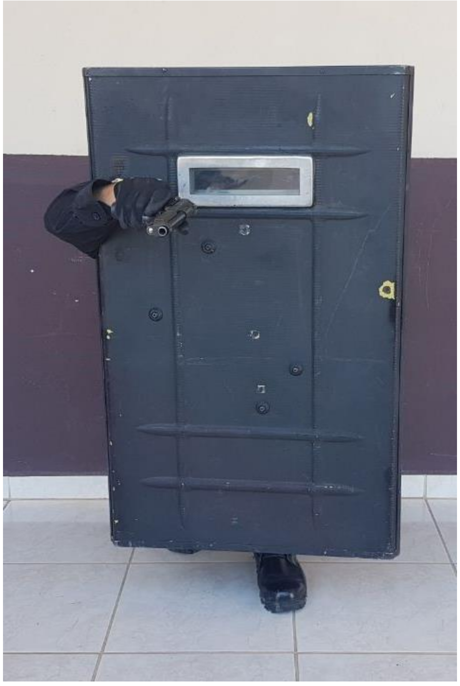


Figura 90 - Disparo envolvente: técnica NÃO utilizada pelo BOPE/PMSC

25.2. MOVIMENTAÇÃO COM ESCUDO

Em um ambiente confinado, o escudeiro precisa se movimentar com cautela para garantia de proteção da coluna. Após identificada a ameaça, a velocidade deverá ser aumentada com intuito de diminuir o tempo e a área de reação do agressor.

Quando da mudança de direção face à presença de quinas, o escudeiro deve “lamber” a parede, isto é, passar com os lábios do escudo próximo e não se arrastando, com objetivo de não abrir espaços que possam alvejar algum policial durante o deslocamento.

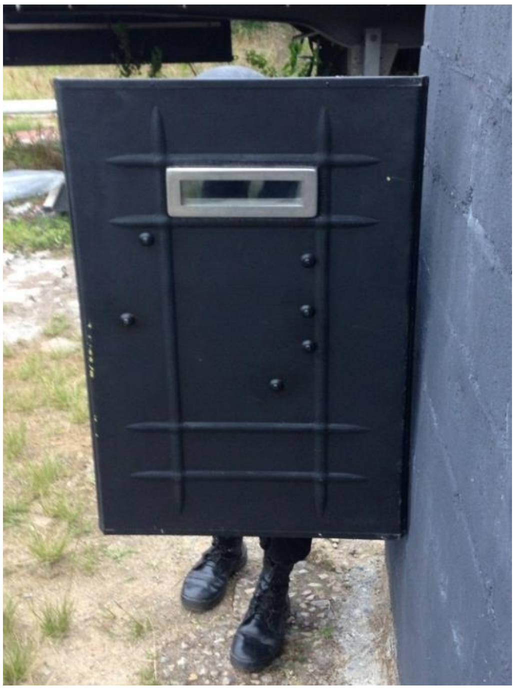


Figura 91 - Escudo "lambendo", deslocando-se próximo à parede

26. VERBALIZAÇÃO

A verbalização é imprescindível durante todo o processo de entrada, seja ela coberta ou dinâmica. Ela acontecerá entre os policiais miliares e destes com os marginais. Conforme a ocorrência, os policiais devem observar a disciplina de sons e executar a comunicação por meio de sinais.

Sempre que possível, a verbalização dos policiais com os marginais deve iniciar com a ordem de polícia (de forma clara, firme e objetiva), seguida da ordem circunstancial (por exemplo, "deite no chão", "largue a arma", "mãos na cabeça" e etc).

No que se refere à entrada dinâmica, esta possui peculiar verbalização, a ser bradada pelo operadores tão logo finalize a invasão do ambiente alvo, na seguinte ordem:

- (Número) limpo! – cada operador brada seu número e limpo. Por exemplo: 27 limpo! 08 limpo! E assim sucessivamente.
- Dominado! – Verbalizado primeiramente pelo Comandante da equipe, com intuito de cientificar o domínio do ambiente. Após, todos os integrantes, ao mesmo tempo, respondem "dominado!".

- Reorganizar! – Nessa situação, o Comandante estabelece o reposicionamento dos operadores, com o objetivo de estabelecer um link e checar os resultados. Em seguida, realiza contato com gerente da crise, informa os resultados e solicita apoio (de um socorro de emergência, por exemplo).
- Preparar para sair! – Comandante ordena, nesse comando, a organização da equipe no ultimo cômodo, os quais preparam-se para a saída.
- COBRA saindo! – Ultima ordem, dita pelo Comandante, determinando a saída do grupo.

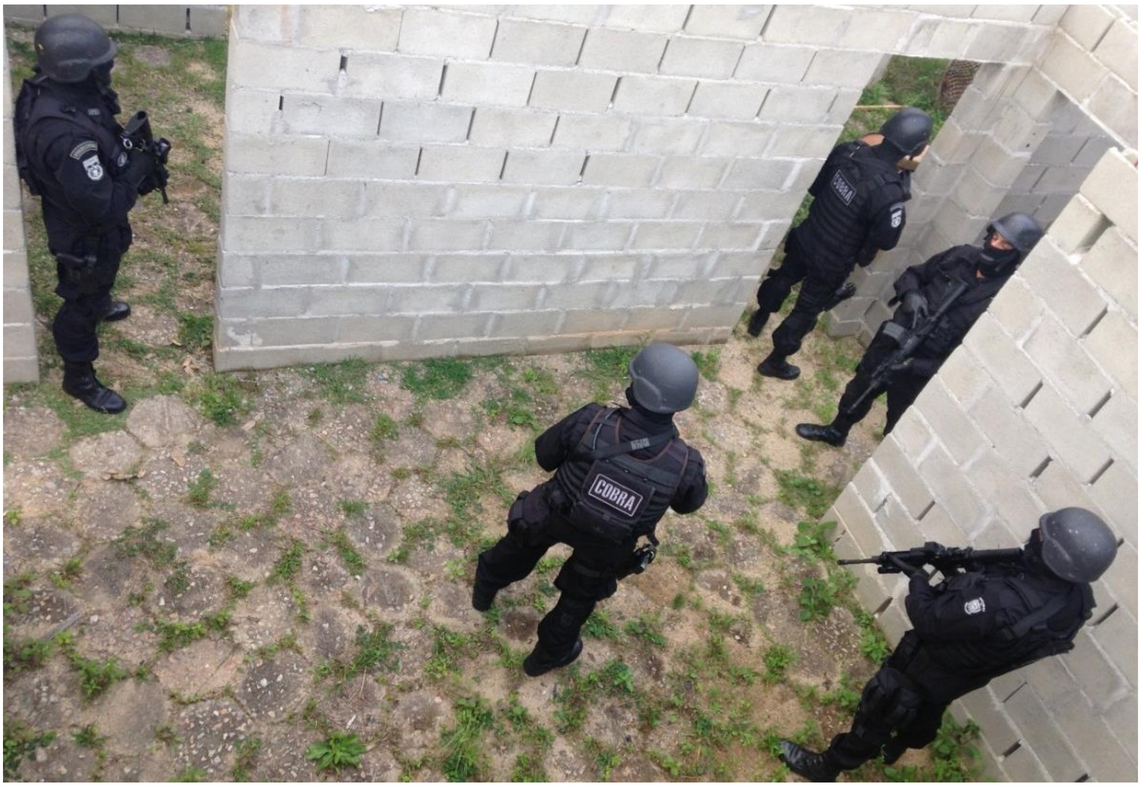


Figura 92 - Grupo reorganizado após a invasão tática

27. DISTRATIVOS

A principal ferramenta tática distrativa à disposição dos policias militares de SC são as granadas, explosivas ou de emissão, específicas para ambientes confinados (uso indoor).

Quando possível e necessário, o uso de granadas reduz o risco no momento crítico da entrada, permite que a equipe reconquiste o efeito surpresa, além de proporcionar o efeito da ação de choque no marginal, com o congestionamento de seus impulsos nervosos por meio de saturação de estímulos visuais, sonoros e sinestésicos.

Quanto ao manuseio, a alavanca de manejo deve permanecer na palma da mão forte do operador e o pino de segurança somente é removido quando for utilizar a granada. A sequência lógica de lançamento será: puxa (o pino de segurança), pisa (o granadeiro se posiciona próximo da porta), olha (para o local onde irá arremessar) e lança (o lançamento será baixo e curto).

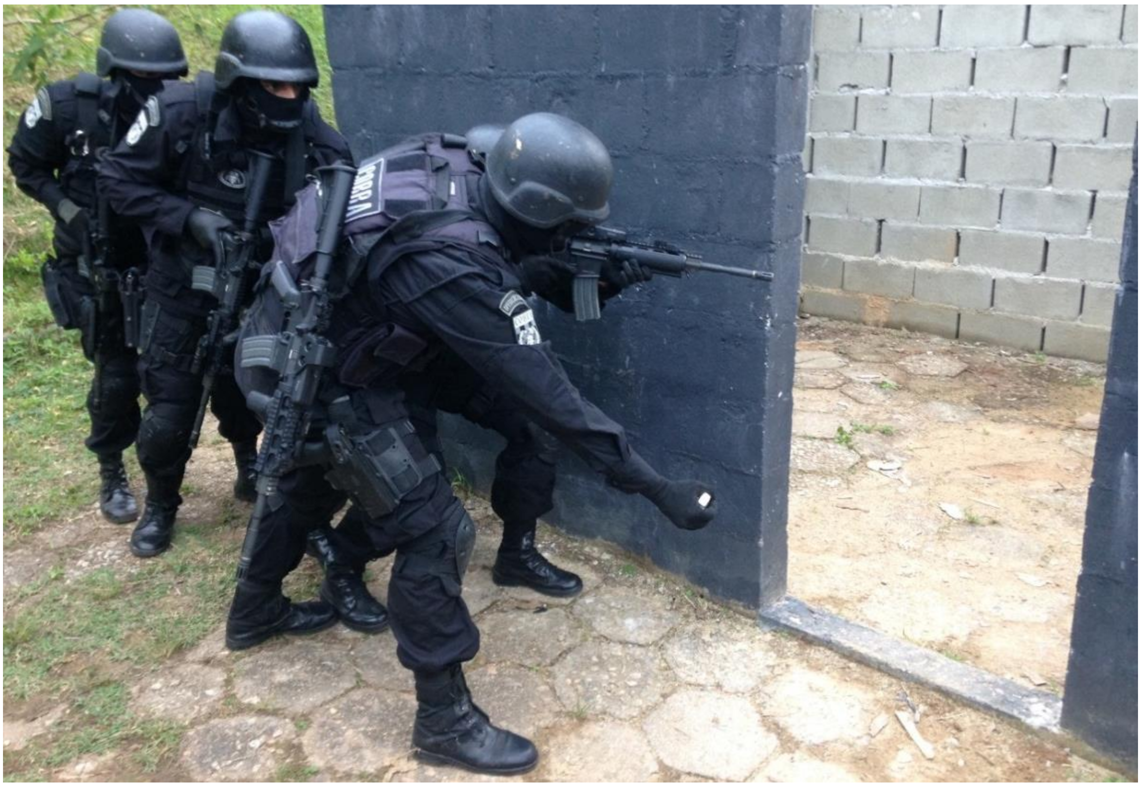


Figura 93 - Policial posicionado para o lançamento da granada

28. BRECHA

A finalidade da brecha ou arrombamento é abrir um caminho seguro, eficaz e consciente para a progressão da equipe em um ambiente confinado. Os alvos geralmente são portas, mas conforme as circunstâncias, também podem ser janelas, paredes e portões.

É valido lembrar que o policial militar deve sempre buscar o caminho mais fácil para adentrar ao ambiente, verificando manualmente se o obstáculo já se encontra aberto (girando a maçaneta de uma porta, por exemplo).

Os métodos de abertura consistem em quatro categorias:

28.1. MECÂNICA

Mecânica – com uso de ferramentas como aríete, marreta, *halligan*, corta-frio, serra automática, ganchos e correntes com uso de veículos, etc.

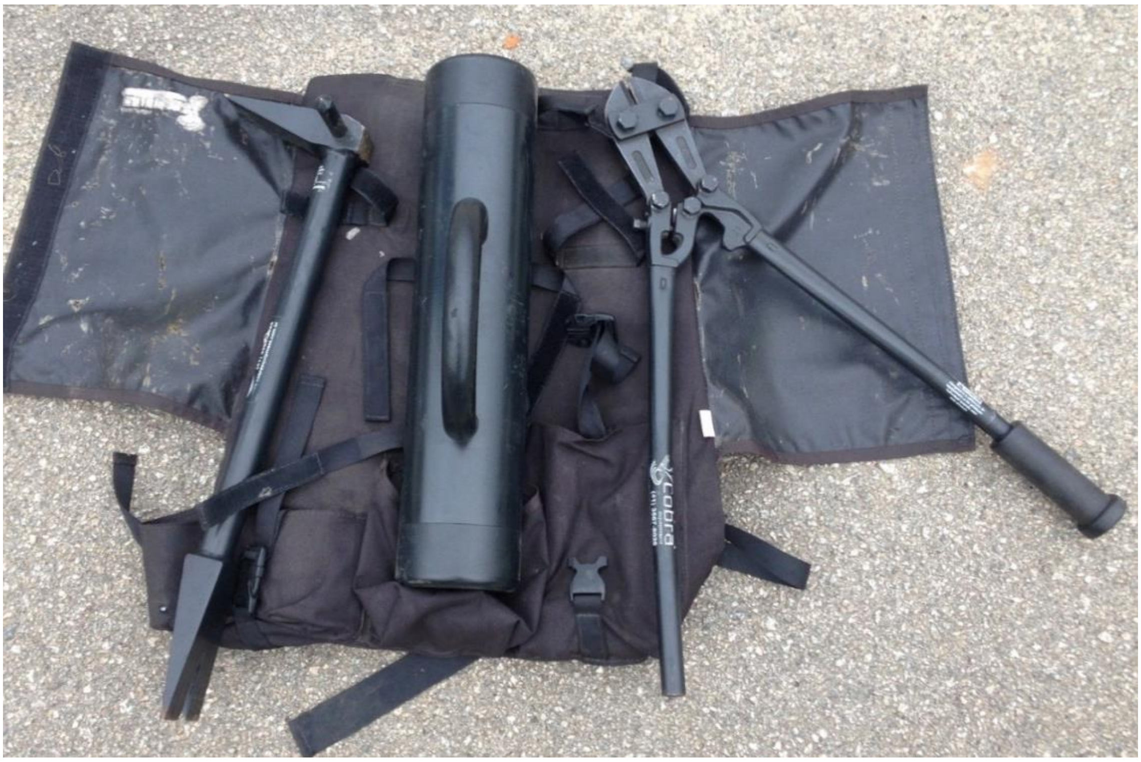


Figura 94 - Kit Arrombamento do COBRA

Destaca-se o "pé na porta", cotidianamente utilizado pelas guarnições, como um método mecânico, o qual o policial deve se preocupar, durante a execução, em não cair no cone da morte e permanecer abrigado pelo batente da porta.

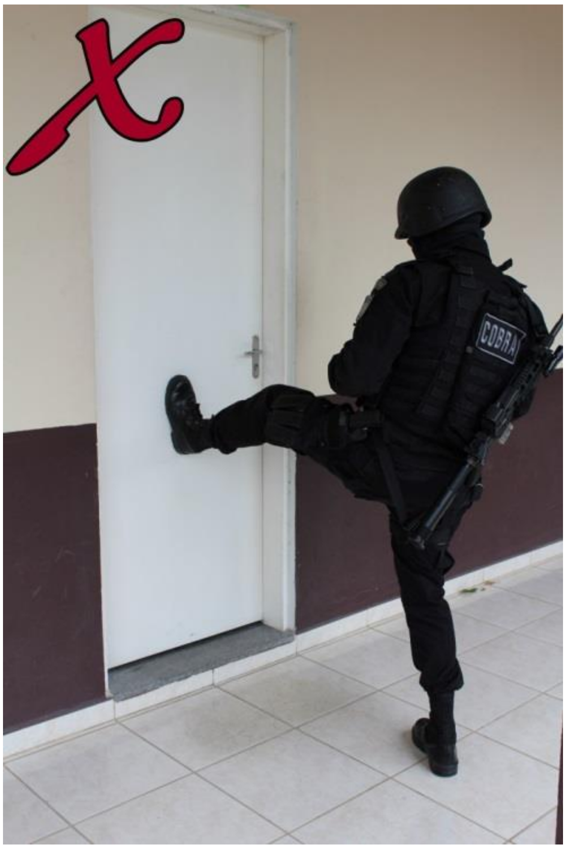


Figura 95 - Modo incorreto para arrombamento com os pés

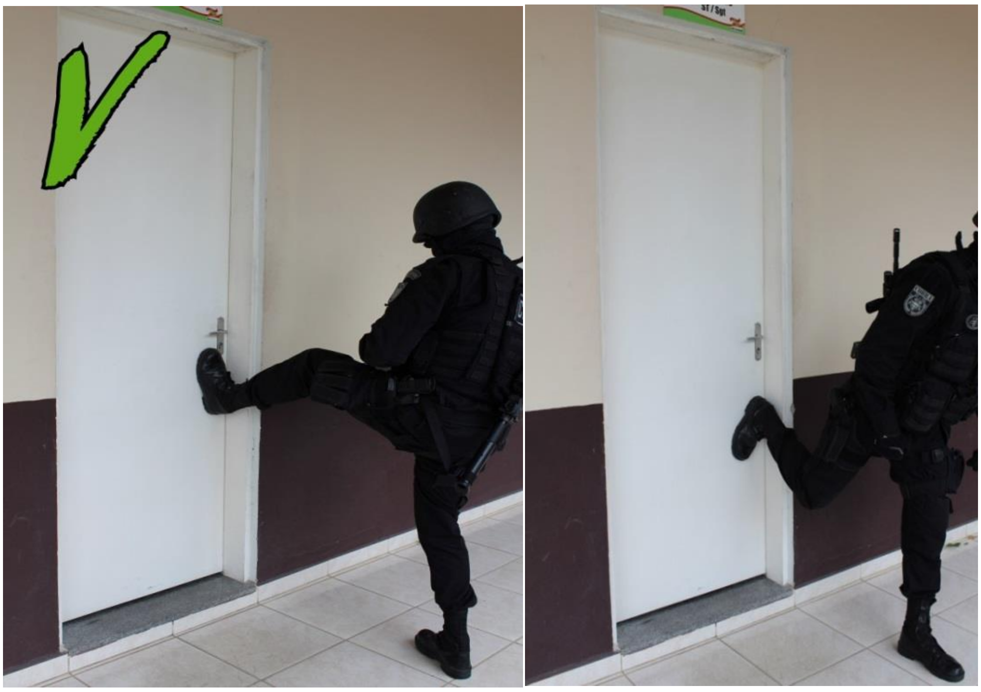


Figura 96 - Modo correto para arrombamento da porta com pés

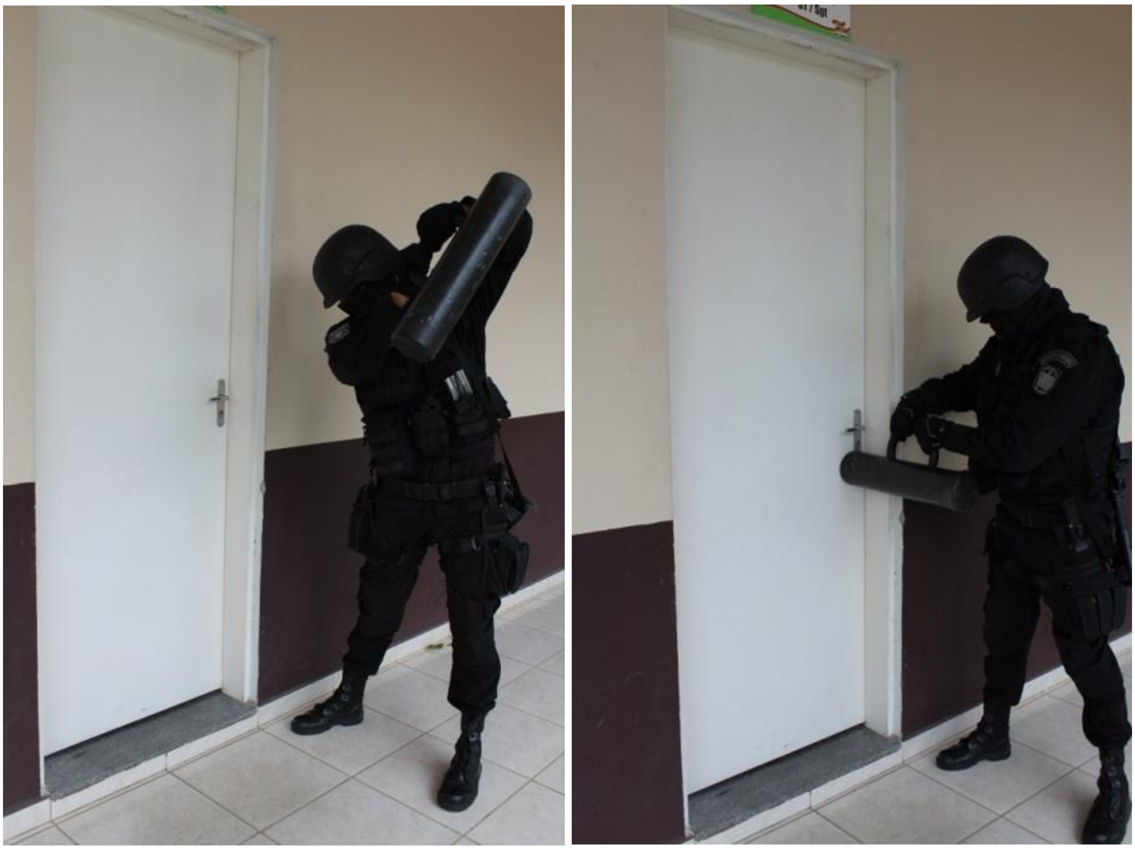


Figura 97 - Modo correto de emprego do aríete

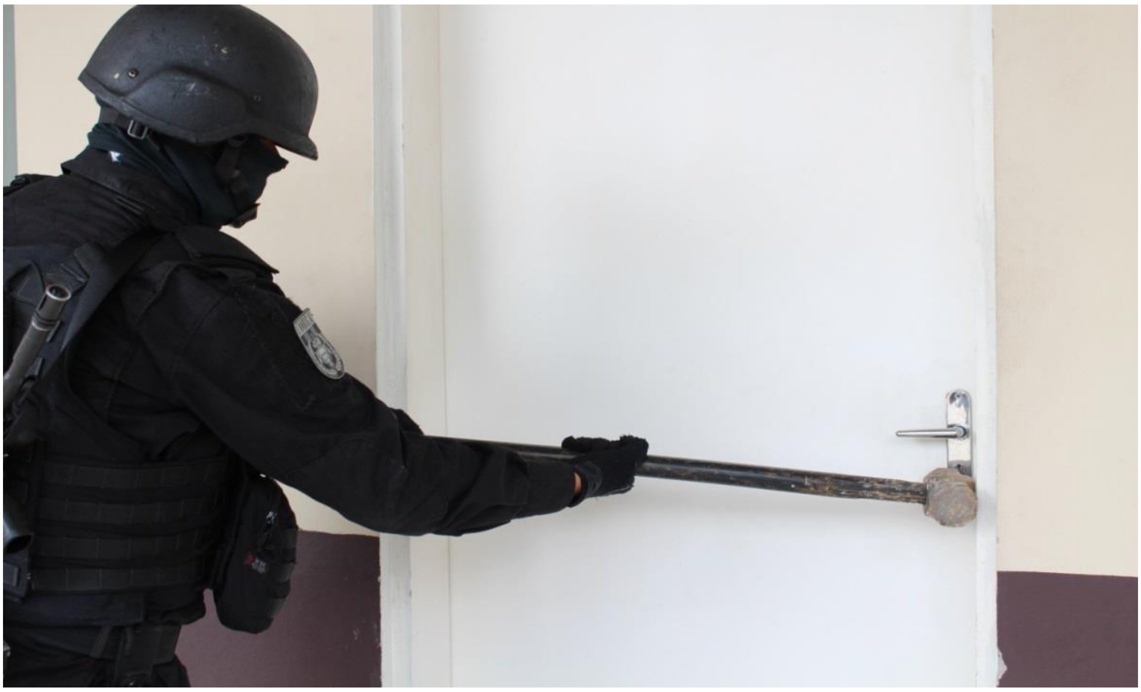


Figura 98- Arrombamento com emprego de marreta

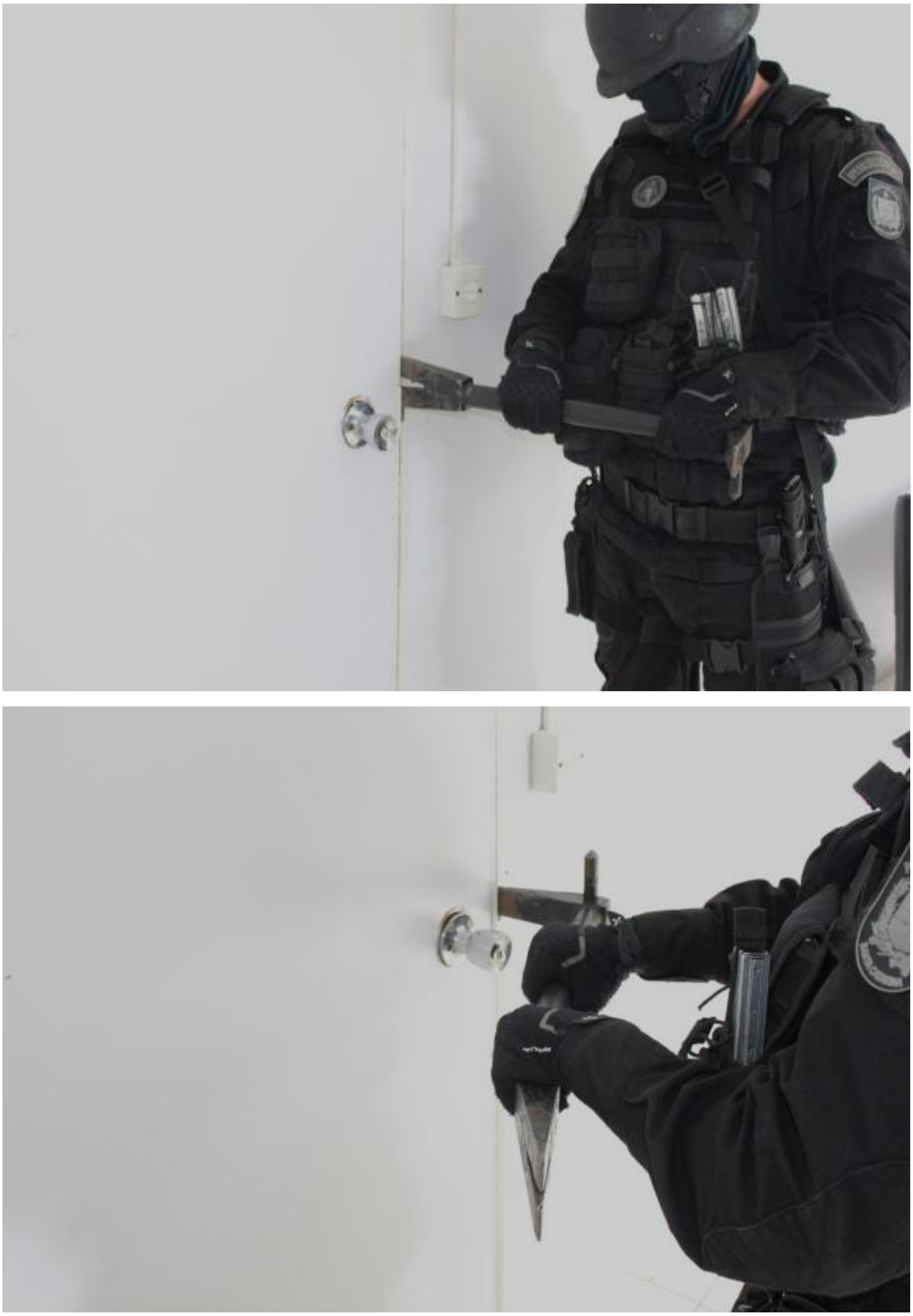


Figura 99 - Arrombamentos empregando halligan em porta com abertura “para fora”

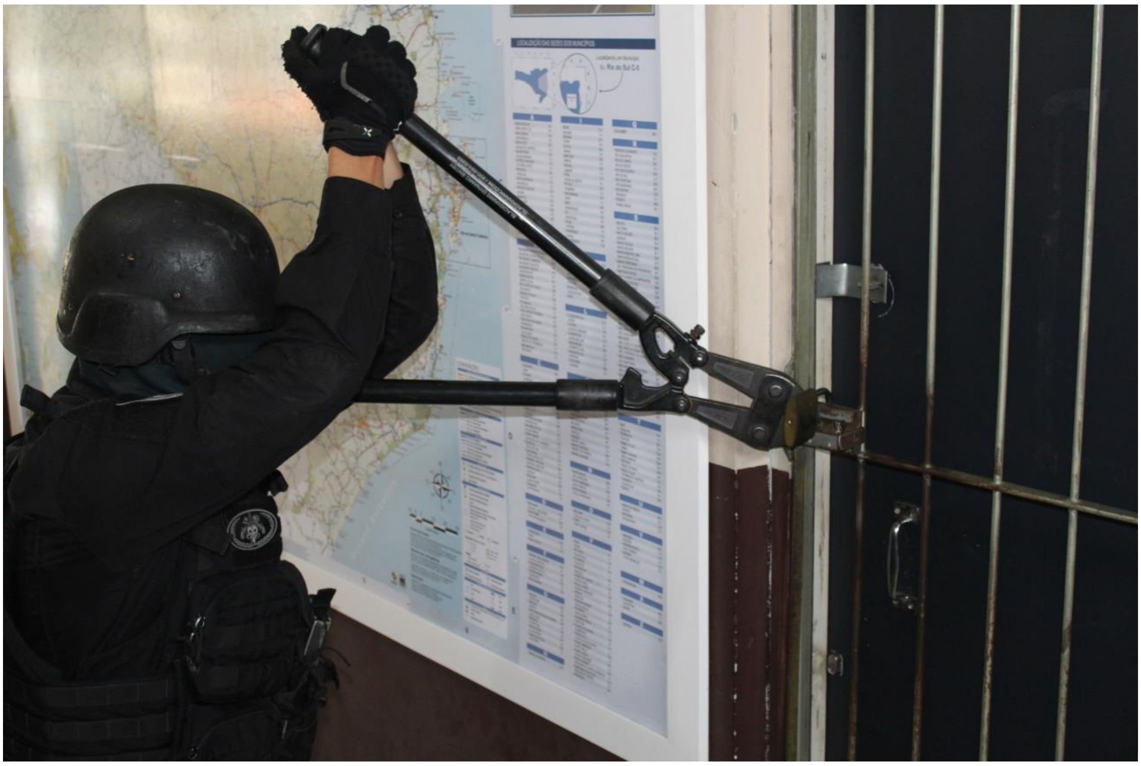


Figura 100 - Modo correto de emprego do alicate corta-frio em posição alta

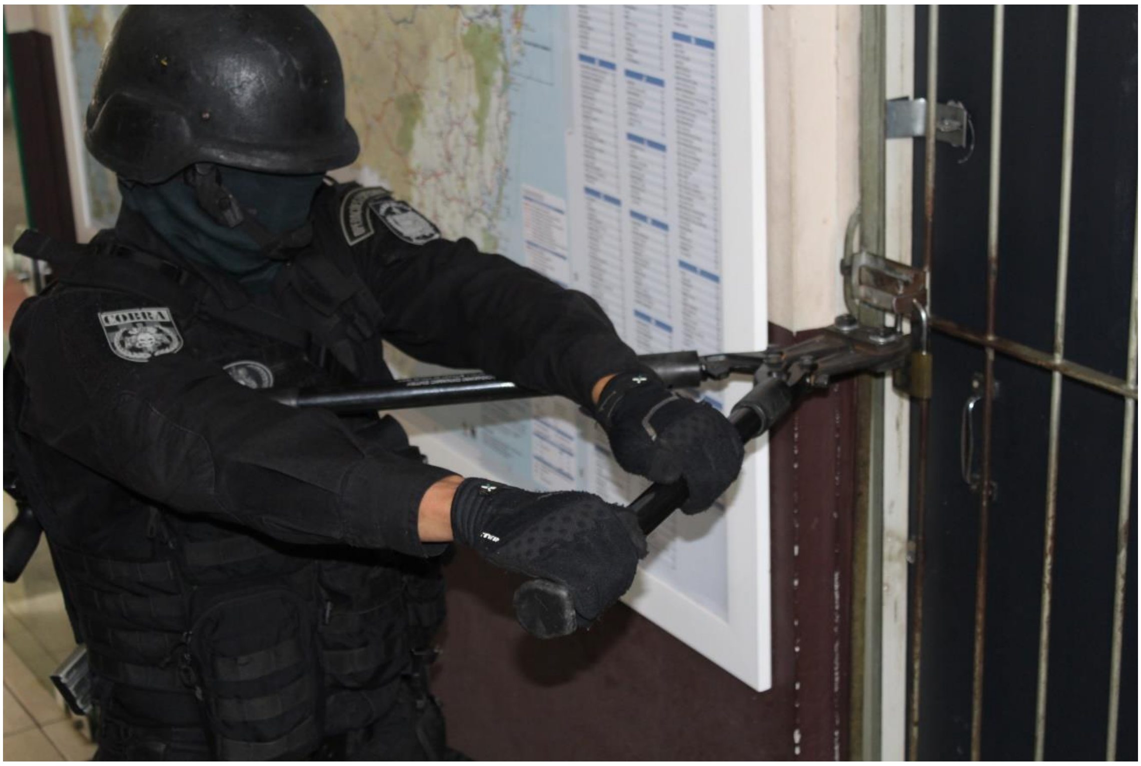


Figura 101 - Modo correto de emprego do alicate corta-frio em média altura

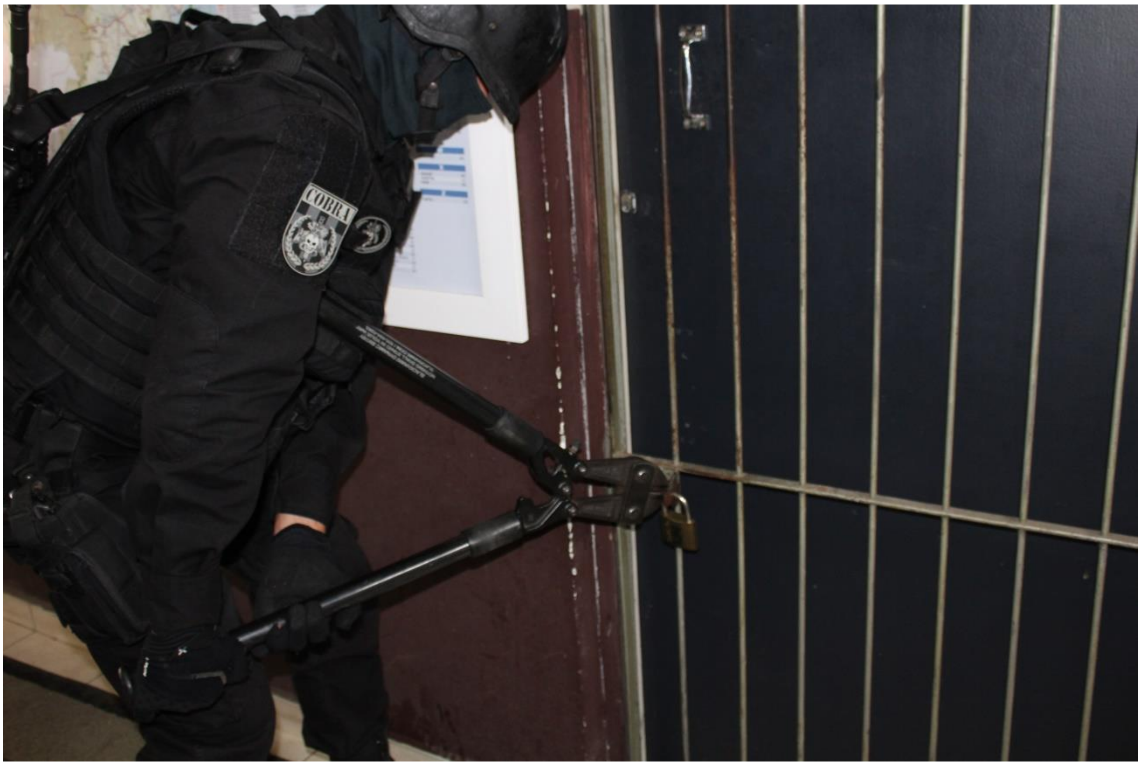


Figura 102 - Modo correto de emprego do alicate corta-frio em baixa altura

28.2. TÉRMICA

Térmica – uso de maçarico.

28.3. BALÍSTICA

Balística – uso de espingarda, munição de gesso e outras.

28.4. EXPLOSIVA

Explosiva – cargas preparadas com explosivos, os quais requerem conhecimento específico para emprego, cálculos de distâncias e de segurança e pressão interna.

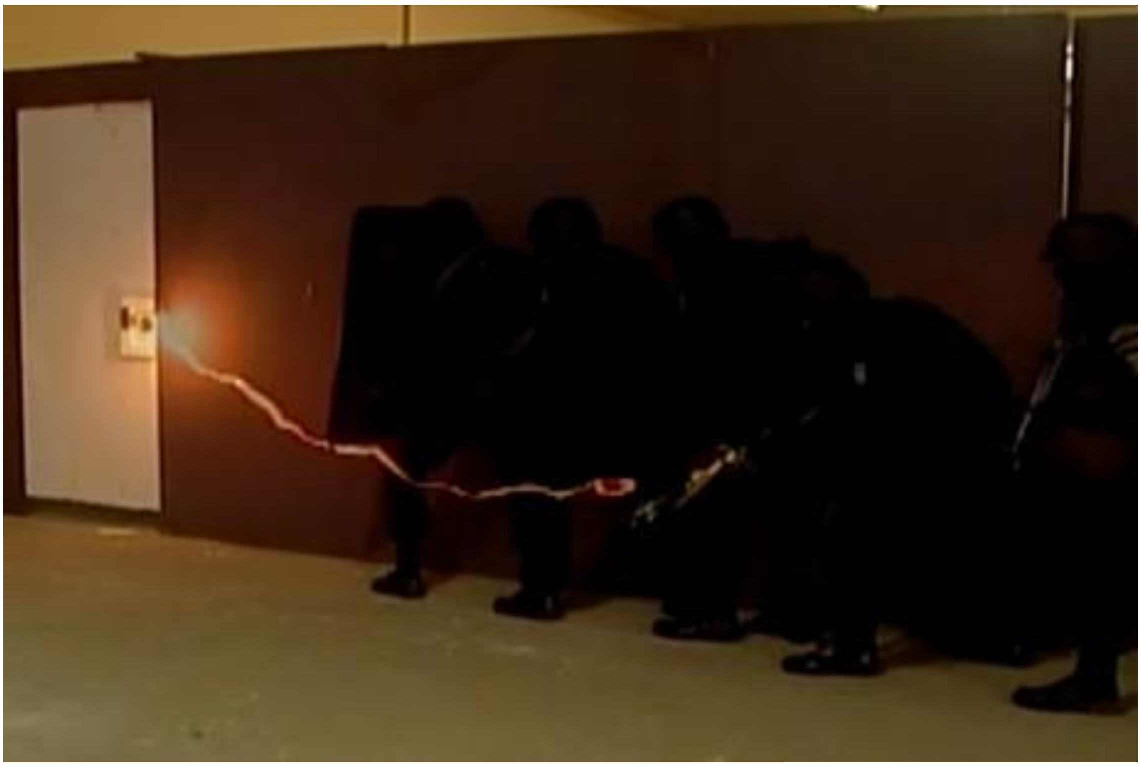


Figura 103 - Entrada explosiva com carga em "C"

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

PATRULHA URBANA

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 3 – PATRULHA URBANA

29. INTRODUÇÃO

O histórico da criminalidade no Brasil demonstra que locais anteriormente considerados pacatos e calmos atualmente apresentam pontos com altos índices de violência. Nas últimas décadas, é crescente a elevação da migração de massas populacionais em direção aos grandes centros urbanos.

Com o surgimento de novos aglomerados urbanos carentes, conhecidos por “comunidades”, “morros” ou “favelas”, também surgiram pontos estratégicos para o enraizamento da criminalidade, sobretudo com crimes ligados ao tráfico de drogas. Até porque, os aludidos locais carecem da presença estatal, sendo dominados por grupos criminosos ligados usualmente ao tráfico de drogas.

Nestas áreas, os criminosos passaram a fazer uso de armas com alto poder de fogo e de técnicas de guerrilha urbana durante o enfrentamento com as forças policiais. Assim, foi necessário o desenvolvimento e aperfeiçoamento de novas técnicas para o desenvolvimento das ações policiais nestes locais, buscando a segurança dos operadores, bem como a proteção da vida e a garantia da lei.

30. CONCEITO DE PATRULHA URBANA

É o grupo de policiais treinados para o cumprimento de missões em áreas urbanas, composto por pequenos efetivos com objetivos previamente definidos e portando equipamentos e armas específicas para cada missão.

31. COMPOSIÇÃO DA PATRULHA

A patrulha é formada pelos seguintes elementos:

31.1. ELEMENTOS DE COMANDO

Constituído por policiais necessários à coordenação da patrulha, tais como o comandante, o subcomandante e o “socorrista” (policial especializado em APH).

31.2. ELEMENTOS DE EXECUÇÃO

Serão os operadores da patrulha destinados ao cumprimento da missão, tais como os pontas, os alas, os tarefas especiais e os retaguardas.

A patrulha deve ser composta por, no mínimo, quatro operadores. É recomendável que as patrulhas tenham, no máximo, oito operadores, uma vez que a patrulha com número superior de operadores poderá causar adversidades para o controle dos operadores e para a dinâmica do deslocamento.

ATENÇÃO

Para a segurança dos policiais militares:

NÃO É PERMITIDA a realização de patrulha urbana em apenas dois ou menos operadores.

NÃO É RECOMENDÁVEL a realização de patrulha urbana em três operadores, especialmente considerando as técnicas desenvolvidas para o patrulhamento urbano, como é o caso de abordagem de indivíduo em atitude suspeita e o resgate de operador ferido.

31.3. COMPOSIÇÃO COM QUATRO OPERADORES

A patrulha com quatro operadores terá a seguinte divisão de funções:

- **1º homem/ Ponta 1:**

O ponta 1 é responsável pela segurança da vanguarda da patrulha, sendo o policial que conhece em detalhes o terreno e possui boa condição física. Ele também é quem direciona a patrulha e estabelece a velocidade do deslocamento. O ponta 1, normalmente, está equipado com arma primária (arma longa) e arma secundária (arma curta).

Além disso, usualmente é o ponta 1 quem responde à injusta agressão quando há o confronto armado e quem verbaliza quando a patrulha se depara com indivíduo em atitude suspeita.

- **2º homem/ Ponta 2:**

O ponta 2 também é responsável pela segurança de vanguarda (considerando a aplicação do princípio da ponta dupla) e também deve conhecer o terreno em detalhes e possuir boa condição física. O ponta 2, normalmente, está equipado com arma primária (arma longa) e arma secundária (arma curta).

Além disso, é o ponta 2 quem realiza a busca pessoal e a condução de pessoa detida durante as abordagens no decorrer da patrulha.

- **3º homem/ Comandante:**

O comandante é responsável pela patrulha, pelo apoio de fogo, pela segurança lateral, bem como pela definição do andamento da patrulha – a qualquer momento, o comandante pode redefinir o objetivo, a velocidade e a direção da patrulha.

É ele quem realiza a segurança do abordador durante as buscas pessoais, realizando a entrevista do abordado e as consultas necessárias – o Comandante deve estar portando rádio “HT”. Além disso, ele poderá assumir a ponta de vanguarda, juntamente com o ponta 1 nos casos de condução de pessoa detida.

- **4º homem/ Retaguarda:**

O retaguarda é responsável pela segurança de retaguarda.

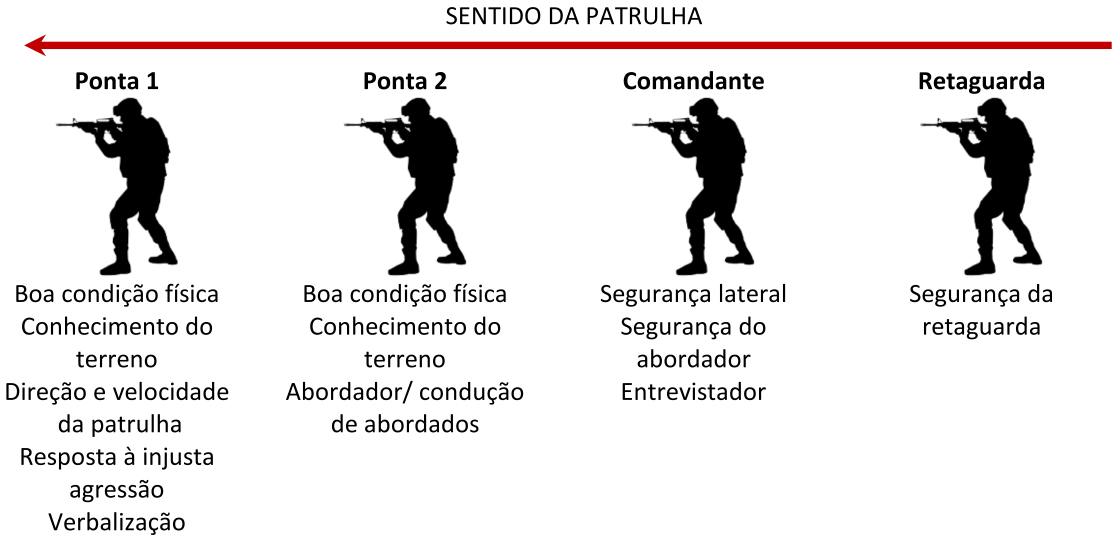

SENTIDO DA PATRULHA
Ponta 1
Ponta 2
Comandante
Retaguarda
Boa condição física
Conhecimento do terreno
Direção e velocidade da patrulha
Resposta à injusta agressão
Verbalização
Boa condição física
Conhecimento do terreno
Abordador/ condução de abordados
Segurança lateral
Segurança do abordador
Entrevistador
Segurança da retaguarda

Figura 104 - Composição de patrulha com quatro elementos

31.4. COMPOSIÇÃO COM OITO OPERADORES

A patrulha com oito operadores terá a seguinte divisão de funções:

- **1º homem/ Ponta 1:**

O ponta 1 é responsável pela segurança da vanguarda da patrulha, sendo o policial que conhece em detalhes o terreno e possui boa condição física. Ele também é quem direciona a patrulha e estabelece a velocidade do deslocamento. O ponta 1, normalmente, está equipado com arma primária (arma longa) e arma secundária (arma curta).

Além disso, usualmente é o ponta 1 quem responde à injusta agressão quando há o confronto armado, e quem verbaliza quando a patrulha se depara com indivíduo em atitude suspeita.

- **2º homem/ Ponta 2:**

O ponta 2 também é responsável pela segurança de vanguarda (considerando a aplicação do princípio da ponta dupla) e também deve conhecer o terreno em detalhes e possuir boa condição física. O ponta 2, normalmente, está equipado com arma primária (arma longa) e arma secundária (arma curta).

- **3º homem/ Comandante:**

O comandante é responsável pela patrulha, pelo apoio de fogo, pela segurança lateral, bem como pela definição do andamento da patrulha – a qualquer momento, o comandante pode redefinir o objetivo e a direção da patrulha.

- **4º homem/ Tarefas especiais:**

O tarefas especiais é responsável pela realização da busca pessoal durante as buscas pessoais, bem como pela condução de pessoas detidas. Ainda, é ele quem conduz os suprimentos e os materiais (munições, equipamentos auxiliares, utensílios de APH, apreensões, dentre outros).

- **5º homem/ Ala:**

O ala realiza a segurança do abordador durante as buscas pessoais e presta apoio de fogo nas laterais.

- **6º homem/ Subcomandante e Ala:**

O subcomandante presta apoio de fogo nas laterais e auxilia o comandante na execução das ordens, bem como no controle do efetivo.

- **7º homem/ Retaguarda:**

O retaguarda é responsável pela segurança de retaguarda.

- **8º homem/ Retaguarda:**

O retaguarda é responsável pela segurança de retaguarda.

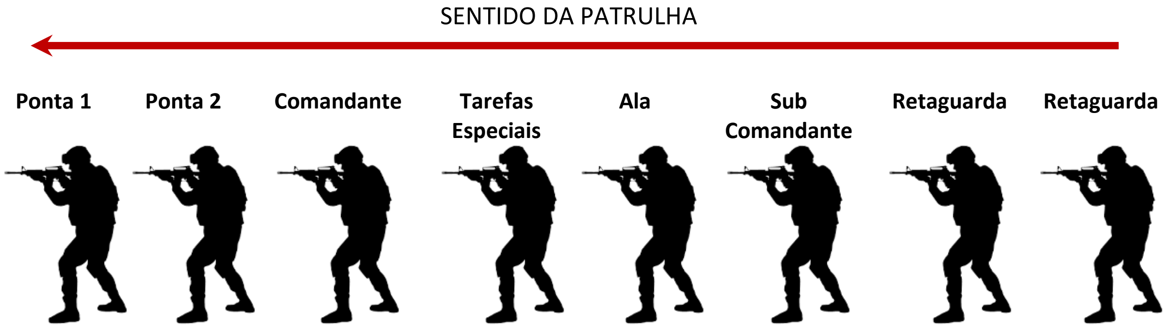

SENTIDO DA PATRULHA
Ponta 1
Ponta 2
Comandante
Tarefas Especiais
Ala
Sub Comandante
Retaguarda
Retaguarda

Figura 105 - Composição de patrulha com oito elementos

ATENÇÃO

Em relação às funções das patrulhas com cinco, seis ou sete operadores, caberá ao comandante determinar quais funções serão exercidas e quais funções serão suprimidas.

32. PLANEJAMENTO

O planejamento da patrulha urbana deve ser conciso e objetivo, uma vez que o patrulhamento urbano é atividade rotineira de equipe tática, sendo desenvolvidos inúmeros patrulhamentos urbanos durante o transcorrer do serviço.

33. *BRIEFING*

Antes do início da patrulha, o comandante, juntamente com a sua equipe tática, fará um planejamento mental rápido, o mais completo possível, e fará uma explanação verbal aos componentes da patrulha com o maior número de informações possíveis para o cumprimento da missão. Inclusive, o comandante poderá realizar o *briefing* na própria viatura em deslocamento para o local da patrulha, pois o *briefing* deverá ser conciso e objetivo, desde que repasse a todos os operadores as circunstâncias da patrulha. Para isso, deverão ser repassadas as seguintes informações:

- **Local (onde):** esclarecer a localidade da patrulha e as suas peculiaridades.

- **Data /horário e duração (quando):** quando necessário, estabelecer a data e o horário da patrulha, bem como o tempo que permanecerão na localidade**.**

- **Motivo (por que):** a motivação para a realização da patrulha (exemplo: local de elevado comércio de drogas).

- **Alvos (quem)**: a identificação de possíveis agentes criminosos, caso sejam identificados.

- **Objetivo (o que):** o que a patrulha pretende alcançar (exemplo: prisão de traficantes de drogas)

- **Trajeto (como):** o itinerário a ser percorrido pela patrulha, bem como a tática a ser empregada (exemplo: incursão pela rua alpha, saindo pela servidão bravo).

34. *DEBRIEFING*

Após a realização da patrulha, o comandante deverá estimular a análise da ação, debatendo os pontos positivos e os pontos negativos, os acertos e os erros, bem como o alcance dos objetivos definidos, de modo a buscar a melhora na realização do patrulhamento urbano.

35. TÁTICAS UTILIZADAS

35.1. INCURSÃO

A incursão envolve uma penetração de surpresa em área sob controle criminoso, com uma finalidade específica, terminando com uma retirada planejada. É a missão de maior envergadura que pode ser atribuída a uma patrulha.

35.2. ENVOLVIMENTO/CERCO

O envolvimento é realizado por várias patrulhas, visando encurralar suspeitos por meio de uma pressão por todos os lados.

35.3. OCUPAÇÃO

A ocupação é o restabelecimento da ordem pública pela ocupação do local. Normalmente, é realizada após a incursão.

35.4. CONTENÇÃO

A contenção procura conter o avanço de um grupo de criminosos, fazendo-os recuar.

35.5. MARTELO E BIGORNA

O martelo e bigorna ocorre quando duas patrulhas deslocam em sentido contrário encurralando os criminosos. É muito importante que ambas as patrulhas tenham atenção com a possibilidade de confronto armado em razão da possibilidade de incidente de tiro.

35.6. CAVALO DE TRÓIA

O cavalo de Tróia acontece quando, após o deslocamento até determinada área de domínio criminoso, parte da patrulha fica oculta no ambiente, sem que os criminosos saibam. É muito importante que a patrulha possua elevado número de operadores, a fim de que permaneça oculto no local número suficiente de operadores a fim de garantir a segurança.

36. CONCEITOS TÉCNICOS E TÁTICOS APLICADOS À PATRULHA URBANA

A observância de procedimentos técnicos e táticos à conduta de patrulha possui importância à fluidez da patrulha, bem como à padronização e à segurança dos operadores.

36.1. VISÃO PERIFÉRICA

É a capacidade de o operador ampliar o campo visual, não restringindo a visão somente ao foco inicial.

36.2. CONTROLE DE ARMA / CONTROLE DE CANO

É o domínio no manuseio do armamento – especialmente do cano do armamento – com objetivo de evitar que seja apontado para os demais operadores e para inocentes.

36.3. TROCA DE EMPUNHADURA

É o movimento aplicado em armas primárias (longas) pelo qual há a modificação do apoio e da maneira de segurar a arma longa com a finalidade de realizar a tomada de ângulo para o lado oposto.

O movimento consiste em trocar o lado do corpo para apoio e inverter a mão fraca pela mão forte no armamento. Em armas secundárias (curtas), não há a necessidade de troca da empunhadura.

ATENÇÃO

Existem duas maneiras de inverter a mão fraca pela mão forte em armas primárias (longas):

1 A mão forte vai ao guarda mão e depois a mão fraca vem ao punho: o peso do armamento não dificulta a troca de empunhadura por conta do ponto de equilíbrio.

2 A mão fraca vem ao punho e a mão forte vai ao guarda mão: a possibilidade de realizar disparos é constante, pois sempre haverá uma mão no punho do armamento.

Sabendo das duas hipóteses, cabe ao operador treinar e analisar qual é a mais adequada para execução.

36.4. VARREDURAS

Os procedimentos de varredura representam importantes conceitos táticos a serem empregados durante os deslocamentos. As técnicas de varredura são a tomada de ângulo, a utilização de espelho e a olhada rápida. Considerando o patrulhamento urbano, é correto dizer que a tomada de ângulo possui especial importância, uma vez que é a varredura mais utilizada durante as progressões.

A respeito da tomada de ângulo, destaca-se a necessidade de execução com afastamento das paredes laterais – quanto mais próximo da parede, menor será p ângulo de visão, conforme figura abaixo:

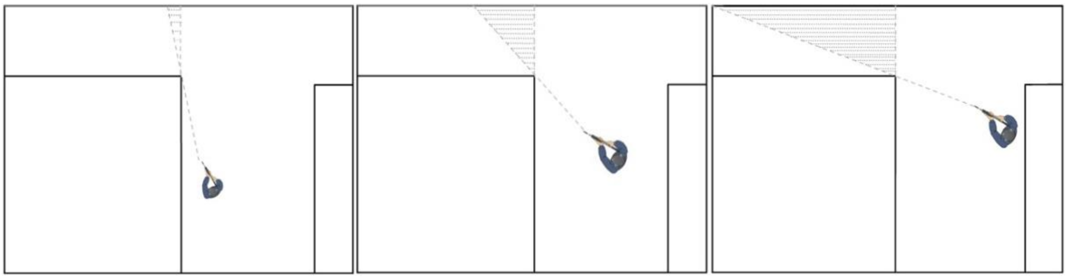


Figura 106 - Tomada de ângulo

ATENÇÃO

A tomada de ângulo para a entrada em becos/ bifurcações na progressão centopeia e ponto a ponto, a ser realizada conjuntamente com o ponta 2, poderá ser realizada com proximidade das paredes laterais, uma vez que o ponta 1, em posição torre ou agachado, ficará sob o armamento do ponta 2, evitando, com isso, incidente de tiro em razão do confronto armado.

Com relação à olhada rápida, deve ser executada de maneira breve e, quando possível, com o acompanhamento do armamento, com o objetivo de expor o operador pouco tempo ao risco. Ressalte-se que, caso surja a necessidade de realizar nova olhada rápida, o operador deve modificar o nível (caso tenha realizado na posição torre, deve realizar na posição em pé).

Finalmente, sobre a utilização de espelho, é a técnica de varredura menos utilizada, uma vez que raramente o operador dispõe do equipamento para a utilização. Contudo, caso o operador disponha do material, ele deve ser utilizado em situação de extremo risco ou necessidade, uma vez que a realização da técnica irá interromper o deslocamento da patrulha.

36.5. POSIÇÃO "HIGH LOW"

É a posição em que o primeiro operador adota a posição torre e, o segundo operador, logo atrás do primeiro operador, adota posição em pé, potencializando o poder de fogo com aproveitamento da redução da silhueta.

36.6. CAMINHADA TÁTICA

É a caminhada em que o operador está em posição de caçador com o armamento em pronto emprego, silhueta levemente reduzida e joelhos semiflexionados, sem que haja variação de altura durante a movimentação. Destaca-se que os pés tocam o solo na ordem "calcanhar, planta e ponta". A caminhada tática é utilizada durante o patrulhamento urbano quando há o risco de localização de agentes criminosos, uma vez que causa elevado desgaste físico.

Fora das limitações da área de risco, antes de iniciar ou após a progressão, o policial deve adotar uma variação da caminhada tática alterando sua plataforma de tiro com variação entre as posições pronto baixo e retenção, como forma de preservar sua boa condição física. Além disso, caminha-se quase que normalmente, buscando uma menor variação de altura, contudo, sem o rigor da postura tática durante a caminhada.

36.7. MOBILIDADE DO PONTA 2

É a função exercida pelo ponta 2 na progressão centopeia durante a cobertura de beco à direita ou à esquerda, em que o ponta 2, posicionado em ponta dupla com o ponta 1, realiza o controle de arma e passa por trás do ponta 1 para cobrir os becos que surgem durante o patrulhamento.

36.8. SIAMESA CORPO/CANO DA ARMA

É a técnica utilizada para a transposição de beco à direita ou à esquerda em que o ponta 2 fica com o corpo alinhado ao cano da arma do ponta 1, objetivando, com isso, que não haja exposição prematuramente do cano da arma, denunciando a presença da patrulha.

36.9. SIAMESA OMBRO A OMBRO

É a técnica utilizada para a transposição de encruzilhada em que o ponta 1 e o ponta 2 fica ombro a ombro, cada um com um beco como área de responsabilidade e ambos mantendo a visão periférica à frente.

36.10. PONTA DUPLA

É a formação da vanguarda por dois policiais, que irão se apoiar mutuamente na cobertura da parte frontal durante os deslocamentos. O ponta 1 ficará mais à frente enquanto que o ponta 2 ficará um pouco mais atrás (para facilitar a mobilidade durante a transposição de becos e vielas), mas manterá o cano de seu armamento passando o tronco do ponta 1 para evitar quaisquer incidentes de tiro.

36.11. CARROSSEL

"Arma baixa quando arma sobe"

(progressão centopeia)

É a execução da posição de pronto emprego com o armamento pelo operador para a transposição de beco ou viela, sendo que somente desfaz após o operador que lhe sucede realizar a cobertura do beco ou viela com o armamento na posição de pronto emprego. Busca-se uma sincronia de movimentos. Por sua dinâmica, é empregado durante progressão centopeia.

36.12. CONFERE

Aplicado somente na progressão ponto a ponto, é o momento em que o operador estará na posição torre durante o *high-low* e, antes de se movimentar para sair do ponto, deverá conferir o direcionamento do armamento do policial, que está em pé realizando a cobertura, com o objetivo de realizar a saída fora do direcionamento do armamento.

36.13. SAÍDA LATERAL

Aplicado somente na progressão ponto a ponto, é o momento em que o operador estará na posição torre durante o *high-low* e, ao se movimentar para sair do ponto, deverá sair lateralmente a fim de evitar ficar em frente do armamento do operador que está na posição em pé. Esta técnica é aplicada conjuntamente à técnica do confere.

36.14. LANÇO

Aplicado somente na progressão ponto a ponto, é o momento em que o operador realiza deslocamento curto e rápido entre duas posições abrigadas ou cobertas. Deve ser realizado em um movimento decidido, uma vez que indecisões podem ser fatais. Por isso, antes de iniciar um lanço, o operador deverá fazer um cuidadoso estudo de situação para evitar uma indecisão no decorrer do deslocamento.

36.15. LANÇO COM RETENÇÃO

Aplicado somente na progressão ponto a ponto, é o momento em que, durante os lanços de deslocamentos entre dois pontos, o operador poderá, se for o caso, adotar a posição de retenção do armamento junto ao seu corpo com o objetivo de realizar o lanço o mais rápido possível.

37. FORMAÇÕES

As formações da patrulha urbana podem ser adaptadas para o número de policiais existentes no momento da operação. Contudo, recomenda-se o número mínimo de 4 (quatro) operadores para que sejam respeitados os procedimentos técnicas e de segurança.

Em todas as formações, as distâncias entre os elementos não são rígidas, normalmente são ditadas pelos mesmos fatores que influenciam na escolha da formação utilizada (frequência de transposição de becos e vielas, número de edificações elevadas, dentre outros).

A escolha da formação a ser utilizada será definida pelo comandante, previamente ou até mesmo no momento da operação, após o conhecimento do terreno e informes sobre o local.

Considerando as características da patrulha urbana e dos terrenos urbanos, tem-se a formação em coluna adotada para a esmagadora maioria dos casos. A formação em coluna permite melhor controle e velocidade de deslocamento e maior potência de fogo nos flancos e facilidades nas ações laterais. É normalmente utilizada em ambientes urbanos para progressões centopeias ou ponto a ponto.

Além da formação em coluna, é possível adotar as formações em linha, losango, triângulo, cunha, escalões à direita e à esquerda, e linhas duplas paralelas. Entretanto, a aplicação dessas formações deve ser adequada ao objetivo para o qual é realizada a patrulha, pois, como mencionado, a formação em coluna atende às necessidades do patrulhamento no ambiente urbano.

38. DESLOCAMENTOS

Os deslocamentos são realizados com a execução de três atividades simultâneas:

ATENÇÃO

P	**L**	**O**
Progressão	Ligação	Observação

A progressão significa o deslocamento com cobertura, utilizando, sempre que possível, as cobertas e os abrigos existentes, bem como mantendo a disciplina de luzes e sons.

A ligação representa a interação com o operador que os demais operadores, especialmente aqueles que o sucedem, ficando atento à comunicação das informações, as quais devem ser repassadas.

A observação reflete a necessidade de o operador manter atenção aos perigos imediatos que surgirem, comunicando-os aos demais operadores.

38.1. FATORES RELEVANTES PARA O DESLOCAMENTO

Alguns fatores são relevantes para o deslocamento da patrulha, devendo ser considerados no momento do planejamento do patrulhamento, como é o caso das condições meteorológicas, das vias de acesso ao objetivo, das coberturas e dos abrigos, das regiões de mata fechada, dos locais sem iluminação, do crepúsculo inicial e final, do histórico de confronto armado, da presença de domínio de facções criminosas, dentre outros fatores relevantes.

Ainda, é importante destacar como fator relevante o tipo de terreno a ser patrulhado. Conforme mencionado anteriormente, a disposição espacial do terreno pode ser vertical (encosta) ou horizontal (plano).

O terreno vertical (encosta) é caracterizado pela presença de subidas/ escadarias íngremes, sendo que a presença na parte superior garante superioridade em relação à visualização do cenário. A presença policial, normalmente, ocorre com a tomada da base e a subida progressiva.

O operador, nesse caso, necessita de um condicionamento físico muito bom. O terreno proporciona melhor orientação em virtude dos referenciais, facilidade do apoio de fogo, bem como grande quantidade de becos e escadas. Na maioria dos casos, não se tem acesso por meio de veículos.

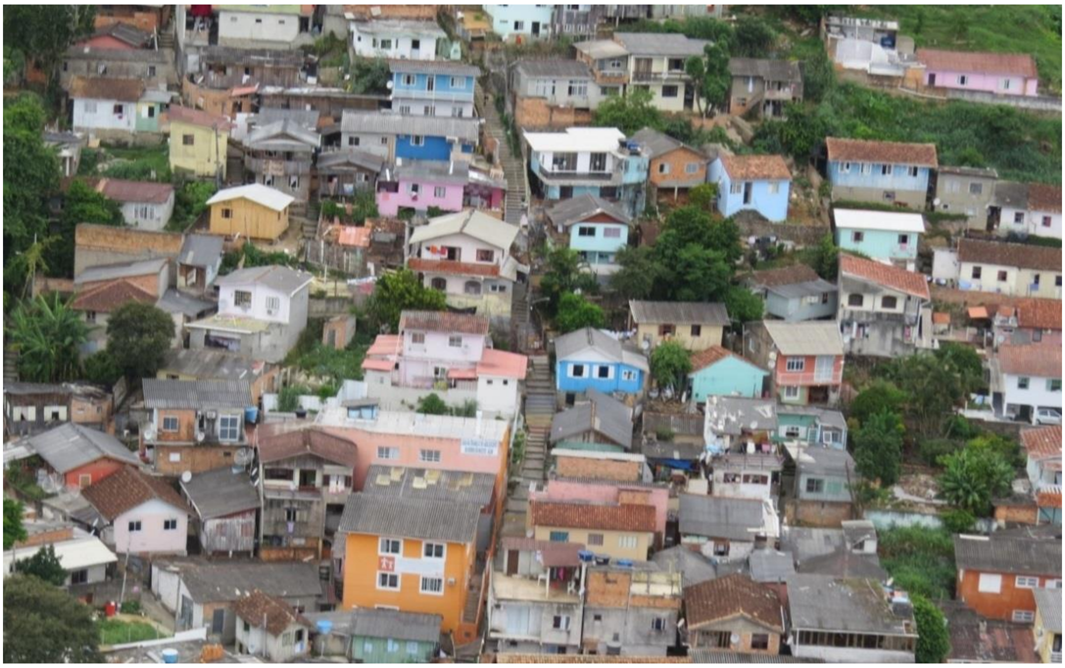


Figura 107 - Morro da Caixa Continente – Florianópolis

O terreno horizontal (plano) é caracterizado por inúmeros acessos, o que garante a presença policial com a tomada de vários pontos. Contudo, o terreno proporciona problemas de orientação por falta de referencial. Como vantagem, tem-se a possibilidade de entrada de viaturas, uma vez que a maioria das ruas é pavimentada e possui boa largura.

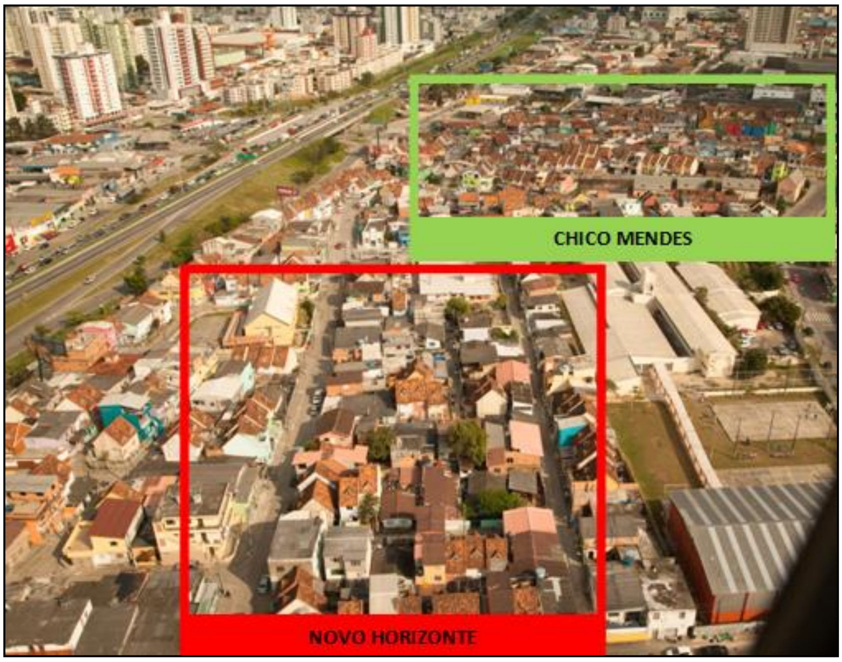


Figura 108 - Comunidades Chico Mendes e Novo Horizonte - Florianópolis

39. TIPOS DE PROGRESSÃO

Existem três tipos de progressão que podem ser adotados de acordo com fatores influenciadores, tais como o terreno, o objetivo, a presença de criminosos, dentre outros. Assim, têm-se as progressões centopeia, ponto a ponto e híbrida.

39.1. PROGRESSÃO CENTOPEIA

Todos os operadores deslocam juntos a uma distância razoável entre os homens, cada um tomando conta de sua área de responsabilidade - este tipo de deslocamento é feito em áreas que não ofereçam grande perigo.

39.1.1. TRANSPOSIÇÃO DE BECOS À DIREITA OU À ESQUERDA

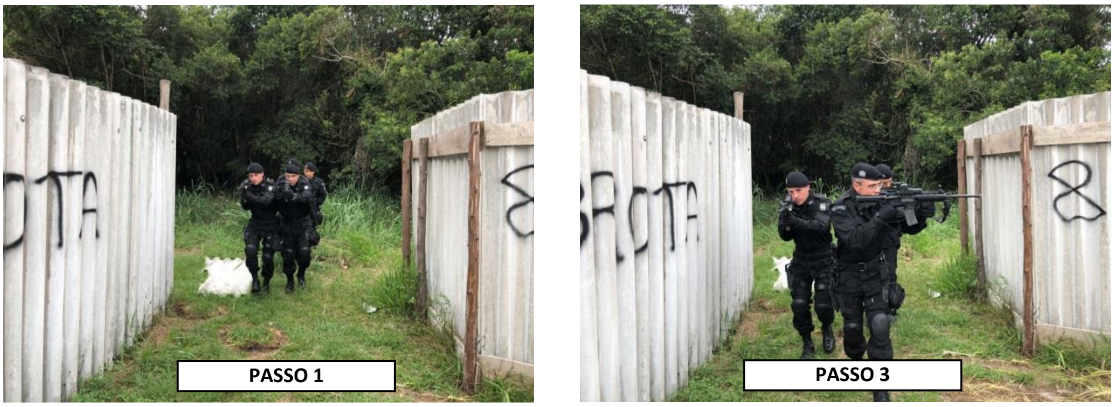
1 Deslocamento da patrulha.

2 Visualização do beco à direita ou à esquerda.

3 O ponta 2 realiza a siamesa corpo/ cano da arma com ponta 1 e transpõe o beco.

4 Os demais operadores que sucedem o ponta 2 realizam o carrossel.

5 O ponta 2 retorna à posição original da patrulha.



Figuras 109 e 110 - Transposição de becos à direita ou à esquerda

39.1.2. TRANSPOSIÇÃO DE ENCRUZILHADA

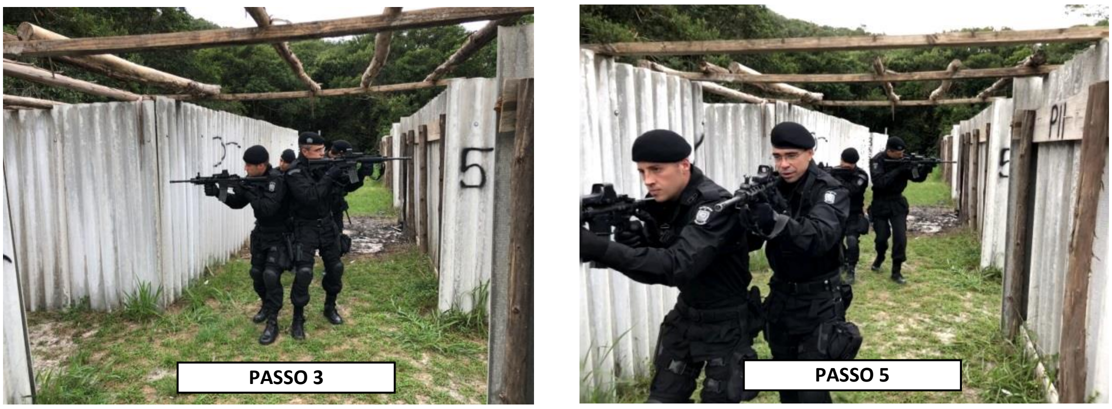
1 Deslocamento da patrulha.

2 Visualização da encruzilhada.

3 O ponta 2 realiza a siamesa ombro/ ombro com ponta 1 e transpõe o beco.

4 Os demais operadores que sucedem o ponta 2 realizam siamesa ombro/ ombro.

5 O ponta 2 retorna à posição original da patrulha.



Figuras 111 e 112 - Transposição de encruzilhada

ATENÇÃO

Quando a patrulha estiver em número ímpar de operadores, o retaguarda fará a transposição junto da última dupla de siamesa. Nesse caso, o retaguarda não estará com o armamento em pronto emprego e nem caminhará de costas.

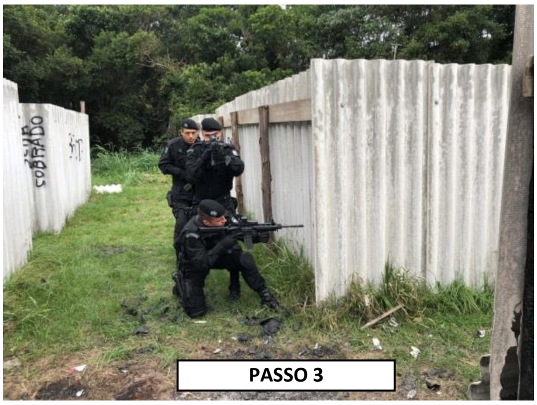
39.1.3. ENTRADA EM BECOS

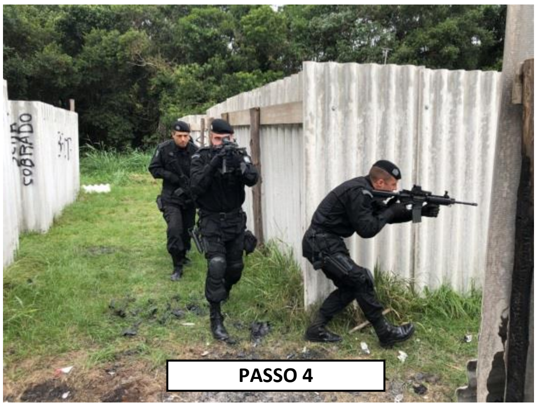
1 Deslocamento da patrulha.

2 Visualização do beco à direita ou à esquerda.

3 O ponta 1, em posição torre ou agachado, toma ângulo para a direção que deseja tomar, enquanto que o ponta 2, em posição em pé, mantém a cobertura à frente.

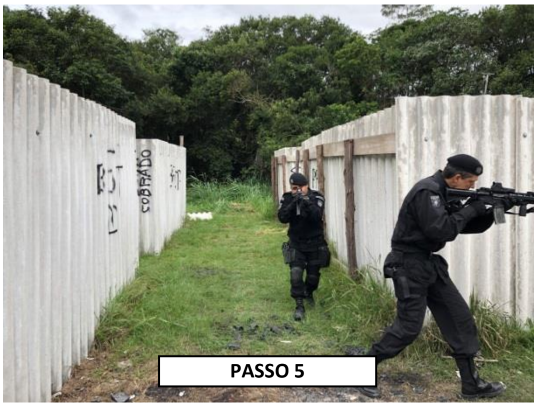
4 Após a tomada de ângulo, o ponta 1 entra no beco.


PASSO 3


PASSO 4

5 O ponta 2 segue o ponta 1 e os demais operadores realizam o carrossel.

6 Os operadores retornam à posição original da patrulha.



Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 113, 114 e 115 - Entrada em becos.

ATENÇÃO

O afastamento da parede na tomada de ângulo poderá ser maior (permite melhor visualização do beco) ou menor (mantém o ponta 2 abaixo da arma do ponta 1, garantindo extrema segurança em caso de confronto armado).

39.1.4. ENTRADA EM BECO DE BIFURCAÇÃO/ENCRUZILHADA

1 Deslocamento da patrulha.

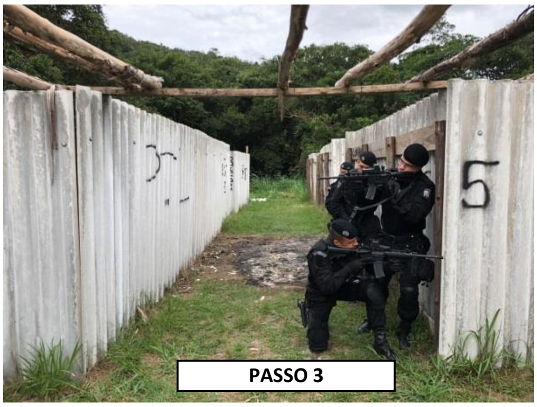
2 Visualização do beco de bifurcação ou da encruzilhada.

3 O ponta 1, em posição torre ou agachado, toma ângulo, enquanto que o ponta 2, em posição em pé, mantém a cobertura para o lado oposto (cobertura das costas do ponta 1).

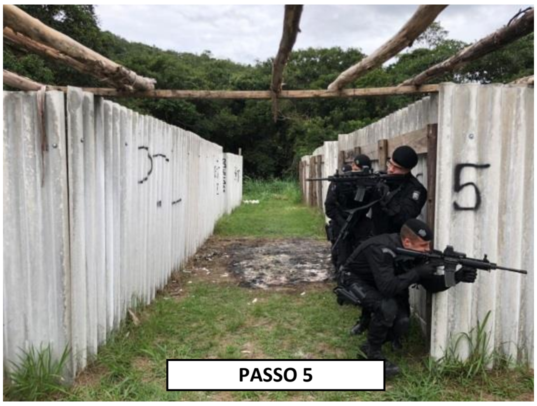
3.1 No caso de encruzilhada, a frente será coberta com a visão periférica.

4 Após a tomada de ângulo pelos pontas 1 e 2, o ponta 1 comunicará o ponta 2 (verbal ou por gestos) para que ambos se projetem para dentro dos becos simultaneamente.

5 Após a projeção simultânea e a visualização do beco, o ponta 1 imediatamente prosseguirá.



PASSO 3

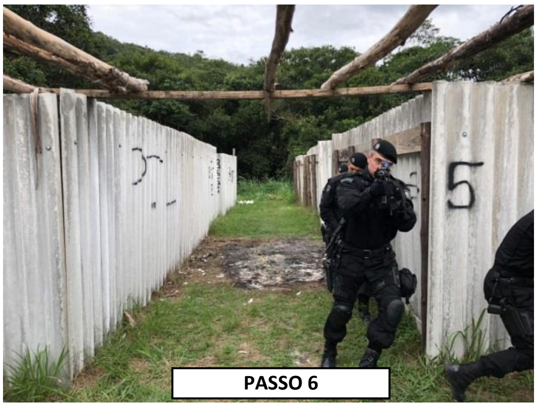


PASSO 5

6 O ponta 2 segue o ponta 1 e os demais operadores realizam o carrossel.

6.1 No caso da encruzilhada, o ponta 2 também realiza a varredura do beco à frente, sendo seguido pelos demais operadores no carrossel (varredura dos becos em que o ponta 2 realizou a varreduras).

7 Os operadores retornam à posição original da patrulha.



PASSO 6

Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 116, 117 e 118 - Entrada em beco de bifurcação/encruzilhada.

39.2. PROGRESSÃO PONTO A PONTO

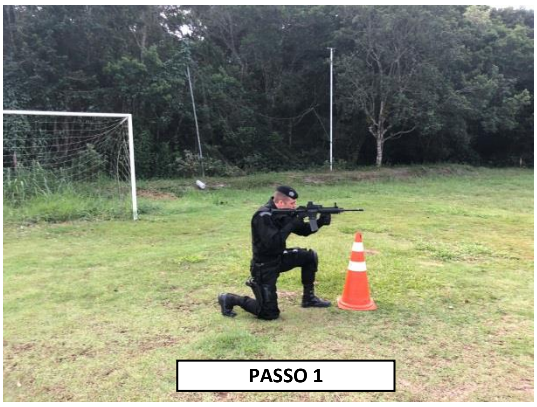
A progressão ponto a ponto compromete a mobilidade da patrulha, mas beneficia o sigilo e a segurança dos operadores. Ela deve ser executada com o estudo de lanço, devendo cada operador ter a cobertura do seu sucessor.

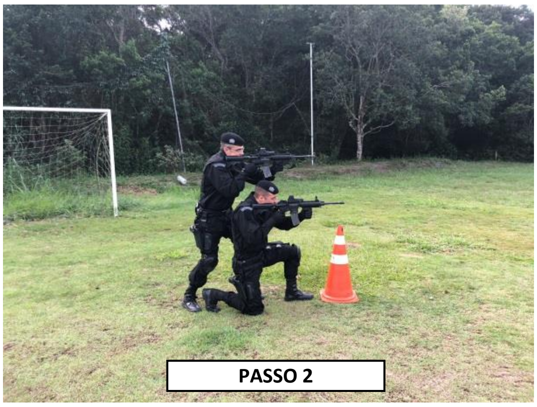
O deslocamento deve ser feito preferencialmente em curtas distâncias, uma vez que este tipo de progressão causa grande desgaste físico aos operadores.

39.2.1. DESLOCAMENTO PONTO A PONTO

1 O ponta 1 toma o abrigo em posição torre.

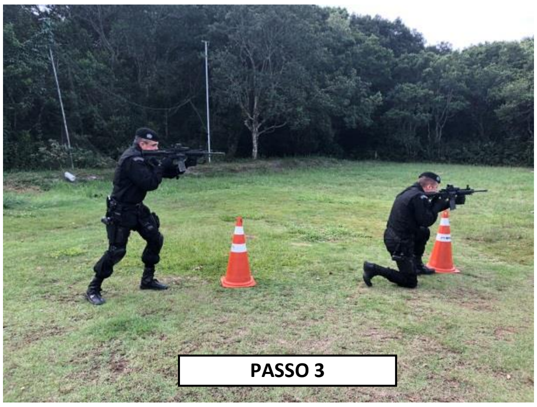
2 O ponta 2 compõe a posição *high-low* com o ponta 1.

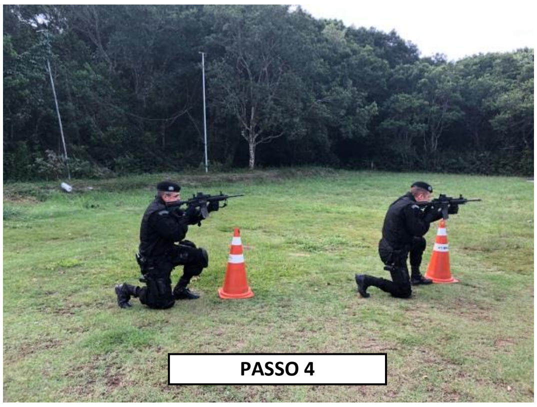




3 O ponta 1 faz o confere e a saída lateral, avançando em lanço com retenção para o próximo abrigo e assume a posição torre.

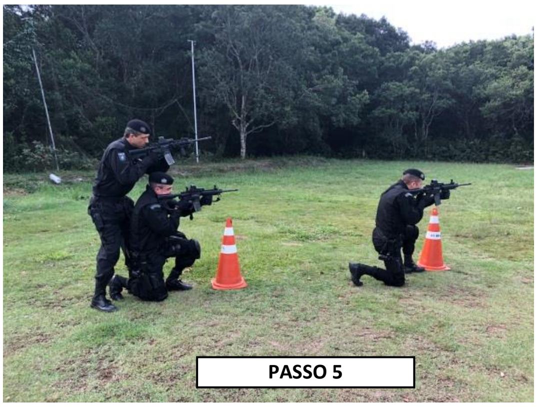
4 O ponta 2 fica em posição torre.

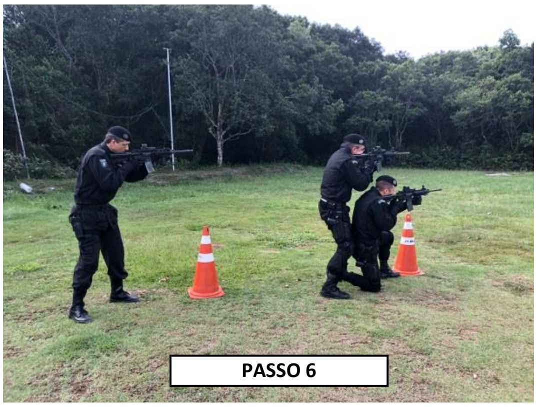

PASSO 3


PASSO 4

5 O comandante compõe a posição “high low” com o ponta 2.

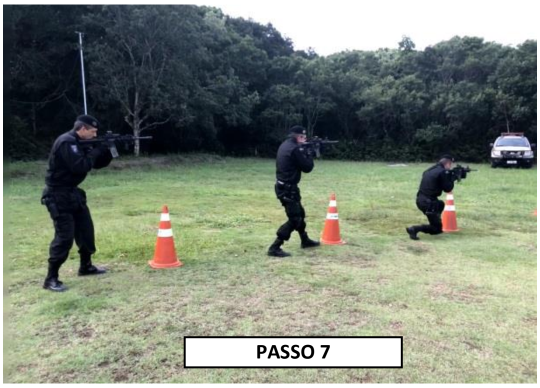
6 O ponta 2 faz o confere e a saída lateral, avançando em lanço com retenção para compor a posição “high low” com o ponta 1.

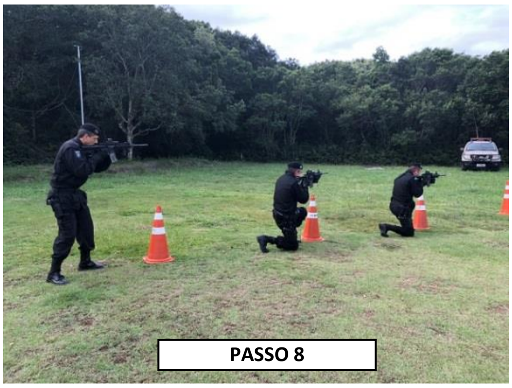

PASSO 5


PASSO 6

7 O ponta 1 faz o confere e a saída lateral, avançando em lanço com retenção para o próximo abrigo e assume a posição torre.

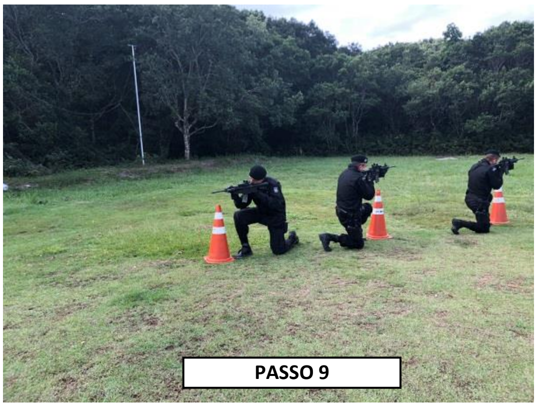
8 O ponta 2 fica em posição torre.

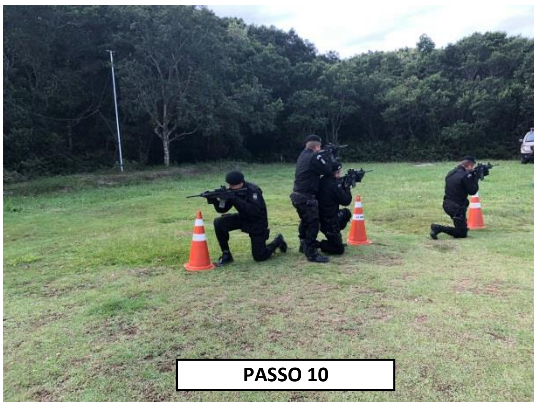

PASSO 7


PASSO 8

9 O comandante inverte a posição do abrigo e comunica ao retaguarda.

10 O retaguarda avança em lanço com retenção para compor a posição “high low” com o ponta 2.

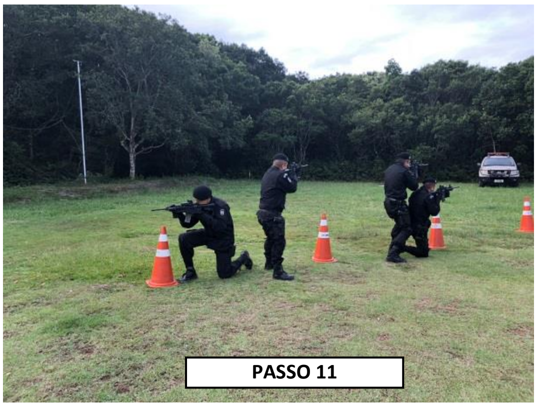

PASSO 9

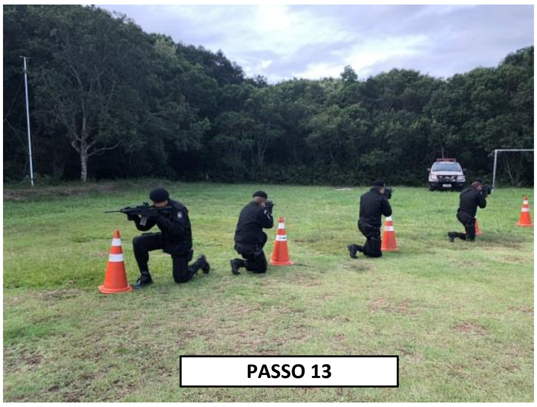

PASSO 10

11 O ponta 2 faz o confere e a saída lateral, avançando em lanço com retenção para compor a posição “high low” com o ponta 1.

12 O ponta 1 faz o confere e a saída lateral, avançando em lanço com retenção para o próximo abrigo e assume a posição torre.

13 O ponta 2 e o retaguarda ficam em posição torre.


PASSO 11


PASSO 13

14 O retaguarda inverte a posição do abrigo e comunica ao comandante.

15 Retorna à sequência 5.

PASSO 14

Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130 e 131 – Deslocamento ponto a ponto.

39.2.2. TRANSPOSIÇÃO DE BECOS À DIREITA OU À ESQUERDA

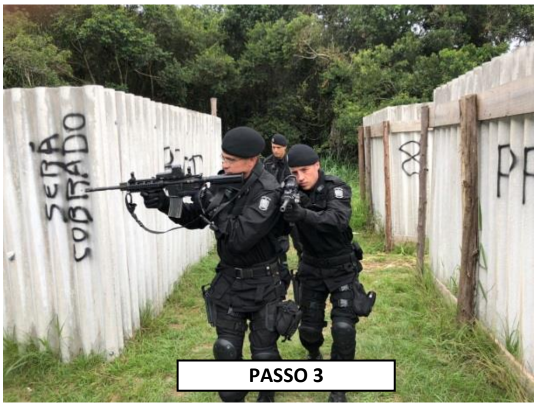
1 Deslocamento da patrulha.

2 Visualização do beco à direita ou à esquerda.

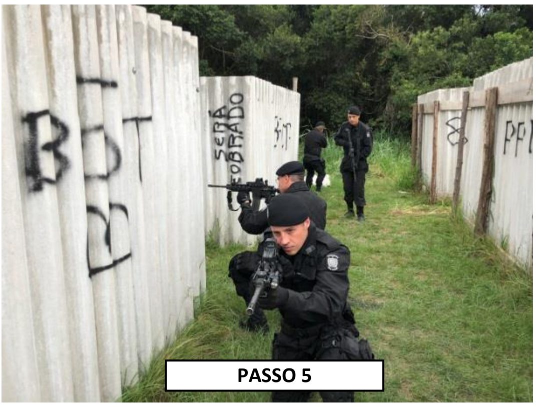
3 O ponta 2 executa a siamesa corpo/ cano da arma com ponta 1 e transpõe o beco.

4 O ponta 1 segue à frente e aguarda em posição torre os demais operadores.

5 O ponta 2 não perde contato visual com o beco e fica em posição torre, ficando com o beco como área de responsabilidade.



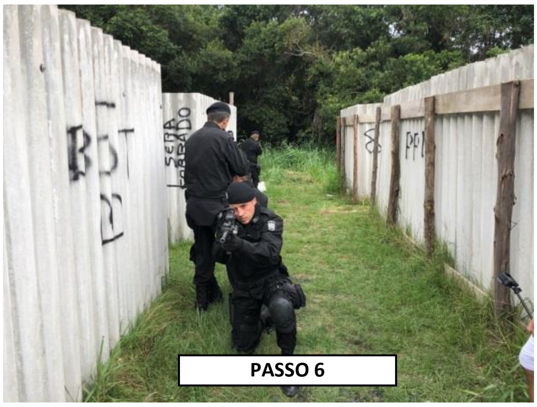
PASSO 3

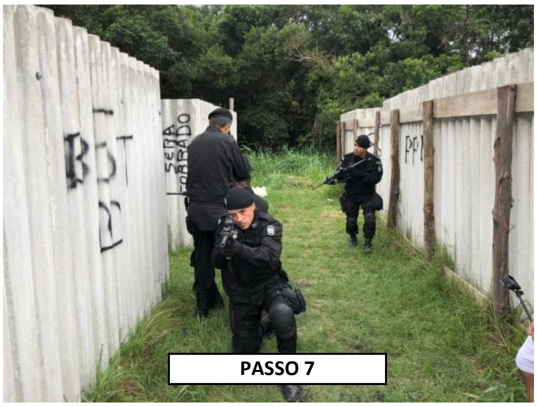


PASSO 5

6 O comandante desloca e compõe a posição “high low” com o ponta 2, ficando com área de responsabilidade a retaguarda.

7 O comandante comunica ao retaguarda para que realize o deslocamento.

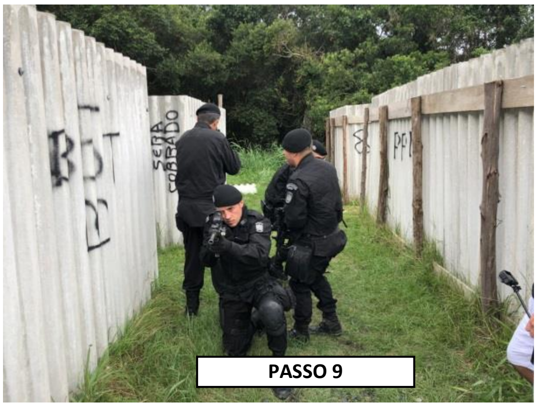

PASSO 6

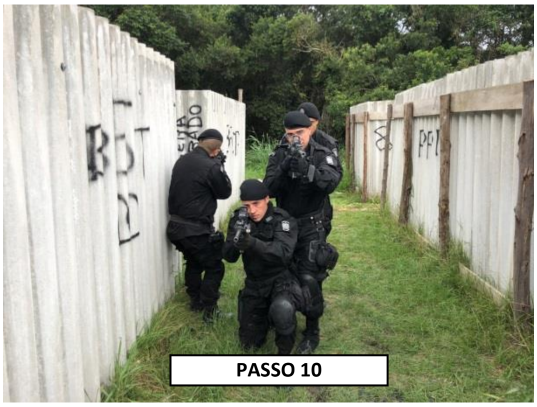

PASSO 7

8 O retaguarda passa o beco e se posiciona atrás do comandante.

9 O ponta 2, assim que o retaguarda transpõe o beco, sai de sua posição e compõe a posição “high low” com o ponta 1.

10 O comandante, assim que o ponta 2 sai da posição, desloca em retorno à formação original da patrulha.


PASSO 9


PASSO 10

11 O retaguarda assume novamente a sua área de responsabilidade inicial.

12 Os operadores retornam à posição original da patrulha.

Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 132, 133, 134, 135, 136 e 137 – Transposição de becos à direita ou à esquerda.

39.2.3. TRANSPOSIÇÃO DE ENCRUZILHADA

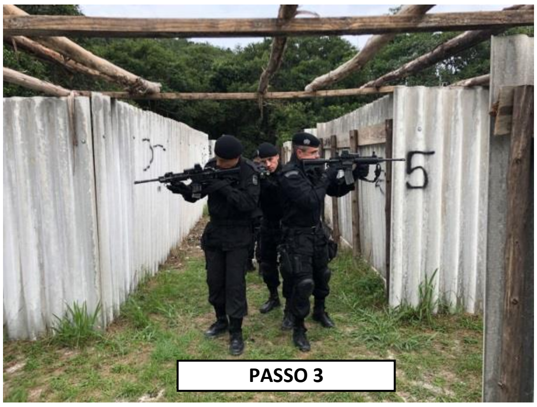
1 Deslocamento da patrulha.

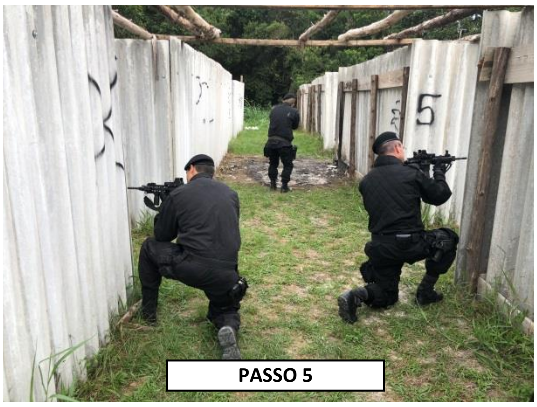
2 Visualização da encruzilhada.

3 O ponta 2 e o comandante executam siamesa corpo/ ponta do cano com o ponta 1. O ponta 2 ficará com a área de responsabilidade de um dos becos e o comandante ficará com a área de responsabilidade do outro beco, enquanto que o ponta 1 permanecerá com a área de responsabilidade à frente.

4 O ponta 1 segue à frente e aguarda em posição torre os demais operadores.

5 O ponta 2 e o comandante não perdem contato visual com os becos de suas responsabilidades e ficam em posição torre, ficando com o beco como área de responsabilidade.

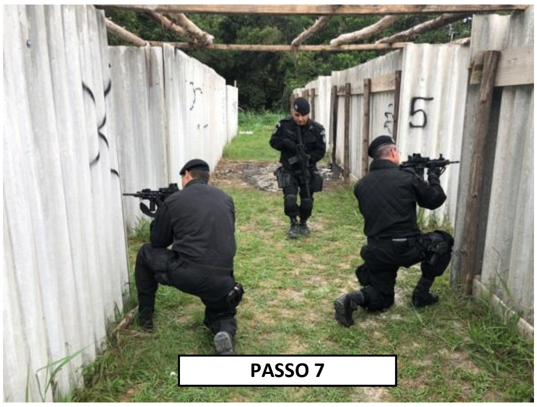

PASSO 3


PASSO 5

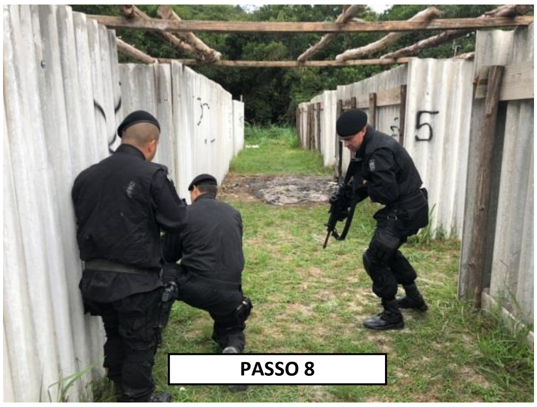
6 O comandante comunica ao retaguarda para que realize o deslocamento.

7 O retaguarda passa o beco e se posiciona atrás do comandante. Enquanto o retaguarda desloca, a segurança da retaguarda ficará sob a responsabilidade do ponta 2 e do comandante, que utilizarão a visão periférica.

8 O ponta 2, assim que o retaguarda transpõe o beco, sai de sua posição e compõe a posição “high low” com o ponta 1.



PASSO 7

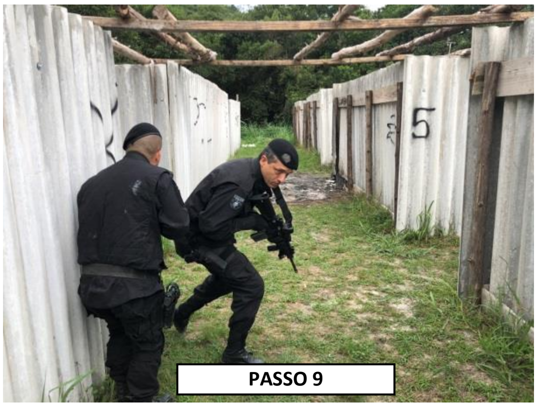


PASSO 8

9 O retaguarda fica posicionado atrás do comandante, sendo que o comandante, imediatamente após a saída do ponta 2, também desloca em retorno à formação original da patrulha.

10 O retaguarda assume novamente a sua área de responsabilidade inicial.

11 Os operadores retornam à posição original da patrulha.



PASSO 9

Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 138, 139, 140, 141 e 142 – Transposição de encruzilhada.

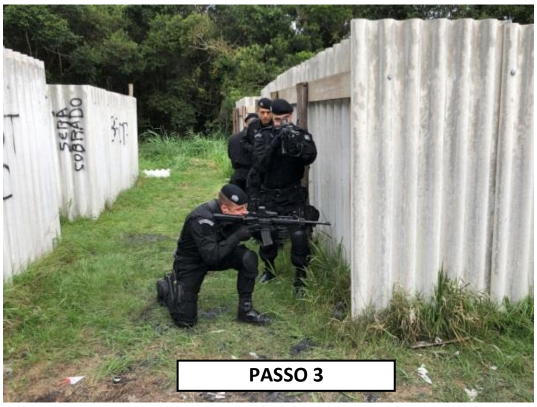
39.2.4. ENTRADA EM BECOS

1 Deslocamento da patrulha.

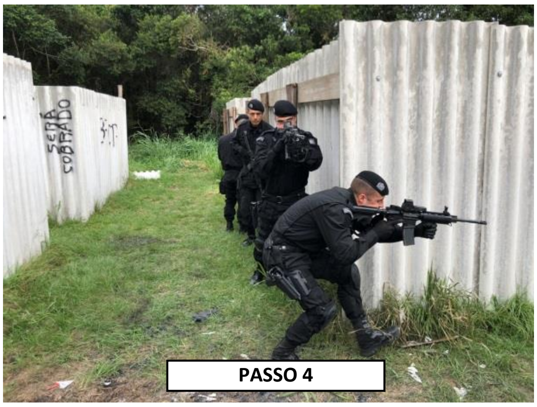
2 Visualização do beco à direita ou à esquerda.

3 O ponta 1, em posição torre ou agachado, toma ângulo, enquanto que o ponta 2, em posição em pé, mantém a cobertura em frente.

4 Após a tomada de ângulo, o ponta 1 entra no beco.



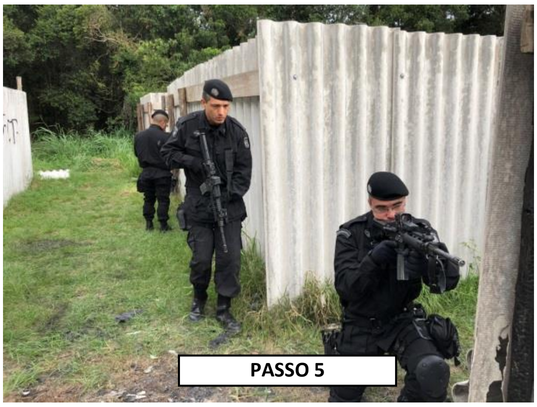
PASSO 3



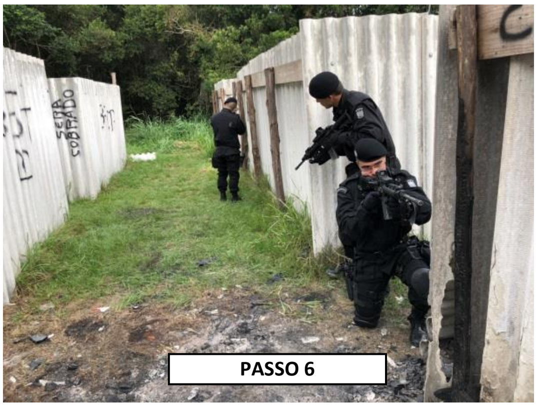
PASSO 4

5 O ponta 2 entra no beco e, em posição torre, se posiciona na esquina oposta dos becos, sem perder contato visual com o beco que estava à frente.

6 O comandante entra no beco e, em posição torre, se posiciona na outra esquina dos becos, sem perder contato visual com o beco onde está o retaguarda.



PASSO 5

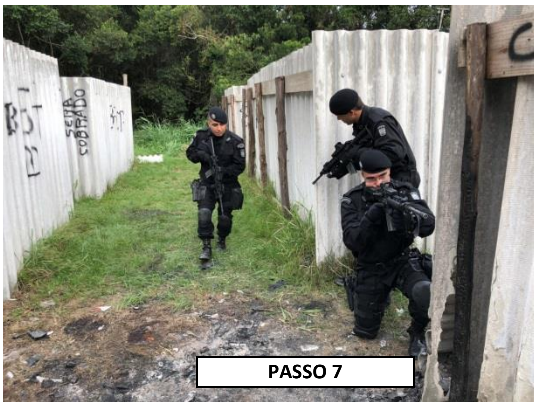


PASSO 6

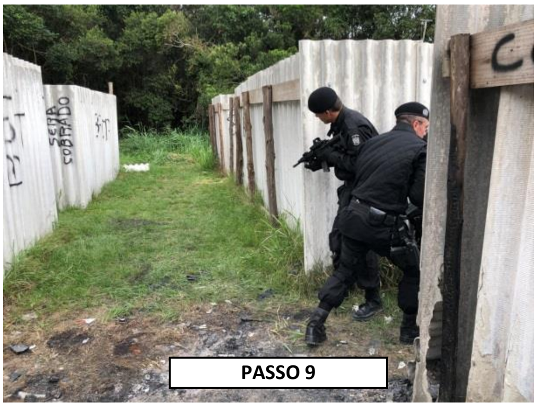
7 O comandante comunica ao retaguarda para que realize o deslocamento.

8 O retaguarda entra no beco e se posiciona atrás do comandante.

9 O ponta 2, assim que o retaguarda transpõe o beco, sai de sua posição e compõe a posição *high-low* com o ponta 1.



PASSO 7

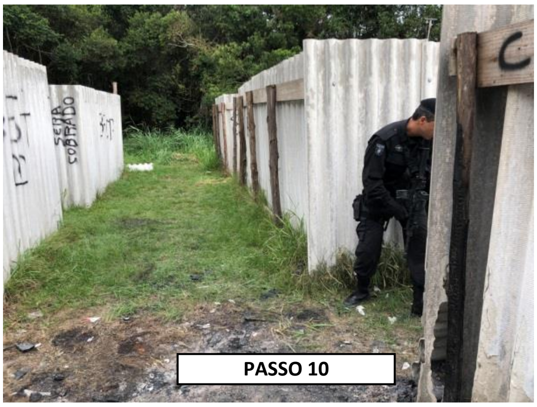


PASSO 9

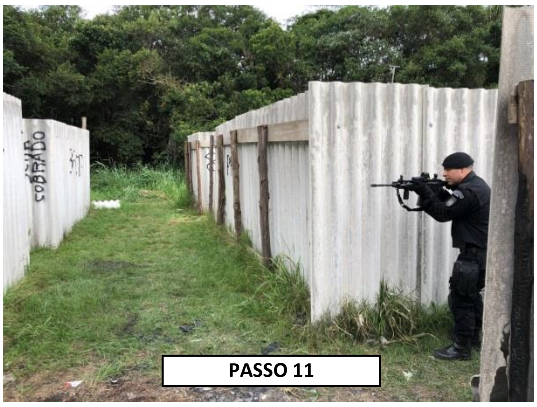
10 O comandante, assim que o ponta 2 sai da posição, desloca em retorno à formação original da patrulha.

11 O retaguarda assume novamente a sua área de responsabilidade inicial.

12 Os operadores retornam à posição original da patrulha.



PASSO 10



PASSO 11

Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149 e 150 – Entrada em becos.

ATENÇÃO

O afastamento da parede na tomada de ângulo poderá ser maior (permite melhor visualização do beco) ou menor (mantém o ponta 2 abaixo da arma do ponta 1, garantindo extrema segurança em caso de confronto armado).

39.2.5. ENTRADA EM BECO EM BIFURCAÇÃO/ENCRUZILHADA

1 Deslocamento da patrulha.

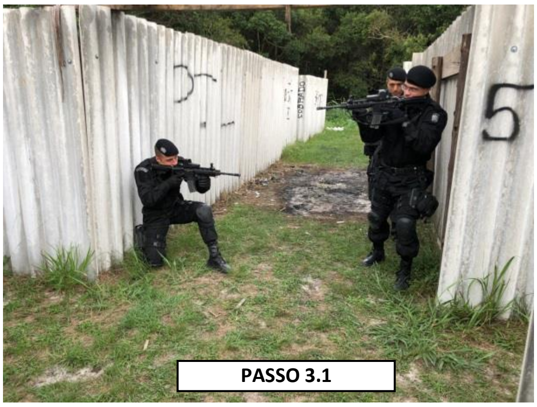
2 Visualização do beco em bifurcação ou da encruzilhada.

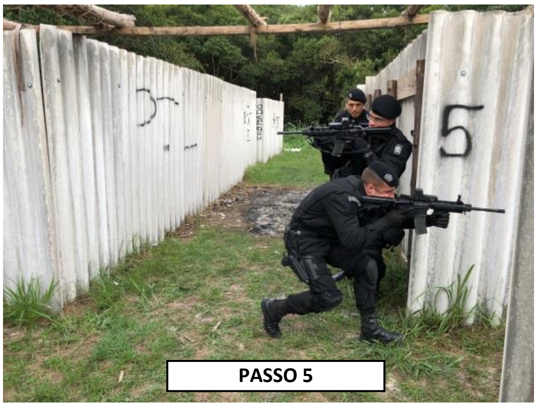
3 O ponta 1, em posição torre ou agachado, toma ângulo, enquanto que o ponta 2, em posição em pé, mantém a cobertura para o lado oposto (cobertura das costas do ponta 1).

3.1 No caso de encruzilhada, a frente será coberta com a visão periférica.

4 Após a tomada de ângulo pelos pontas 1 e 2, o ponta 1 comunicará o ponta 2 (verbal ou por gestos) para que ambos se projetem para dentro dos becos simultaneamente.

5 Após a projeção simultânea e a visualização do beco, o ponta 1 imediatamente prosseguirá.


PASSO 3.1

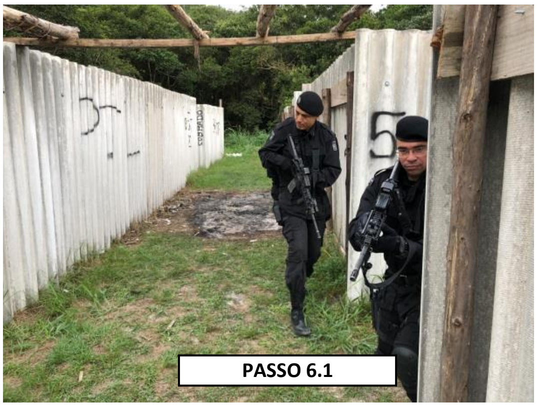

PASSO 5

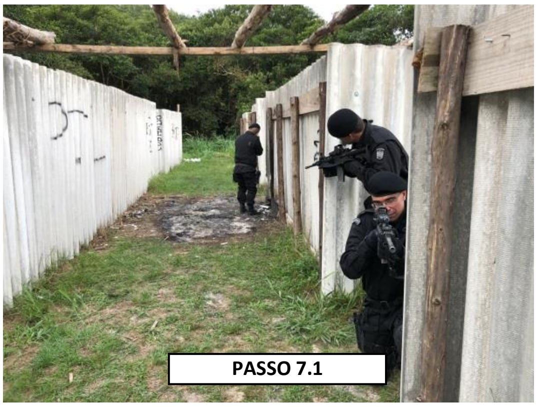
6 O ponta 2 entra no beco em que o ponta 1 está, fica de costas para o ponta 1 e, em posição torre, mantém a sua área de responsabilidade no beco que está à sua frente.

6.1 Na encruzilhada, o ponta 2 entra no beco em que o ponta 1 está, fica na esquina oposta dos becos, de costas para o ponta 1, e, em posição torre, mantém sua área de responsabilidade no beco que ficará na direção oposta à direção em que vinha a patrulha, mantendo o beco à sua frente na visão periférica.

7 O comandante também entra no beco e, em posição torre, se posiciona na outra esquina do beco, sem perder contato visual com o beco onde está o retaguarda.

7.1 Na encruzilhada, o comandante manterá o beco à sua frente na visão periférica.

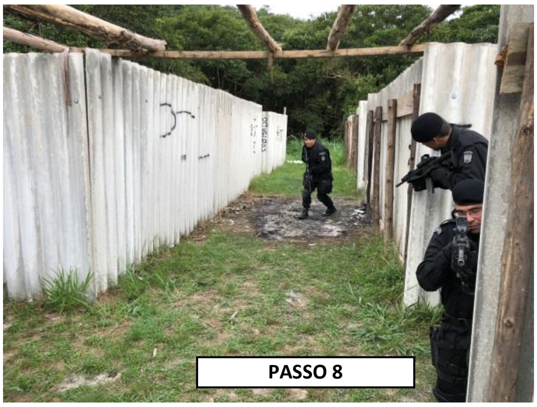

PASSO 6.1

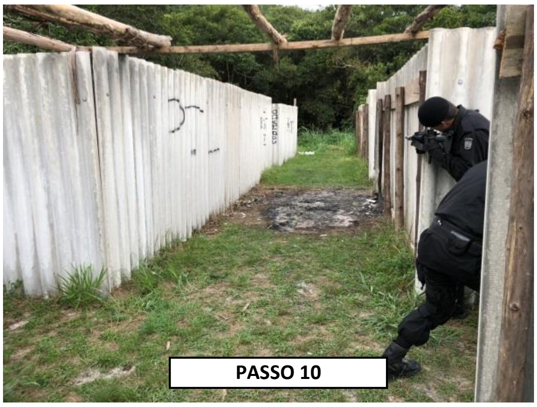

PASSO 7.1

8 O comandante comunica ao retaguarda para que realize o deslocamento.

9 O retaguarda entra no beco e se posiciona atrás do comandante.

10 O ponta 2, assim que o retaguarda transpõe o beco, sai de sua posição e compõe a posição “high low” com o ponta 1.

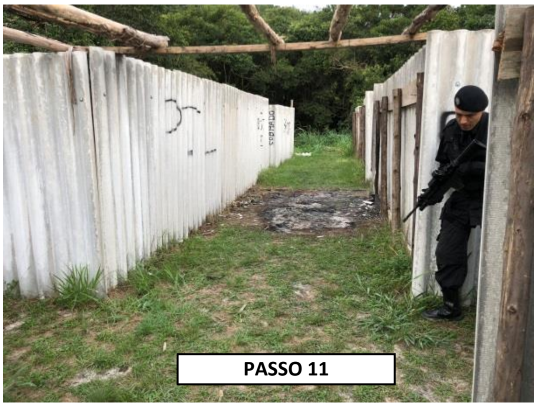

PASSO 8


PASSO 10

11 O comandante, assim que o ponta 2 sai da posição, desloca em retorno à formação original da patrulha.

12 O retaguarda assume novamente a sua área de responsabilidade inicial.

13 Os operadores retornam à posição original da patrulha.


PASSO 11

PASSO 12

Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157 e 158 – Entrada em beco em bifurcação/encruzilhada.

39.3. PROGRESSÃO HÍBRIDA

A progressão híbrida é caracterizada pela realização da progressão centopeia na vanguarda da patrulha e pela realização da progressão ponto a ponto na retaguarda na patrulha. É normalmente utilizada quando há flagrante risco de disparos de arma de fogo pela retaguarda da patrulha, garantindo-se, assim, maior segurança à retaguarda e fluidez à vanguarda (a progressão híbrida ocorre, por exemplo, em casos de condução de detidos em locais em que haja histórico de disparos de arma de fogo contra policiais militares).

40. ABORDAGEM EM SITUAÇÃO DE PATRULHA URBANA

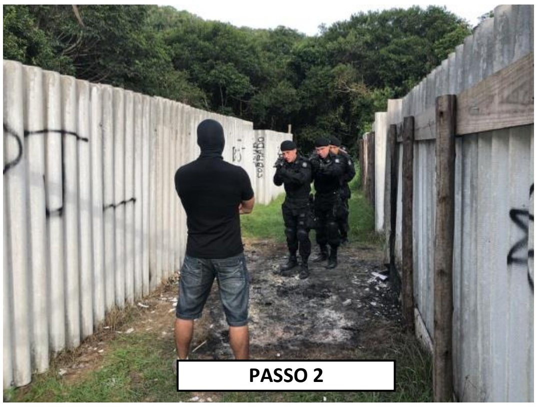
1 Deslocamento da patrulha.

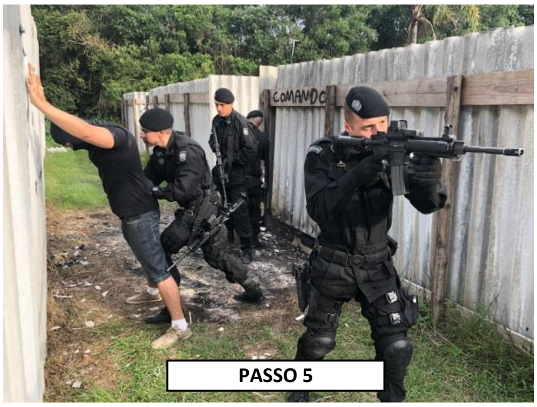
2 Visualização do indivíduo a ser abordado.

3 O ponta 1 ou o ponta 2 inicia a verbalização e ambos realizam a aproximação.

4 Após o abordado estar em posição de abordagem (sem visualização da patrulha e com as mãos visíveis – encostado na parede e com as mãos na parede ou na cabeça), o ponta 1 passa o abordado, realizando a segurança à frente, o ponta 2 aguarda o comandante para iniciar a busca pessoal, e o retaguarda efetivamente se volta para a retaguarda para realizar a segurança.

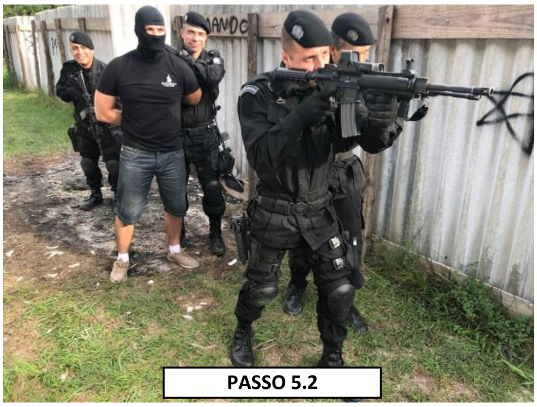
5 O comandante realiza a segurança da abordagem e o ponta 2 realiza a busca pessoal no abordado.


PASSO 2


PASSO 5

5.1 Caso a abordagem transcorra sem alteração (com referência ao cometimento de algum ilícito ou alguma pendência judicial) o abordado é liberado pelo comandante e a patrulha retorna à posição original.

5.2 Caso a abordagem transcorra com alteração (com referência ao cometimento de algum ilícito ou alguma pendência judicial) e seja necessária a condução do abordado, o ponta 2 fará a utilização de algemas para segurança da patrulha e conduzirá o abordado, sendo que o comandante assumirá a ponta junto com o ponta 1 (ambos farão a ponta dupla).



O ponta 1 e o ponta 2 devem ter o cuidado de retirar o suspeito do beco a fim de evitar o funil fatal, conduzindo-o para local seguro para a realização da abordagem.

Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 159, 160 e 161 – Abordagem.

ATENÇÃO

Usualmente, o abordado é liberado para o lado oposto em que a patrulha está progredindo, uma vez que a sua liberação para o lado em que a patrulha está progredindo pode denunciar a posição da patrulha.

Contudo, caberá ao comandante da patrulha, considerando as circunstâncias da abordagem, decidir qual rumo deverá ser tomado pelo abordado.

A direção da patrulha com o abordado (avanço ou retrocesso) caberá ao comandante, considerando os fatores envolvidos no patrulhamento.

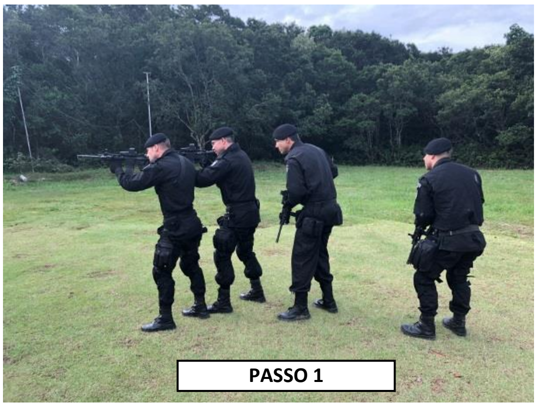
41. RESGATE DE POLICIAL FERIDO DURANTE O DESLOCAMENTO

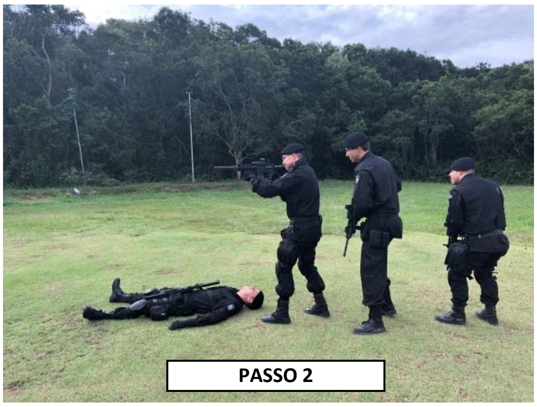
Atualmente, é nítido o aumento de ocorrências de confrontos armados entre policiais e marginais durante o patrulhamento urbano, especialmente em áreas de domínio de facções criminosas, as quais estimulam seus membros a embater as forças policiais. Considerando isso, as equipes táticas desenvolveram técnica para realizar o resgate do operador ferido com segurança para os operadores e também para o operador ferido.

41.1. PONTA 1 FERIDO DURANTE A PATRULHA

1 Deslocamento da patrulha.

2 O Ponta 1 é ferido (injusta agressão da vanguarda).

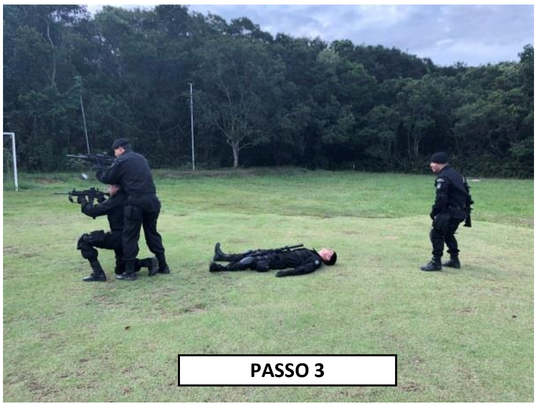

PASSO 1

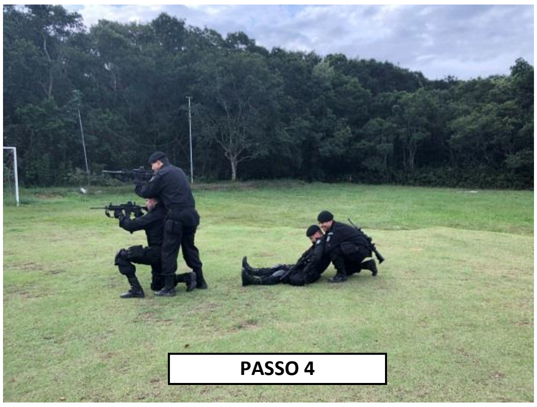

PASSO 2

3 O comandante e o ponta 2 passam pelo ponta 1 (ferido) procuram abrigo e iniciam a saturação de fogo em resposta à injusta agressão, caso necessário.

4 O retaguarda retira rapidamente o ponta 1 (ferido), procurando abrigo.

5 O ponta 2 e o comandante podem retornar no ponto a ponto ou retornar na caminhada tática respondendo ao fogo até encontrar abrigo. No local seguro, é iniciado o APH Tático e acionado o socorro avançado, mantendo-se a segurança do perímetro.


PASSO 3

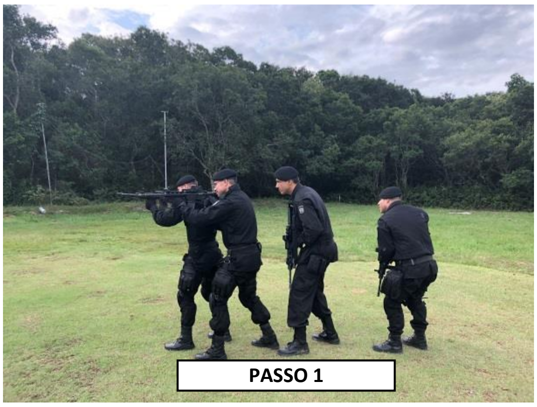

PASSO 4

Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 162, 163, 164 e 165 - Ponta 1 ferido durante a patrulha.

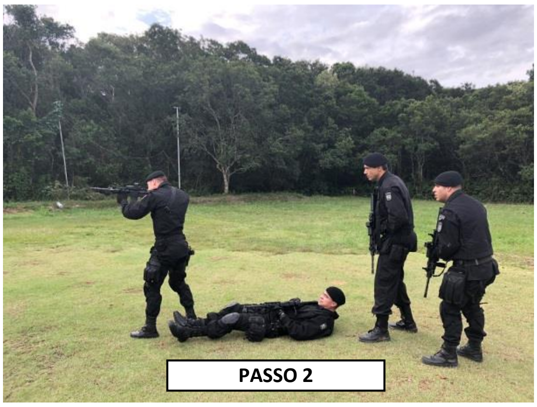
41.2. PONTA 2 FERIDO DURANTE A PATRULHA

1 Deslocamento da patrulha.

2 O ponta 2 é ferido (injusta agressão da vanguarda).



PASSO 1

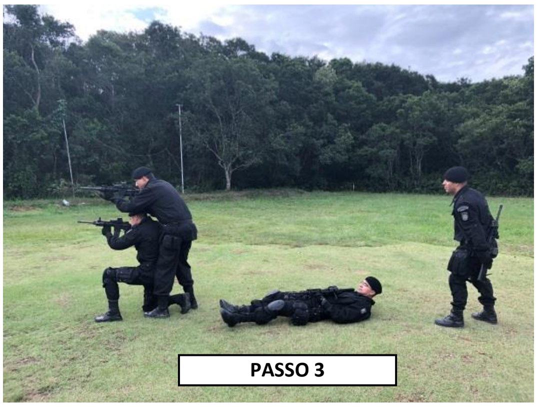


PASSO 2

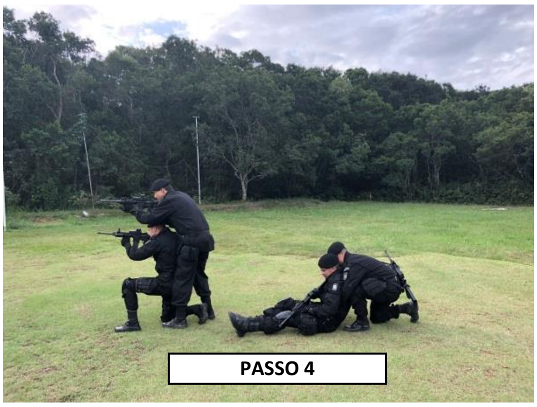
3 O comandante passa pelo ponta 2 (ferido) e apoia o ponta 1 na saturação de fogo em resposta à injusta agressão, caso necessário, sendo que ambos devem procurar abrigo.

4 O retaguarda retira rapidamente o ponta 2 (ferido), procurando abrigo.

5 O ponta 1 e o comandante podem retornar no ponto a ponto ou retornar na caminhada tática respondendo ao fogo até encontrar abrigo. No local seguro, é iniciado o APH Tático e acionado o socorro avançado, mantendo-se a segurança do perímetro.



PASSO 3



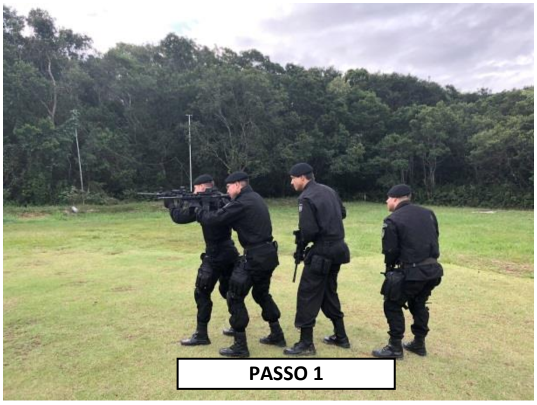
PASSO 4

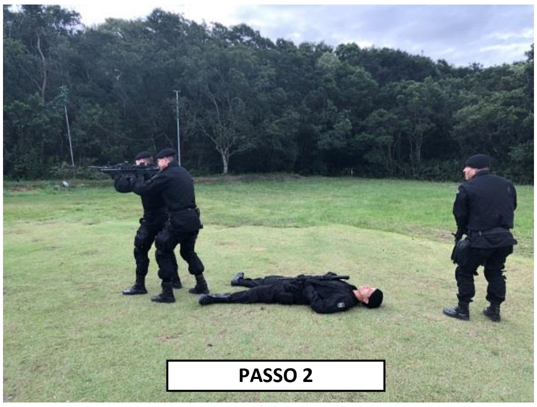
Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 166, 167, 168 e 169 - Ponta 2 ferido durante a patrulha.

41.3. COMANDANTE FERIDO DURANTE A PATRULHA

1 Deslocamento da patrulha.

2 O comandante é ferido (injusta agressão da vanguarda).

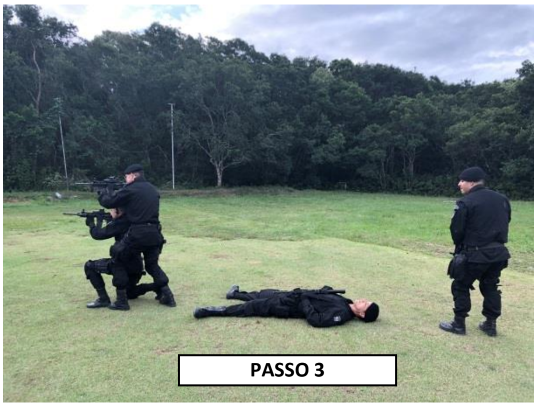


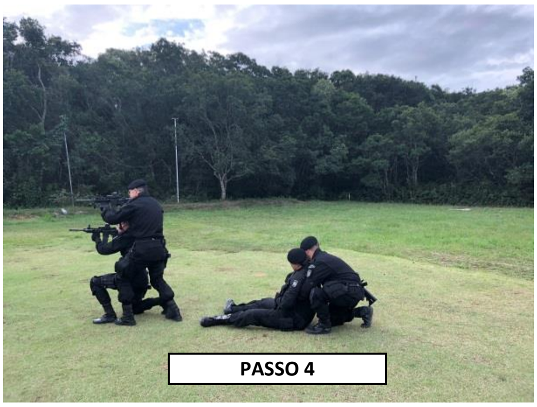


3 O ponta 1 e ponta 2 procuram abrigo e iniciam saturação de fogo em resposta à injusta agressão, caso necessário.

4 O retaguarda retira rapidamente o comandante (ferido), procurando abrigo.

5 O ponta 1 e o ponta 2 podem retornar no ponto a ponto ou retornar na caminhada tática respondendo ao fogo até encontrar abrigo. No local seguro, é iniciado o APH Tático e acionado o socorro avançado, mantendo-se a segurança do perímetro.



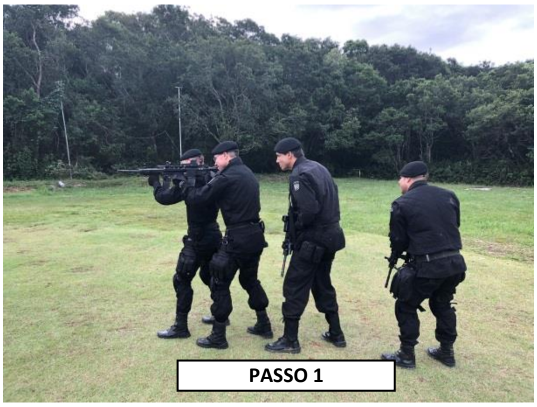


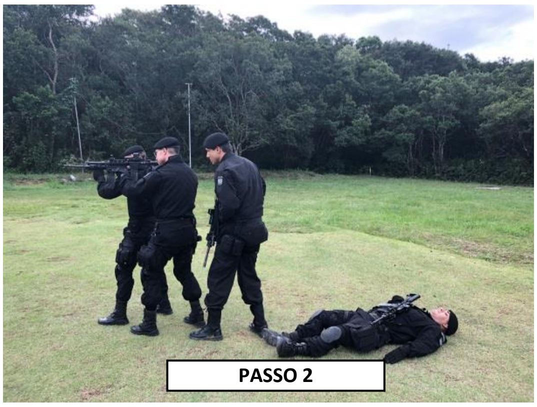
Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 170, 171, 172 e 173 - Comandante ferido durante a patrulha.

41.4. RETAGUARDA FERIDO DURANTE A PATRULHA

1 Deslocamento da patrulha.

2 O retaguarda é ferido (fogo da retaguarda).

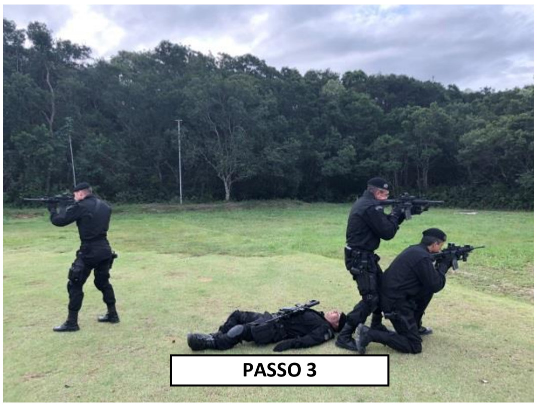


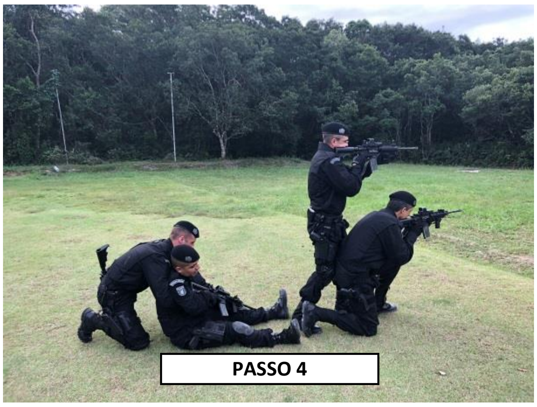


3 O comandante e o ponta 2 passam o retaguarda, procuram abrigo e iniciam saturação de fogo em resposta à injusta agressão, caso necessário.

4 O comandante retira rapidamente o comandante (ferido), procurando abrigo.

5 O ponta 1 e o ponta 2 podem retornar no ponto a ponto ou retornar na caminhada tática respondendo ao fogo até encontrar abrigo. No local seguro, é iniciado o APH Tático e acionado o socorro avançado, mantendo-se a segurança do perímetro.





Na sequência acima, junto ao texto explicativo dos procedimentos passo a passo, temos as Figuras 174, 175, 176 e 177 - Retaguarda ferido durante a patrulha.

41.5. OPERADOR DE OUTRA GUARNIÇÃO FERIDO

1 Deslocamento da patrulha.

2 A patrulha se aproxima do operador ferido e identifica o agressor ou o provável local onde o agressor está.

3 O ponta 1 e ponta 2 passam o operador ferido, procuram abrigo e iniciam saturação de fogo em resposta à injusta agressão, caso necessário.

4 O comandante e o retaguarda retiram o operador ferido, procurando abrigo.

5 O ponta 1 e o ponta 2 podem retornar no ponto a ponto ou retornar na caminhada tática respondendo ao fogo até encontrar abrigo. No local seguro, é iniciado o APH Tático e acionado o socorro avançado, mantendo-se a segurança do perímetro

42. EQUIPAMENTOS INDIVIDUAIS

A utilização de equipamentos é ponto importante a ser observado pelo operador, uma vez que o uso adequado de equipamentos pode trazer inúmeros benefícios ao operador, como é o caso do uso de joelheiras durante a patrulha urbana, e o uso incorreto de equipamentos pode prejudicar o êxito do objetivo pretendido com o patrulhamento tático. Detalham-se abaixo equipamentos básicos para utilização do operador:

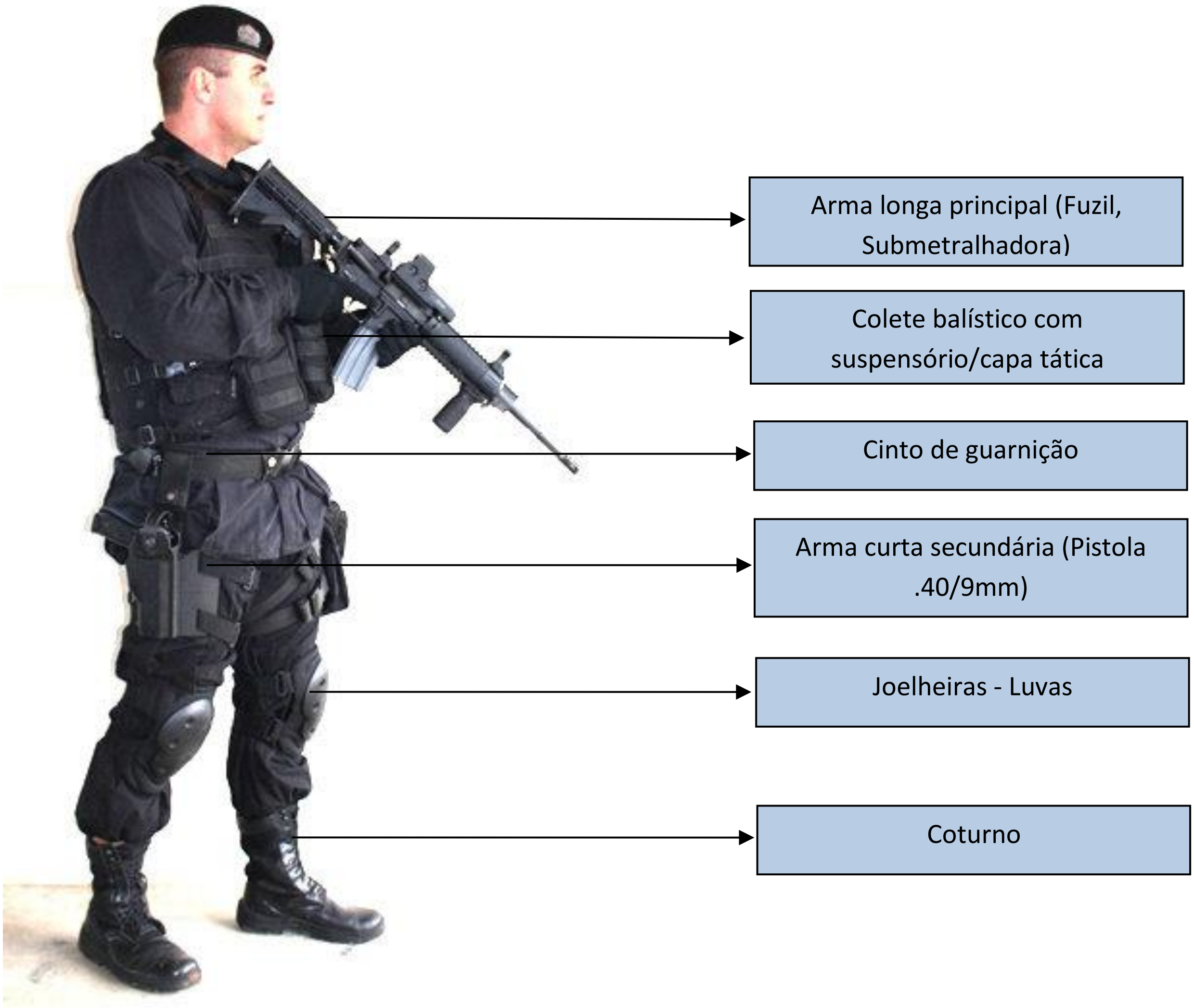

Arma longa principal (Fuzil, Submetralhadora)
Colete balístico com suspensório/capa tática
Cinto de guarnição
Arma curta secundária (Pistola .40/9mm)
Joelheiras - Luvas
Coturno

Figura 178 - Equipamentos individuais

Arma primária: quando possível, deve ser utilizada a arma longa principal Fuzil, Submetralhadora, Metralhadora ou Carabina.

Arma secundária: quando estiver utilizando arma primária, o operador deverá manter arma curta secundária, a qual assumirá vital importância em caso de pane da arma primária, de condução de detidos e de impossibilidade de utilização da arma primária para varreduras.

Colete balístico com suspensório/ capa tática: equipamento obrigatório para a segurança do operador, devendo ser utilizado em todos os momentos da patrulha urbana. Em razão da necessidade de alocação de equipamentos, recomenda-se a utilização de capa tática ou capa tática modular, sendo que este último potencializa a capacidade operacional do policial militar, uma vez que dispõe a capa tática conforme a sua necessidade.

ATENÇÃO

É RECOMENDÁVEL ao operador que mantenha consigo, no mínimo, dois carregadores plenos de munições para o caso de confronto armado.

É RECOMENDÁVEL ao operador a utilização de capa tática modular para a potencialização da capacidade operacional do policial militar, modulando a capa tática conforme a sua necessidade.

Cinto de guarnição: deve ser utilizado para a afixação do coldre (coldre alto ou coldre baixo/ de perna) e o operador deve tomar o cuidado com a distribuição de peso, especialmente para não causar lesões.

Joelheiras: equipamento facultativo que proporciona maior conforto ao operador, especialmente ao tomar a posição torre.

Luvas: equipamento facultativo que visa proteger o contato da mão com agentes externos. O operador deve tomar o cuidado de treinar o tiro policial com a utilização de luvas, uma vez que a sensibilidade do dedo fica afetada.

Coturno: o operador deve escolher o coturno adequado para a missão que realizará, levando em consideração o conforto, o peso e as peculiaridades de projeto, especialmente relacionadas ao terreno em que deve ser utilizado.

Além dos equipamentos básicos, pode-se destacar a utilização dos seguintes equipamentos:

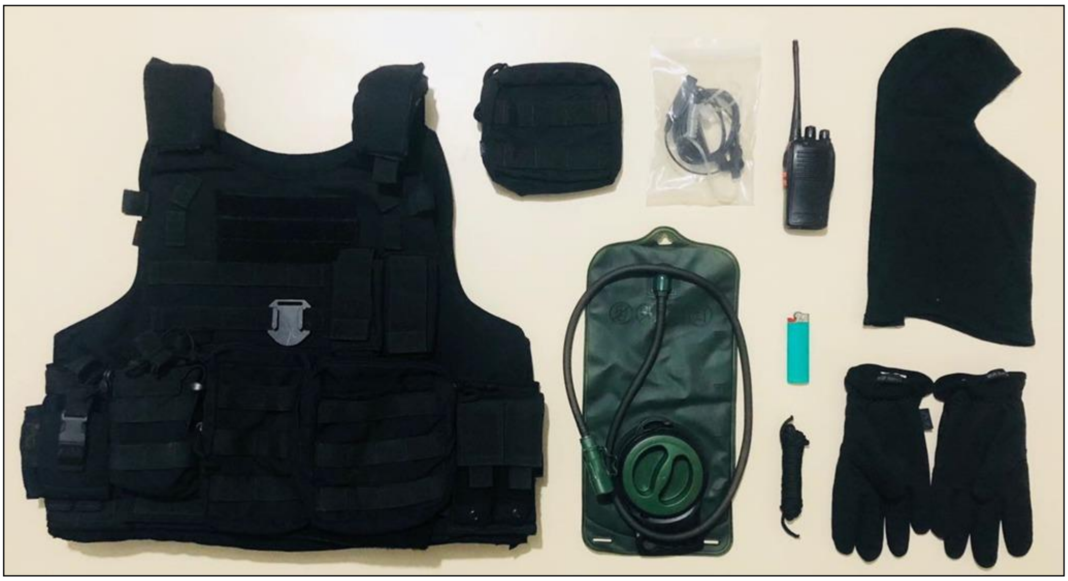


Figura 179 - Equipamentos individuais

Camelbak (hidratação)	Rádio comunicador amador
Balaclava	Isqueiro
Headset para HT	Retinida/ Cordelete
Rádio HT	Câmera de ação

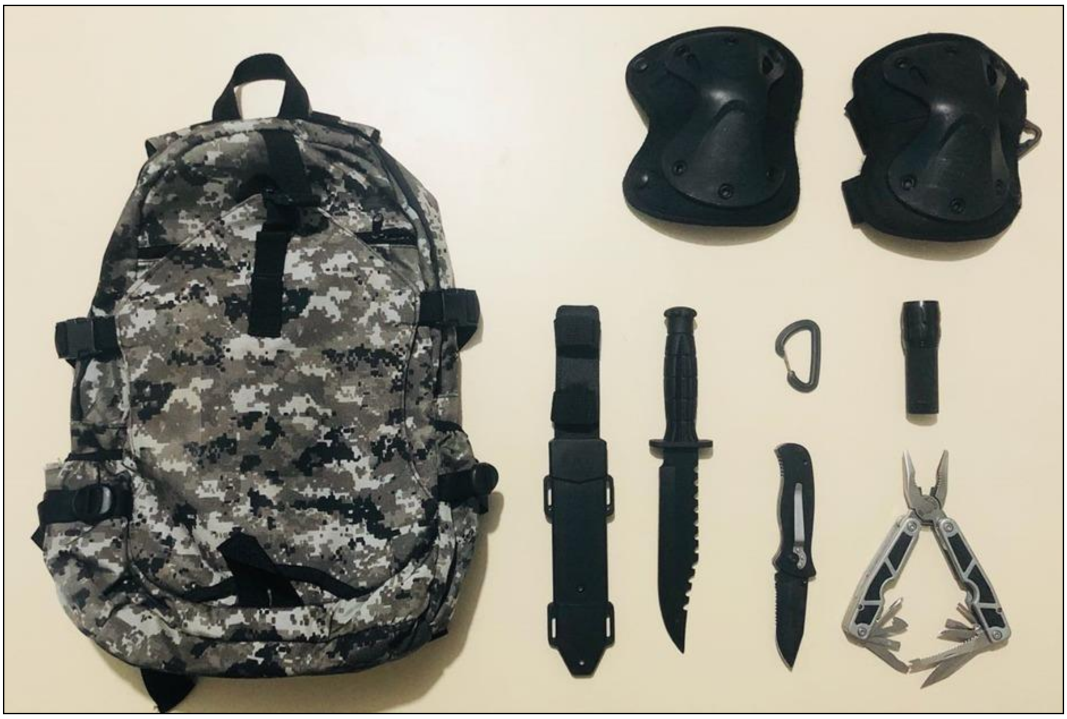


Figura 180 - Equipamentos individuais

Bandoleira Mochila Faca tática	Mosquetão Canivete multifunções Canivete Lanterna

43. COMUNICAÇÃO

A comunicação representa importante atividade a ser desenvolvida pelos componentes da patrulha urbana, podendo ser por gestos ou verbal.

43.1. GESTOS

O uso de gestos e sinais pode ser adotado durante a execução da patrulha urbana. Entretanto, esta técnica necessita de treinamento e condicionamento dos operadores da guarnição. Indica-se aos operadores que usem gestos simples e de fácil entendimento de todos.

43.2. VERBAL

A comunicação verbal, embora tenha que respeitar a disciplina de ruídos e sons, deve ocorrer constantemente, especialmente para que haja fluidez no patrulhamento, uma vez que, por vezes, o patrulhamento é realizado em local não conhecido, de modo que os pontas, principalmente, vão interagindo sobre as características do terreno para a segurança dos operadores, como é o caso de comunicação verbal para a indicação dos becos e da direção a ser tomada. É claro que a comunicação verbal deve ser evitada próximo ao objetivo da patrulha urbana para que não denuncie a posição dos operadores.

É necessário destacar a fundamental importância da utilização de rádio HT por, ao menos, um componente com o objetivo de manter a comunicação imediata com a rede da Polícia Militar de Santa Catarina. O rádio HT pode ser complementado com a utilização de *headset,* ou seja, fone de ouvido que é acoplado ao equipamento e permite manter a comunicação com a rede da Polícia Militar de Santa Catarina sem a quebra da disciplina de ruídos e sons.

Além disso, tem assumido importante papel na patrulha urbana a utilização de rádio comunicador amador, uma vez que vem sendo adotado por facções criminosas para a comunicação interna. Assim, o equipamento permite captar a comunicação de criminosos e potencializar o êxito na segurança da patrulha e no alcance do objetivo.

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

PATRULHA RURAL

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 4 – PATRULHA RURAL

44. CONTEXTUALIZAÇÃO

O cometimento de furtos/roubos a banco na modalidade "Novo Cangaço" vem apresentando grande frequência nas pequenas cidades catarinenses. O nome desta modalidade é uma referência ao modo de atuação criminoso do bando de "Lampião" na região nordeste do Brasil: ataques em pequenas cidades, grupos fortemente armados, reféns e desafio aos órgãos policiais são características que podem ser vistas entre estes grupos. Um fato novo, no entanto, é a recorrente fuga dos criminosos para áreas de mata, a pé.

Ainda, observa-se que os criminosos que recorrem à fuga em área de mata o fazem de forma planejada, com preparação inclusive para permanência por longos períodos.

Percebe-se que o "Novo Cangaço", dentro do contexto da criminalidade organizada, surgiu como uma forma para arrecadação de fundos financeiros para os grupos criminosos, tendo conexão direta no cometimento de outros crimes como a lavagem de dinheiro e tráfico de entorpecentes, fazendo com que estes grupos atuem como verdadeiras empresas do crime com diversas frentes de negócios manifestamente ilegais.

Desta forma, nota-se que, os grupos criminosos que realizam os roubos em agências bancárias possuem alto grau de organização, com divisão de tarefas e funções previamente definidas.

Diante da necessidade da atualização de técnicas de patrulha em ambiente rural, considerando que a busca policial militar, com ênfase na prisão/captura, tem por alvo criminosos preparados, equipados e especialmente muito bem armados, o BOPE buscou renovar a doutrina específica para este tipo de atuação.

Para tanto, buscou-se especializar policiais militares do BOPE na Polícia Militar do Mato Grosso, tida como referência de atuação na área.

45. PATRULHA RURAL POLICIAL MILITAR

Grupo de policiais militares treinados para o cumprimento de missões em ambiente rural, composto por pequenos efetivos, portando equipamentos e armas específicas para cada missão, com objetivos previamente definidos.

Para efeito de compreensão do conteúdo, doravante a patrulha rural policial militar será descrita apenas como patrulha rural.

46. FASES DA PATRULHA RURAL

Uma ação de patrulha policial é composta por quatro fases:

- Recebimento da missão;
- Planejamento e preparação;
- Execução;
- Relatório final.

47. MISSÕES DA PATRULHA RURAL

Os integrantes de uma patrulha rural possuem basicamente duas missões durante a execução de suas atividades, podendo ser de reconhecimento ou de combate.

47.1. PATRULHA DE RECONHECIMENTO

O sigilo é peça fundamental nessa modalidade de patrulha. Tem como objetivo buscar informações sobre pessoas, locais, pontos, áreas, itinerários ou apenas como observação, podendo ser:

Reconhecimento	Missão
Ponto	É o reconhecimento de um objetivo específico.
Área	É a busca de informes no interior de determinada área ou a própria delimitação de uma área.
Itinerários	É a busca de informes sobre um ou mais itinerários ou sobre atividades locais – criminosas ou não.
Observação	É a vigilância contínua de um local ou de uma atividade permanente.

47.2. PATRULHA DE COMBATE

É a patrulha que utiliza técnicas policiais militares a fim de efetuar prisões, desarticular quadrilhas de caixeiros (“novo cangaço”) homiziados em área de mata, desarticular pontos de venda de drogas, cumprir mandados judiciais, prestar apoio a outras patrulhas policiais.

Combate	Missão
Contato	Patrulha de valor considerável, para localizar a posição de um criminoso ou grupo de criminosos –alto risco de enfrentamento.
Incursão	Envolve uma penetração de surpresa em área sob controle criminoso, com uma finalidade específica, terminando com uma retirada planejada. É a missão de maior complexidade que pode ser atribuída a uma patrulha.
Inquietação	É a ação destinada a perturbar o descanso, dificultar o movimento ou obter outros efeitos sobre os criminosos.
Emboscada	É o ataque de surpresa, partindo de posições desconhecidas contra um alvo específico.

48. FUNDAMENTOS DA PATRULHA RURAL

Para a realização dos procedimentos técnicos de condutas de patrulha, os operadores devem seguir alguns princípios, buscando a padronização da técnica e segurança dos integrantes da guarnição.

49. CONDUTA DE PATRULHA

Os integrantes da patrulha devem seguir protocolos de procedimentos, buscando atingir com êxito o objetivo planejado. Assim, alguns fatores podem influenciar diretamente no cumprimento de uma missão e devem ser observados por todos os integrantes:

- Sigilo das ações.
- Disciplinas de luzes e som.
- Velocidade de deslocamento.
- Condições do terreno.
- O controle dos homens.
- Formações.
- Situação e possibilidades de contato.
- Manutenção da integridade tática da patrulha.
- Segurança da patrulha.
- A ação no objetivo.

Para contribuir com o sigilo no deslocamento, é fundamental que ele seja realizado com cautela, antecipando-se aos ruídos característicos da área de mata, ou seja, evitando quebra de galhos, arrastamento do corpo e equipamentos na vegetação, etc. Orienta-se, para isso, que o deslocamento seja lento e a pisada seja realizada da seguinte forma:

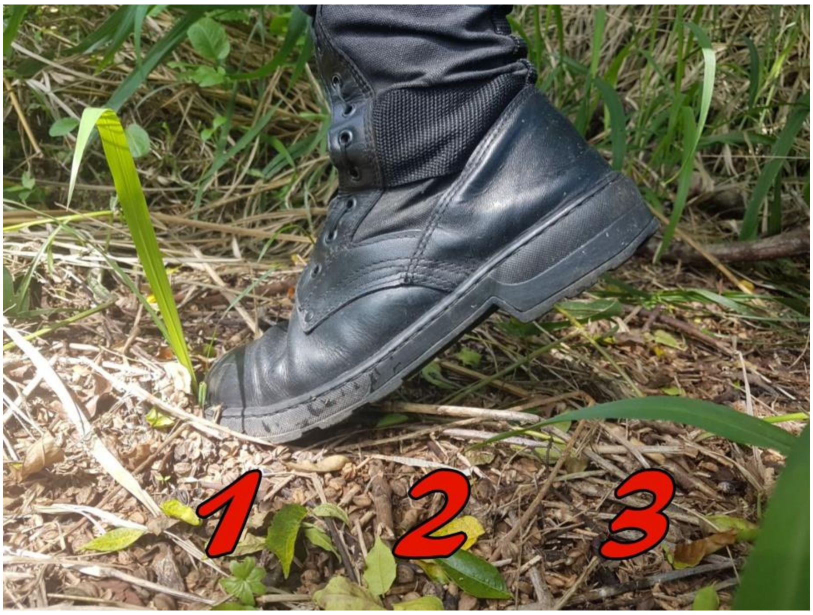


Figura 181 - Caminhada tática em mata: 1 Ponta – 2 Planta – 3 Calcanhar

50. CAMUFLAGEM

A patrulha deve buscar constantemente confundir-se ao terreno, empregando técnicas de camuflagem pessoal, de armamento e equipamento, como forma de garantir o sigilo na missão.

Figura 182 - Atiradores progredindo

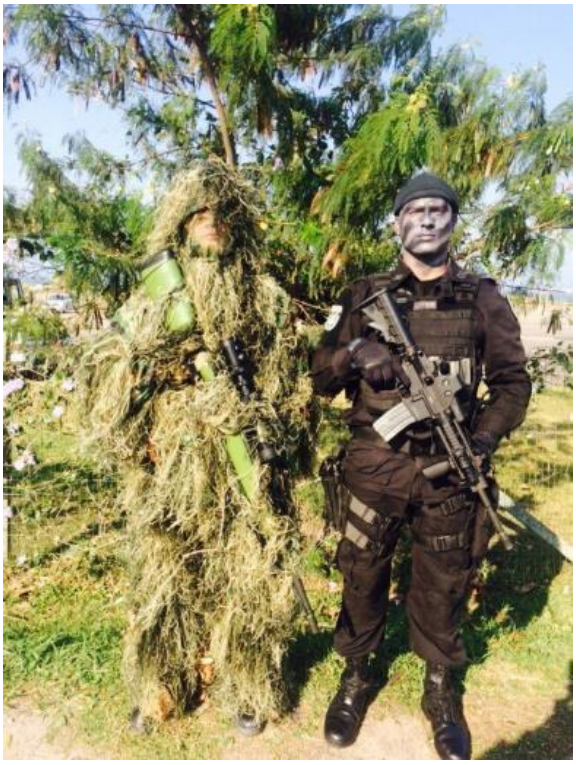


Figura 183 - Ambiente rural x Ambiente urbano

51. COMUNICAÇÃO

Gestos e sinais são os principais meios de comunicação da patrulha. Devem ser padronizados entre todos os componentes.

O uso de rádio comunicador afeta o sigilo da patrulha. Caso seja utilizado, recomenda-se o emprego de fones auriculares para manutenção da disciplina de ruídos, lembrando que tal acessório diminui a audição e percepção do policial em relação aos sons ambientes.

52. POSTURA TÁTICA

A postura tática na patrulha rural segue o mesmo fundamento da técnica policial empregada no ambiente urbano, onde o operador busca uma postura corporal que propicie conforto, equilíbrio (estabilidade) e naturalidade, sendo estas as características que trarão melhores condições de enfrentamento.

A principal alteração feita para adaptação do policial em meio ao ambiente rural consiste basicamente na condução e emprego do armamento, adotando-se a posição denominada **Vietnã** que consiste na condução do armamento pela lateral do corpo, cano direcionado à frente (para a ameaça), com auxílio de bandoleira para equilíbrio e sustentação.

Outra diferenciação se dá na nomenclatura das posições convencionais, coma condução do armamento à frente do corpo, para as quais resumimos a denominação de **Caçador**.

52.1. VIETNÃ

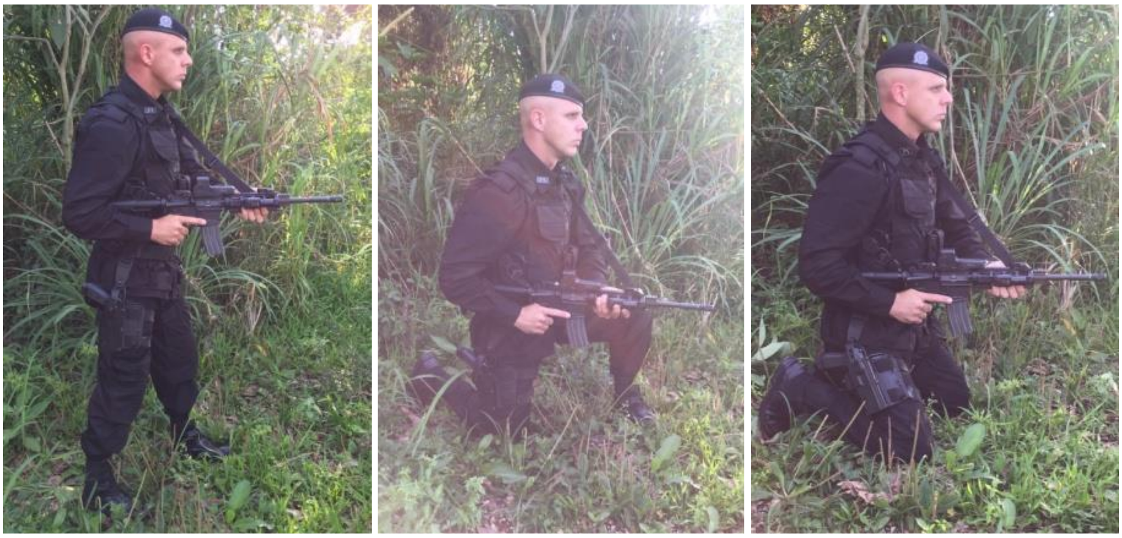


Figura 184 - Vietnã em pé e ajoelhado

52.2. CAÇADOR

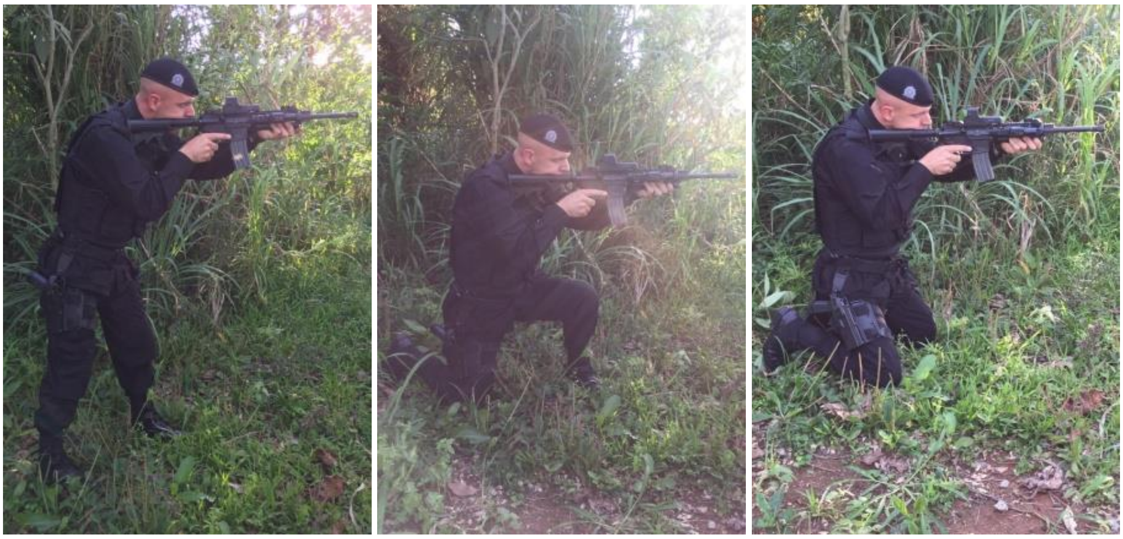


Figura 185 - Caçador em pé e ajoelhado – pronto emprego

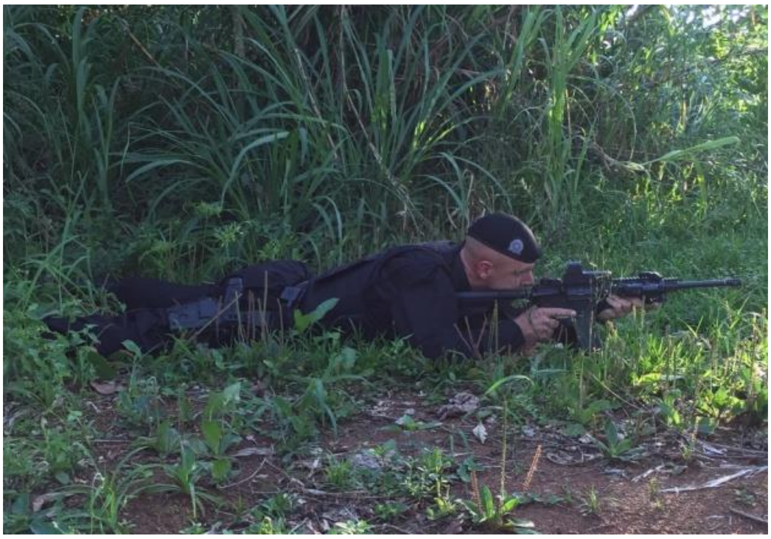


Figura 186 - Caçador deitado em pronto emprego

53. ATIVIDADES SIMULTÂNEAS

Durante os deslocamentos e paradas, são executadas as chamadas **atividades simultâneas** por cada operador e todos em conjunto. São elas:

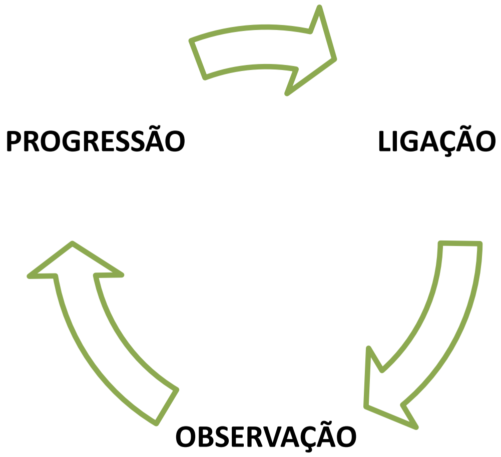


Figura 187 - Atividades simultâneas

53.1. PROGRESSÃO

Avanço realizado pela patrulha.

53.2. LIGAÇÃO

Contato visual entre os componentes da patrulha, entre si, de modo que todos os operadores estejam interligados, permitindo a comunicação (gestos e sinais) e mantendo a unidade da patrulha.

53.3. OBSERVAÇÃO

Área de responsabilidade de cada operador, na qual será realizada a varredura durante todo o deslocamento. A divisão das áreas de responsabilidades entre os operadores deverá completar, coletivamente, todos os lados (360º) da patrulha.

54. COMPOSIÇÃO DA PATRULHA

Dentro dos conceitos trabalhados neste manual, a patrulha deve ser composta por 04 (quatro) a 08 (oito) policiais militares, conforme necessidade e disponibilidade de efetivo.

Esta limitação de componentes é regulada previamente por definição da função de cada componente, evitando falta ou excesso de operadores, ou operadores sem função. Visa assim:

- Segurança da patrulha.
- Manter integridade tática.
- Controle do efetivo.
- Preservação da disciplina de ruídos.
- Menor exposição de operadores.

54.1. COMPOSIÇÃO DA PATRULHA COM 04 (QUATRO) OPERADORES:

- Ponta 1– Rastreador (Ra).
- Ponta 2 – Segurança do Rastreador (SRa).
- Comandante – Navegador (CMT).
- Segurança de Retaguarda (SRe).

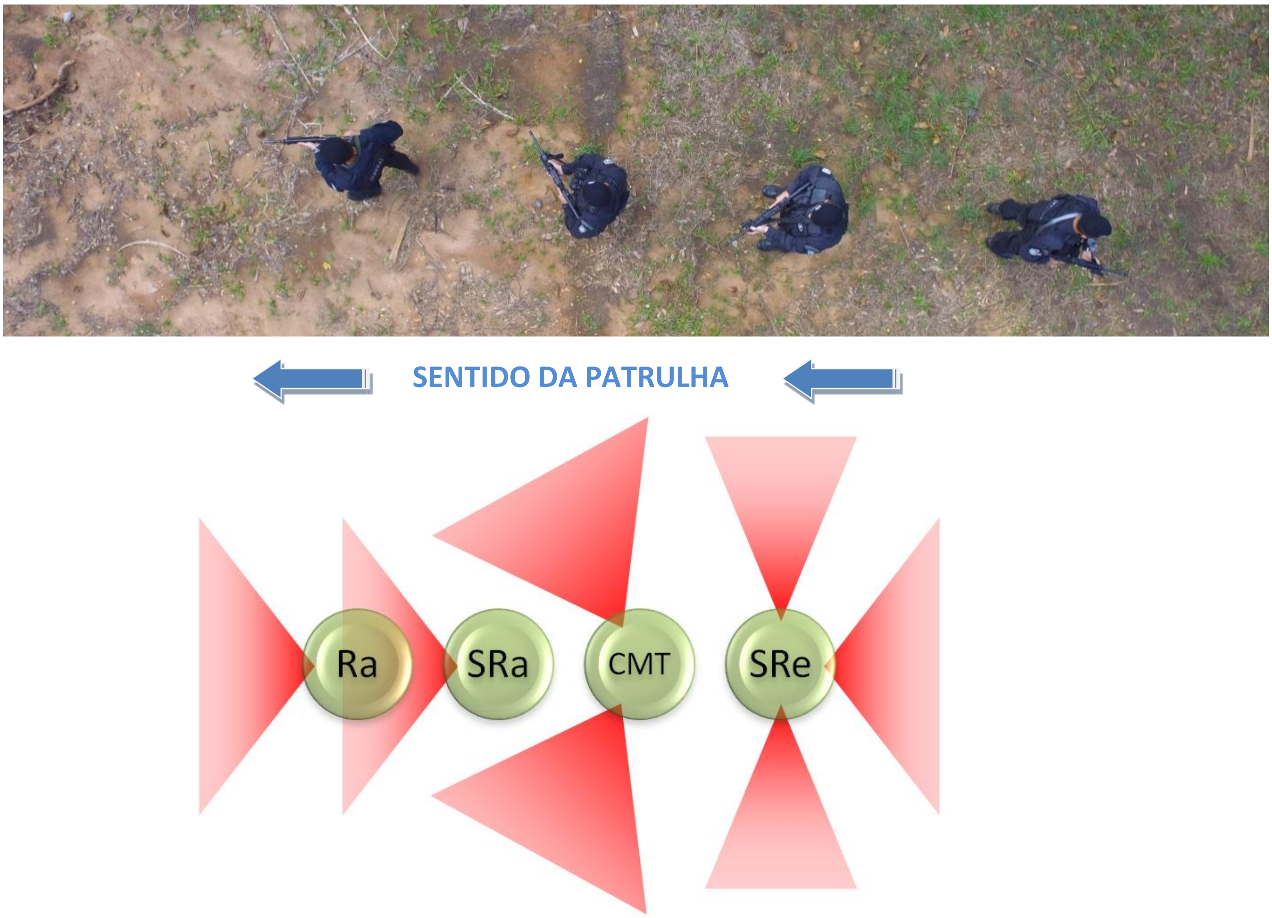


Figura 188 - Sentido da patrulha

Ponta 1: Rastreador (Ra)

Realiza o rastreamento policial, identificando sinais (vestígios e indícios) que auxiliam o **Comandante** a determinar a direção do deslocamento da patrulha. É responsável pela segurança de vanguarda juntamente com o Ponta 2 (**Segurança do Rastreador**) havendo identificação de ameaça ou ação emergencial (contato).Deve ser escolhido o policial com melhor conhecimento de itinerário e técnicas de rastreamento.

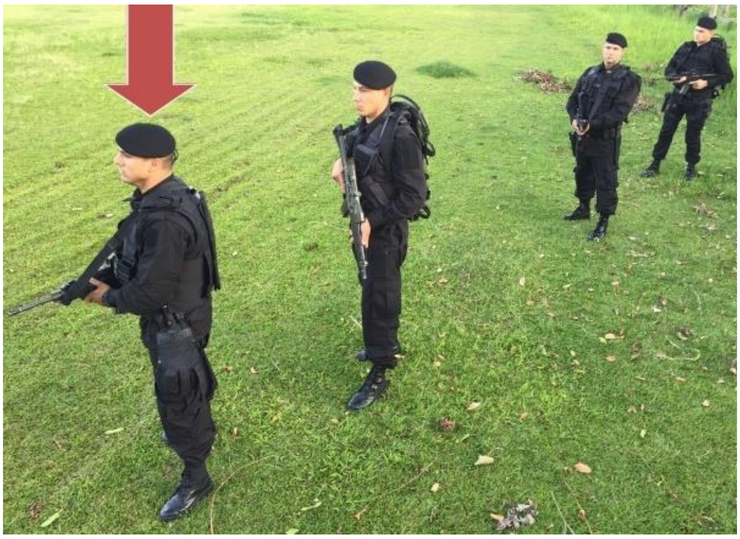


Figura 189 - Ponta 1 executando segurança de vanguarda

Ponta 2: Segurança do Rastreador (SRa)

Executa a função de segurança do Ponta 1 (**Rastreador**) quando este estiver com a sua área de responsabilidade voltada diretamente para os sinais encontrados no rastreamento. Responsável pela segurança de vanguarda da Patrulha. Auxilia o Ponta 1 (**Rastreador**) na realização do rastreamento, em especial quando a patrulha deslocar em formação de busca "Coluna por 2".

É responsável por conduzir o material apreendido e os vestígios encontrados. Deve ser escolhido um policial bem preparado fisicamente e com aptidão de tiro. O Ponta 2 (**Segurança do Rastreador**) será o revistador da patrulha quando for necessário realizar busca pessoal, ficando também responsável pela condução de pessoa detida durante a ação.

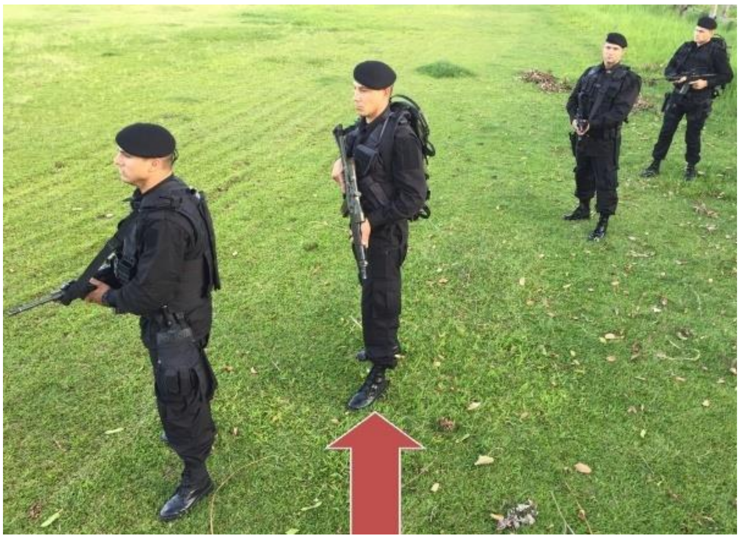


Figura 190 - Ponta 2 (Segurança do Rastreador)

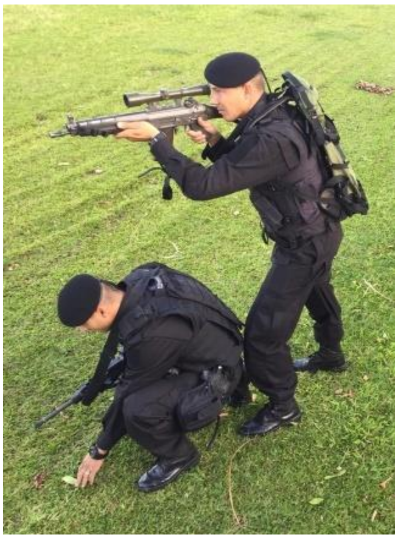


Figura 191 - Ponta 1 (Rastreador) e Ponta 2 (Segurança do Rastreador)

Comandante: Navegador (CMT)

Responsável pelo comando e unidade da patrulha, navegação, segurança lateral e apoio de fogo, além do direcionamento da patrulha, auxiliado pelo Ponta 1 (**Rastreador**). Também realiza a segurança do revistador durante as buscas pessoais, podendo assumir a segurança de vanguarda juntamente com o Ponta 1 (**Rastreador**) nos casos de condução de pessoa detida.

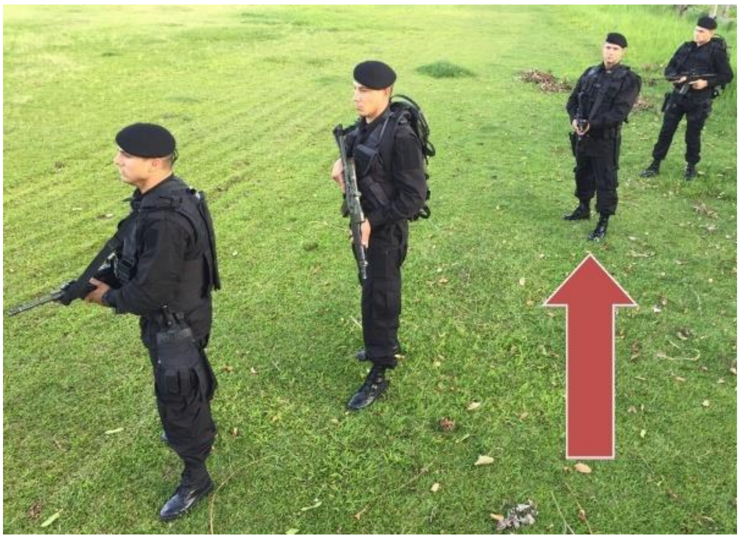


Figura 192 - Comandante na formação da patrulha

Segurança de Retaguarda (SRe)

Responsável pela segurança de retaguarda da patrulha. Carrega o material de uso coletivo e/ou executa a função de **Tarefas Especiais*** conforme a missão.

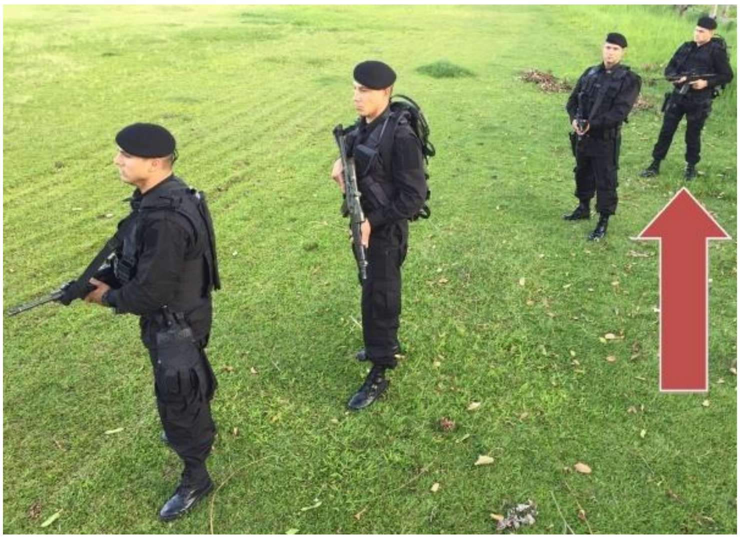


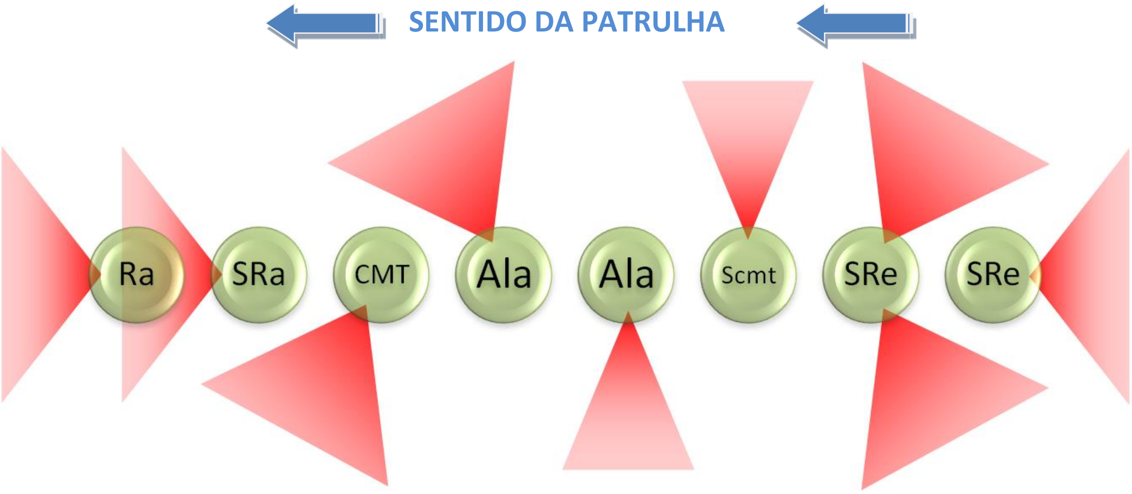
Figura 193 - Segurança de Retaguarda na formação da patrulha

*** Tarefas Especiais**

A função está relacionada com a missão específica da patrulha, podendo variar suas atividades conforme a necessidade. São exemplos de Tarefas Especiais: caçador, socorrista, explosivista, arrombador, apoio de fogo, etc.

54.2. COMPOSIÇÃO DA PATRULHA COM 08 (OITO) OPERADORES:

- Ponta 1 – Rastreador (Ra);
- Ponta 2 – Segurança do Rastreador;
- Comandante – Navegador;
- Ala – Tarefas Especiais;
- Ala – Socorrista;
- Subcomandante;
- Segurança de Retaguarda (1);
- Segurança de Retaguarda (2);


SENTIDO DA PATRULHA
Ra
SRa
CMT
Ala
Ala
Scmt
SRe
SRe

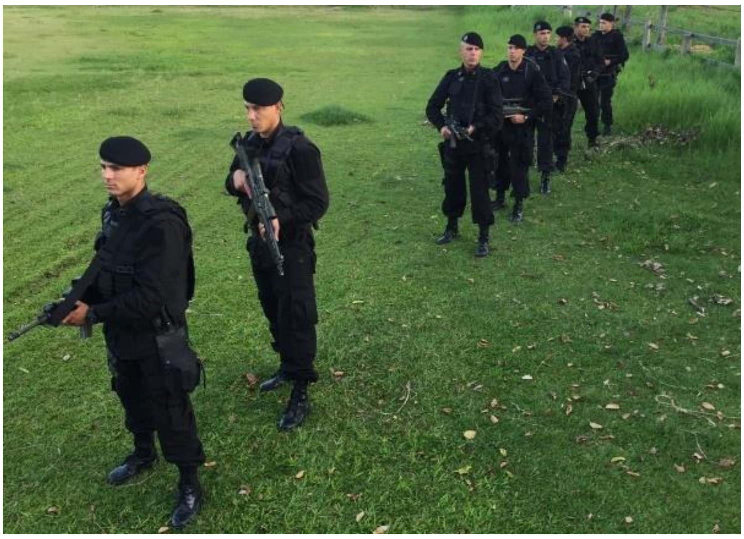


Figura 194 - Patrulha com 08 (oito) operadores

55. FORMAÇÕES DA PATRULHA

55.1. FORMAÇÕES DE BUSCA

55.1.1. COLUNA POR 1

- Emprego: utilizada em trilhas e interior da mata.
- Vantagens: melhor controle e apoio de fogo nos flancos.
- Desvantagens: menor desenvolvimento e apoio de fogo à frente e à retaguarda.

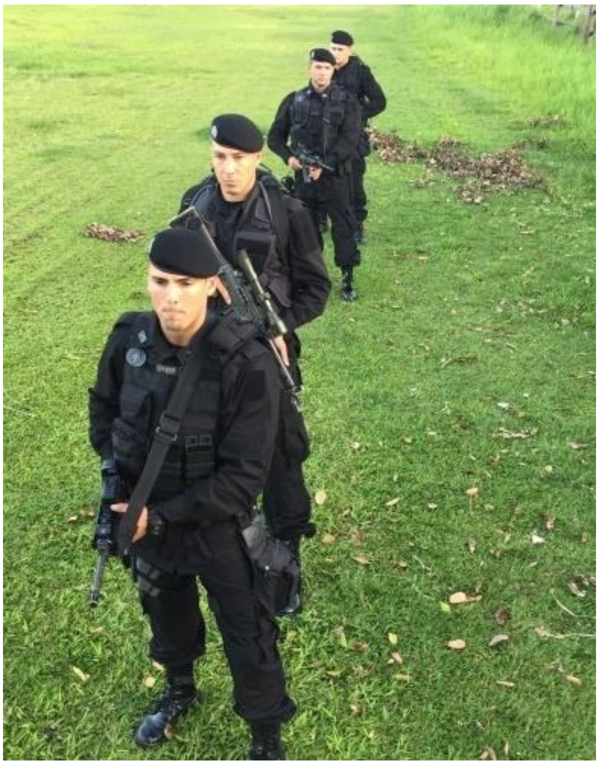


Figura 195 - Coluna por 1

55.1.2. COLUNA POR 2

- Emprego: utilizada em estradas.
- Vantagens: melhor controle e apoio de fogo nos flancos.
- Desvantagens: menor desenvolvimento e apoio de fogo à frente e à retaguarda e falta de cobertura.

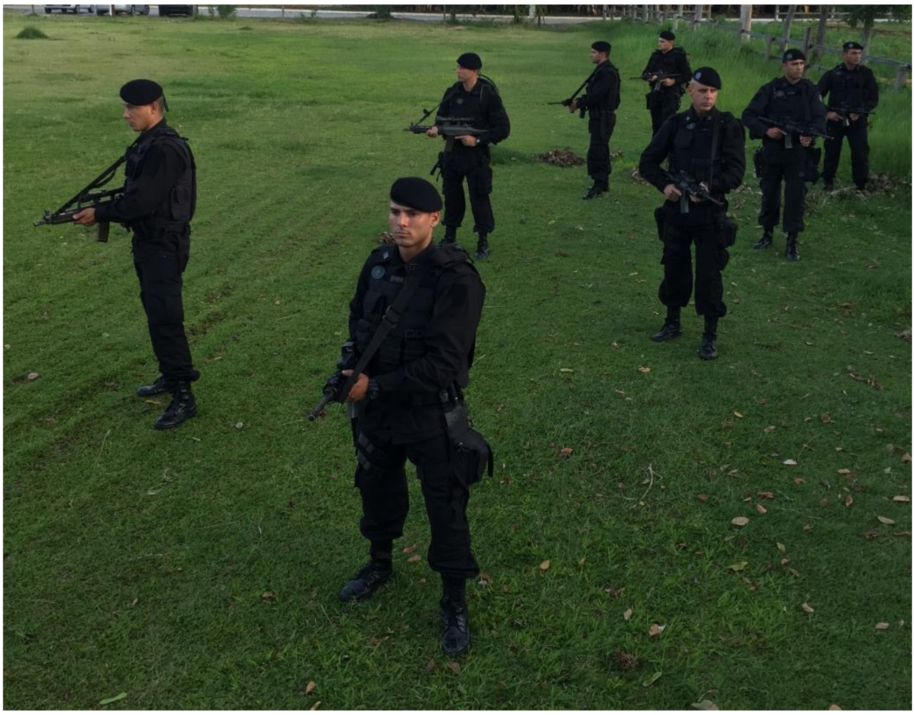


Figura 196 - Coluna por 2

55.1.3. LINHA

- Emprego: utilizada em campo (estepes) e/ou durante a TAI (técnica de ação imediata).

- Vantagens: maior apoio de fogo à frente.

- Desvantagens: menor apoio de fogo à retaguarda e exposição da patrulha.

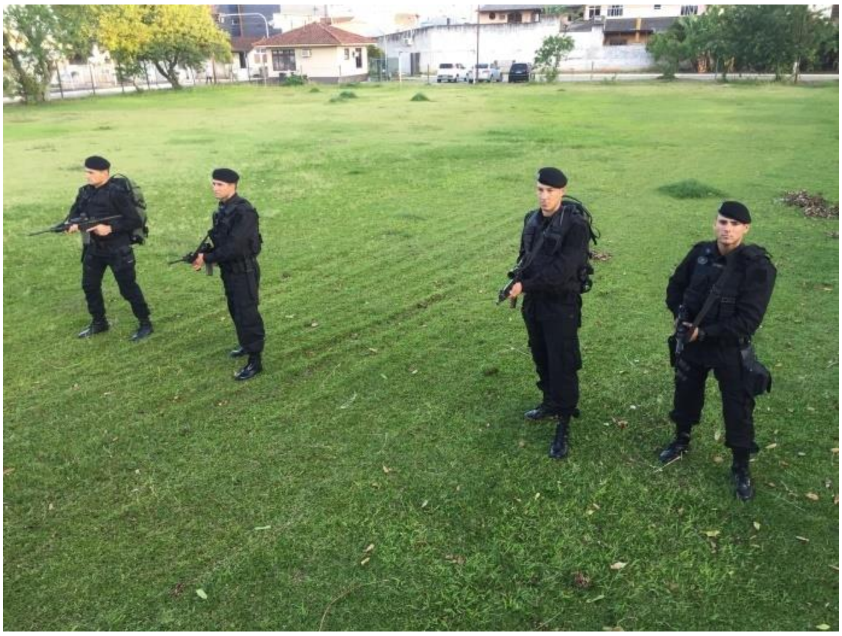


Figura 197 - Linha

55.1.4. LOSANGO

- Emprego: utilizada em campo (estepes) e/ou durante a TAI (técnica de ação imediata).

- Vantagens: apoio de fogo 360°.

- Desvantagens: exposição da patrulha.

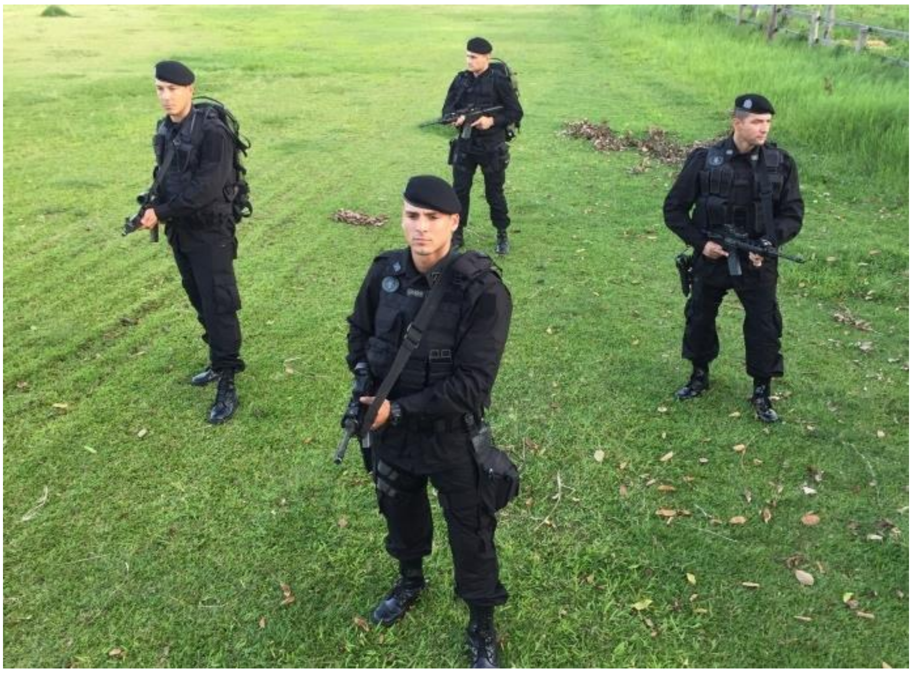


Figura 198 - Losango

55.2. FORMAÇÃO DE CONTATO

As formações de contato são dividas em: ofensivas, defensivas e neutras.

55.2.1. OFENSIVA

55.2.1.1. LINHA

Utilizada por fornecer maior poder de fogo à frente.

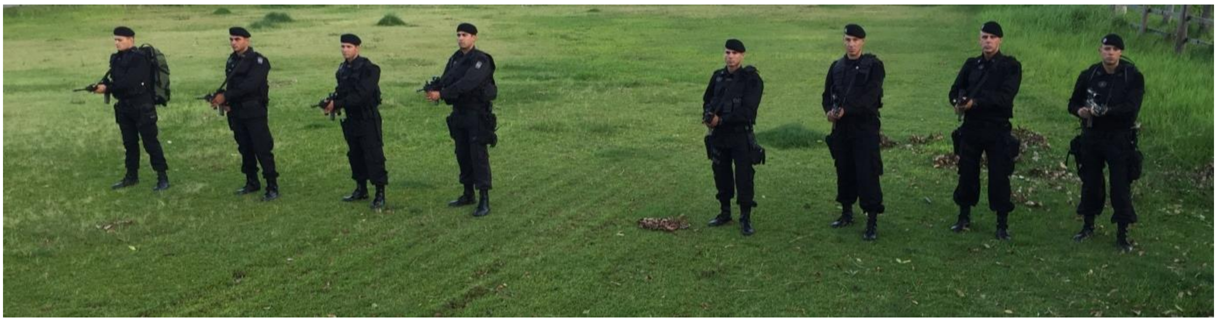


Figura 199 - Linha

55.2.1.2. LINHA ALTERNADA

Utilizada por fornecer maior poder de fogo à frente e progressão de forma alternada.

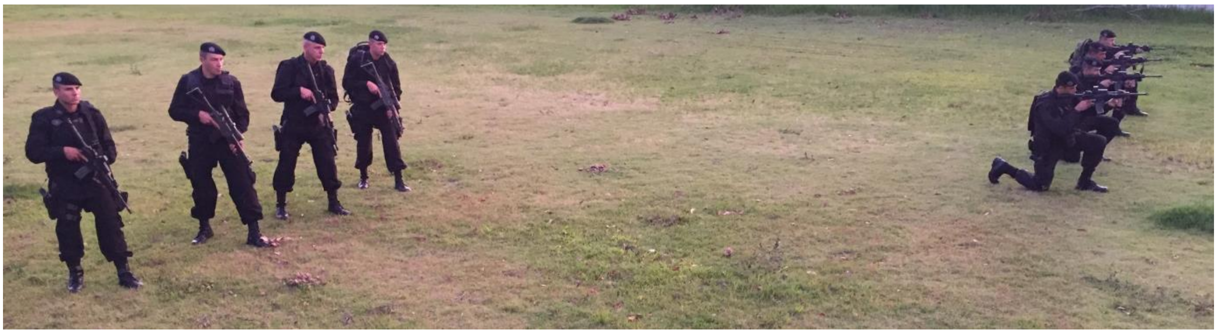


Figura 200 - Linha alternada

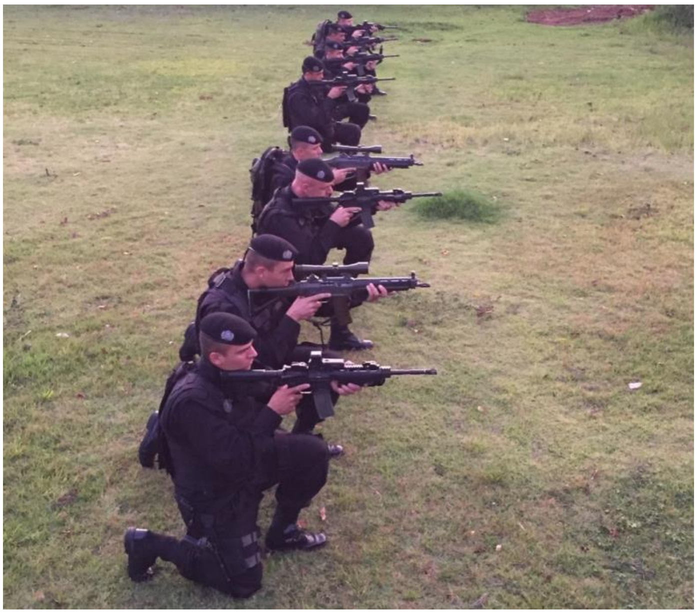


Figura 201 - Linha alternada

55.2.1.3. LOSANGO

Suporte de fogo em todas as direções (360°) durante o deslocamento.

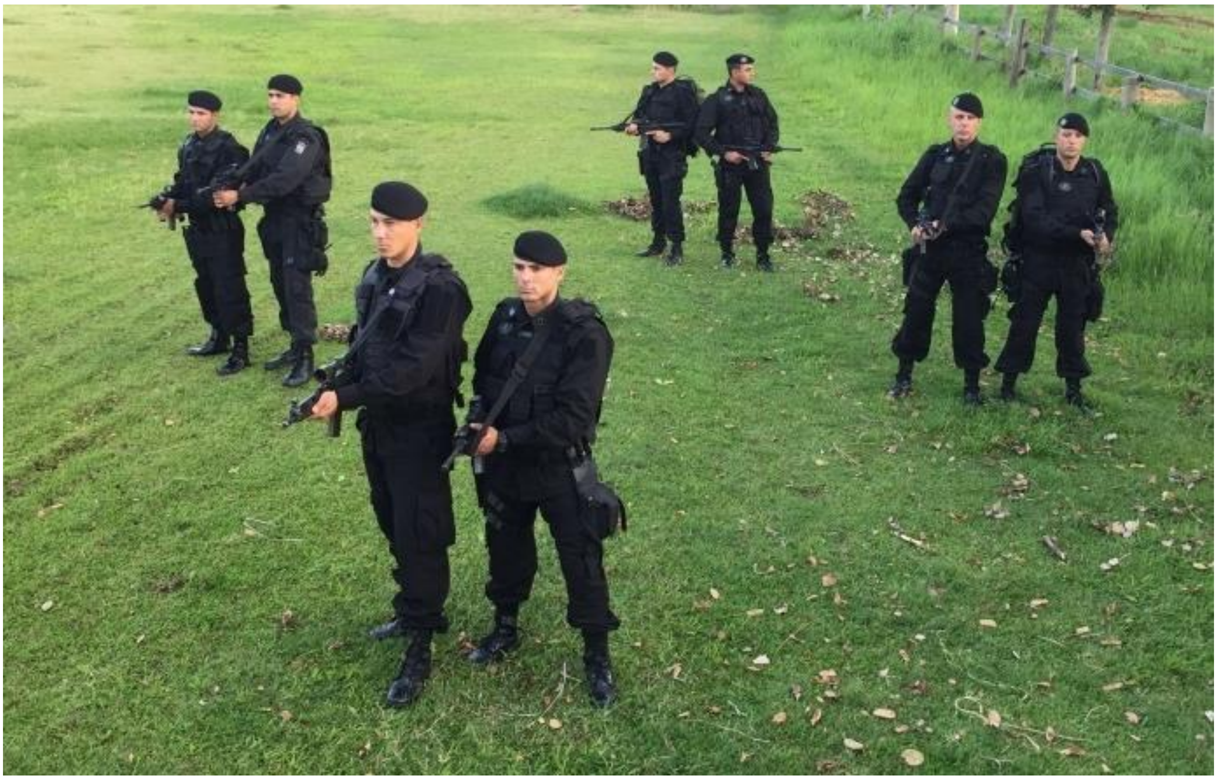


Figura 202 - Losango

55.2.1.4. ASSALTO

Progressão em direção ao perigo imediato.

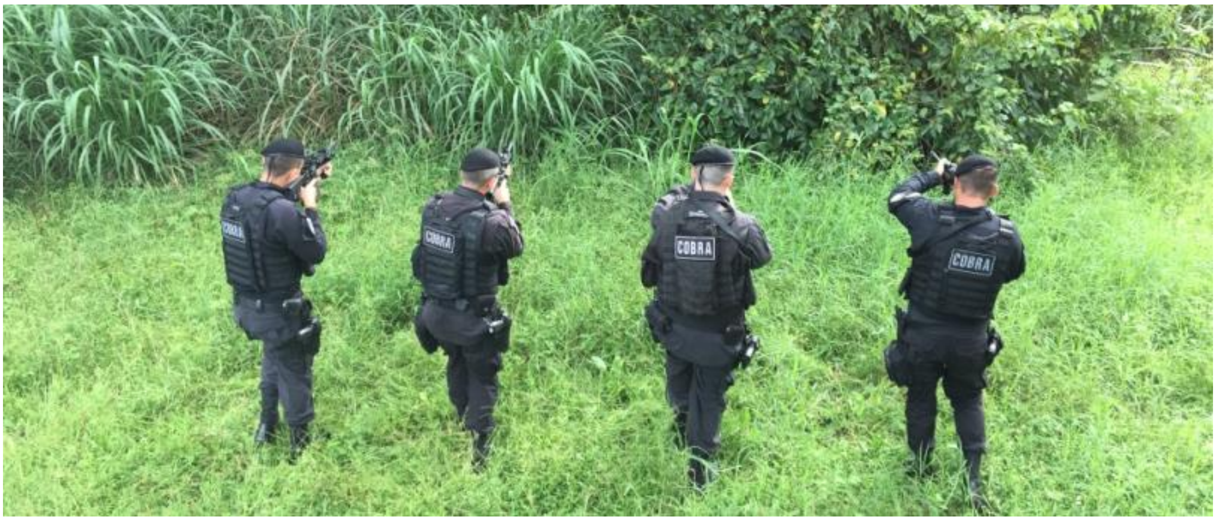


Figura 203 - Assalto

55.2.1.5. ABORDAGEM

Realizada quando encontrar suspeitos durante o deslocamento da patrulha.

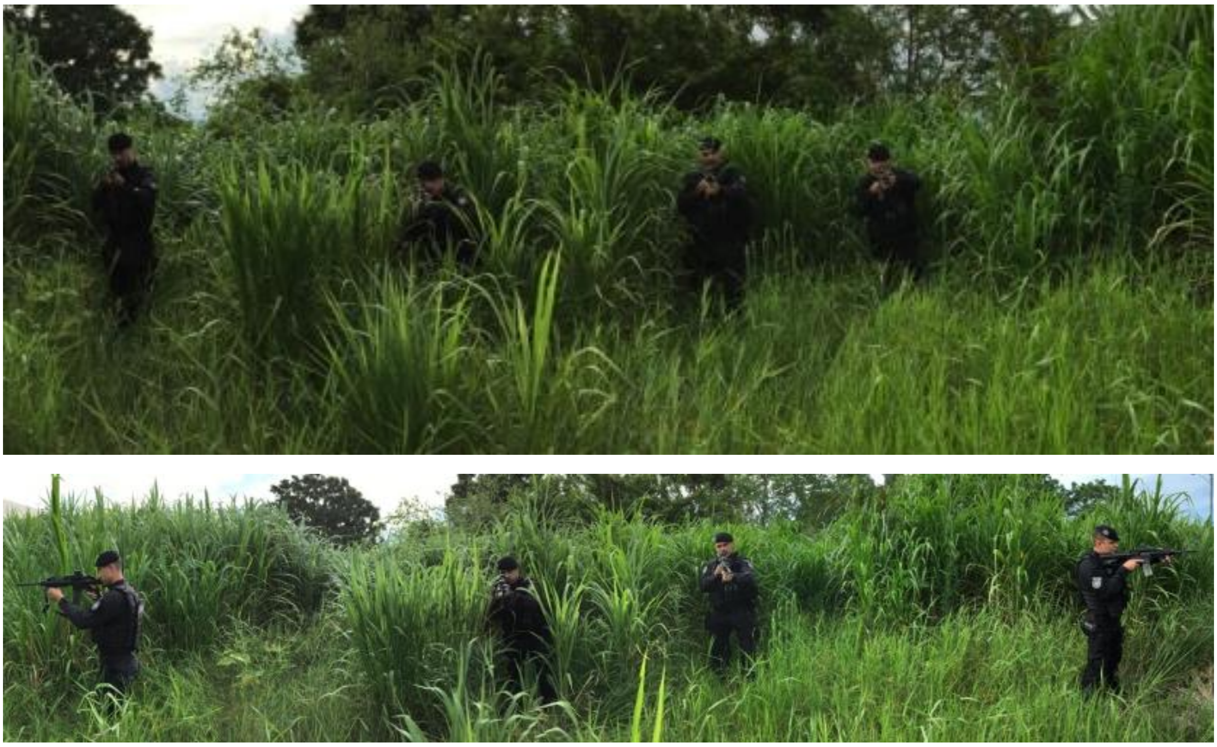


Figura 204 – Abordagem

55.2.2. DEFENSIVA

55.2.2.1. RETRAÇÃO EM LINHA ALTERNADA

Utilizada quando for necessário retrair e ainda manter o poder de fogo à frente estando em linha.

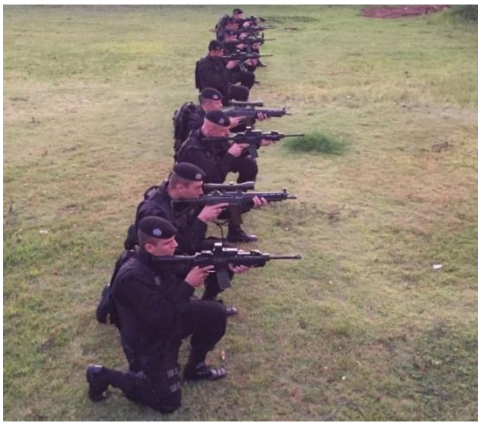


Figura 205 - Retração em linha alternada

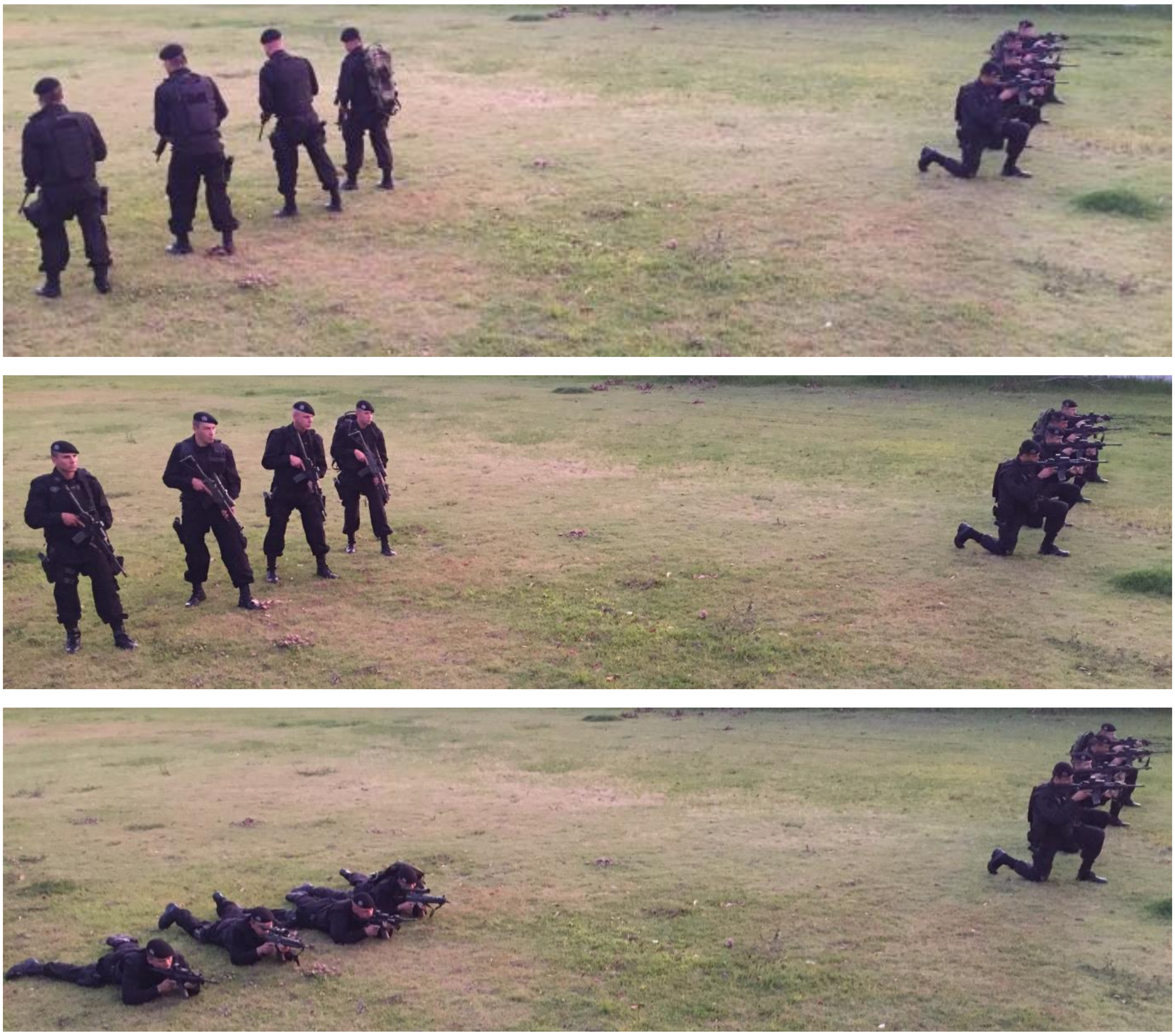


Figura 206 - Retração em linha alternada

55.2.2.2. RETRAÇÃO COLUNA POR 1

Utilizada quando for necessário retrair e ainda manter o poder de fogo à frente estando em coluna por um.

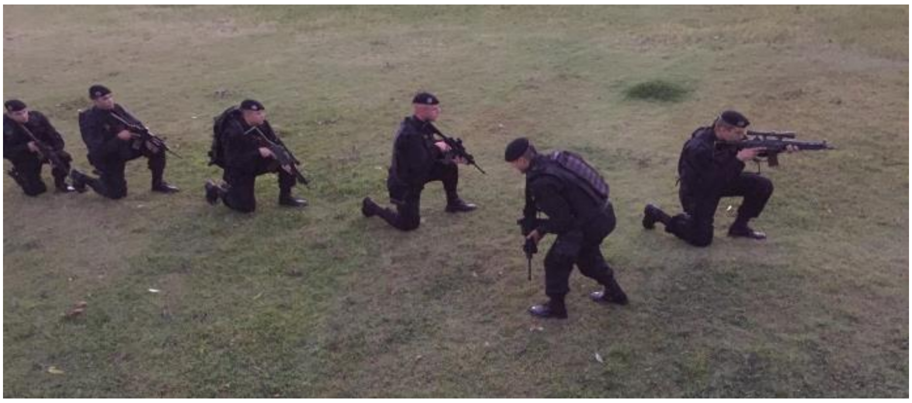


Figura 207 - Retração coluna por 1

55.2.2.3. RETRAÇÃO COLUNA POR 2

Utilizada quando for necessário retrair e ainda manter o poder de fogo à frente estando em coluna por dois.

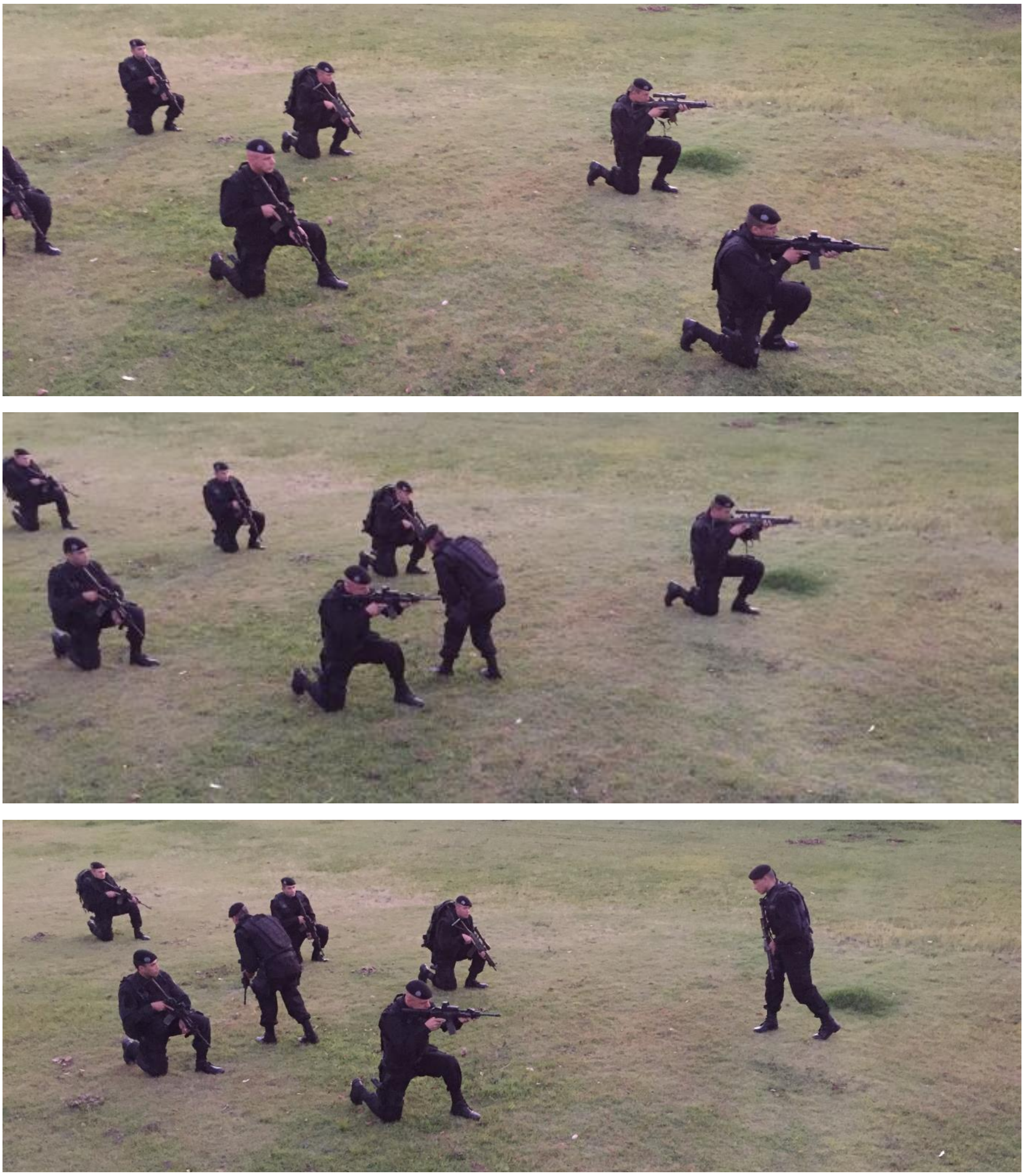


Figura 208 - Retração coluna por 1

55.3. FORMAÇÕES NEUTRAS

55.3.1. ALTO

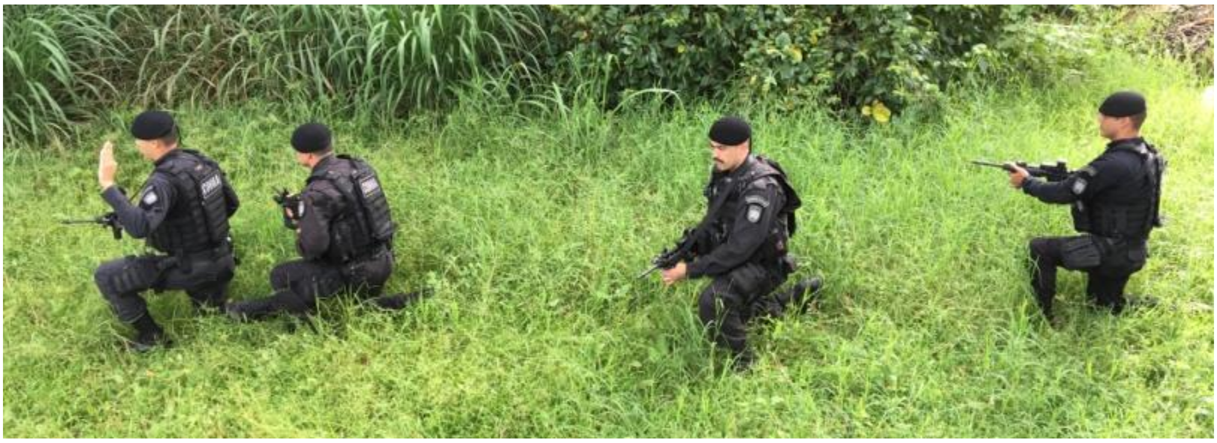


Figura 209 - Alto

55.3.2. ALTO GUARDADO

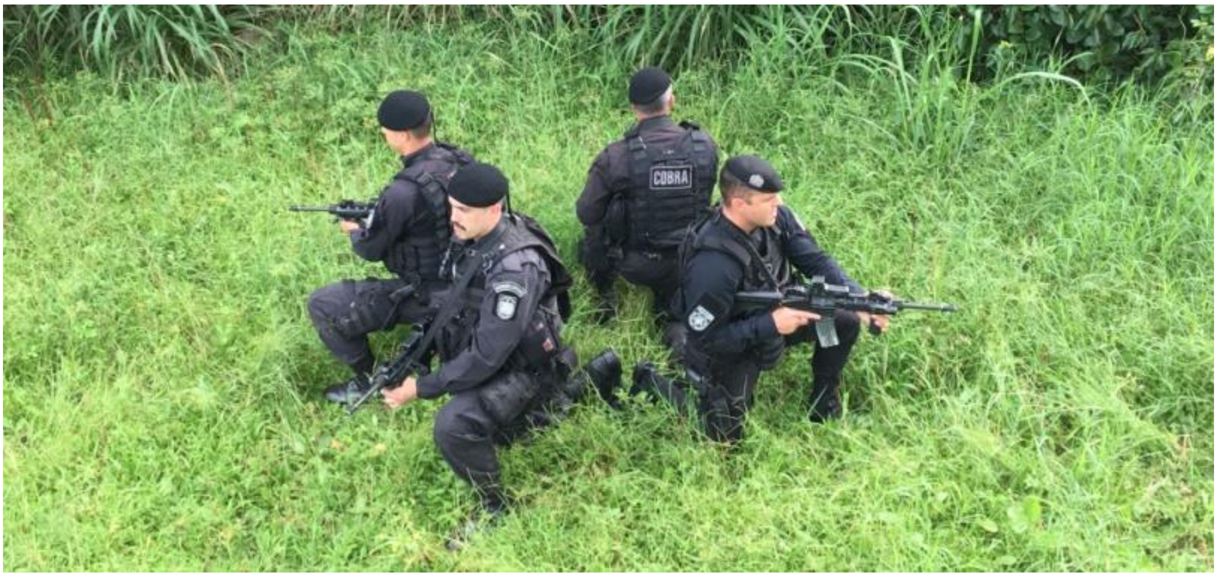


Figura 210 - Alto guardado

55.3.3. CONGELAR

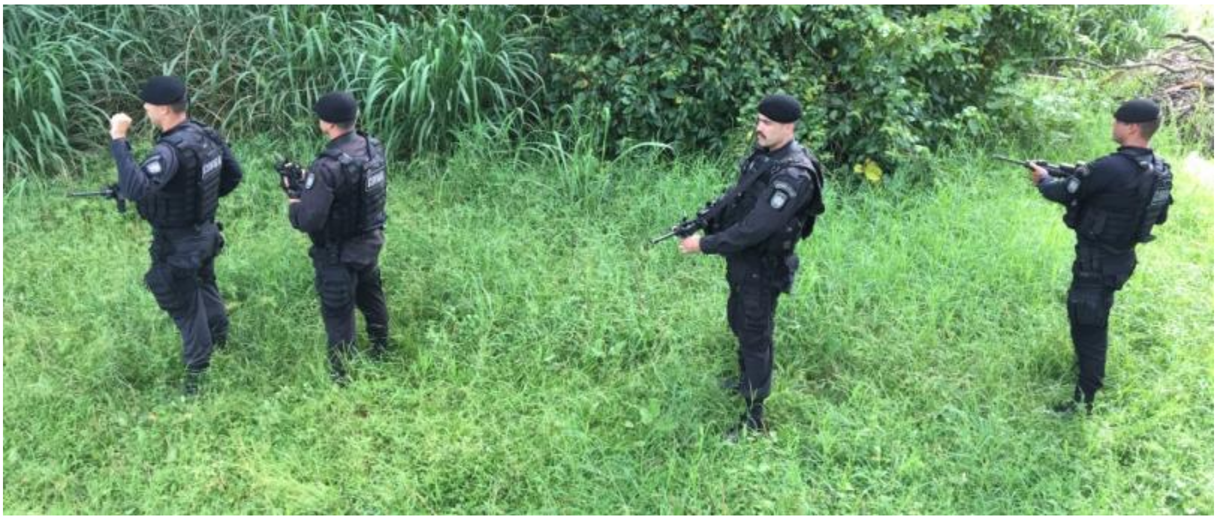


Figura 211 - Congelar

56. FATORES QUE INFLUENCIAM A FORMAÇÃO DA PATRULHA

- Menor número de alvos;
- Permitir deslocamento em qualquer direção;
- Ter flexibilidade para mudança de formação;
- Tipo e características do terreno;
- Criminosos e suas armas;
- A ação no objetivo;
- Manutenção da integridade Tática;
- Controle;
- Velocidade de deslocamento;
- Segurança e Sigilo;
- Condições Meteorológicas.

57. TÁTICAS DE AÇÃO IMEDIATA – TAI

57.1. OFENSIVA

- Linha.
- Linha alternada ou rompimento frontal à esquerda/direita.
- Losango.
- Flanqueamento à esquerda/direita.
- Assalto.
- Abordagem.

57.2. DEFENSIVA

- Retração em linha alternada.
- Retração coluna por 1.
- Retração coluna por 2.
- Rompimento à esquerda/direita.

58. TÁTICAS DE AÇÃO IMEDIATA EMBARCADO – TAIE

- Contato esquerda.
- Contato direita.
- Contato retaguarda.
- Contato frente (vanguarda).

59. ERROS A SEREM EVITADOS

- Quebra da disciplina de luzes e ruídos.
- Disparos acidentais ou prematuros.
- Camuflagem deficiente, inapropriada ou ausente.
- Falta de cobertura (segurança) 360º.
- Panes de armamento/equipamentos.
- Comunicação deficiente ou ausente.
- Apoio de fogo deficiente ou ausente.
- Despreparo técnico ou psicológico.
- Passividade, lentidão, falta de objetividade ou ação pouco agressiva.

60. MEMENTO DE INSTRUÇÃO

MEMENTO INSTRUÇÃO PRÁTICA EPAR BOPE PMSC

[1] FORMAÇÕES DE BUSCA

- Coluna por 1
- Coluna por 2
- Linha
- Losango

[2] FORMAÇÕES DE CONTATO

OFENSIVA
- Linha
- Linha alternada
- Losango
- Assalto
- Abordagem

DEFENSIVA
- Retração em linha alternada
- Retração coluna por 1
- Retração coluna por 2

[3] FORMAÇÕES NEUTRAS

- Alto
- Alto guardado
- Congelar

[4] TÉCNICAS DE AÇÃO IMEDIATA – TAI

OFENSIVA
- Linha
- Linha alternada
- Losango
- Flanqueamentoa esquerda/direita
- Assalto
- Abordagem

DEFENSIVA
- Retração em linha alternada
- Retração coluna por 1
- Retração coluna por 2
- Rompimento a esquerda/direita

[5] TÉCNICAS DE AÇÃO IMEDIATA – TAI

OFENSIVA
- Linha
- Linha alternada
- Losango
- Flanqueamentoaesquerda/direita
- Assalto
- Abordagem

DEFENSIVA
- Retração em linha alternada
- Retração coluna por 1
- Retração coluna por 2
- Rompimento a esquerda/direita

[6] TÉCNICAS DE AÇÃO IMEDIATA – TAI

OFENSIVA
- Linha
- Linha alternada
- Losango
- Flanqueamentoaesquerda/direita
- Assalto
- Abordagem

DEFENSIVA
- Retração em linha alternada
- Retração coluna por 1
- Retração coluna por 2
- Rompimento a esquerda/direita

[7] TÉCNICAS DE AÇÃO IMEDIATA EMBARCADO – TAIE

- Contato esquerda
- Contato direita
- Contato retaguarda
- Contato frente (vanguarda)

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

PRIMEIRA INTERVENÇÃO EM OCORRÊNCIAS DE CRISE

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 5 – PRIMEIRA INTERVENÇÃO EM OCORRÊNCIAS DE CRISE

61. CONCEITOS INICIAIS

Neste primeiro momento, iremos repassar alguns conceitos básicos referentes ao tema e que servirão para o entendimento do processo de primeira intervenção em ocorrências de crise com foco específico em situações que envolvam **reféns, suicidas armados ou artefatos explosivos.** Ou seja, em que pese a amplitude do termo, toda "crise" tratada neste manual terá por referência ocorrências com reféns, suicidas armados ou artefatos explosivos.

61.1. BOMBA

Engenhos construídos com o intuito de causar danos, lesões ou mortes e que podem ser fabricadas com material explosivo, inflamável, agentes QBRN (químico, biológico, radiológico ou nuclear) ou de forma mista. Classificam-se internacionalmente em dois tipos: EOD (*Explosive Ordinance Disposal*) ou artefatos explosivos industrializados e IED (*Improvised Explosive Device*) ou artefatos explosivos improvisados.

61.2. CARACTERÍSTICAS DA CRISE

- Imprevisibilidade: evento inesperado, em qualquer lugar e com qualquer pessoa.
- Compressão de tempo: As providências a serem adotadas para conter e estabilizar uma crise são urgentes.
- Ameaça à vida: componente essencial para caracterizar uma crise no âmbito policial.

61.3. CAUSADOR DO EVENTO CRÍTICO – CEC

É todo aquele indivíduo que dá causa a uma crise, podendo fazê-lo pelas mais variadas motivações.

61.4. CRISE

Situação crucial, que exige resposta especial da polícia, a fim de conseguir uma solução aceitável, nos aspectos legais, éticos e morais vigentes.

61.5. CRITÉRIOS DE AÇÃO

Na tomada de decisões, deve-se rigorosamente observar os seguintes critérios:

- Necessidade: indica que qualquer ação somente deve ser implementada quando for indispensável.

- Validade do risco: orienta que toda e qualquer ação tem que levar em conta se os riscos dela advindos são compensados pelos resultados.

- Aceitabilidade: implica em que toda a ação deve ter embasamento legal, moral e ético.

61.6. ELEMENTOS ESSENCIAIS DE INTELIGÊNCIA

- Perpetrador (causador): informações detalhadas sobre quantidade, motivação, vestes, condição física, estado mental, habilidade com armas, histórico criminal.

- Reféns: quantidade, idade, condição física, localização no ponto crítico.

- Objetivo: informações sobre o local da crise, plantas, tipo de edificação, cômodos, vias de acesso.

- Armas: quantidade, tipos e calibre, artefatos diversos, habilidade no manuseio.

61.7. EQUIPE TÁTICA

É responsável por realizar a invasão tática no ponto crítico, com o objetivo de liberar os reféns e neutralizar a ação do causador da crise.

61.8. EXPLOSIVO

Produto que por meio de uma excitação adequada se transforma rápida e violentamente de estado, gerando gases, altas pressões e elevadas temperaturas.

61.9. GERENCIAMENTO DE CRISES

Consiste na aplicação dos recursos necessários, para identificar, prevenir ou reprimir a prática de atos ilegais na resolução de uma crise, dentro de parâmetros legais, éticos e morais vigentes na sociedade.

61.10. GERENTE DA CRISE

Participante do sistema de administração de determinada crise, que dispõe de autoridade para decidir sobre as condições de negociação ou resolução da crise.

61.11. GRUPO TÁTICO

Grupo de policiais militares especializados no uso das alternativas táticas.

61.12. NEGOCIADOR

É o responsável em coletar informações para o gerente da crise e utilizar as técnicas de negociação para liberação dos reféns. Não é um decisor.

61.13. NEGOCIAÇÃO REAL

Objetiva a rendição ou desistência do ato – convencimento.

61.14. NEGOCIAÇÃO TÁTICA

Visa preparar o ambiente para o uso de outra alternativa tática.

61.15. OBJETIVOS DO GERENCIAMENTO DE CRISES

- Salvar vidas
- Aplicar a Lei

61.16. POSTO DE COMANDO

Estrutura de referência, dotada dos recursos necessários, de onde atuam o comandante do teatro de operações e sua assessoria.

61.17. PRIMEIRA INTERVENÇÃO

É o conjunto de ações técnicas a serem tomadas pelo policial ou equipe de policiais que primeiro se deparam com ocorrências qualificadas como críticas em andamento.

62. O QUE SÃO OCORRÊNCIAS DE CRISE?

Como já dito inicialmente, ocorrências de crise são fatos violentos ou repentinos, onde ocorre a ruptura do equilíbrio e da normalidade. Como via de regra, associa-se ocorrências de crise somente com aquelas situações onde esteja presente a figura do refém.

Contudo, uma ocorrência de crise é muito mais ampla, podendo apresentar diversos aspectos e exigir do primeiro interventor uma leitura correta dos fatos para que consiga adotar os procedimentos necessários nesta fase inicial de atendimento. Assim, temos como exemplos de ocorrências de crise:

- Reféns localizados.
- Rebelião em estabelecimentos prisionais.
- Bombas e explosivos.
- Atentados terroristas.
- Manifestações sociais.
- Suspeito barricado.
- Invasão de propriedade.
- Cidadão com propósito suicida.

Figura 212 - Ocorrências de crise

63. PROCEDIMENTO OPERACIONAL PADRÃO - POP

No âmbito da Polícia Militar de Santa Catarina, existem normativas legais que regem a atuação do primeiro interventor em ocorrência de crise e suas ações preliminares à chegada do BOPE.

Nestes documentos, tem-se a sequência de ações que o primeiro interventor deverá adotar nos momentos iniciais de atendimento da ocorrência. Além da padronização de ações, a observância fiel destes documentos serve como uma proteção jurídica ao policial militar envolvido no evento crítico em sua defesa de eventuais procedimentos penais ou administrativos.

- Diretriz Operacional nº 042/2014
  Emprego do Batalhão de Operações Policiais Especiais.

- Procedimento Operacional Padrão - POP 304.27
  Atendimento preliminar de ocorrência com bombas e explosivos.

- Procedimento Operacional Padrão - POP nº 304.28
  Atendimento preliminar de ocorrência com refém ou suicida.

- Procedimento Operacional Padrão - POP nº 304.35
  Atendimento de ocorrência de furto-roubo a caixas eletrônicos.
- Procedimento Operacional Padrão - POP nº 701.2
  Procedimento em ocorrência com refém, suicida ou criminoso barricado.

- Procedimento Operacional Padrão - POP 701.3
  Procedimentos em ocorrência com bombas e explosivos.

64. PRIMEIRO INTERVENTOR EM OCORRÊNCIAS DE CRISE

Normalmente é o primeiro policial a chegar à ocorrência (eventualmente outra pessoa pode já ter iniciado o contato), sendo que deverá conter e isolar o ponto crítico da crise.

Importante destacar que o primeiro interventor deverá buscar um local seguro e abrigado, para que consiga ter uma análise completa o cenário da crise.

O policial militar que exercer a função de primeiro interventor deverá atuar como um estabilizador de ânimos – devendo acalmar as pessoas envolvidas e o cenário de caos que, normalmente, é gerado nestas situações de crise.

Em análise de ocorrências anteriores, percebe-se que os causadores do evento crítico tendem a serem extremamente agressivos nos primeiros minutos, sendo comuns agressões verbais e ofensas pessoais ao policial militar que tente estabelecer contato.

Deve-se ter ciência que o tempo resposta para acionamento do negociador e equipe tática do BOPE poderá variar de acordo com a distância de cada cidade. O primeiro interventor poderá iniciar a verbalização com o causador da crise, sempre abrigado, visando desestimular o ato delituoso e não potencializar os ânimos já exaltados, não permitindo concessões de qualquer natureza aos infratores.

Nesta primeira fase de atuação, é importante que se procure colher o maior número possível de informações sobre o evento crítico, tais como: número de infratores, número de reféns, pessoas feridas, local de confinamento, vias de fuga, armas de fogo, motivação do ato, etc.

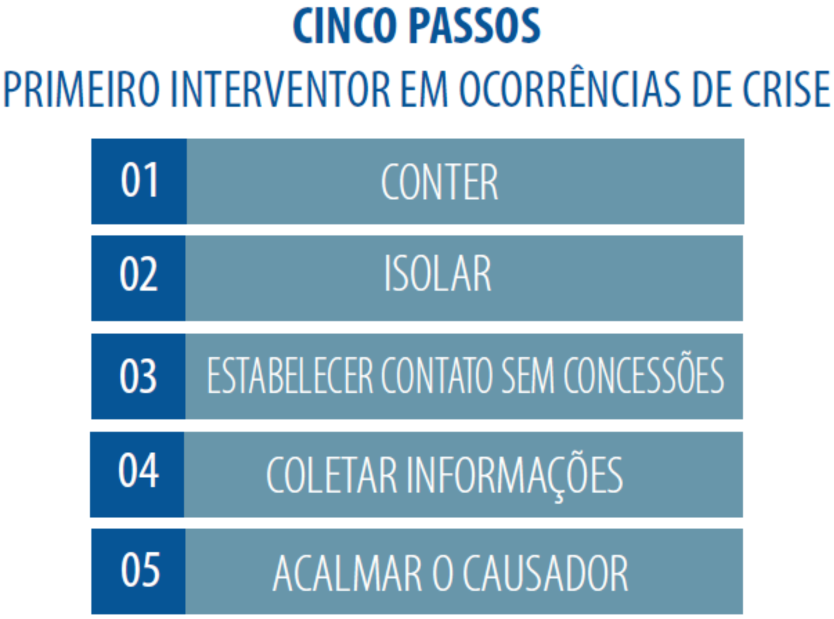
Além disso, destaca-se a importância do acionamento de socorro emergencial que deverá estar presente até a resolução da crise. Por fim, estas informações preliminares deverão ser repassadas ao Comando local para que seja realizado o devido acionamento das equipes do BOPE.

São ações importantes do primeiro interventor em ocorrência de crise:

- Tentar acalmar os envolvidos.
- Colher informações sobre a ocorrência.
- Ganhar tempo.
- Não despertar exigências - nesta fase inicial não são permitidas concessões como entrega de comida, água, auxílio médico, etc.
- É muito mais importante ouvir do que falar, principalmente os desabafos.
- Ouvir o sujeito e perceber informações valiosas até a chegada do negociador.
- Lembre-se que permitir a fala do causador reduz sua ansiedade.
- Seja sincero, sem mentiras durante a conversa com o causador do evento crítico.

- Evite dizer expressões negativas, como: “não”, “não vou conseguir”, “é impossível”. Nestes casos, substitua por expressões positivas ou neutras, como: “vou verificar”, “estamos analisando”. Assim, o primeiro interventor evitará um possível momento de fúria do causador da crise, como também, ganhará tempo até a chegada do negociador.

- Não sugira qualquer tipo de troca de reféns ou outras pessoas.



CINCO PASSOS

PRIMEIRO INTERVENTOR EM OCORRÊNCIAS DE CRISE

01	CONTER
02	ISOLAR
03	ESTABELECER CONTATO SEM CONCESSÕES
04	COLETAR INFORMAÇÕES
05	ACALMAR O CAUSADOR

Figura 213 - Cinco passos do primeiro interventor em ocorrências de crise

65. A CHEGADA DO NEGOCIADOR

Até o momento da chegada do negociador ao local, o primeiro interventor irá atuar subordinado a seu superior imediato.

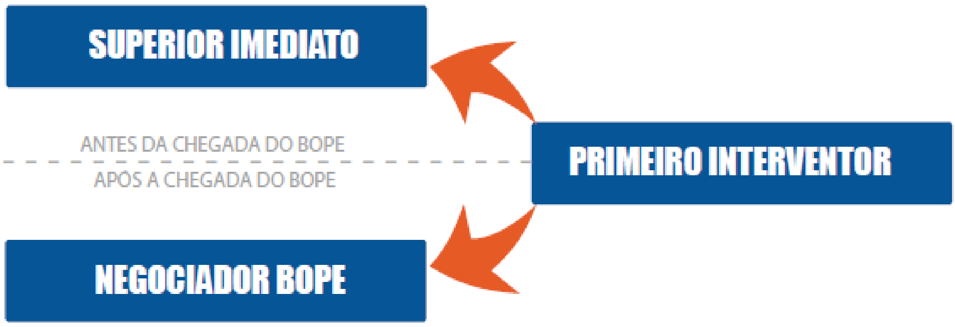

SUPERIOR IMEDIATO
ANTES DA CHEGADA DO BOPE
APÓS A CHEGADA DO BOPE
PRIMEIRO INTERVENTOR
NEGOCIADOR BOPE

Figura 214 - Teatro de operações

Após o protocolo de acionamento das equipes do BOPE, poderá ocorrer a chegada do negociador no evento crítico. Assim, o negociador poderá atuar, inicialmente, em conjunto com o primeiro interventor até que se estabeleça o vínculo emocional entre o negociador e o causador.

Logo, importante é a atuação do primeiro interventor, que servirá, em um primeiro momento, como um elo de transição entre o causador e o negociador que acaba de chegar ao evento crítico.

PRIMEIRO INTERVENTOR
NEGOCIADOR

Figura 215 - Relação de ações entre primeiro interventor em ocorrências de crise e negociador BOPE

66. TIPOLOGIA DO CAUSADOR

Para que a negociação seja proveitosamente dirigida, procure sempre identificar as características psicológicas dos causadores dos eventos críticos.

TIPO	CARACTERÍSTICAS
Criminoso profissional	É uma pessoa que se dedica ao rotineiro cometimento de crimes. Essa espécie de criminosos geralmente provocam uma crise por acidente, devido a um confronto inesperado com a polícia, na flagrância de alguma atividade ilícita. Exemplo: criminoso que após cometer roubo em estabelecimento comercial, se depara com a chegada da polícia e faz clientes como reféns.
Indivíduo mentalmente	É um indivíduo que não conseguiu lidar com seus problemas de trabalho, ou de família, ou

perturbado	simplesmente um psicopata que esteja completamente divorciado da realidade. Exemplo: cidadão com propósito suicida.
Outros	Terroristas com fins políticos/religiosos, normalmente com alto grau de fanatismo. Ex: grupo terrorista que tenta explodir um avião.

67. INDIVÍDUO MENTALMENTE PERTURBADO

Outra possibilidade de atuação são ocorrências envolvendo indivíduos mentalmente perturbados. Para tanto, é importante o esclarecimento de alguns pontos sobre o tema:

- Perfil do indivíduo mentalmente perturbado: sexo masculino, jovem, baixo nível socioeducacional, desempregado, sem suporte social adequado, história de atos violentos, maus tratos na infância, baixa tolerância a frustrações, baixa autoestima, pouca tolerância a relações interpessoais próximas, abuso ou abstinência de drogas e irritação do humor[1].
- O indivíduo mentalmente perturbado pode mostrar sua agressividade de diversas maneiras: ameaçando agredir (física, verbal) destruindo objetos.
- Poderá tornar-se agressivo por alguma razão: não se sente compreendido, não é atendido em suas necessidades, sofreu outra agressão, sentimento de perseguição, alucinações ou efeitos de substâncias psicoativas.
- Sinais de violência iminente: atos recentes de violência, ameaças verbais ou físicas, voz alta, estridente, com comentários pejorativos, agressivos, sexualmente invasivos ou voz abafada, contida, resmungos, olhos arregalados e um olhar desafiador diretamente nos olhos do entrevistador.

---

[1] Fonte: Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina – IPQ/SC.

Os quadros psiquiátricos que mais comumente apresentam agressividade: transtornos psicóticos (esquizofrenia, transtorno de humor e psicose pós-parto), transtornos mentais orgânicos (*delirium* e intoxicação e abstinência de drogas), transtornos de personalidade (anti-social) e transtornos cerebrais (epilepsia).

68. COMPORTAMENTO SUICIDA[2]

É todo ato de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo praticado pela própria vítima e que esta sabia dever produzir este resultado. A razão principal das pessoas quererem cometer suicídio é o sentimento de desesperança e impotência, geralmente provocada por uma perda marcante:

- Ente querido.
- Relações amorosas.
- Emprego/colapso financeiro.
- Problemas de saúde/doença crônica.

Associado a estes fatores, o uso de substâncias psicoativas também podem potencializar o comportamento suicida em determinados momentos.

Nestes casos, o primeiro interventor deverá ter muito cuidado durante seu contato inicial com o cidadão que apresenta comportamento suicida, deve-se saber qual motivo o levou a chegar naquela situação.

Uma abordagem errada do primeiro interventor pode ser o estopim ao cometimento do suicídio por parte daquele cidadão. Nesta linha, seguem alguns pontos importantes para abordagem de cidadão que apresenta comportamento suicida:

- Evite falar sobre o motivo que levou o cidadão àquele estado.
- Em caso de traição amorosa, evite falar sobre a pessoa que traiu. Nestes casos, jamais permita que o cidadão tenha contato com a pessoa que o traiu (plateia para o suicídio).

---

[2] Material elaborado em conjunto com a Diretoria de Saúde e Promoção Social – Serviço de Psicologia e Serviço Social da Polícia Militar de Santa Catarina.

- Não permita que o cidadão fale ao telefone com entes queridos como mãe ou pai (despedida).
- Procure saber se o cidadão possui algum forte vínculo familiar ou de amizade e com quem (ancoragem).

69. SUICÍDIO PROVOCADO POR POLICIAL

Situação na qual um indivíduo apresenta determinado comportamento com a intenção de provocar o uso de força letal pelo policial militar.

70. PREVENÇÃO AO SUICÍDIO

Destaca-se o projeto "Setembro Amarelo" é uma campanha de conscientização sobre a prevenção do suicídio, com o objetivo direto de alertar a população a respeito da realidade do suicídio no Brasil e no mundo e suas formas de prevenção. Ocorre no mês de setembro por meio de identificação de locais públicos e particulares com a cor amarela e ampla divulgação de informações.

SETEMBRO AMARELO:
Mês Internacional da
Prevenção ao Suicídio

Figura 216 - Campanha de prevenção ao suicídio "Setembro Amarelo"

71. ALTERNATIVAS TÁTICAS

Durante o processo de gerenciamento de uma crise, se faz necessário que o primeiro interventor tenha conhecimento das possibilidades de uso das alternativas táticas. Conforme gráfico abaixo, pode-se notar o escalonamento do uso das alternativas táticas:

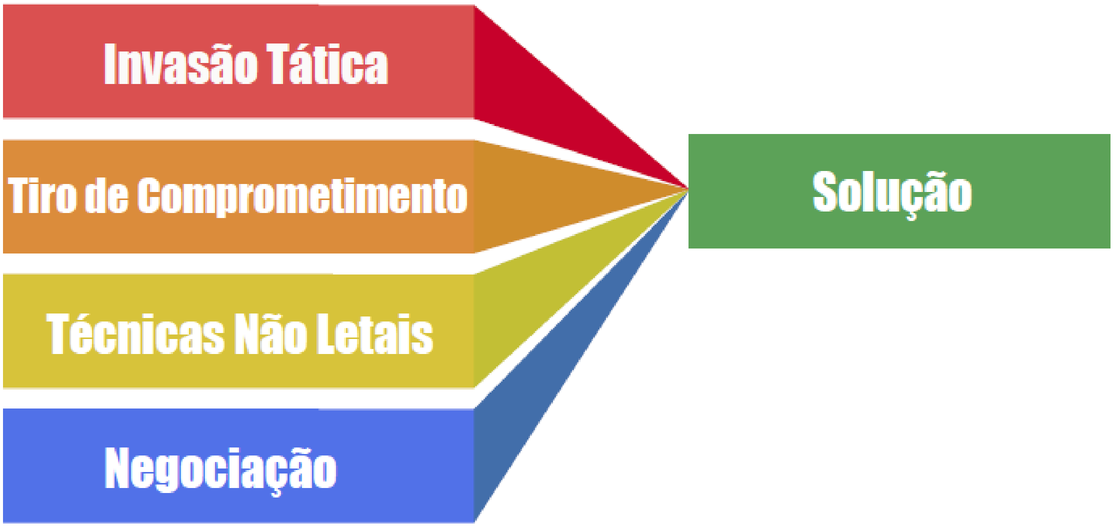


Figura 217 - Alternativas táticas

72. O GRUPO TÁTICO

O grupo tático deve estar presente desde o início do evento crítico, podendo ser formado de modo emergencial até a chegada das equipes especializadas do BOPE. Este grupo deve estar preparado para o uso de todas as alternativas táticas na resolução da crise, o comandante da equipe tática irá atuar com base nas decisões do gerente da crise.

Determinada a intervenção, passa a gozar de autonomia operativa, nos limites da opção tática previamente analisada e autorizada pelo gerente da crise.

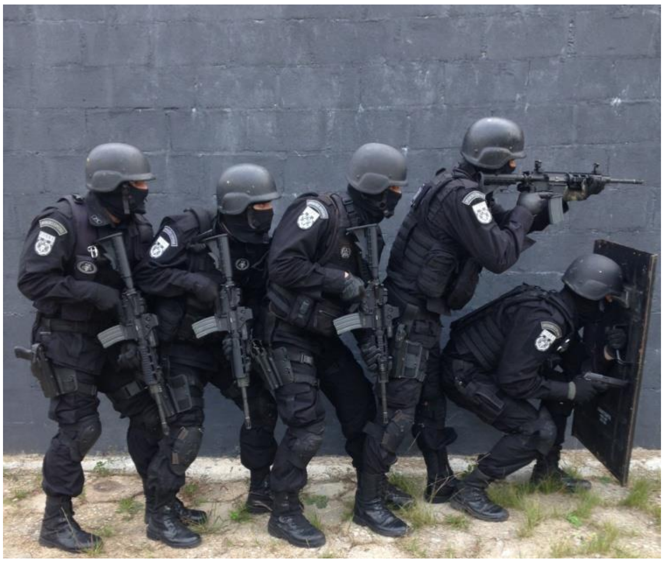


Figura 218 - Coluna tática do COBRA/BOPE

73. PROCESSO DE RENDIÇÃO

Mesmo durante uma primeira intervenção, o causador do evento crítico poderá se render. Desta forma, é importante que o primeiro interventor tenha o conhecimento necessário para orientar o causador do evento crítico de quais passos deve seguir para uma rendição segura e sem surpresas.

Assim, sugere-se que, preferencialmente, os causadores deixem suas armas em local que impossibilite o acesso dos reféns ao armamento (em um momento de descontrole o refém pode pegar o armamento e partir para uma agressão contra o causador do evento crítico).

Após a saída dos reféns o causador deve caminhar com as mãos sobre a cabeça e de costas para os policiais, sendo então realizada a intervenção da equipe tática. Importante ressaltar que o causador da crise pode querer a permanência dos reféns no local como uma garantia de vida.

74. PRIMEIRA INTERVENÇÃO EM OCORRÊNCIAS COM EXPLOSIVOS

Outra modalidade de evento crítico muito comum em nosso estado são as ocorrências envolvendo bombas e explosivos.

A praxe do BOPE em participar desses eventos, permitiu constatar muitos erros na primeira resposta executada pelas guarnições de serviço, os quais, a qualquer tempo, podem custar a vida ou a integridade física dos policiais militares e terceiros envolvidos. Assim, pode-se observar o incorreto isolamento do local, manuseio da bomba, transporte ou armazenamento de artefatos explosivos.

Sugere-se como procedimento de primeira resposta que o policial militar realize uma varredura no local com intuito de localizar o objeto suspeito de ser bomba ou explosivo.

Confirmada a identificação (ou suspeita) da existência de bomba ou explosivo, o policial militar deverá:

- Conter (manter) o objeto no local onde foi encontrado, sem tocar, sem mexer ou mover.
- Realizar a evacuação do local que será total (em regra) ou parcial, conforme análise de risco.
- Isolar o local em um raio entre 30 a 90 metros, observando os critérios de conveniência e oportunidade de cada fato.
- Solicitar acionamento do BOPE.

Figura 219 - Técnico explosivista BOPE

75. PRIMEIRA INTERVENÇÃO EM OCORRÊNCIAS DE ROUBOS A BANCOS – NOVO CANGAÇO

O cometimento de furtos/roubos a bancos na modalidade “Novo Cangaço”, vem apresentando grande frequência nas pequenas cidades catarinenses, tendo intensas semelhanças com o antigo modo cangaceiro do bando de “Lampião”. Ataques em pequenas cidades, grupos fortemente armados, reféns e desafio aos órgãos policiais são características que podem ser vistas entre estes grupos.

Percebe-se que o “Novo Cangaço”, dentro do contexto da criminalidade organizada, surgiu como uma forma para arrecadação de fundos financeiros para os grupos criminosos, tendo conexão direta no cometimento de outros crimes como a lavagem de dinheiro e tráfico de entorpecentes, fazendo com que estes grupos atuem como verdadeiras empresas do crime com diversas frentes de negócios manifestamente ilegais.

Desta forma, nota-se que, os grupos criminosos que realizam os roubos em agências bancárias possuem alto grau de organização, com divisão de tarefas e funções previamente definidas.

Assim, nestas modalidades criminosas, o primeiro interventor deverá atuar de acordo com o protocolo de ação preliminar a chegada do BOPE, principalmente naquelas ocorrências em que pessoas sejam feitas de reféns como “escudos humanos”.

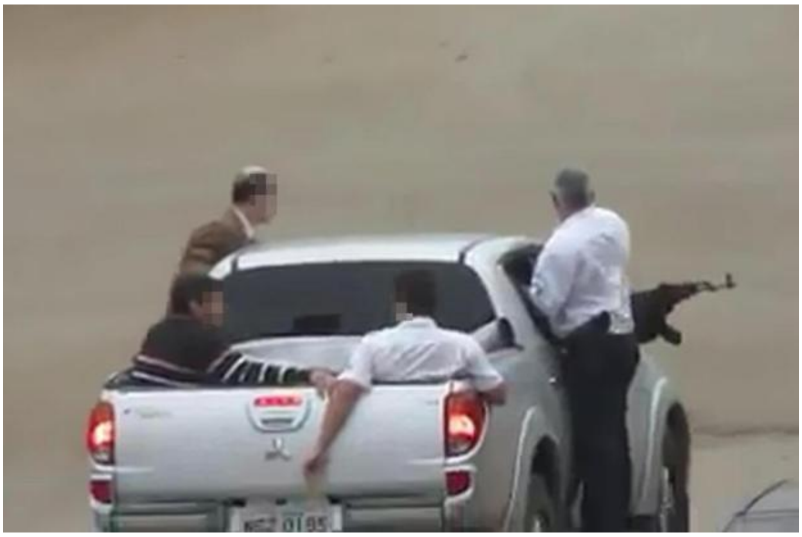


Figura 220 - Timbó Grande/SC - 30/06/2015 – Roubo ao Banco do Brasil

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

ARMAS - CARABINAS

CAPÍTULO 6

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

CARABINA TAURUS FAMAE CT 40

CAPÍTULO 6 – ARMAS – CARABINAS

76. CARABINA TAURUS CT .40

Em razão do maior custo de uma arma de fogo estar no seu projeto, a empresa de Armas Forjas Taurus S/A, obteve na década de 90 a licença da *Fabricas y Maestranzas del Ejercito* - FAMAE, fábrica chilena de armamento e munições, semelhante a IMBEL do Brasil, para produzir inicialmente a Submetralhadora modelo TAURUS-FAMAE MT-40, sendo "MT" a abreviatura de Metralhadora Taurus e "40" uma referência ao calibre .40 de uso policial.

Neste período a FAMAE já produzia o modelo SAF 9mm, que teve a sua origem no fuzil suíço da SIG modelo SG 540. Seguindo o mesmo projeto, alterando apenas o tamanho de cano e sistema de tiro, produziu-se a Carabina TAURUS-FAMAE CT 40. Em razão desta parceria, tanto a metralhadora quanto a carabina receberam a identificação de TAURUS-FAMAE.

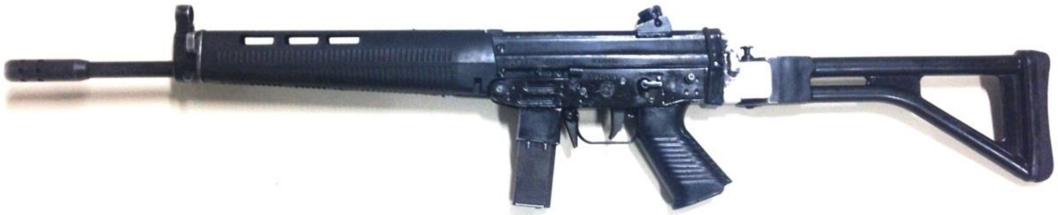


Figura 221 – Carabina Taurus-FAMAE CT40

A CT 40 possui um seletor de tiro com dois modos de operação: Segurança (travada) e Intermitente (um disparo a cada acionamento de gatilho). Seu sistema de funcionamento é semelhante ao da pistola, ou seja: opera no padrão *blowback*.

76.1. TABELA BALÍSTICA

Munição	Peso do Projétil (grain)	Velocidade (m/s)	Energia (joules)
.38 (SPL)	158	245	307
9X19mm (Luger)	115	405	610
.40 S&W (Copper Bullet Tactital)	130	385	624
.40 S&W (Gold Hexagonal)	155	367	677
.357 Magnum (EXPO)	158	372	710
.44 Magnum (EXPO)	240	357	991
.30 Carbine (ETOG)	110	599	1.277
5,56X45mm (M193)	55	965	1.569
5,56x45mm (SS109)	62	915	1.682
7,62X51mm (Comum ETPT)	144	838	3.276
.308 Winchester (HPBT)	168	800	3.484

Fonte: Informativo Técnico CBC n.º 32/2013

- EXPO: Expansivo Ponta Oca
- ETOG: Encamisado Total Ogival
- ETPT: Encamisado Total Pontiagudo
- HPBT: Hollow Point Boat Tail

76.2. ESPECIFICAÇÃO

Nome	**CARABINA TAURUS-FAMAE CT 40**
Calibre	.40 S&W
Peso	3,345 kg sem carregador 3,70 kg com carregador (30 munições)
Comprimento do cano	410mm
Comprimento total	470 mm - com coronha rebatida 680 mm - com coronha estendida mínima
Raias	Seis à direita
Velocidade na boca do cano	350 m/seg
Ejeção	Janela do lado direito
Capacidade do carregador	10/15/30 tiros
Massa de mira	Regulável em altura
Alça de mira	50m, 100m e 150m
Seletor de tiro	S: Segurança 1: Tiro-a-tiro
Outros	Ferrolho aberto após o último disparo

76.3. CLASSIFICAÇÃO

Tipo	Portátil
Emprego	Individual/Coletiva
Funcionamento	Semi automática
Sentido de alimentação	De baixo para cima
Raiamento	Alma raiada
Acabamento	Pintura na cor preta

1. NOMENCLATURA

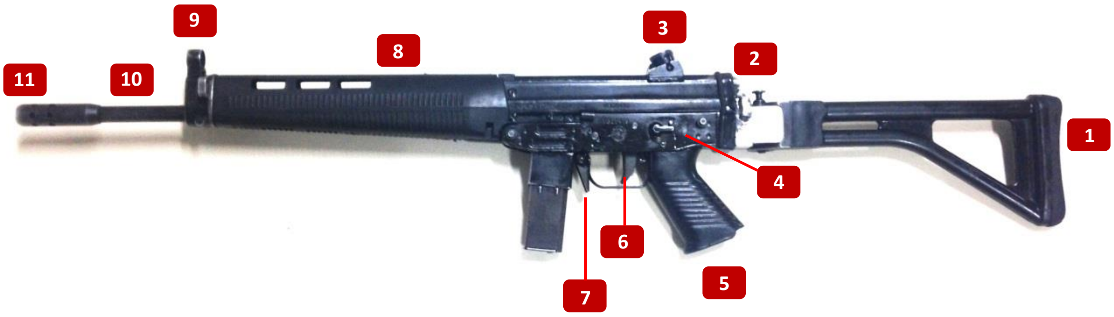


Figura 222 – Nomenclatura

1 Coronha

2 Pino da coronha

3 Alça de mira

4 Seletor de tiro

5 Punho

6 Gatilho

7 Retém do carregador

8 Guarda mão

9 Massa de mira

10 Cano

11 Quebra-chamas

76.4. NOMENCLATURA – DESMONTADA

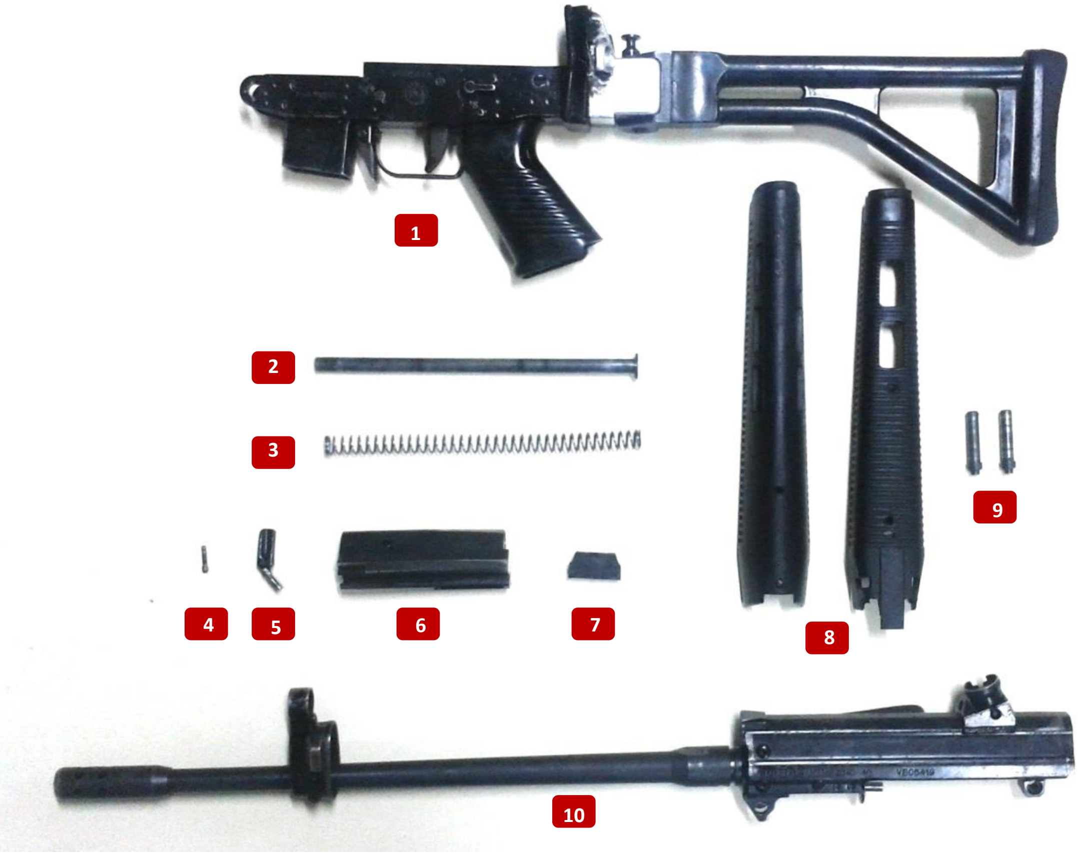


Figura 223 - Nomenclatura desmontada

1 Coronha e caixa do mecanismo

2 Guia da mola recuperadora

3 Mola recuperadora

4 Pino de fixação da haste

5 Alavanca de manejo (preparador)

6 Ferrolho

7 Amortecedor do ferrolho

8 Placas do guarda-mão

9 Pinos de união

10 Cano e caixa da culatra

76.5. SELETOR DE TIRO

Possui seletor de tiro ambidestro, tendo duas posições básicas para uso:

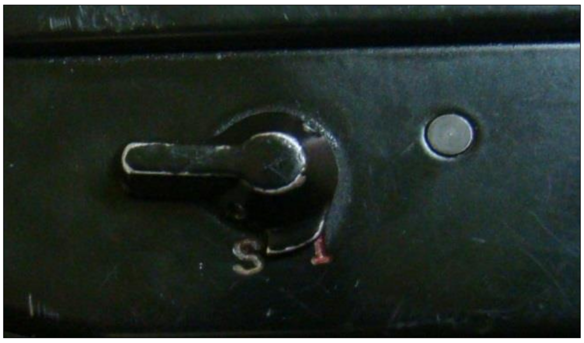


Figura 224 – Posição "S" segurança

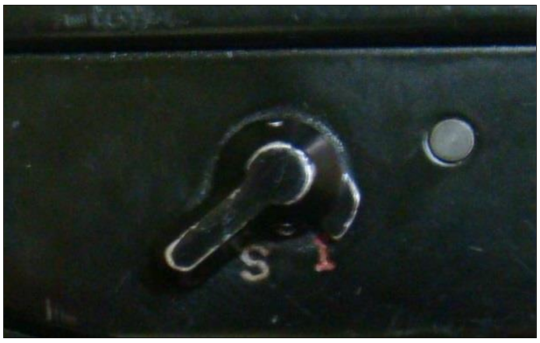


Figura 225 – Posição "1" intermitente (tiro a tiro)

- S: Segurança
- 1: Tiro a tiro (intermitente)

76.6. SISTEMA DE PONTARIA

Possui massa de mira regulável em altura e alça de mira com tambor que pode ser posicionado em três níveis: 50 metros, 100 metros e 150 metros.

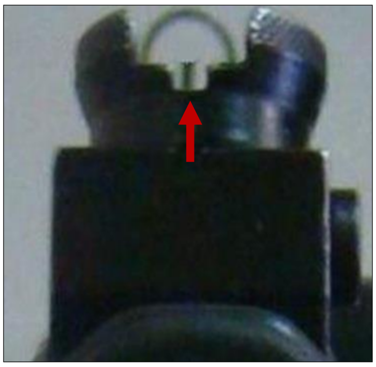


Figura 226 - Sistema de pontaria

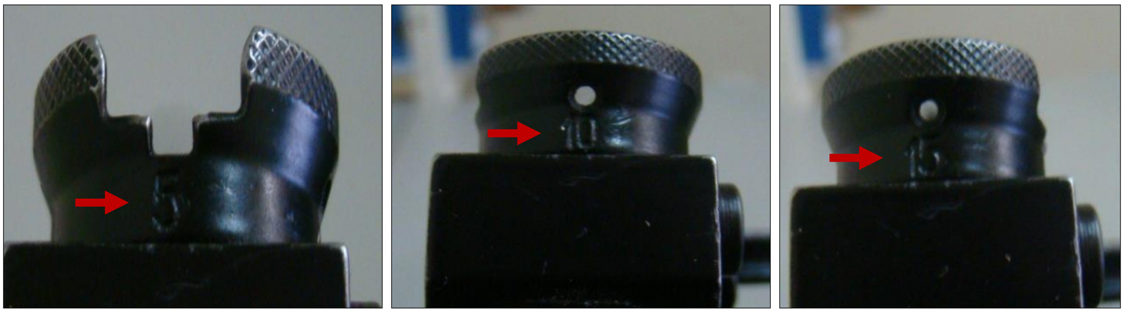


Figura 227 - Tambor regulável para 50, 100 e 150 metros

76.7. REGULAGEM DA MASSA DE MIRA

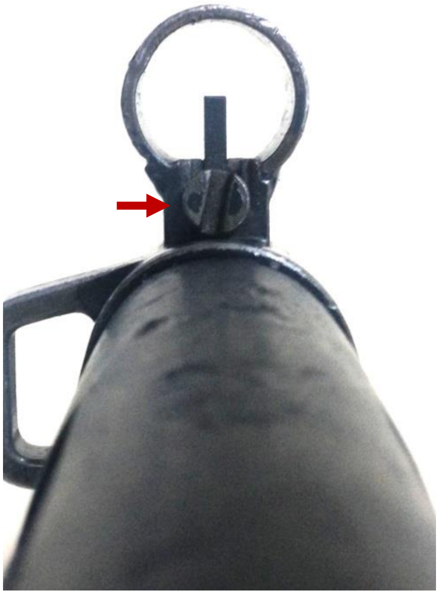


Figura 228 - Regulagem vertical

- Tiro demasiado baixo: girar o parafuso de regulagem para a esquerda.
- Tiro demasiado alto: girar o parafuso de regulagem para a direita.

76.8. REGULAGEM DA ALÇA DE MIRA

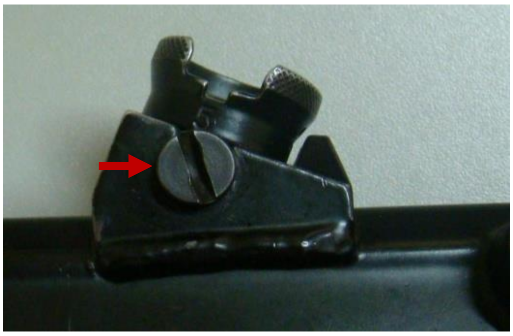


Figura 229 - Regulagem lateral

- Tiro desviado para a esquerda: girar o parafuso de regulagem para a direita
- Tiro desviado para a direita: girar o parafuso de regulagem para a esquerda

76.9. DESMONTAGEM

- Posicionar o registro de tiro e segurança em "S" segurança.
- Retirar o carregador do alojamento.
- Efetuar dois golpes de segurança, verificando arma sem munição.
- Fechar o ferrolho.
- Retirar a bandoleira.
- Pinos de união: os pinos de união para serem removidos devem ser pressionados, onde a caixa do mecanismo se desconectará da caixa da culatra, separando a arma em duas partes.

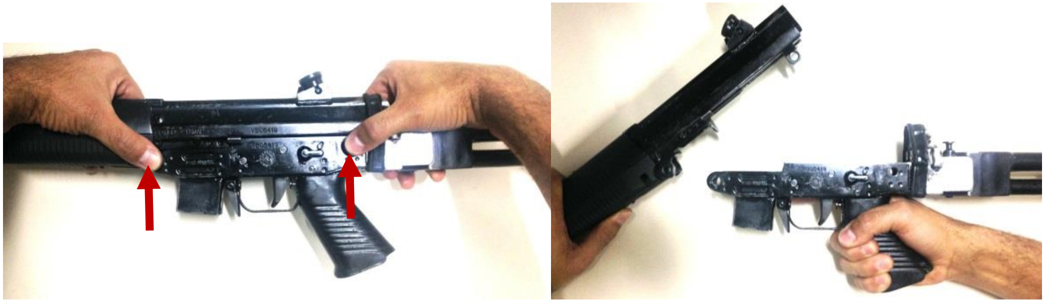


Figura 230 - Retirada dos pinos de união

- Guarda-mão: após separar a caixa da culatra, retiram-se as placas do guarda-mão, primeiramente a placa inferior movimentando-a para trás e para baixo e posteriormente a placa superior.

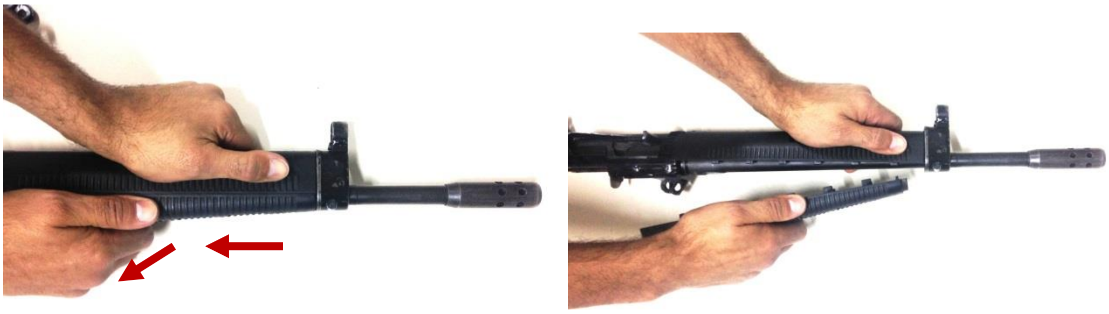


Figura 231 - Retirada do guarda-mão

- Guia da mola recuperadora: deve-se pressionar a guia pela abertura traseira da caixa da culatra, retirar o pino de retenção na extremidade anterior e descomprimir a mola recuperadora – a guia sairá livremente, juntamente com a mola recuperadora.

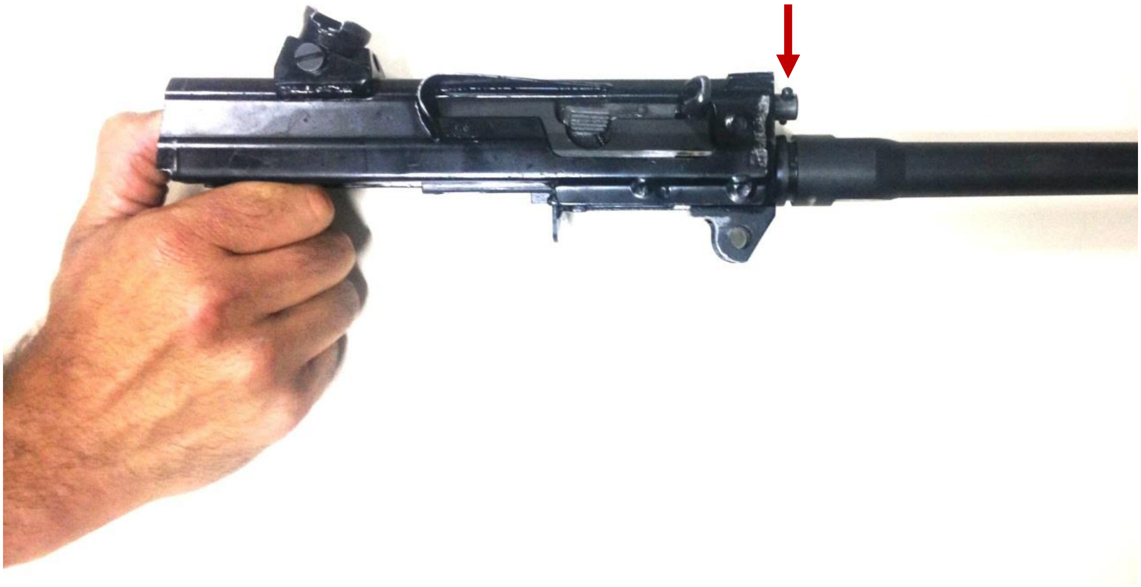


Figura 232 - Pino de fixação da haste

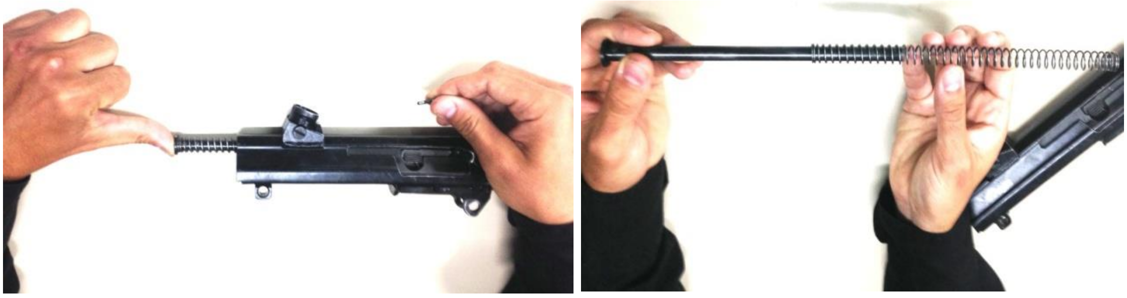


Figura 233 - Guia da mola recuperadora

- Culatra: o ferrolho sairá pela parte posterior da caixa da culatra, sendo necessário somente desconectar o preparador do retentor acionando o retém do preparador.

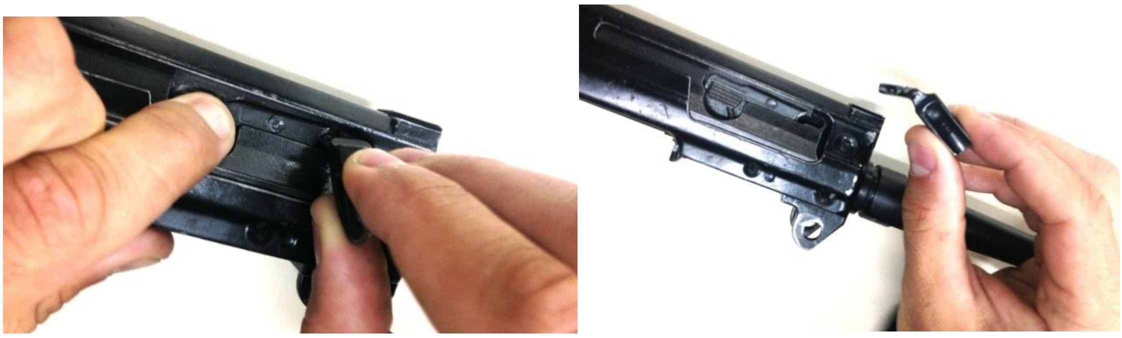


Figura 234 - Retém do preparador

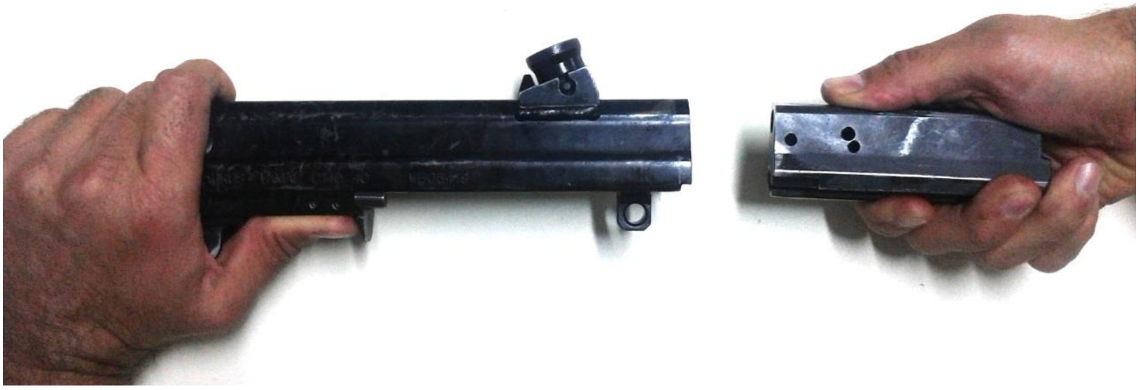


Figura 235 - Retém do ferrolho

76.10. MONTAGEM

- Introduzir o ferrolho na caixa da culatra.
- Introduzir a guia com a mola recuperadora acima do ferrolho na caixa da culatra e pressionar até que o orifício da extremidade oposta ultrapasse o limite da caixa da

culatra suficientemente para colocação do pino de retenção da guia da mola recuperadora. A não observância desse detalhe poderá vir a causar danos na arma.

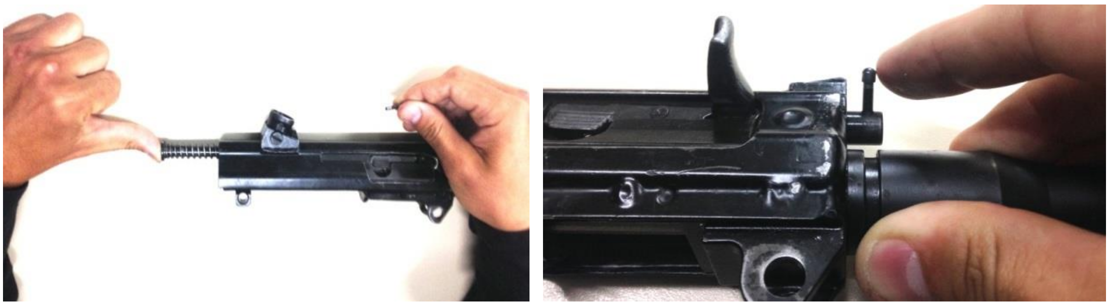


Figura 236 - Colocação da guia da mola recuperadora e pino de retenção

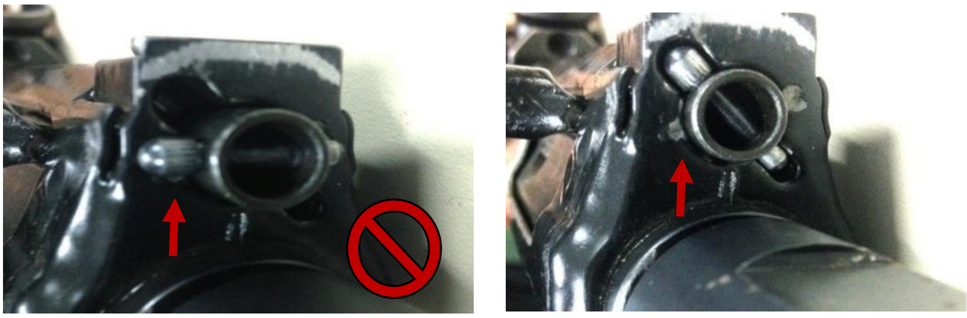


Figura 237 - Pino de retenção não ajustado / Pino de retenção ajustado corretamente

- Colocar o guarda-mão superior e inferior - verificando se não interferiu nos orifícios de passagem dos pinos de união.
- Unir as caixas do mecanismo e da culatra posicionando os pinos de união.
- Pressionar o retém do preparador e conecta-lo ao ferrolho.
- Verificar o funcionamento do armamento efetuando dois golpes de segurança.

76.11. MANUSEIO

Para abertura da caixa de culatra, o operador deverá trazer o preparador em direção à retaguarda da arma, sendo que do lado oposto deverá acionar simultaneamente o retém do ferrolho (para baixo mantém aberto, para cima fechará).

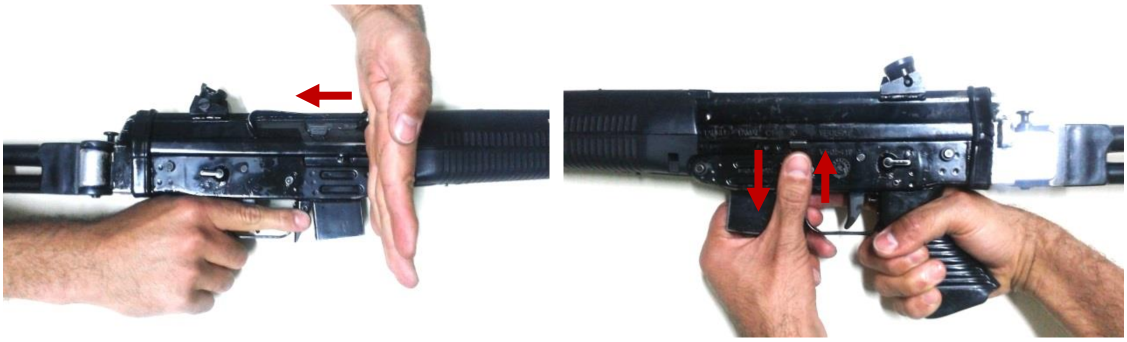


Figura 238 - Abertura/fechamento da caixa de culatra

Para colocação do carregador, o operador deve ajustá-lo em seu alojamento até o final onde ficará encaixado. Já para retirada, deve-se acionar o retém do carregador para que seja liberado do armamento.

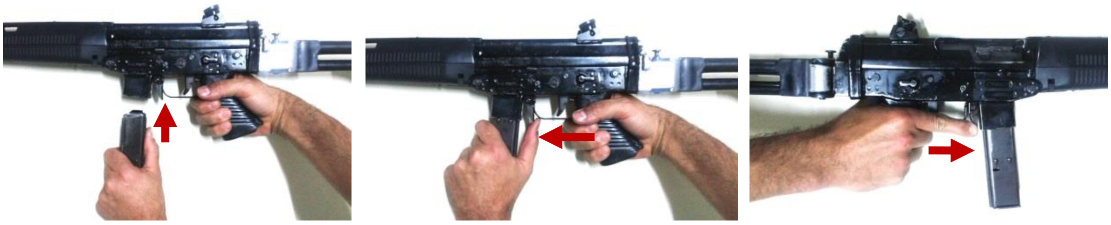


Figura 239 - Colocação/retirada do carregador (utilizando polegar ou indicador)

A coronha pode funcionar de modo estendida ou rebatida. Para rebater a coronha, o operador deve acionar seu pino.

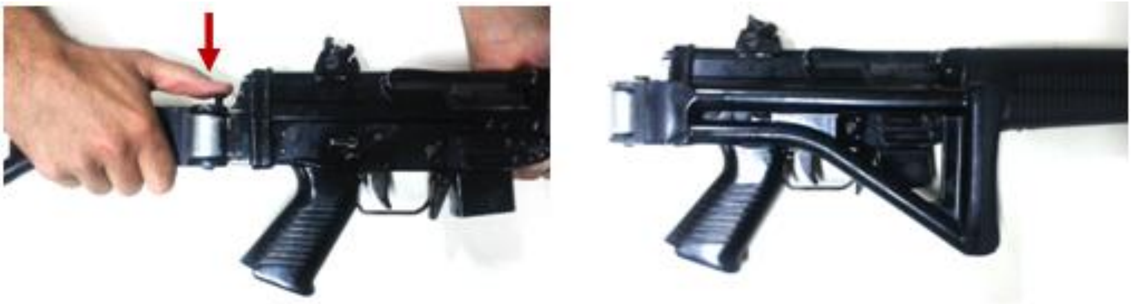


Figura 240 - Coronha estendida/rebatida.

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

CARABINA TÁTICA TAURUS CTT 40

77. CARABINA TÁTICA TAURUS CTT .40

A Carabina Tática Taurus - CTT 40 é uma arma de fogo de segunda geração, projetada e desenvolvida para substituir a então Carabina TAURUS-FAMAE CT 40, sendo a redução do tamanho do cano a principal alteração, pois de 410 mm passou a ter 200mm, diminuindo assim o seu comprimento final, bem como a alavanca de manejo pode ser empregada no lado esquerdo ou direito (móvel) e possui ainda o retém do ferrolho e seletor de tiro e segurança ambidestros.

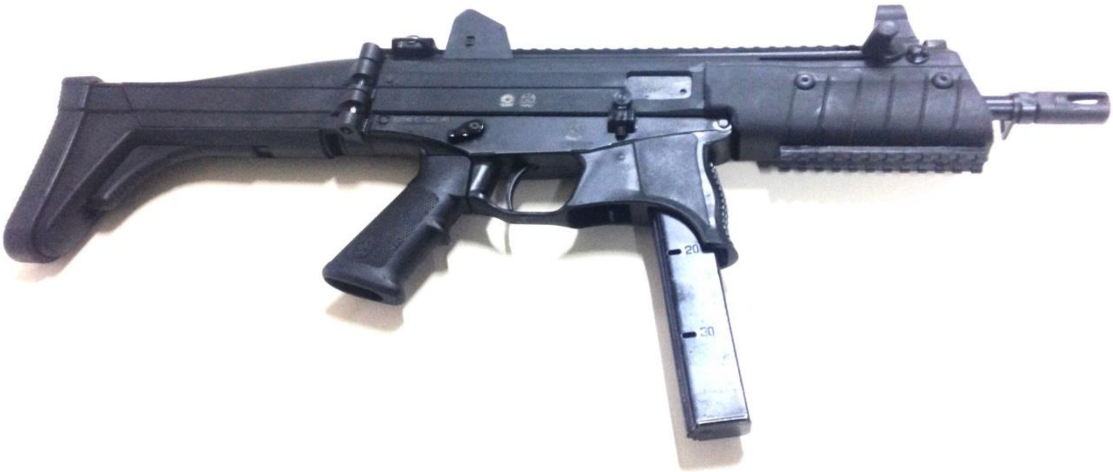


Figura 241 - Carabina Tática Taurus CTT 40

A CTT 40 possui um seletor de tiro com dois modos de operação: Segurança (travada) e Intermitente (um disparo a cada acionamento de gatilho). Seu sistema de funcionamento é semelhante ao da pistola, ou seja: opera no padrão *blowback*.

Seguindo uma tendência mundial, a CTT 40 possui trilho no padrão *Picatinny* MIL-STD 1913, integrada na caixa de culatra e outros 3 trilhos destacáveis no guarda-mão dianteiro, em 3, 6, 9, e 12 horas (360°), oportunizando o acoplamento dos mais diversos acessórios.

77.1. TABELA BALÍSTICA

Munição	Peso do Projétil (grain)	Velocidade (m/s)	Energia (joules)
.38 (SPL)	158	245	307
9X19mm (Luger)	115	405	610
.40 S&W (Copper Bullet Tactital)	130	385	624
.40 S&W (Gold Hexagonal)	155	367	677
.357 Magnum (EXPO)	158	372	710
.44 Magnum (EXPO)	240	357	991
.30 Carbine (ETOG)	110	599	1.277
5,56X45mm (M193)	55	965	1.569
5,56x45mm (SS109)	62	915	1.682
7,62X51mm (Comum ETPT)	144	838	3.276
.308 Winchester (HPBT)	168	800	3.484

Fonte: Informativo Técnico CBC n.º 32/2013

- EXPO: Expansivo Ponta Oca
- ETOG: Encamisado Total Ogival
- ETPT: Encamisado Total Pontiagudo
- HPBT: Hollow Point Boat Tail

77.2. ESPECIFICAÇÃO

Nome	**CARABINA TÁTICA CTT 40**
Calibre	.40
Peso	3,060 kg sem carregador 3,700 kg com carregador (30 munições)
Comprimento do cano	200mm
Comprimento total	470 mm - com coronha rebatida 680 mm - com coronha estendida mínima 760 mm - com coronha estendida máxima
Raias	Seis à direita
Ejeção	Janela do lado direito
Capacidade do carregador	30 tiros
Massa de mira	Com proteção, ajustável em posição
Alça de mira	Ajustável em elevação e lateralidade
Seletor de tiro	S: Segurança 1: (Intermitente) Tiro-a-tiro
Outros	Ferrolho aberto após o último disparo

77.3. CLASSIFICAÇÃO

Tipo	Portátil
Emprego	Individual/Coletiva
Funcionamento	Semi automática
Sentido de alimentação	De baixo para cima
Raiamento	Alma raiada
Acabamento	Pintura na cor preta

77.4. NOMENCLATURA

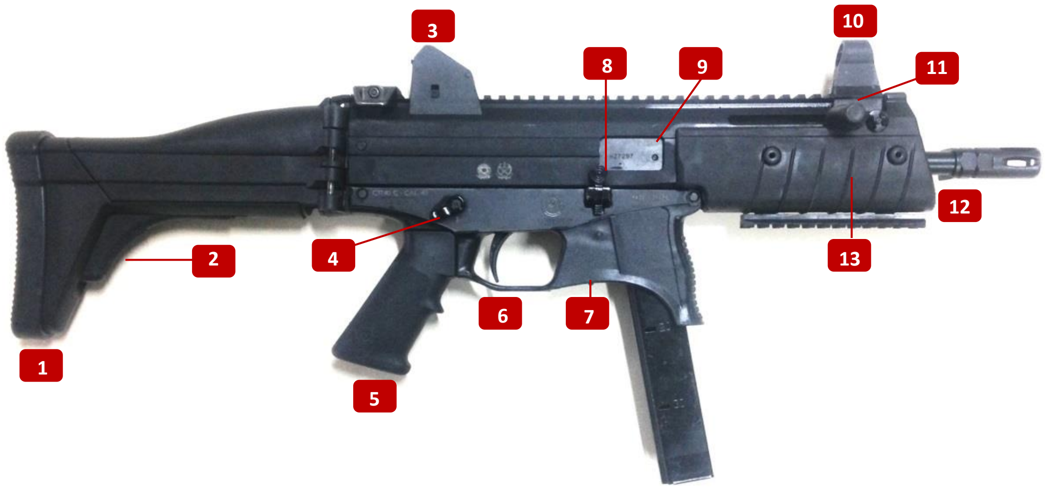


Figura 242 - Nomenclatura

1 Coronha

2 Tecla de travamento telescópico da coronha

3 Alça de mira

4 Seletor de tiro e segurança

5 Punho

6 Gatilho e guarda-mato

7 Retém do carregador

8 Retém do Ferrolho

9 Janela de ejeção

10 Massa de mira

11 Alavanca de manejo

12 Cano

13 Guarda mão

77.5. NOMENCLATURA – DESMONTADA

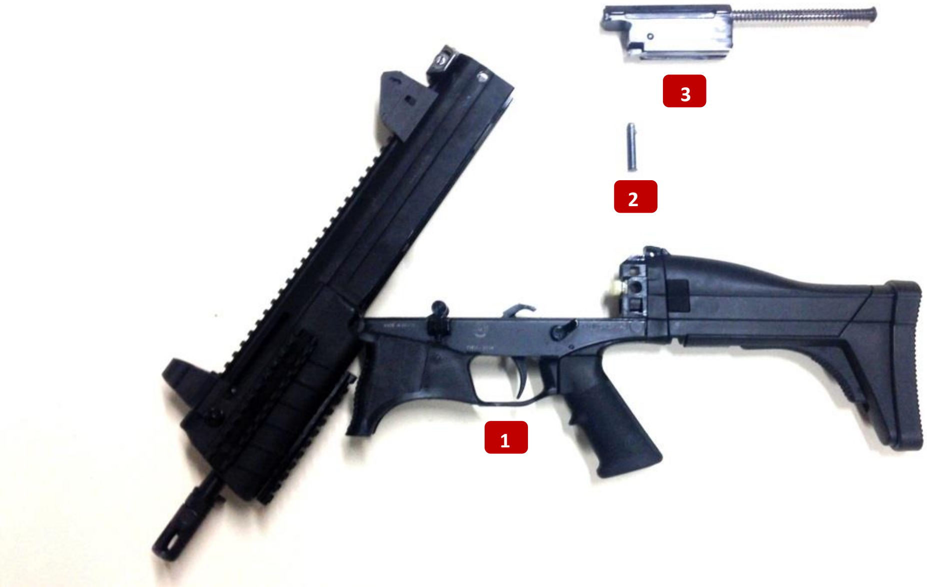


Figura 243 - Nomenclatura desmontada

1 Conjunto cano, culatra e caixa do mecanismo.

2 Pino de fixação da caixa.

3 Conjunto do Ferrolho.

77.6. SELETOR DE TIRO

Possui seletor de tiro ambidestro, tendo duas posições básicas para uso:

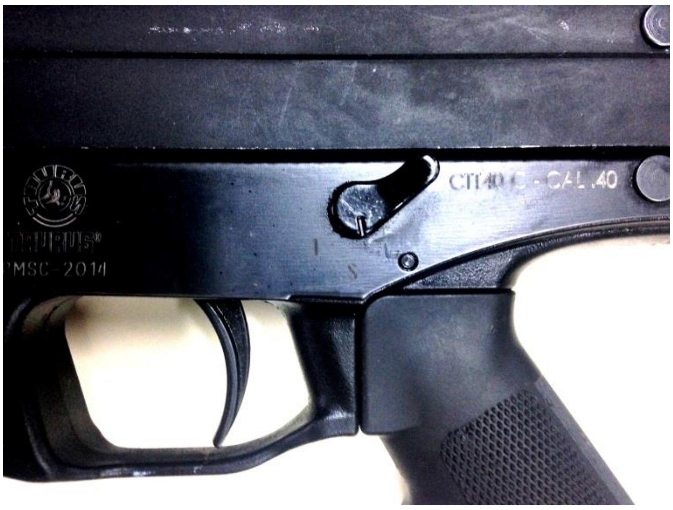


Figura 244 - Seletor de tiro

- S: Segurança
- 1: Tiro-a-tiro (intermitente)

77.7. SISTEMA DE PONTARIA

Possui massa de mira fixa e alça de mira regulável em verticalidade e lateralidade, com vértice aberto e orifício do visor para disparos mais distantes. O fabricante atesta que um click no parafuso lateral desloca em 1,15 cm o ponto de impacto em um alvo a 25 metros.

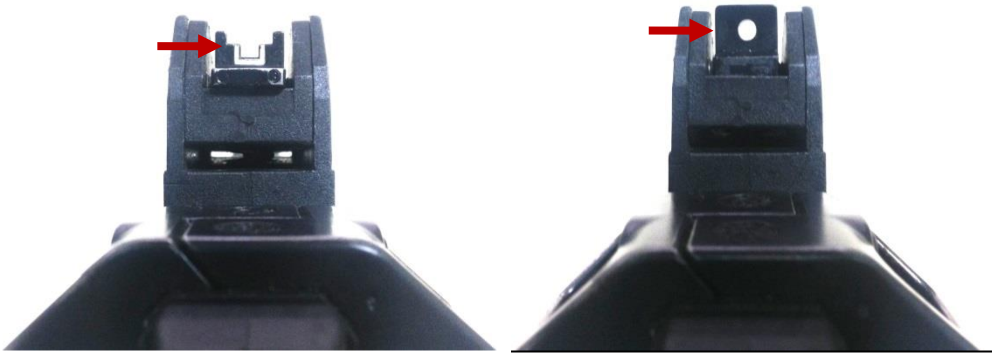


Figura 245 - Alça: vértice aberto / orifício do visor

77.8. REGULAGEM DE VERTICALIDADE

A correção de verticalidade é realizada através do parafuso de regulagem existente acima do suporte da alça.

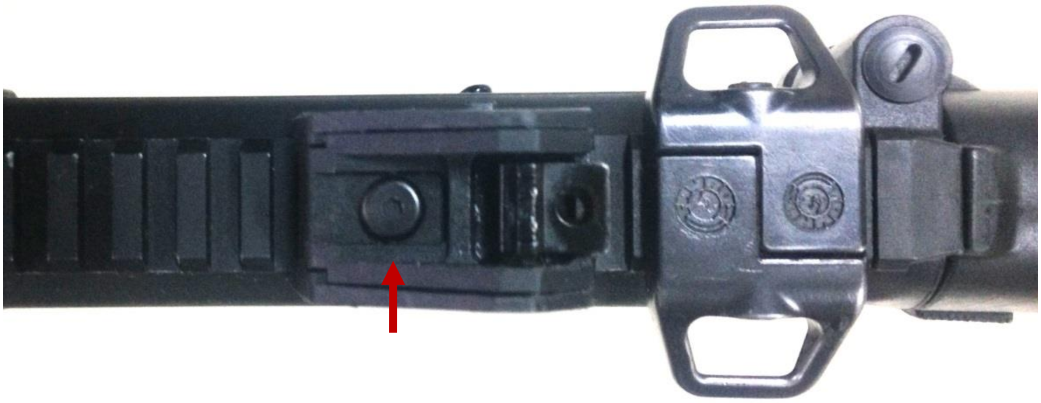


Figura 246 - Regulagem vertical (alça)

- Tiro demasiado baixo: girar o parafuso de regulagem para a esquerda.
- Tiro demasiado alto: girar o parafuso de regulagem para a direita.

77.9. REGULAGEM DE LATERALIDADE

A correção de lateralidade é realizada através do parafuso de regulagem existente na lateral do suporte da alça

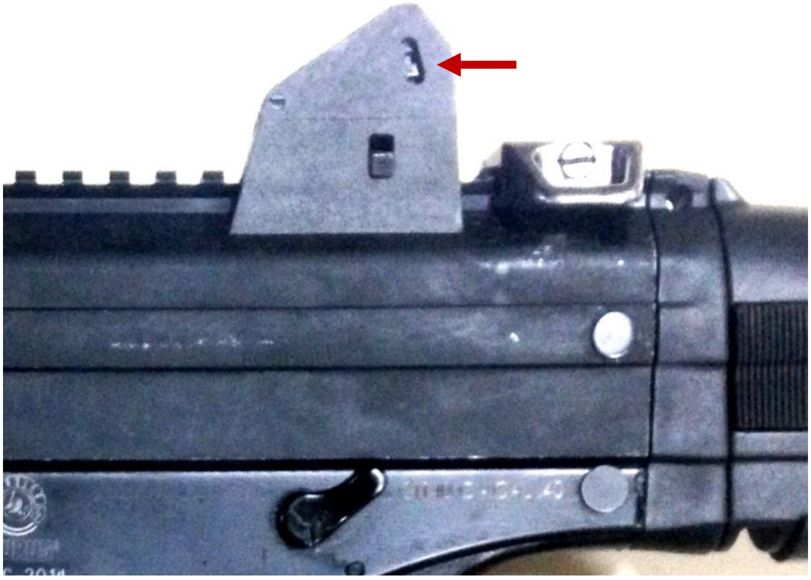


Figura 247 - Regulagem lateral

- Tiro desviado para a esquerda: girar o parafuso de regulagem para a esquerda
- Tiro desviado para a direita: girar o parafuso de regulagem para a direita

77.10. DESMONTAGEM

- Posicionar o registro de tiro e segurança em “S” segurança.
- Retirar o carregador do alojamento.
- Efetuar dois golpes de segurança, verificando arma sem munição.
- Fechar o ferrolho.
- Retirar a bandoleira.

- Pino de fixação da caixa: o pino de fixação da caixa deve ser retirado pressionando-o, onde a caixa do mecanismo ficará ainda conectada à caixa da culatra, não devendo ser retirada.

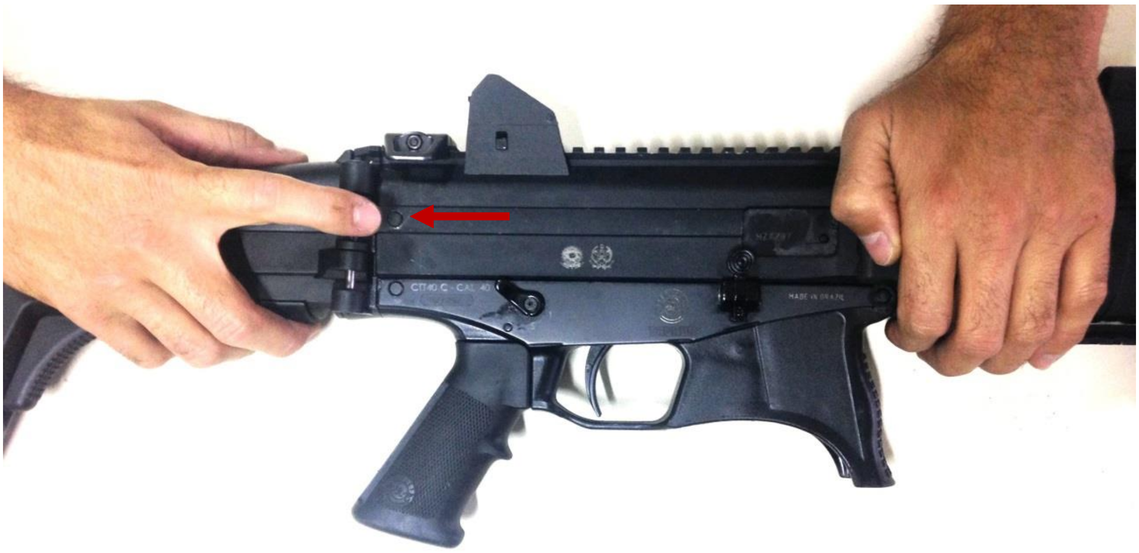


Figura 248 - Pino de fixação da caixa

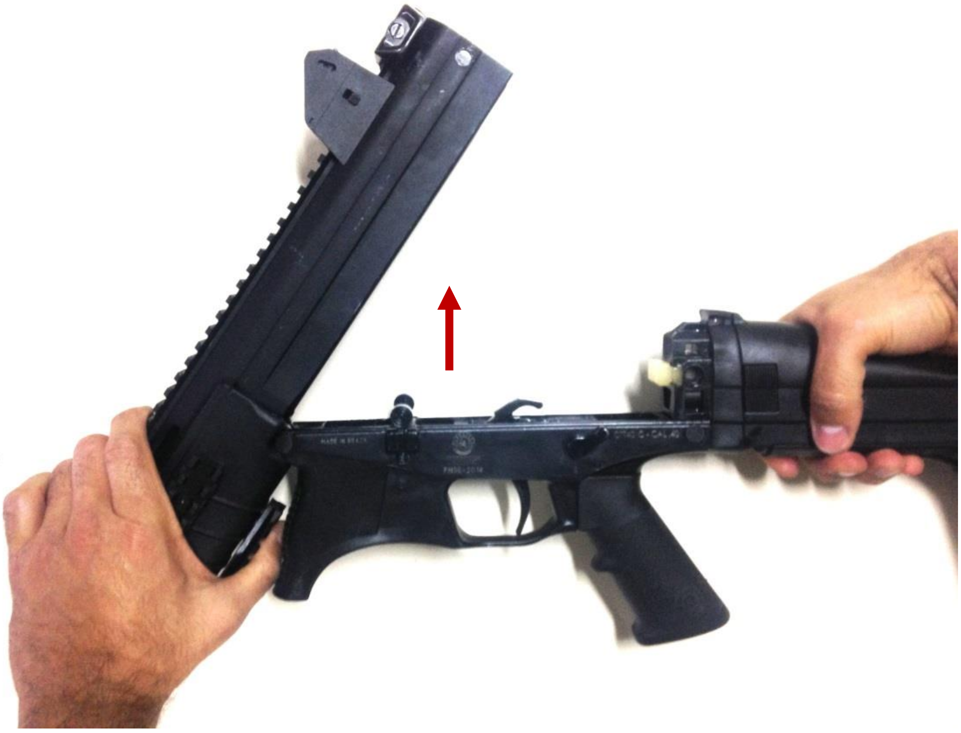


Figura 249 - Abertura da caixa

- Conjunto ferrolho: após retirar o pino de fixação da caixa, deve-se conduzir o cano para baixo e retirar pela parte posterior da culatra o conjunto ferrolho, puxando-o pela guia da mola recuperadora.

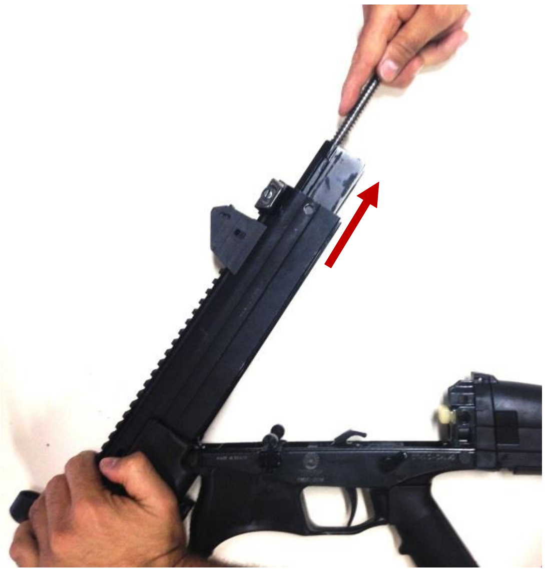


Figura 250 - Conjunto do ferrolho

77.11. MONTAGEM

- Introduzir o conjunto ferrolho na caixa da culatra.
- Fechar a arma (unir a caixa da culatra com caixa do mecanismo).
- Introduzir o pino de fixação da caixa.
- Verificar o funcionamento do armamento efetuando dois golpes de segurança.

77.12. MANUSEIO

Para abertura da caixa de culatra, o operador deverá trazer a alavanca de manejo em direção à retaguarda da arma, acionando simultaneamente o retém do ferrolho (pressionando-o para baixo manterá aberto, para cima fechará).

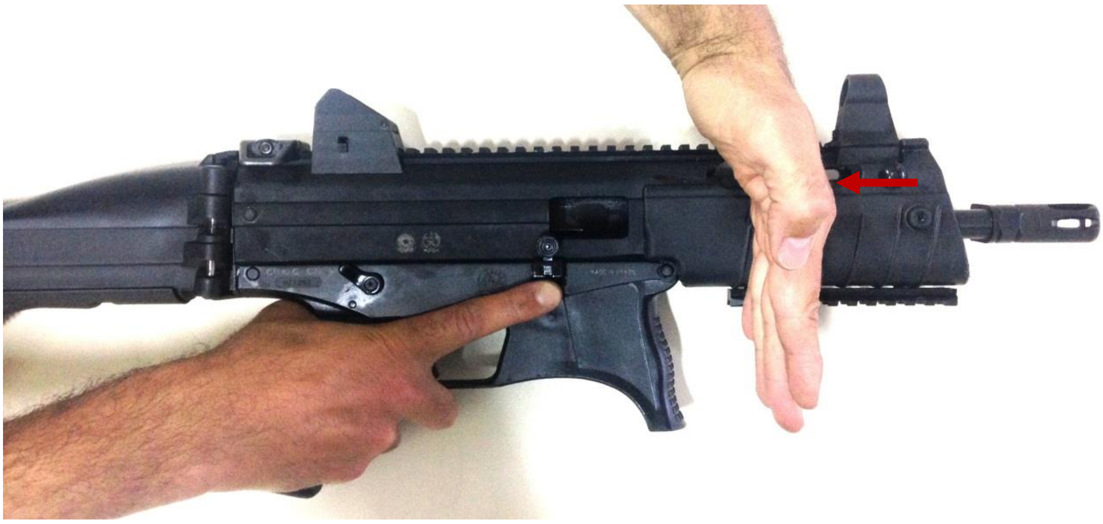


Figura 251 - Abertura/fechamento da caixa de culatra

Para colocação do carregador, o operador deve ajustá-lo em seu alojamento até o final onde ficará encaixado. Já para retirada, deve-se acionar o retém do carregador para que seja liberado do armamento.

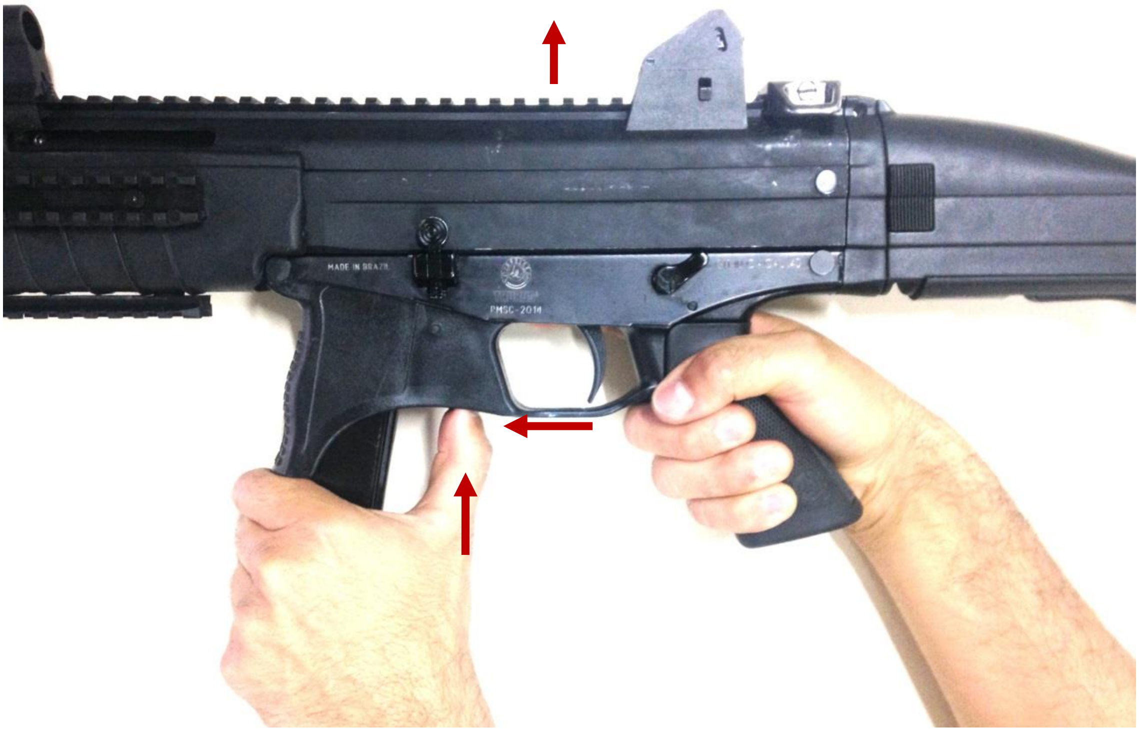


Figura 252 - Retém do carregador

A coronha pode ser rebatida ou regulada de forma retrátil. Para rebater a coronha, o operador deve acionar a tecla trava do rebatimento da coronha.

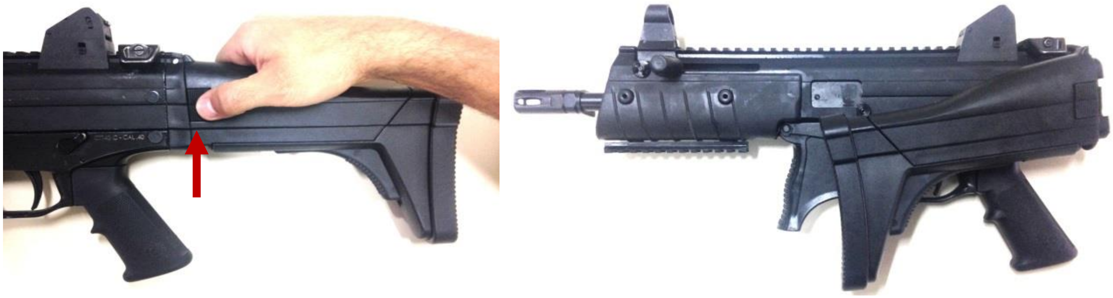


Figura 253 - Rebatimento da coronha - Tecla trava do rebatimento

Com a coronha estendida é possível prolongar o seu comprimento pressionando a tecla de travamento telescópico.

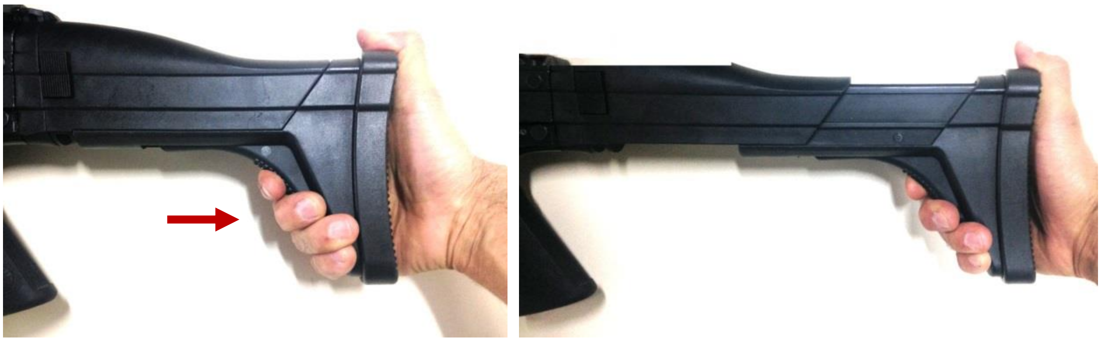


Figura 254 - Prolongamento da coronha - Tecla de travamento telescópico

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

CARABINA TAURUS FAMAE CT 30

78. CARABINA TAURUS FAMAE CT .30

Em razão do maior custo de uma arma de fogo estar no seu projeto, a empresa de Armas Forjas Taurus S/A, obteve na década de 90 a licença da *Fabricas y Maestranzas del Ejercito* - FAMAE, fábrica chilena de armamento e munições, semelhante a IMBEL do Brasil, para produzir inicialmente a Submetralhadora modelo TAURUS-FAMAE MT-40, sendo "MT" a abreviatura de Metralhadora Taurus e "40" uma referência ao calibre .40 de uso policial. Neste período a FAMAE já produzia o modelo SAF 9mm, que teve a sua origem no fuzil suíço da SIG modelo SG 540.

Seguindo o mesmo projeto, alterando apenas o tamanho de cano e sistema de tiro, produziu-se a Carabina TAURUS-FAMAE CT 30. Em razão desta parceria, tanto a metralhadora quanto a carabina receberam a identificação de TAURUS-FAMAE.

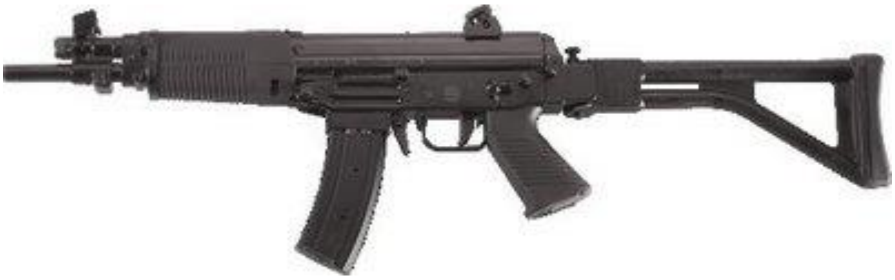


Figura 255 - Carabina Taurus-FAMAE CT 30

A Carabina TAURUS-FAMAE CT .30 possui dois modos de operação: "S" onde o armamento permanece em posição de segurança e "1" intermitente ocorrendo um disparo em cada acionamento de gatilho. A CT 30 não possui sistema de funcionamento automática com sistemas de rajadas controladas ou plenas.

A Carabina Taurus CT .30 é uma arma leve, de fácil manejo e de cômoda utilização que emprega carregadores de 15 e 30 munições no calibre .30 carbine. O seletor de tiro e segurança é ambidestro.

O calibre .30 carbine surgiu em meados de 1940 no exército norte-americano para utilização nas carabinas M1, sendo que atualmente este calibre é frequentemente utilizado nas carabinas Magal em Israel.

78.1. TABELA BALÍSTICA

Munição	Peso do Projétil (grain)	Velocidade (m/s)	Energia (joules)
.38 (SPL)	158	245	307
9X19mm (Luger)	115	405	610
.40 S&W (Copper Bullet Tactital)	130	385	624
.40 S&W (Gold Hexagonal)	155	367	677
.357 Magnum (EXPO)	158	372	710
.44 Magnum (EXPO)	240	357	991
.30 Carbine (ETOG)	110	599	1.277
5,56X45mm (M193)	55	965	1.569
5,56x45mm (SS109)	62	915	1.682
7,62X51mm (Comum ETPT)	144	838	3.276
.308 Winchester (HPBT)	168	800	3.484

Fonte: Informativo Técnico CBC n.º 32/2013

- EXPO: Expansivo Ponta Oca
- ETOG: Encamisado Total Ogival
- ETPT: Encamisado Total Pontiagudo
- HPBT: Hollow Point Boat Tail

78.2. ESPECIFICAÇÃO

Nome	**Carabina CT 30**
Calibre	.30 Carbine
Peso	3,160 sem carregador
Comprimento do cano	260mm
Comprimento	785 mm - com coronha estendida
Raias	Seis à direita
Velocidade na boca do cano	300 m/seg
Ejeção	Janela do lado direito
Capacidade do carregador	15/30 tiros
Massa de mira	Regulável em altura
Alça de mira	50m, 100m e 150m
Seletor de tiro	S: Segurança 1: Tiro-a-tiro
Outros	Ferrolho com cilindro - gás

78.3. CLASSIFICAÇÃO

Tipo	Portátil
Emprego	Individual/Coletiva
Funcionamento	Semi automática
Sentido de alimentação	De baixo para cima
Raiamento	Alma raiada
Acabamento	Pintura na cor preta

78.4. NOMENCLATURA

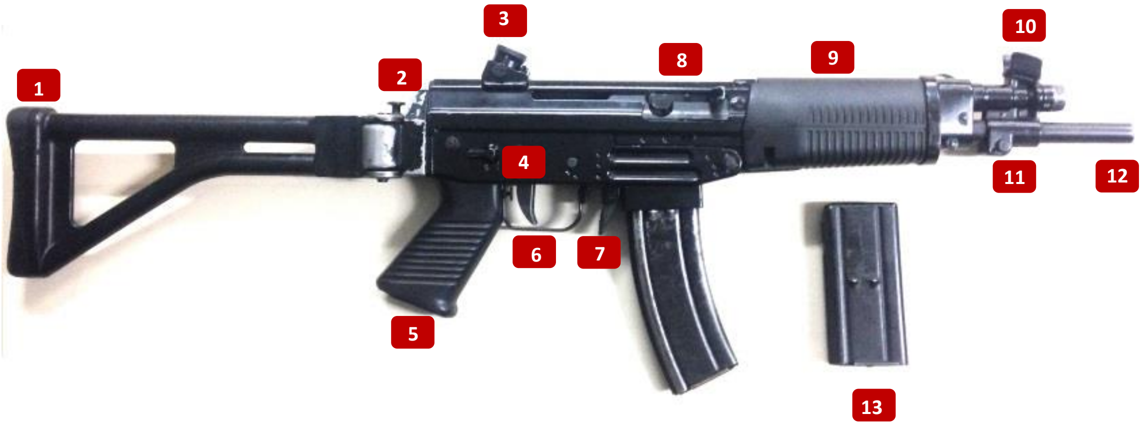


Figura 256 - Nomenclatura

1 Coronha

2 Pino da coronha

3 Alça de mira

4 Seletor de tiro

5 Punho

6 Gatilho e guarda-mato

7 Alojamento e retém do carregador

8 Janela de ejeção

9 Guarda mão

10 Massa de mira

11 Cilindro de gases e obturador

12 Cano

13 Carregador

78.5. NOMENCLATURA – DESMONTADA

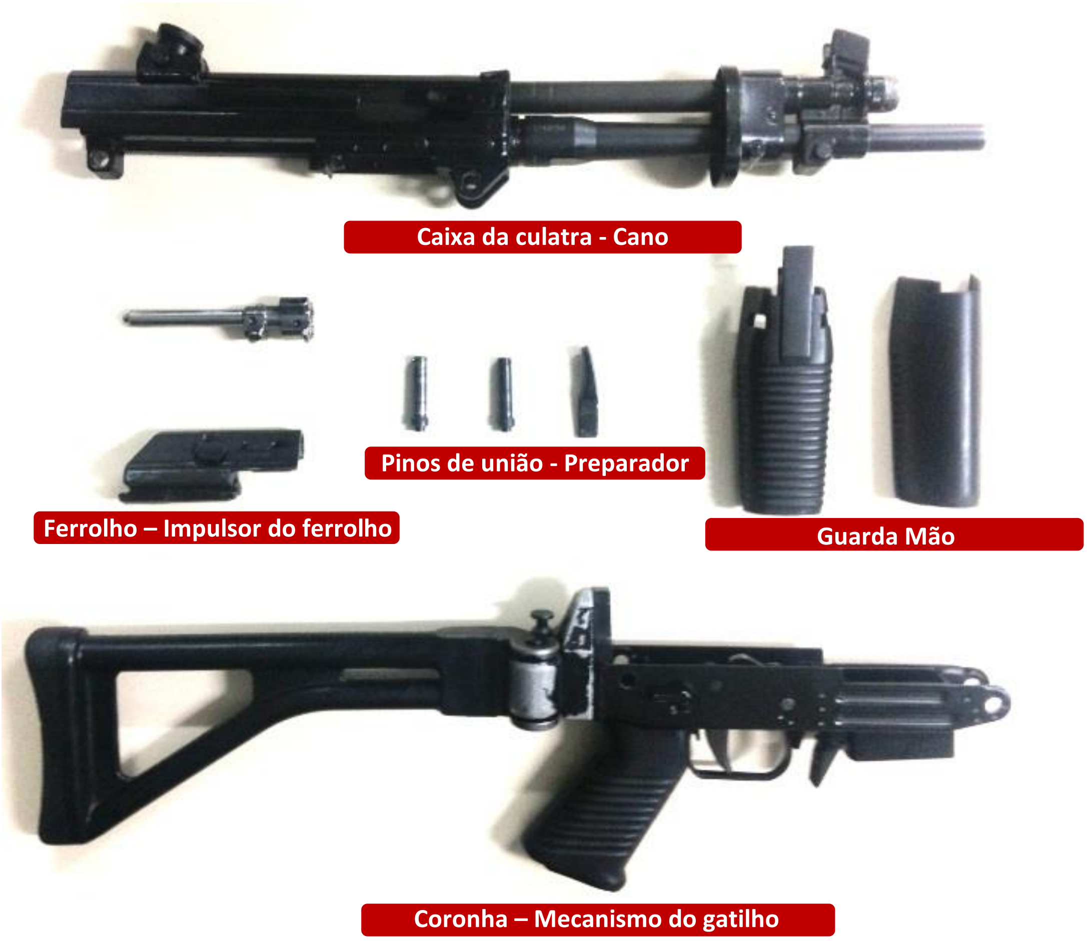

Caixa da culatra - Cano
Pinos de união - Preparador
Ferrolho – Impulsor do ferrolho
Guarda Mão
Coronha – Mecanismo do gatilho

Figura 257 - Nomenclatura desmontada

78.6. SELETOR DE TIRO

Possui seletor de tiro ambidestro, tendo duas posições básicas para uso:

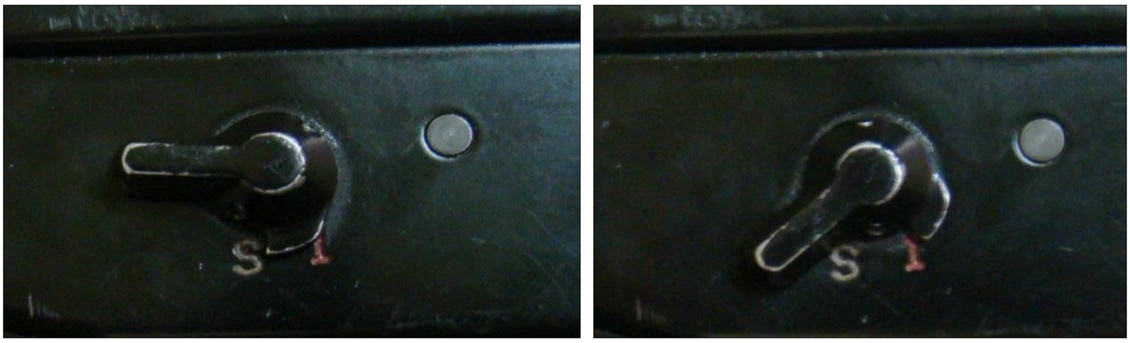


Figura 258 - Seletor de tiro na posição "S" segurança / posição "1" intermitente (tiro a tiro)

- Seletor de tiro na posição “S” – Segurança;
- Seletor de tiro na posição “1” – Intermitente (tiro a tiro);

78.7. SISTEMA DE PONTARIA

Possui massa de mira regulável em altura e alça de mira com tambor que pode ser posicionado em três níveis: 50 metros, 100 metros e 150 metros.

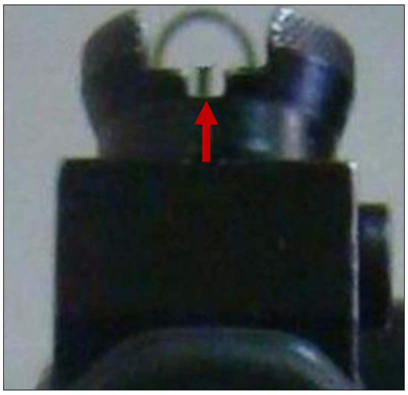


Figura 259 - Sistema de pontaria

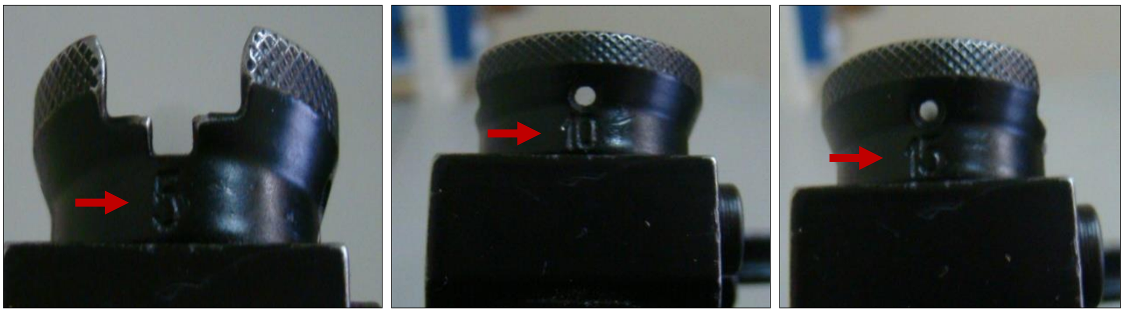


Figura 260 - Tambor regulável para 50, 100 e 150 metros

78.8. REGULAGEM DA MASSA DE MIRA

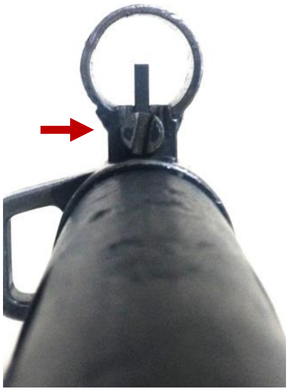


Figura 261 - Regulagem vertical

- Tiro demasiado baixo: girar o parafuso de regulagem para a esquerda.
- Tiro demasiado alto: girar o parafuso de regulagem para a direita.

78.9. REGULAGEM DA ALÇA DE MIRA

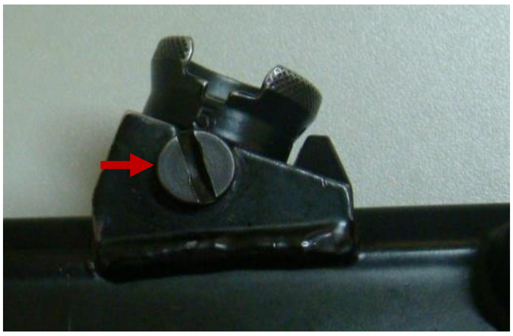


Figura 262 - Regulagem lateral

- Tiro desviado para a esquerda: girar o parafuso de regulagem para a direita
- Tiro desviado para a direita: girar o parafuso de regulagem para a esquerda

78.10. OBTURADOR DO CILINDRO DE GASES

A Carabina Taurus CT .30 possui um sistema chamado de obturador do cilindro de gases, onde ocorre a admissão ou bloqueio dos gases no interior do armamento. Esses gases são aproveitados no sistema semi-automático. Deste modo, existem três posições pré-determinadas para uso do equipamento:

Posição	**Função**
Posição 0	Não ocorre a passagem de gases provenientes da queima da pólvora para o cilindro – arma não irá ciclar, funcionando no sistema de repetição.
Posição 1	Parte dos gases é aproveitada para a ciclagem da arma – este é o **sistema normal** de funcionamento da Carabina Taurus CT .30
Posição 2	Ocorre um maior aproveitamento dos gases para o recuo do ferrolho – deve ser utilizado em situações críticas que estejam impedindo o funcionamento normal do equipamento.

78.11. DESMONTAGEM

- Retirar o carregador do alojamento.
- Efetuar dois golpes de segurança, verificando arma sem munição.
- Fechar o ferrolho e posicionar o seletor em “S” segurança.
- Retirar a bandoleira.
- Pinos de união: os pinos de união para serem removidos devem ser pressionados, onde a caixa do mecanismo se desconectará da caixa da culatra, separando a arma em duas partes.

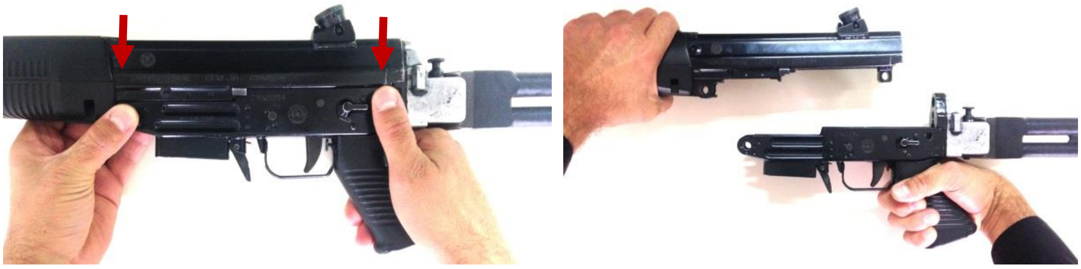


Figura 263 - Retirada dos pinos de união

- Guarda-mão: após separar a caixa da culatra, retiram-se as placas do guarda-mão, primeiramente a placa inferior movimentando-a para trás e para baixo e posteriormente a placa superior.

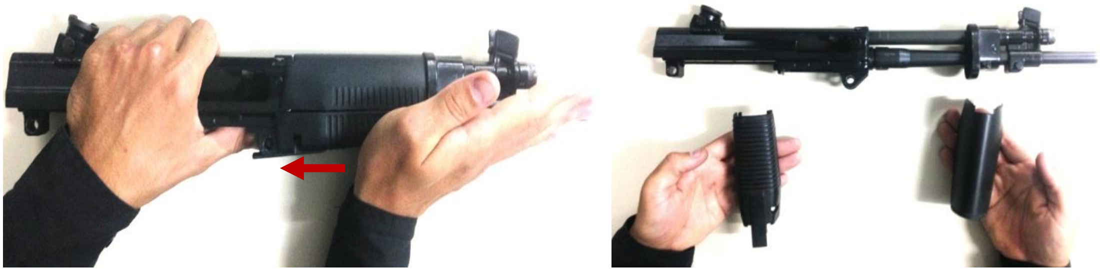


Figura 264 - Retirada do guarda-mão

- Culatra: o ferrolho sairá pela parte posterior da caixa da culatra, sendo necessário somente desconectar o preparador do retentor acionando o retém do preparador.

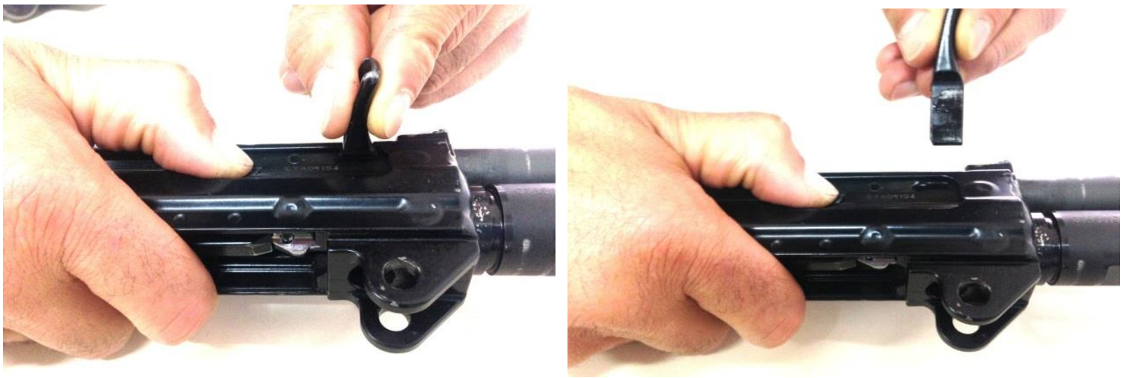


Figura 265 - Retém do preparador

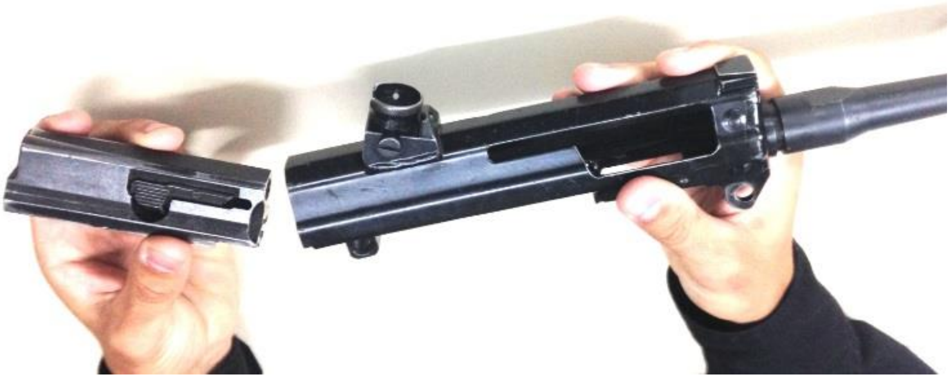


Figura 266 - Retirada do ferrolho e impulsor do ferrolho

- Ferrolho e impulsor: após ser retirado da caixa de culatra, o operador deverá girar o ferrolho nos trilhos existentes no interior do impulsor e retirá-lo.
-

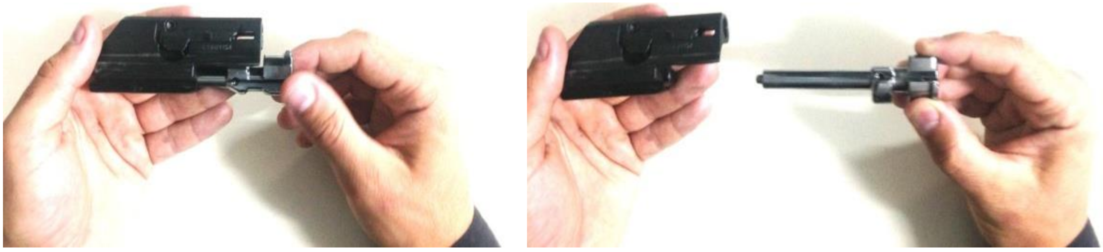


Figura 267 - Retirada do ferrolho e impulsor do ferrolho

78.12. MONTAGEM

- Introduzir o ferrolho em seu impulsor e coloca-lo na caixa da culatra. Na primeira imagem, o ferrolho está alojado totalmente no interior do impulsor - o que impedirá sua colocação na caixa de culatra, já na segunda imagem a extremidade do ferrolho está colocada corretamente.

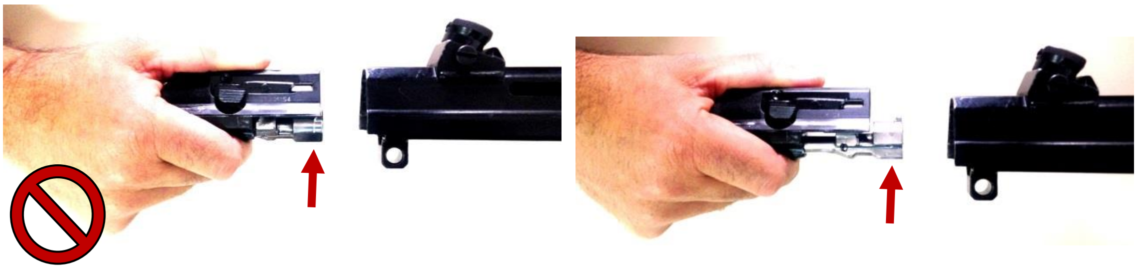


Figura 268 - Ferrolho e impulsor do ferrolho

- Após a colocação do impulsor e do ferrolho, o operador deve colocar o preparador em seu retentor, bem como o guarda-mão superior e inferior - verificando se não interferiu nos orifícios de passagem dos pinos de união.
- Unir as caixas do mecanismo e da culatra posicionando os pinos de união.
- Pressionar o retém do preparador e conecta-lo ao ferrolho.
- Verificar o funcionamento do armamento efetuando dois golpes de segurança.

78.13. MANUSEIO

Para abertura da caixa de culatra, o operador deverá trazer o preparador em direção à retaguarda da arma, sendo que do lado oposto deverá acionar simultaneamente o retém do ferrolho (para baixo mantém aberto, para cima fechará).

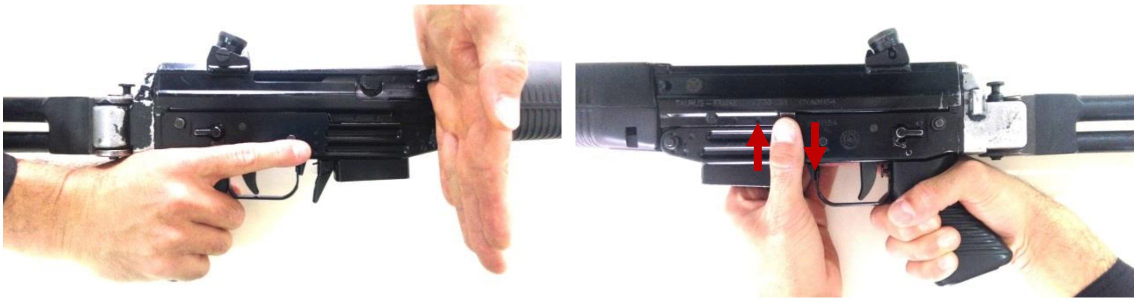


Figura 269 - Abertura/fechamento da caixa de culatra

Para colocação do carregador, o operador deve ajusta-lo em seu alojamento até o final onde ficará encaixado. Já para retirada, deve-se acionar o retém do carregador para que seja liberado do armamento.

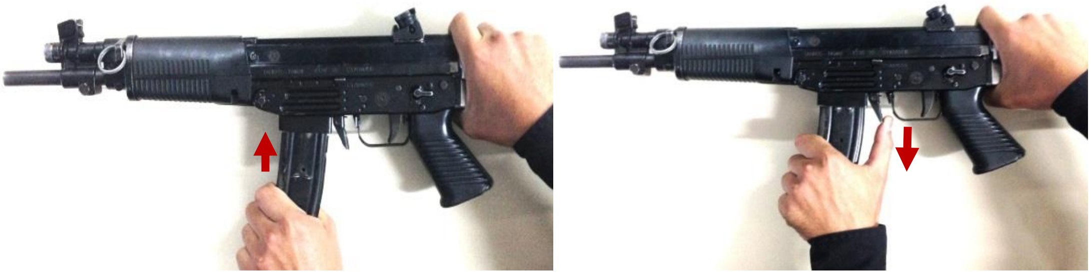


Figura 270 - Colocação/retirada do carregador

A coronha pode funcionar de modo estendida ou rebatida. Para rebater a coronha, o operador deve acionar seu pino.

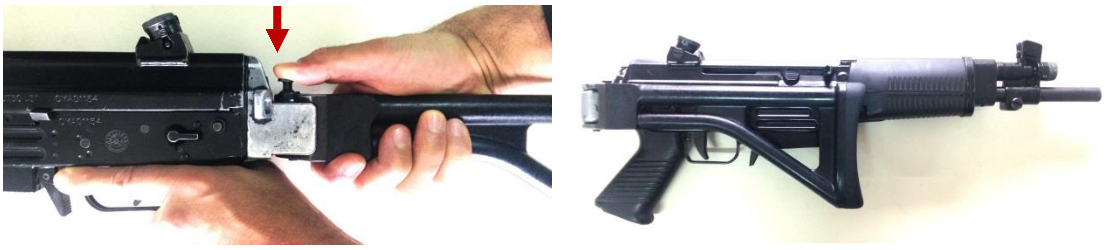


Figura 271 - Coronha estendida/rebatida

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

ARMAS – SUBMETRALHADORAS

CAPÍTULO 7

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

SUBMETRALHADORA TAURUS FAMAE MT 40

CAPÍTULO 7 – ARMAS – SUBMETRALHADORAS

79. SUBMETRALHADORA TAURUS MT .40

Em razão do maior custo de uma arma de fogo estar no seu projeto, a empresa de Armas Forjas Taurus S/A, obteve na década de 90 a licença da *Fabricas y Maestranzas del Ejercito* - FAMAE, fábrica chilena de armamento e munições, semelhante a IMBEL do Brasil, para produzir inicialmente a Submetralhadora modelo TAURUS-FAMAE MT-40, sendo "MT" a abreviatura de Metralhadora Taurus e "40" uma referência ao calibre .40 de uso policial. Em razão desta parceria, tanto a metralhadora quanto a carabina receberam a identificação de TAURUS-FAMAE.

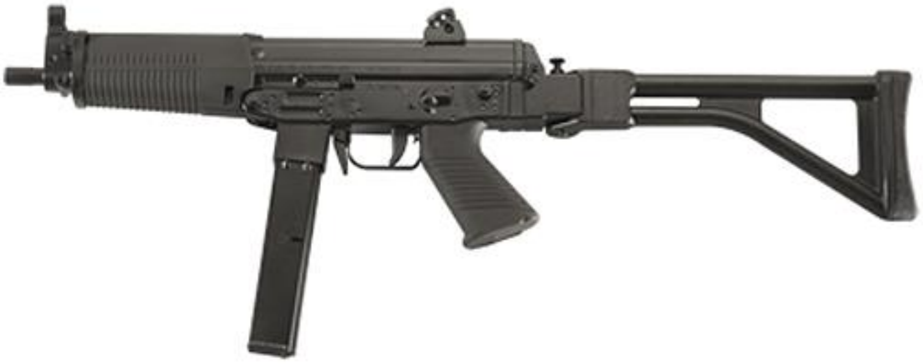


Figura 272 - Submetralhadora MT 40

A MT 40 possui três modos de operação: intermitente (um disparo em cada acionamento de gatilho), semi-automático (dois disparos em cada acionamento de gatilho) e automático (com cadência de 1.200 disparos por minuto).

Este último modo de operação – automático – vem sendo pouco utilizado em virtude da alta cadência de tiro, uma vez que a tendência atual nessa classe de armamento é a de cadência de tiro na faixa de 600 tiros por minuto para se evitar o desperdício de munição e tornar mais controlável o disparo em regime automático.

79.1. TABELA BALÍSTICA

Munição	Peso do Projétil (grain)	Velocidade (m/s)	Energia (joules)
.38 (SPL)	158	245	307
9X19mm (Luger)	115	405	610
.40 S&W (Copper Bullet Tactital)	130	385	624
.40 S&W (Gold Hexagonal)	155	367	677
.357 Magnum (EXPO)	158	372	710
.44 Magnum (EXPO)	240	357	991
.30 Carbine (ETOG)	110	599	1.277
5,56X45mm (M193)	55	965	1.569
5,56x45mm (SS109)	62	915	1.682
7,62X51mm (Comum ETPT)	144	838	3.276
.308 Winchester (HPBT)	168	800	3.484

Fonte: Informativo Técnico CBC n.º 32/2013

- EXPO: Expansivo Ponta Oca
- ETOG: Encamisado Total Ogival
- ETPT: Encamisado Total Pontiagudo
- HPBT: Hollow Point Boat Tail

79.2. ESPECIFICAÇÃO

Nome	**Sub Metralhadora MT 40**
Calibre	40 S&W
Peso	2,995kg sem carregador 3,705kg com carregador
Comprimento do cano	200mm
Comprimento total	470 mm - com coronha rebatida 680 mm - com coronha estendida mínima
Raias	Seis à direita
Velocidade na boca do cano	300 m/seg
Ejeção	Janela do lado direito
Cadência de tiro	1200 tiros/min
Capacidade do carregador	30 tiros
Massa de mira	Regulável em altura
Alça de mira	50m, 100m e 150m
Seletor de tiro	S: Segurança 1: Tiro-a-tiro L: Rajada curta - 2 tiros F: Rajada plena
Outros	Ferrolho aberto após o último disparo

79.3. CLASSIFICAÇÃO

Tipo	Portátil
Emprego	Individual/Coletiva
Funcionamento	Semi automática Automática
Sentido de alimentação	De baixo para cima
Raiamento	Alma raiada
Acabamento	Pintura na cor preta

79.4. NOMENCLATURA

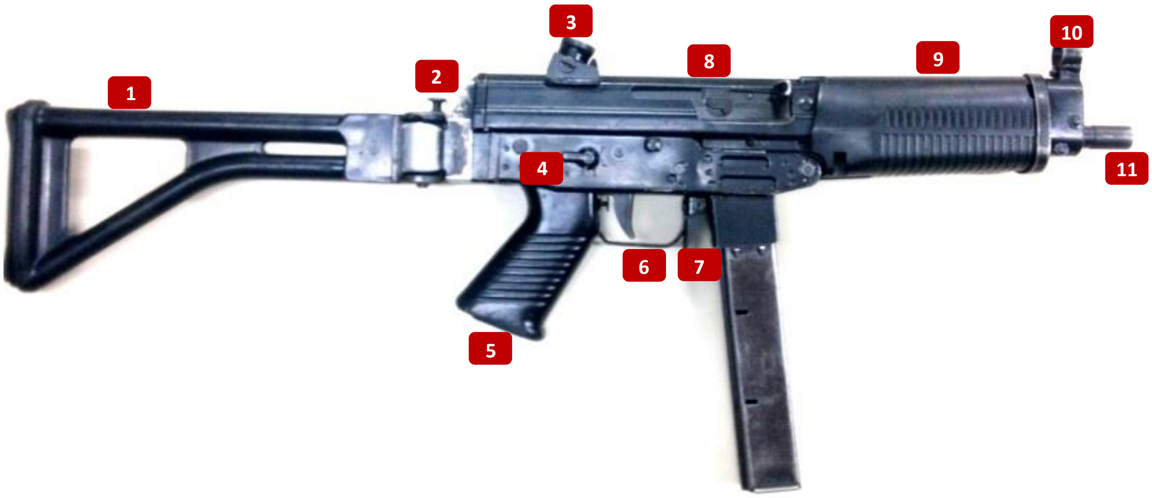


Figura 273 - Nomenclatura

1 Coronha

2 Pino da coronha

3 Alça de mira

4 Seletor de tiro

5 Punho

6 Gatilho e guarda-mato

7 Alojamento e retém do carregador

8 Janela de ejeção

9 Guarda mão

10 Massa de mira

11 Cano

79.5. NOMENCLATURA – DESMONTADA

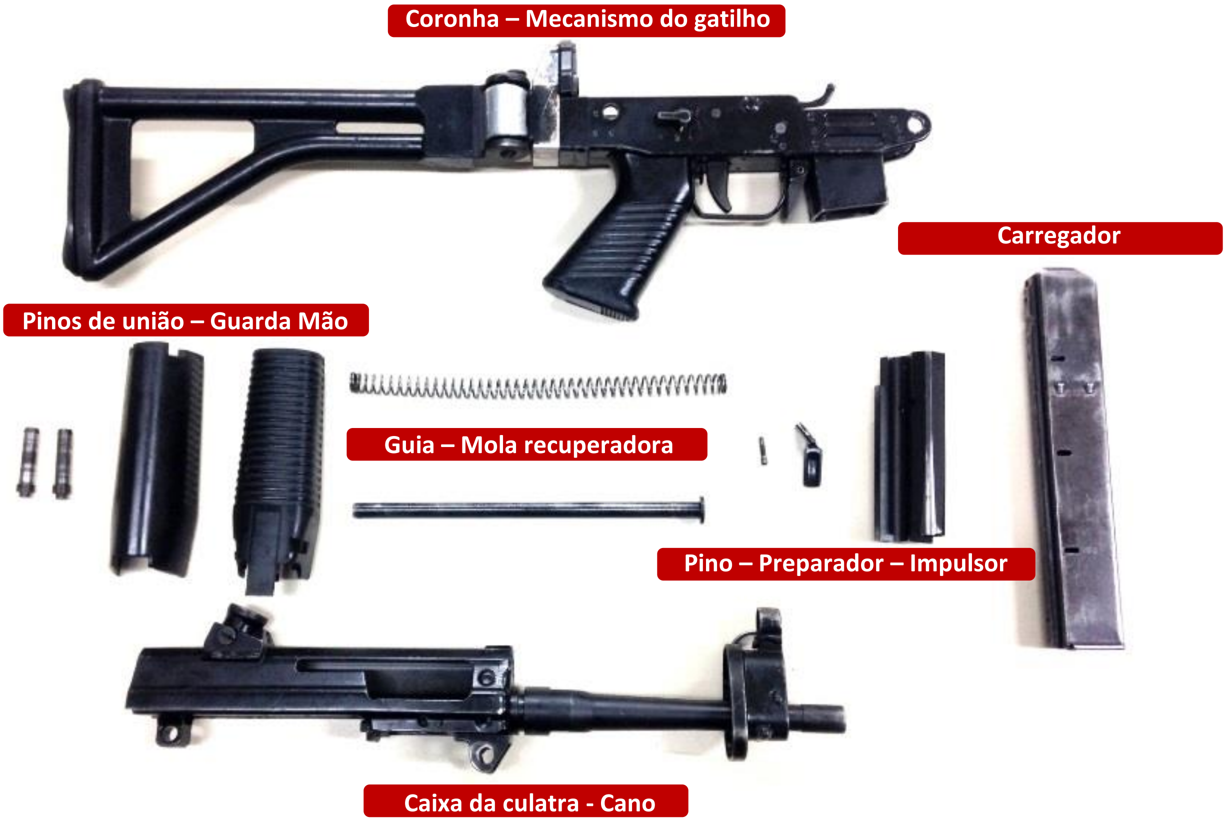
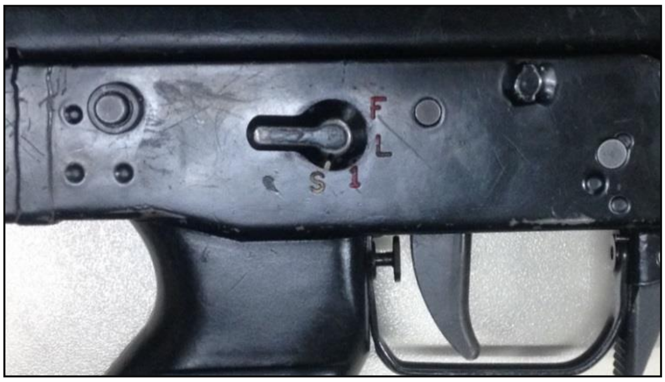

Coronha – Mecanismo do gatilho
Carregador
Pinos de união – Guarda Mão
Guia – Mola recuperadora
Pino – Preparador – Impulsor
Caixa da culatra - Cano

Figura 274 - Nomenclatura desmonstada

79.6. SELETOR DE TIRO

Possui seletor de tiro ambidestro, tendo quatro posições básicas para uso:



- S: Segurança
- 1: Tiro a tiro (intermitente)
- L: Rajada curta (dois tiros)
- F: Rajada plena (automático)

79.7. SISTEMA DE PONTARIA

Possui massa de mira regulável em altura e alça de mira com tambor que pode ser posicionado em três níveis: 50 metros, 100 metros e 150 metros.

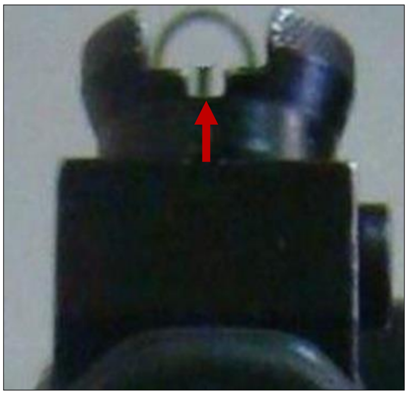


Figura 275 - Sistema de pontaria

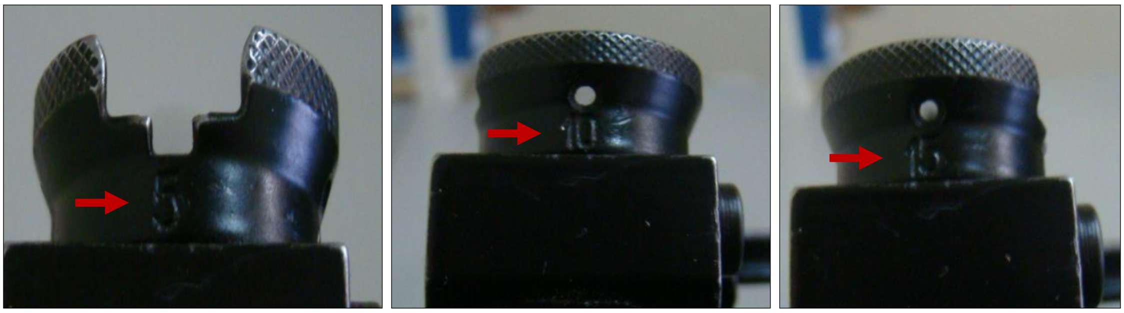


Figura 276 - Tambor regulável para 50, 100 e 150 metros

79.8. REGULAGEM DA MASSA DE MIRA

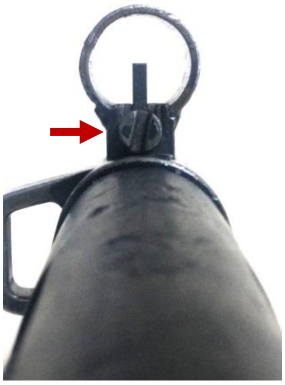


Figura 277 - Regulagem vertical

- Tiro demasiado baixo: girar o parafuso de regulagem para a esquerda.
- Tiro demasiado alto: girar o parafuso de regulagem para a direita.

79.9. REGULAGEM DA ALÇA DE MIRA

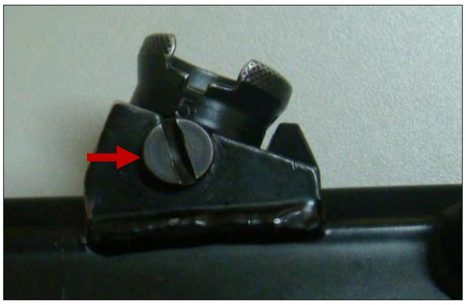


Figura 278 - Regulagem lateral

- Tiro desviado para a esquerda: girar o parafuso de regulagem para a direita
- Tiro desviado para a direita: girar o parafuso de regulagem para a esquerda

79.10. DESMONTAGEM

- Retirar o carregador do alojamento.
- Efetuar dois golpes de segurança, verificando arma sem munição.
- Fechar o ferrolho e posicionar o seletor em “S” segurança.
- Retirar a bandoleira.
- Pinos de união: os pinos de união para serem removidos devem ser pressionados, onde a caixa do mecanismo se desconectará da caixa da culatra, separando a arma em duas partes.

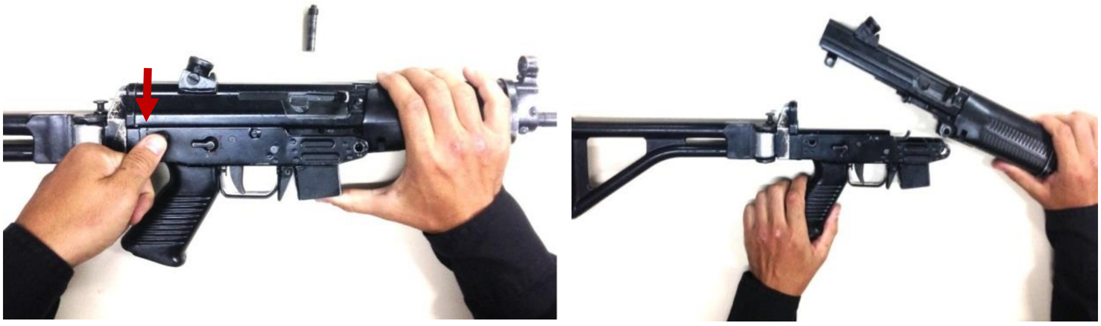


Figura 279 - Retirada dos pinos de união

- Guarda-mão: após separar a caixa da culatra, retiram-se as placas do guarda-mão, primeiramente a placa inferior movimentando-a para trás e para baixo e posteriormente a placa superior.

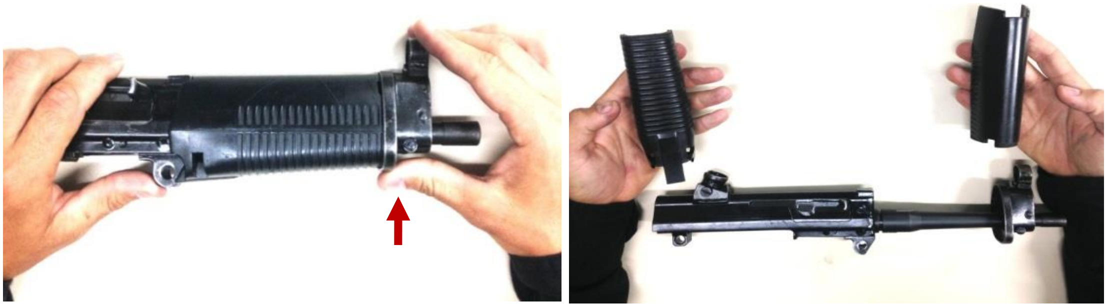


Figura 280 - Retirada do guarda-mão

- Guia da mola recuperadora: deve-se pressionar a guia pela abertura traseira da caixa da culatra, retirar o pino de retenção na extremidade anterior e descomprimir a mola recuperadora – a guia sairá livremente, juntamente com a mola recuperadora.

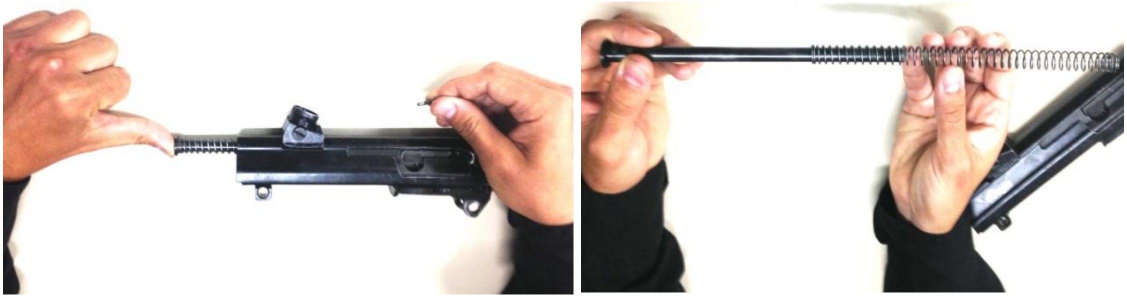


Figura 281 - Guia e mola recuperadora

- Culatra: o ferrolho sairá pela parte posterior da caixa da culatra, sendo necessário somente desconectar o preparador do retentor acionando o retém do preparador.

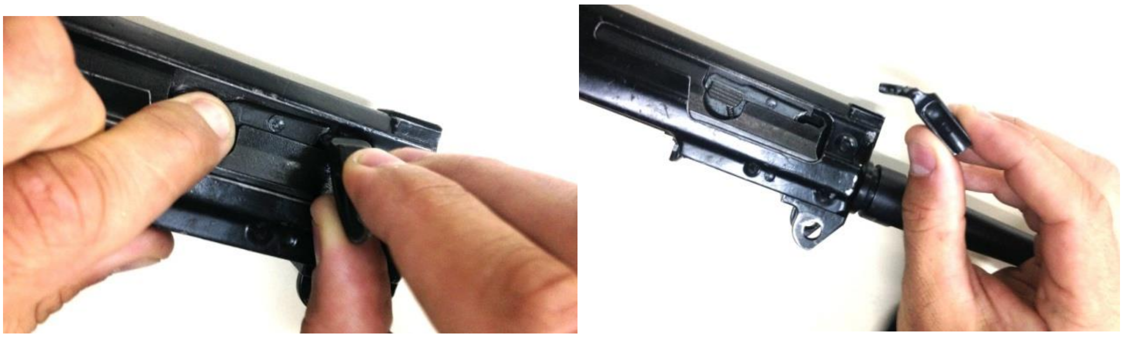


Figura 282 - Retém do preparador

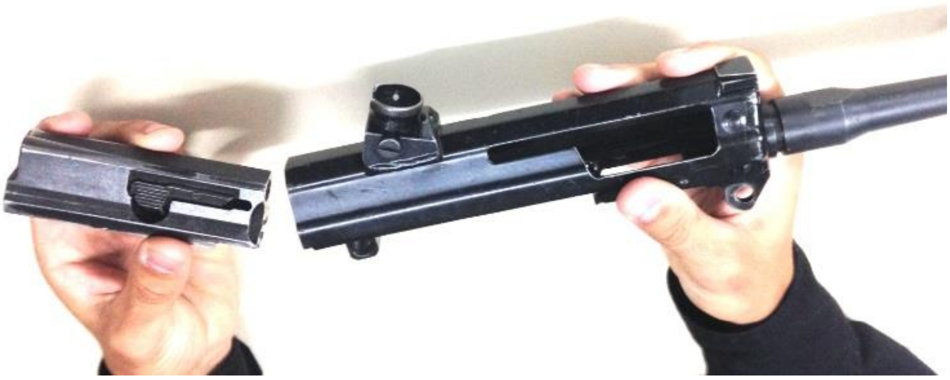


Figura 283 - Retirada do ferrolho

79.11. MONTAGEM

- Introduzir o ferrolho na caixa da culatra.
- Introduzir a guia com a mola recuperadora acima do ferrolho na caixa da culatra e pressionar até que o orifício da extremidade oposta ultrapasse o limite da caixa da culatra suficientemente para colocação do pino de retenção da guia da mola recuperadora. A não observância desse detalhe poderá vir a causar danos na arma.

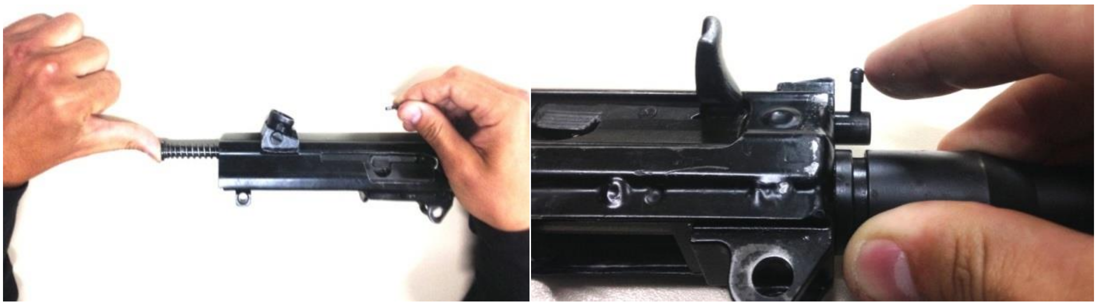


Figura 284 - Colocação da guia da mola recuperadora e pino de retenção

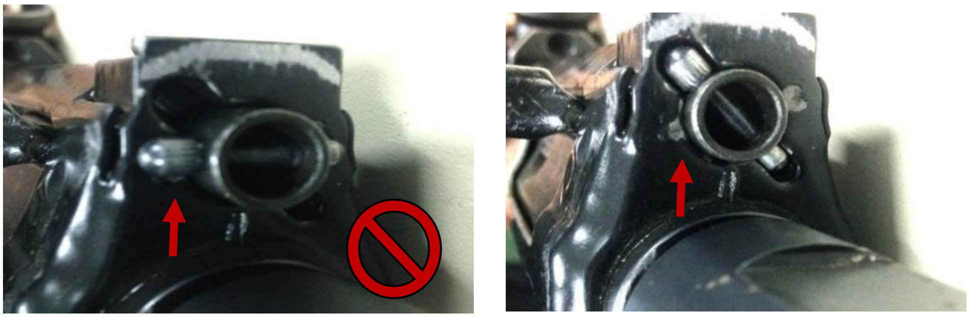


Figura 285 - Pino de retenção não ajustado / Pino de retenção ajustado corretamente

- Colocar o guarda-mão superior e inferior - verificando se não interferiu nos orifícios de passagem dos pinos de união.
- Unir as caixas do mecanismo e da culatra posicionando os pinos de união.
- Pressionar o retém do preparador e conecta-lo ao ferrolho.
- Verificar o funcionamento do armamento efetuando dois golpes de segurança.

79.12. MANUSEIO

Para abertura da caixa de culatra, o operador deverá trazer o preparador em direção à retaguarda da arma, sendo que do lado oposto deverá acionar simultaneamente o retém do ferrolho (para baixo mantém aberto, para cima fechará).

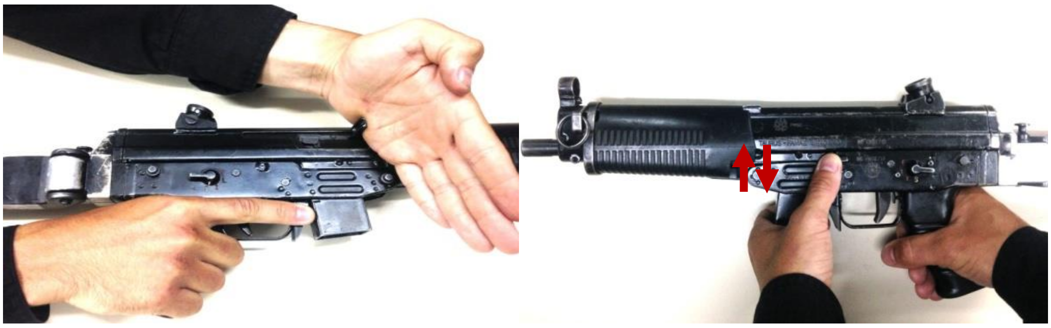


Figura 286 - Abertura/fechamento da caixa de culatra

Para colocação do carregador, o operador deve ajusta-lo em seu alojamento até o final onde ficará encaixado. Já para retirada, deve-se acionar o retém do carregador para que seja liberado do armamento.

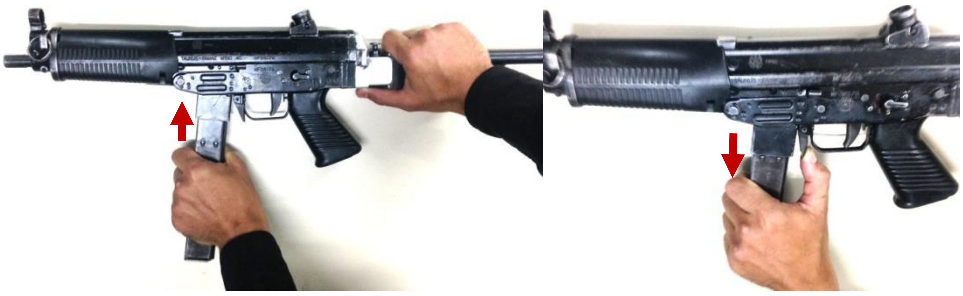


Figura 287 - Colocação/retirada do carregador

A coronha pode funcionar de modo estendida ou rebatida. Para rebater a coronha, o operador deve acionar seu pino.

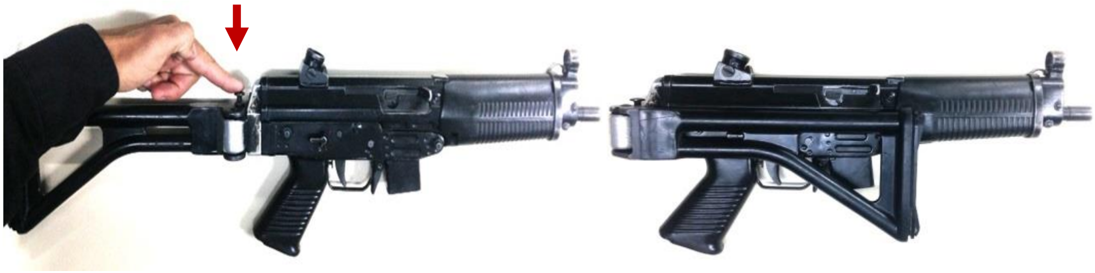


Figura 288 - Coronha estendida/rebatida

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

SUBMETRALHADORA H&K MP5

80. SUBMETRALHADORA H&K MP5-A3

A empresa alemã Heckler & Koch – H&K foi fundada em 1949 por Edmund Heckler, Theodor Koch e Alex Seidel, produzindo basicamente peças de reposição para eletrodomésticos e bicicletas. Com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, a Alemanha estava proibida pelos Aliados de produzir armas para uso bélico. No entanto, uma das poucas empresas que possuíam autorização era a Heckler & Koch, com o objetivo de equipar as forças policiais.

Com o fim desta proibição em 1955 a Alemanha iniciou o processo de rearmamento, vindo a H&K se consagrar como uma empresa puramente especializada na produção de armas de fogo. A partir deste ponto, a Heckler & Koch lançou o famoso Fuzil modelo G3 de uso militar. Na década de 60, lançou a consagrada *Maschinenpistole* 5 (submetralhadora) ou como é conhecida mundialmente: MP5 (uso Policial) e o Fuzil HK33 (emprego militar, sendo o armamento de dotação da Força Aérea Brasileira que emprega o calibre 5,56X45mm).

No que tange a submetralhadora H&K MP5, atualmente existem mais de 100 modelos no mundo, com uma grande variedade de acessórios (de forma modular) que potencializam o emprego do armamento, tais como: coronha fixa, rebatível, retrátil; placas do guarda mão com lanterna acoplada, trilhos (STANAG 4694 e STANAG 2324 - Picatinny MIL-STD 1913), punho frontal, carregadores com capacidade para 15 ou 30 munições, silenciador, dentre outros.

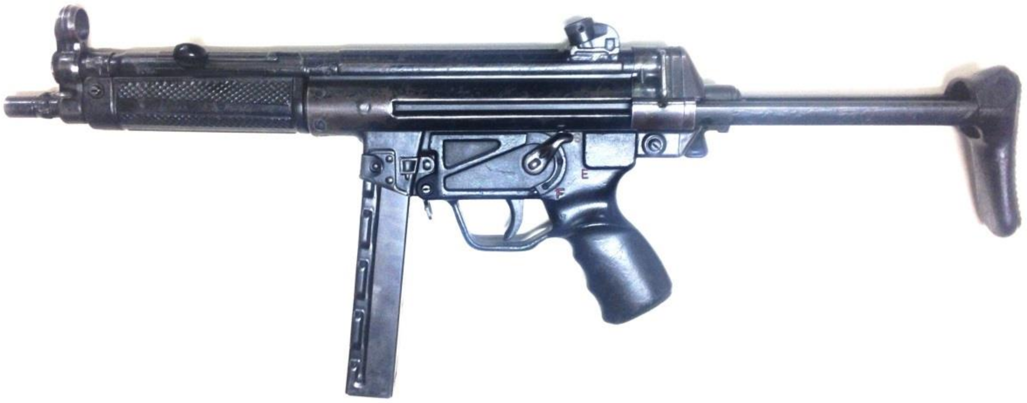


Figura 289 - Submetralhadora H&K MP5-A3

Dentre todos os modelos da H&K MP5, destaca-se o modelo MP5-SD6, onde a sigla SD corresponde em alemão à "*Schalldämpfer*", silenciador em português, com comprimento total de 660/800mm, cano de 146mm, pesando 3,4Kg desmuniciada. Outro modelo que merece destaque é a compacta e leve H&K MP5-KA4, sendo a letra "K" uma referência ao alemão "*Kurz* – curto", com um comprimento total de 320mm (não há coronha), cano com 115mm, pesando 2,0 Kg desmuniciada, um ícone das armas empregadas nas atividades atinentes à segurança de dignitários.

80.1. TABELA BALÍSTICA

Munição	**Peso do Projétil (grain)**	**Velocidade (m/s)**	**Energia (joules)**
.38 (SPL)	158	245	307
9X19mm (Luger)	115	405	610
.40 S&W (Copper Bullet Tactital)	130	385	624
.40 S&W (Gold Hexagonal)	155	367	677
.357 Magnum (EXPO)	158	372	710
.44 Magnum (EXPO)	240	357	991
.30 Carbine (ETOG)	110	599	1.277
5,56X45mm (M193)	55	965	1.569
5,56x45mm (SS109)	62	915	1.682
7,62X51mm (Comum ETPT)	144	838	3.276
.308 Winchester (HPBT)	168	800	3.484

Fonte: Informativo Técnico CBC n.º 32/2013

- EXPO: Expansivo Ponta Oca
- ETOG: Encamisado Total Ogival
- ETPT: Encamisado Total Pontiagudo
- HPBT: Hollow Point Boat Tail

80.2. ESPECIFICAÇÃO

Nome	**SUBMETRALHADORA H&K MP5A3**
Calibre	9X19mm
Peso da Arma	3,1 kg com carregador vazio
Peso do Carregador Vazio	160g
Peso do Carregador Cheio	510g
Comprimento do cano	225 mm
Comprimento total	690 mm
Comprimento fechada	550 mm
Ejeção	Janela do lado direito
Cadência de tiro	600 tiros/min
Capacidade do carregador	15/30 tiros
Massa de mira	Fixa
Alça de mira	25/50/75/100 metros Regulável em altura e lateralidade
Seletor de tiro	S – *Sicher* – Travada (Segurança) E – *Einzelfeuer* – Tiro-a-tiro (Intermitente) F – *Feuerstoß* – Rajada Plena (Automático)
Outros	Ferrolho fechado após o último disparo. Possui um sistema de operação do estilo Roller-Locked Delayed Blowback (Travamento deslizante do ferrolho sobre roletes).

80.3. CLASSIFICAÇÃO

Tipo	**Portátil**
Emprego	Individual
Funcionamento	Semi automática e Automática
Sentido de alimentação	De baixo para cima
Raiamento	Alma raiada
Acabamento	Pintura na cor preta

80.4. NOMENCLATURA

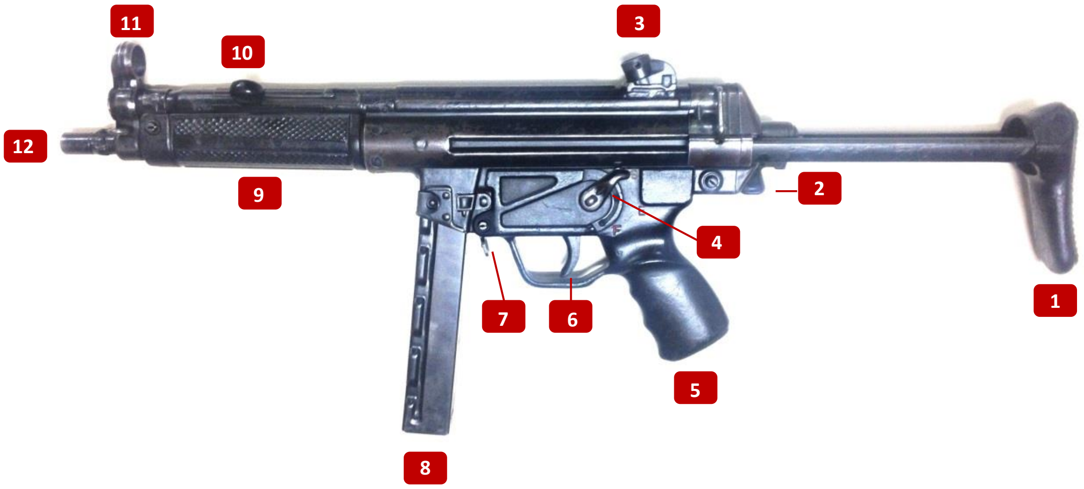


Figura 290 - Nomenclatura

1 Coronha

2 Retém da Coronha

3 Alça de mira

4 Seletor de tiro e segurança

5 Punho

6 Gatilho e guarda-mato

7 Retém do Carregador

8 Carregador

9 Guarda mão

10 Alavanca de manejo

11 Massa de mira

12 Cano

80.5. NOMENCLATURA – DESMONTADA

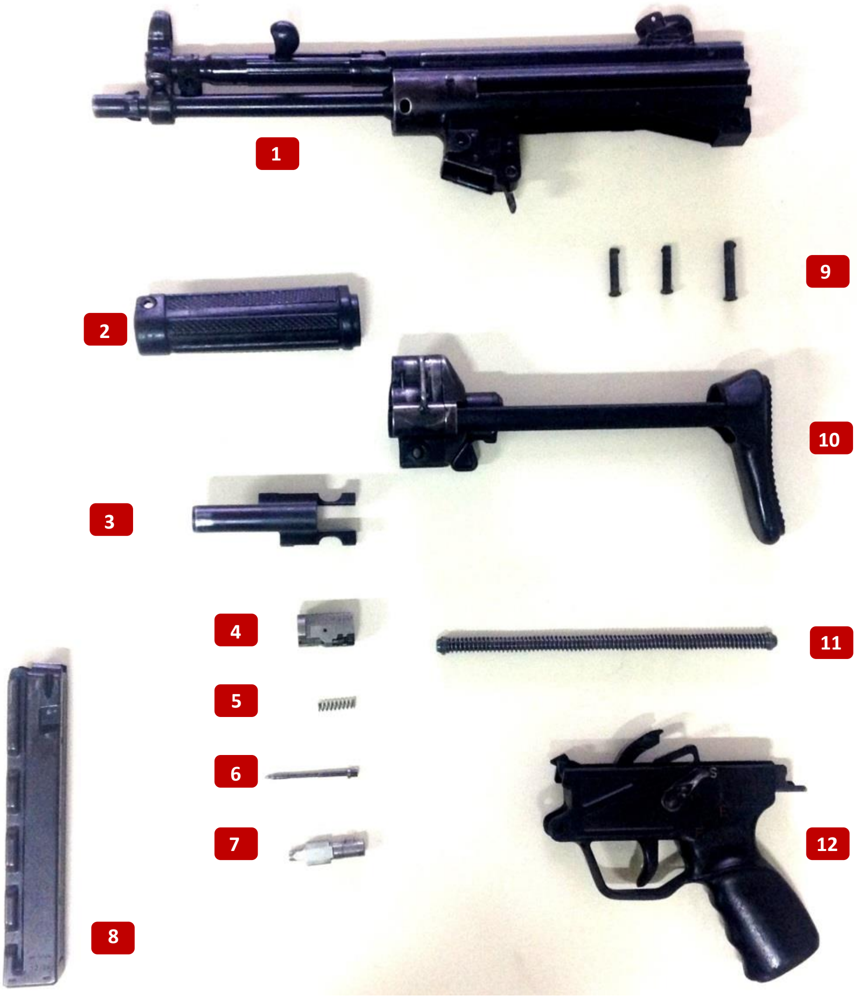


Figura 291 - Nomenclatura desmontada

1 Conjunto Cano/culatra

2 Placa do guarda mão

3 Porta Obturador

4 Obturador

5 Mola do Percussor

6 Percussor

7 Porta Percussor

8 Carregador

9 Pinos de união

10 Coronha

11 Mola Recuperadora

12 Punho e Mecanismo do Gatilho

80.6. SELETOR DE TIRO

Possui registro de tiro e segurança apenas do lado esquerdo, tendo três posições básicas para uso:

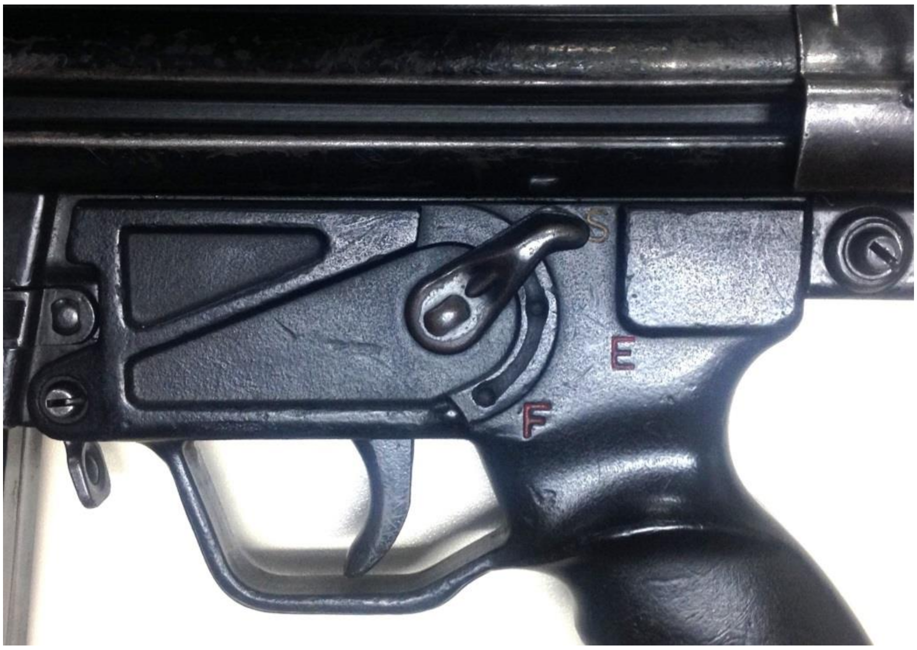


Figura 292 - Seletor de tiro

- S – Sicher – Travada (Segurança).
- E – Einzelfeuer – Tiro a tiro (Intermitente).
- F – Feuerstoß – Rajada plena (Automático).

80.7. SISTEMA DE PONTARIA

Possui massa de mira fixa (estilo poste) protegida por um túnel. A alça de mira (estilo tambor) possui quatro posições de regulagem: 25/50/75/100 metros, sendo ainda possível a aferição do disparos em verticalidade e lateralidade.

80.8. REGULAGEM DA ALÇA DE MIRA

Regulagem Verticalidade:

- Tiro demasiado baixo: girar o parafuso de regulagem para a esquerda.
- Tiro demasiado alto: girar o parafuso de regulagem para a direita.

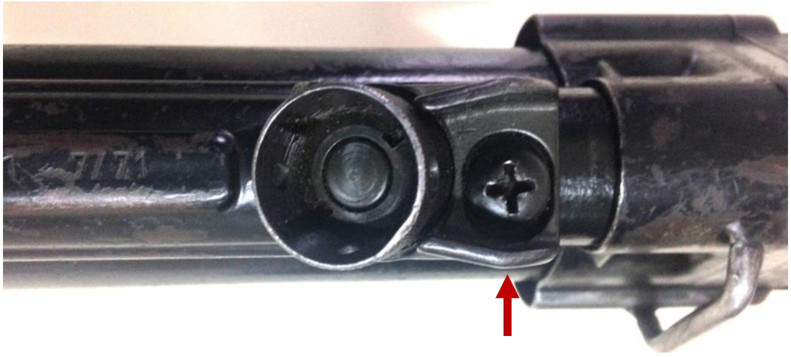


Figura 293 - Regulagem de verticalidade

Regulagem lateralidade:

- Tiro demasiado para a esquerda: girar o parafuso de regulagem para a esquerda.
- Tiro demasiado para a direita: girar o parafuso de regulagem para a direita.

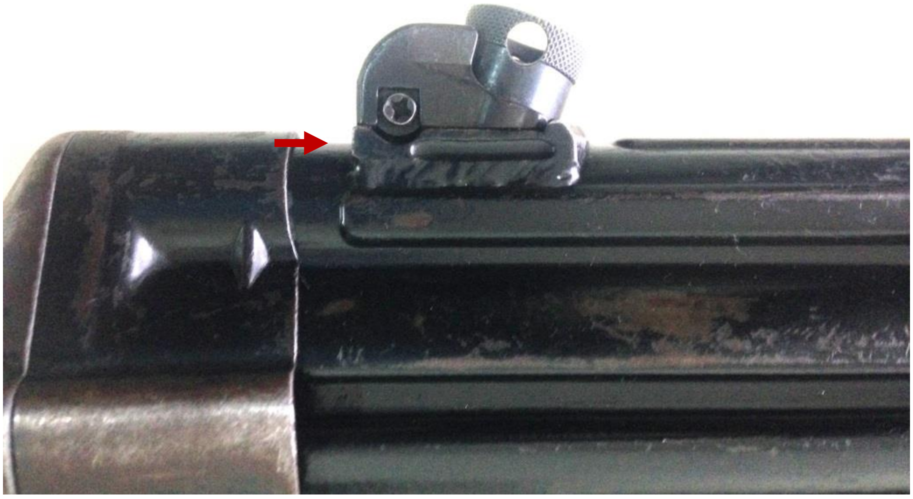


Figura 294 - Regulagem lateralidade

80.9. DESMONTAGEM

- Posicionar o registro de tiro e segurança em “S” segurança.
- Retirar o carregador do alojamento.
- Efetuar dois golpes de segurança, verificando arma sem munição.
- Fechar o ferrolho.
- Retirar a bandoleira.
- Retirar o pino de união da coronha e do mecanismo do gatilho pressionando com os polegares.

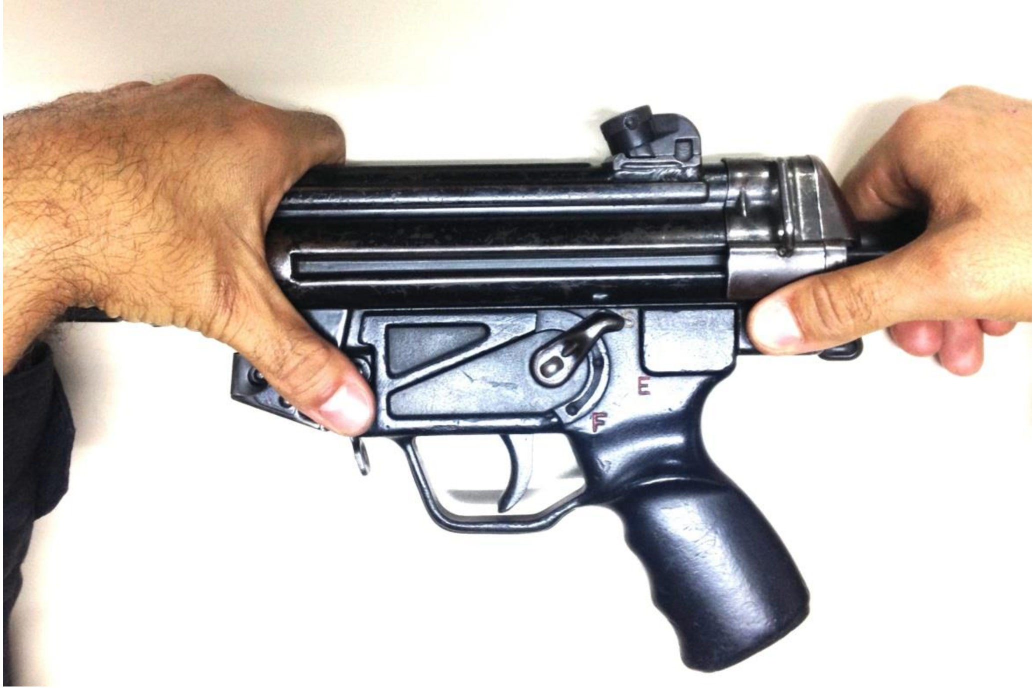


Figura 295 - Acionamento dos dois pinos de união

- Retirada da coronha: puxando-a para trás, desacople a coronha da caixa da culatra.
- Punho e Mecanismo do Gatilho: Envolva o punho e leve-o para baixo na diagonal para frente.

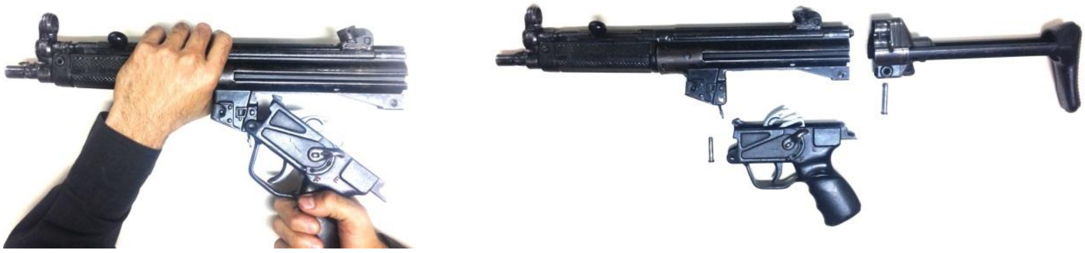


Figura 296 - Punho e mecanismo do gatilho

- Conjunto Obturador: Puxe a mola recuperadora pela parte posterior da caixa da culatra, separando a mola recuperada do porta obturador.

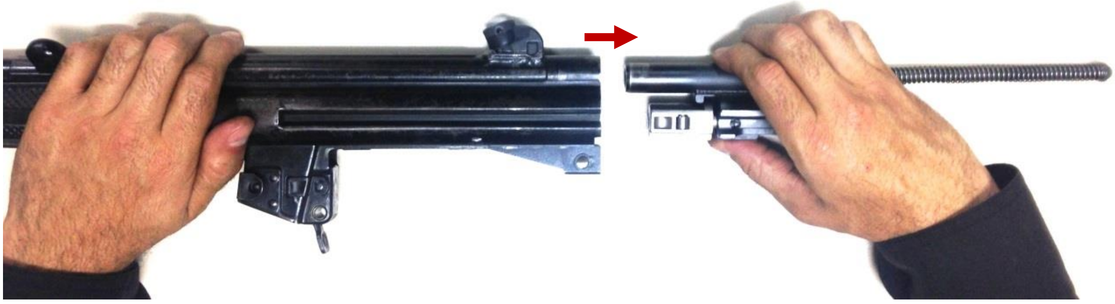


Figura 297 - Retirada do porta obturador

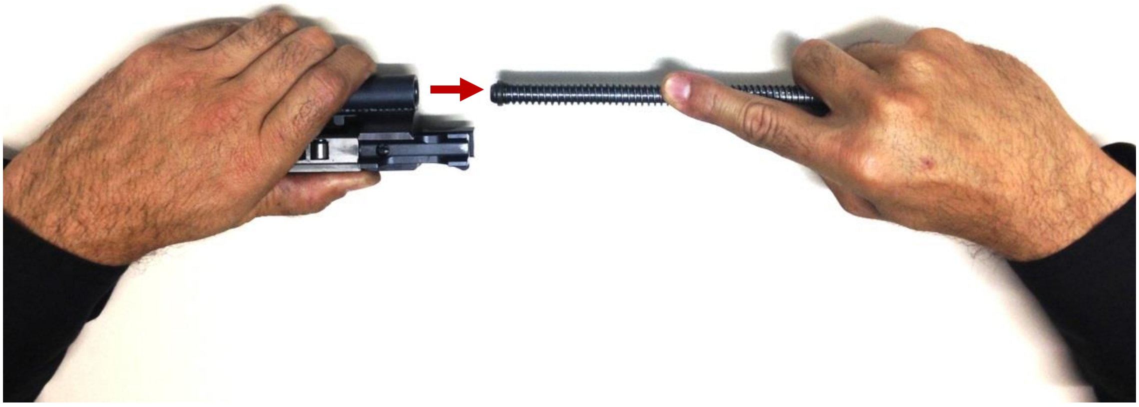


Figura 298 - Retirada da guia e mola recuperadora

- Obturador: Pressione os Cilindros de Fecho e rotacione o obturador 1/8 de volta para a direita, separando o obturador do Porta Percussor/Obturador.

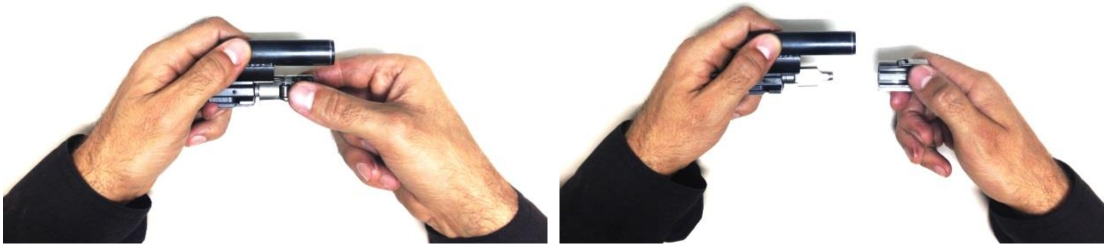


Figura 299 - Retirada do obturador

- Porta Percussor: Rotacione o Porta Percussor para cima, soltando-o do Porta Obturador. Em seguida, retire o percussor e sua mola do interior do porta percussor.

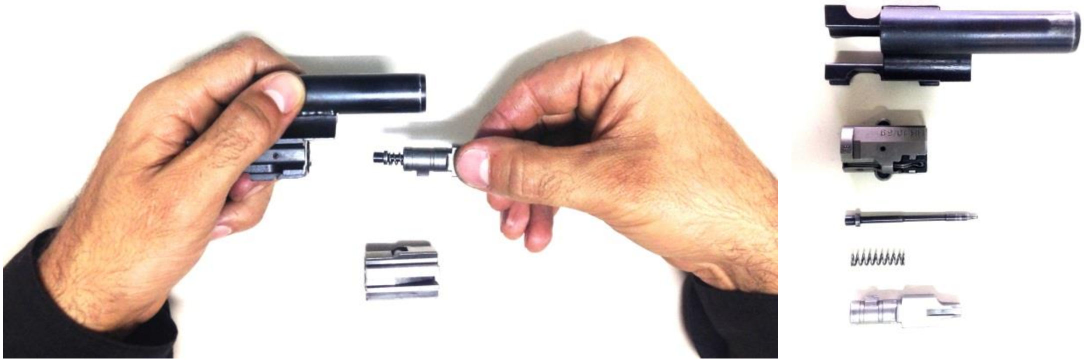


Figura 300 - Sistema de percussão

- Placa do guarda-mão: Pressione o pino de união localizado logo abaixo na massa da mira e retire a placa do guarda-mão trazendo-a para baixo.

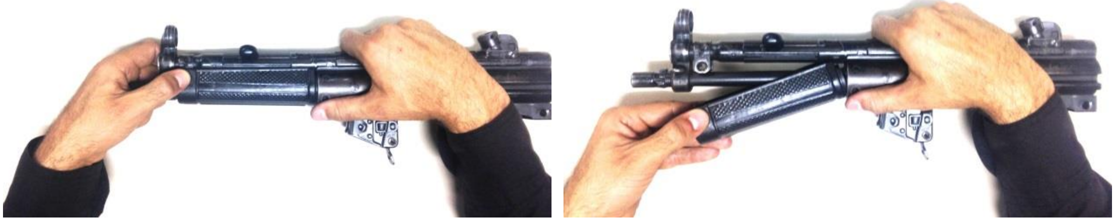


Figura 301 - Placa do guarda mão

80.10. MONTAGEM

- Recolocar a placa do guarda-mão.
- Introduzir a mola e o percussor no porta percussor.
- Inserir o conjunto percussor (com o entalhe para baixo) e rotacioná-lo 1/8 de volta para a esquerda.

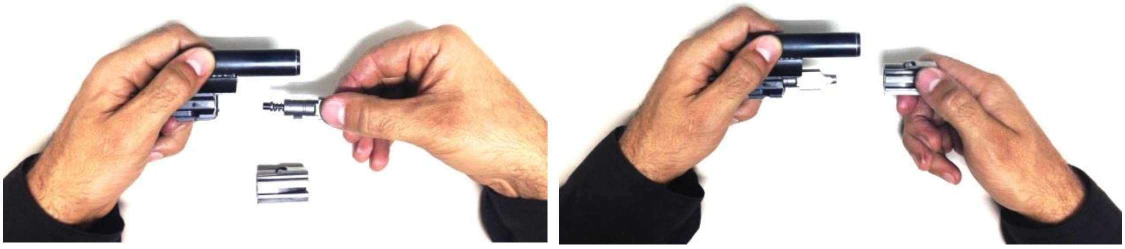


Figura 302 - Conjunto do percussor

- Acoplar na diagonal o Obturador no Porta Percussor e girar todo o conjunto para a esquerda, verificando se os fechos de mola estão livres (empurrando o obturador para a frente e para trás é possível identificar.

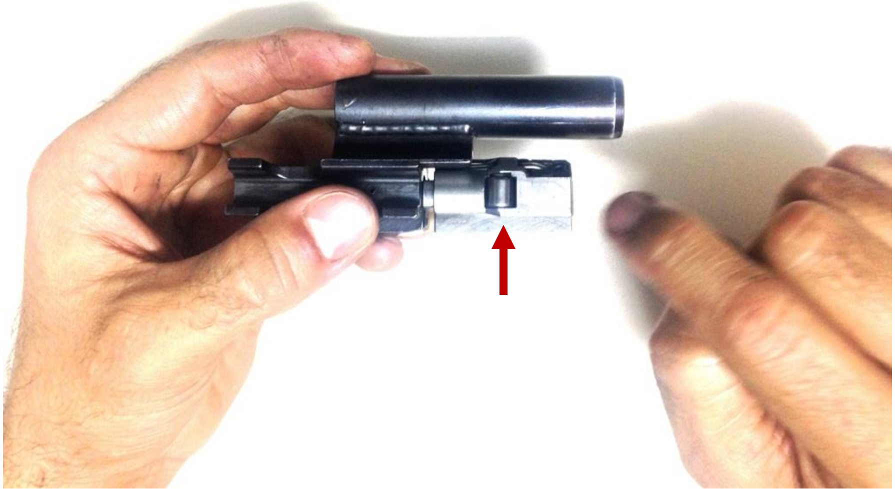


Figura 303 - Fecho de mola

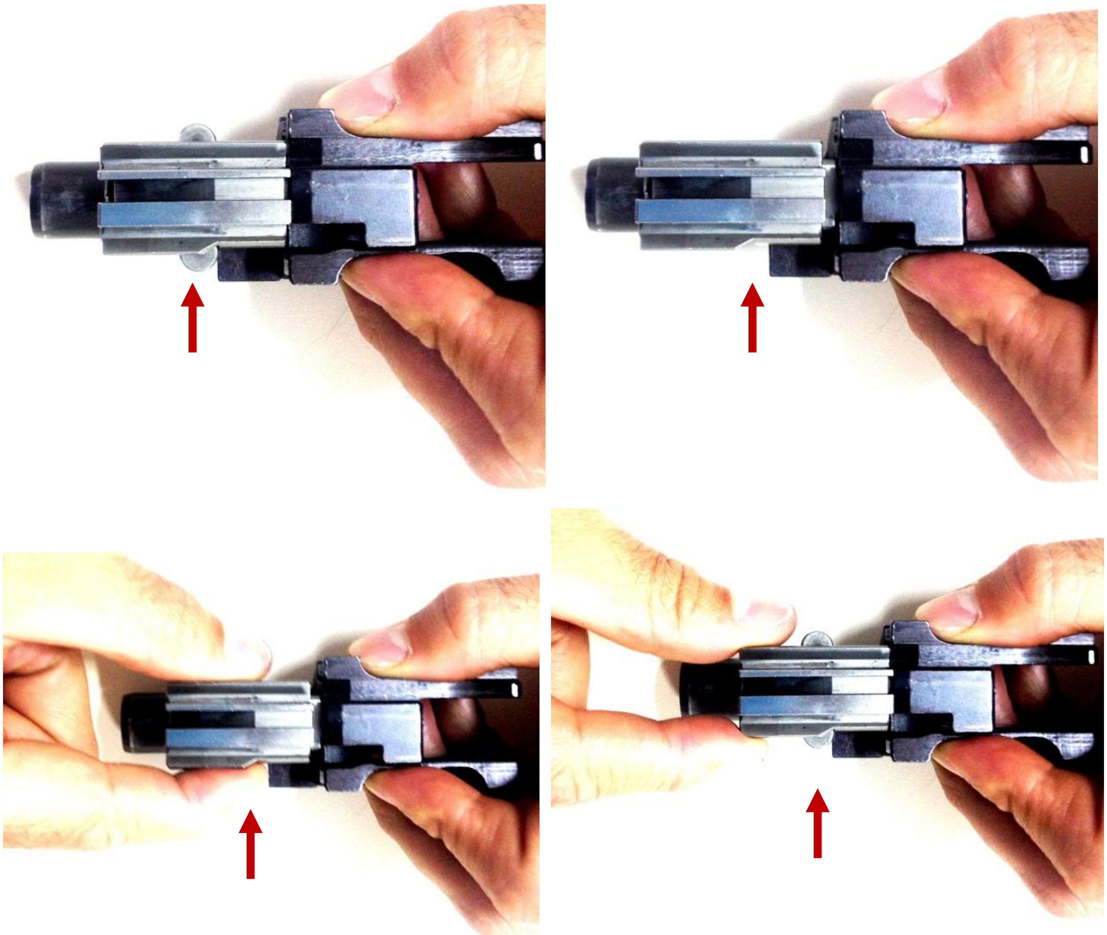


Figura 304 - Obturador

- Inserir a mola recuperadora no Porta Obturador.
- Depositar o Conjunto Obturador na caixa da culatra.
- Recolocar o conjunto Punho e Mecanismo do Gatilho, fixando primeiro a parte anterior do punho na armação da arma, inserindo o pino de união.

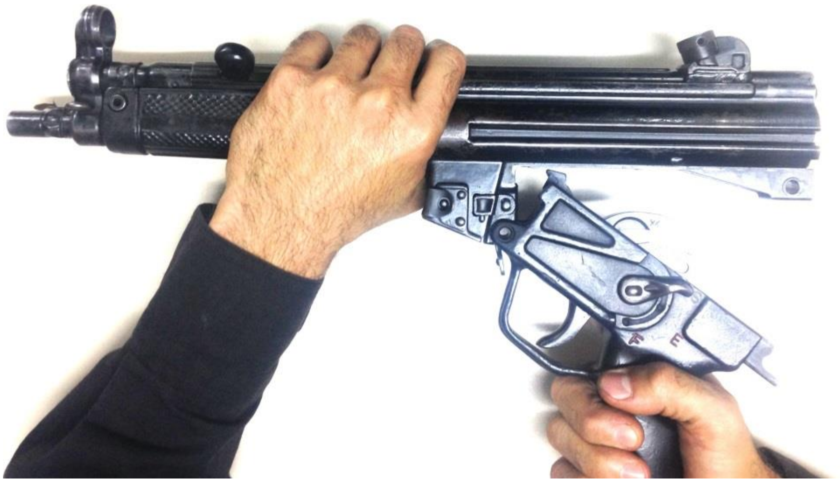


Figura 305 - Punho e mecanismo do gatilho

- Acoplar a coronha na caixa da culatra introduzindo o pino de união.

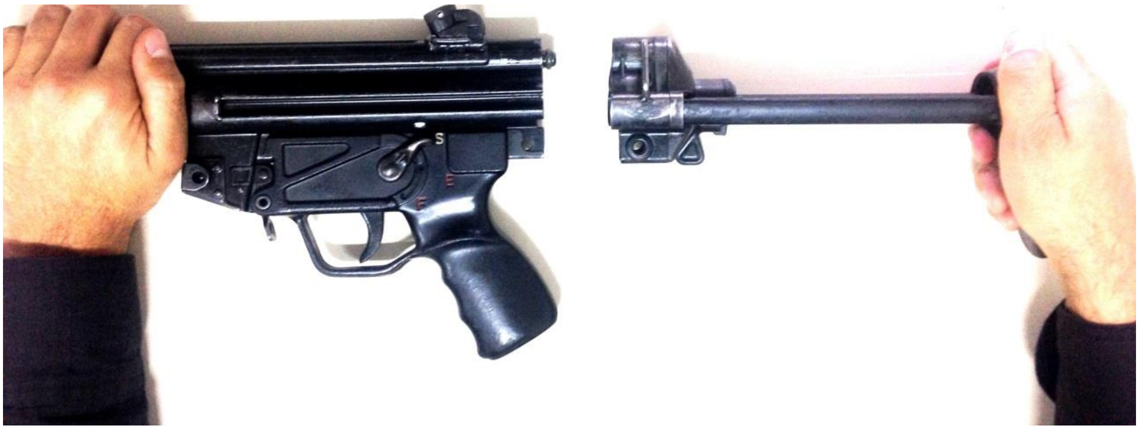


Figura 306 - Coronha

- Verificar o funcionamento do armamento efetuando dois golpes de segurança.

80.11. MANUSEIO

Para abertura da caixa de culatra, o operador deverá trazer a alavanca de manejo em direção à retaguarda da arma, e depositá-lo no entalhe existente no cilindro. Para liberar o ferrolho, basta pressionar a alavanca de manejo para baixo, movimento este que irá fazer o ferrolho ir a frente e fechar a arma (se houver munição, carregando-a).

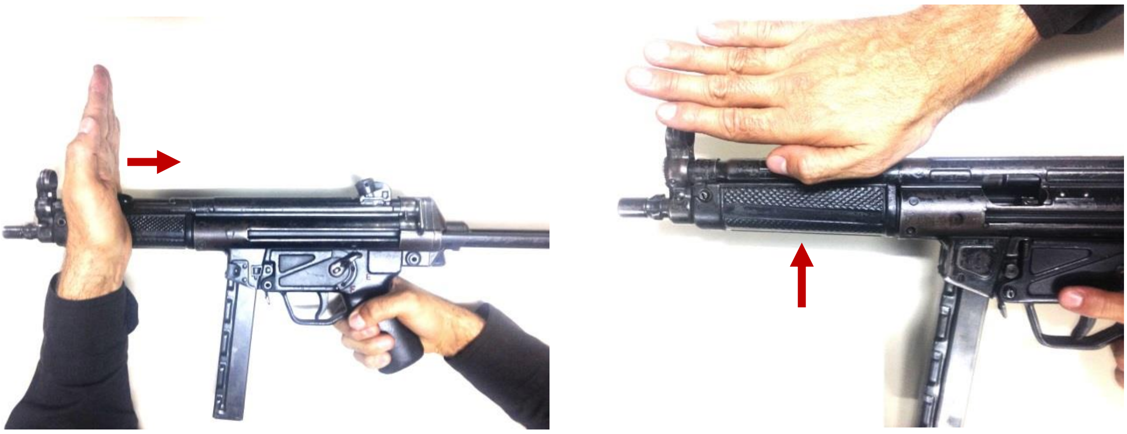


Figura 307 - Abertura/fechamento da caixa de culatra

Para colocação do carregador, o operador deve inseri-lo na vertical de baixo para cima até o seu curso final, onde ficará retido à arma. Já para retirada, deve-se pressionar o retém do carregador (localizado na parte inferior/centro da arma) e conduzi-lo para frente, liberando-o do armamento.

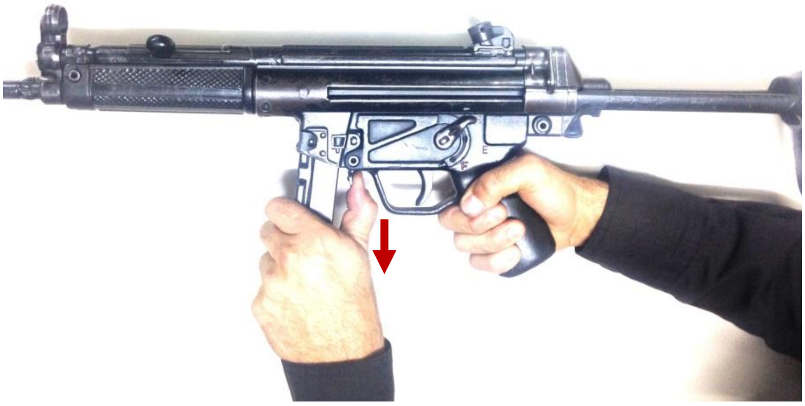


Figura 308 - Retirada do carregador

A coronha com sistema retrátil (sem estágios) pode funcionar de modo estendida ou fechada. Para abrir a coronha, deve-se apenas deslocar a coronha para trás. Para fechá-la, adota-se o procedimento inverso, mantendo o retém pressionado para a esquerda, deve-se pressionar a chapa da soleira e empurrá-la à frente, até ocorrer o travamento.

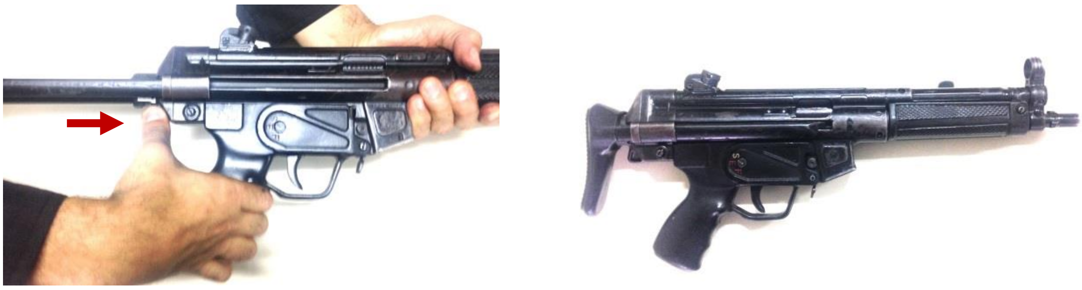


Figura 309 - Coronha

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

ARMAS – FUZIS

CAPÍTULO 8

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

FUZIL IMBEL MD 97

CAPÍTULO 8 – ARMAS - FUZIS

81. FUZIL IMBEL MD 97

O fuzil da Indústria Brasileira de Material Bélico do Brasil - Imbel modelo MD 97 é uma arma cujo projeto se originou no início dos anos 80, com a intenção de adaptar o fuzil FAL para disparar o cartucho 5,56x45mm OTAN. Este projeto seguiu ao longo dos anos e passou por diversas etapas resultando no atual modelo MD 97. Possui como característica a capacidade de rajadas curtas ou "burst", que são pequenas rajadas de três tiros. Essa capacidade é muito útil para evitar desperdício de munição quando o policial está no meio de uma ocorrência, onde a tensão poderia fazer com que ele disparasse tiros além do necessário e ficando sem munição.

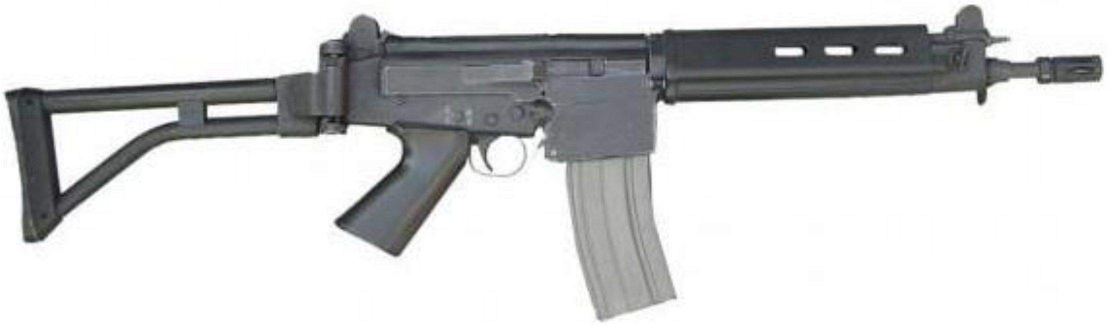


Figura 310 - Fuzil Imbel MD 97 LM

A Polícia Militar de Santa Catarina possui o modelo LM (com coronha rebatível e seletor de tiro com Segurança; Intermitente; Burst e Automático) e o modelo LC (com coronha rebatível e seletor de tiro com Segurança e Intermitente).

81.1. TABELA BALÍSTICA

Munição	Peso do Projétil (grain)	Velocidade (m/s)	Energia (joules)
.38 (SPL)	158	245	307
9X19mm (Luger)	115	405	610
.40 S&W (Copper Bullet Tactital)	130	385	624
.40 S&W (Gold Hexagonal)	155	367	677
.357 Magnum (EXPO)	158	372	710
.44 Magnum (EXPO)	240	357	991
.30 Carbine (ETOG)	110	599	1.277
5,56X45mm (M193)	55	965	1.569
5,56x45mm (SS109)	62	915	1.682
7,62X51mm (Comum ETPT)	144	838	3.276
.308 Winchester (HPBT)	168	800	3.484

Fonte: Informativo Técnico CBC n.º 32/2013

- EXPO: Expansivo Ponta Oca
- ETOG: Encamisado Total Ogival
- ETPT: Encamisado Total Pontiagudo
- HPBT: Hollow Point Boat Tail

81.2. ESPECIFICAÇÃO

Nome	**Fuzil Imbel MD 97**
Fabricante	Imbel (Brasil)
Calibre	5,56 x 45 mm NATO ou .223 Remington
Peso	3,300kg sem carregador
Comprimento do cano	310mm
Comprimento total	850mm coronha estendida 600mm coronha rebatida
Raias	Seis - direita
Velocidade na boca do cano	840 m/seg
Cadência de tiro	850 – 1000 disparos por minuto
Capacidade do carregador	30 munições
Massa de mira	Regulável em altura
Alça de mira	Regulável em duas distâncias e direção por catraca e parafuso
Sistemas de funcionamento	Automático, semi-automático e rajada limitada (três tiros)
Funcionamento	Aproveitamento dos gases com trancamento por ferrolho rotativo

81.3. CLASSIFICAÇÃO

Tipo	Portátil
Emprego	Individual/Coletiva
Sistemas de funcionamento	Automático, semi-automático e rajada limitada (três tiros)
Sentido de alimentação	De baixo para cima
Raiamento	Alma raiada
Acabamento	Pintura na cor preta

81.4. MUNIÇÕES CALIBRE 5,56X45mm

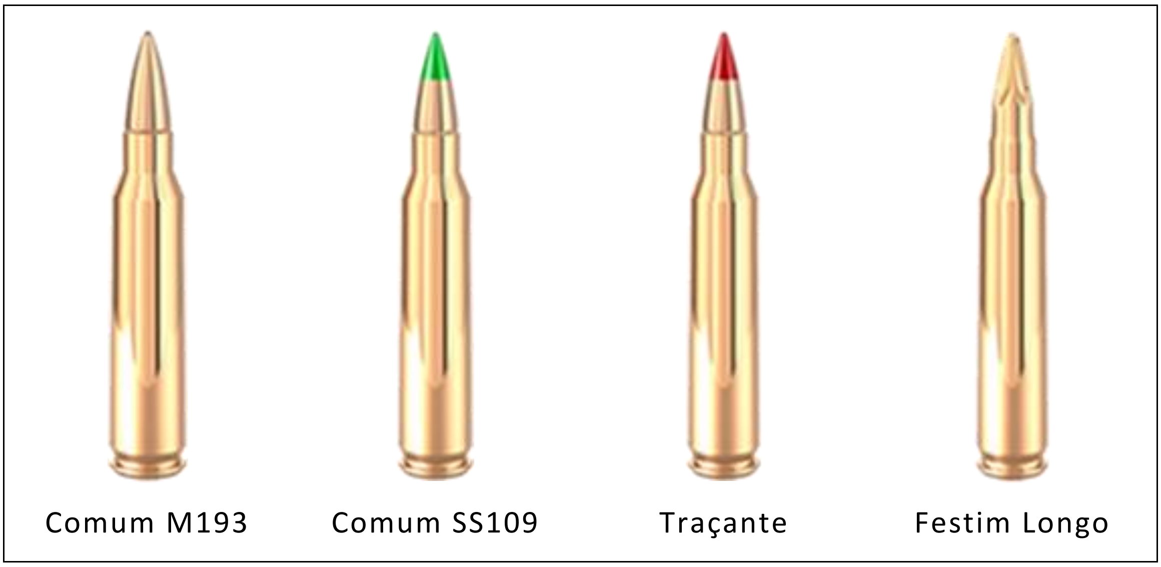


Figura 311 - Munições calibre 5,56x45mm

- **Comum M193**: contra alvos não blindados.
- **Perfurante SS109**: contra alvos protegidos por blindagens leves, e alvos resistentes a projéteis comuns.
- **Traçante**: treinamento de pessoal com a vantagem de poder ser visualizada a trajetória do projétil. O traço é visível da boca da arma a 450 metros no modelo M196 e até 800 metros no modelo L110.
- **Festim**: treinamento de pessoal ou tiro de salva.

81.5. NOMENCLATURA

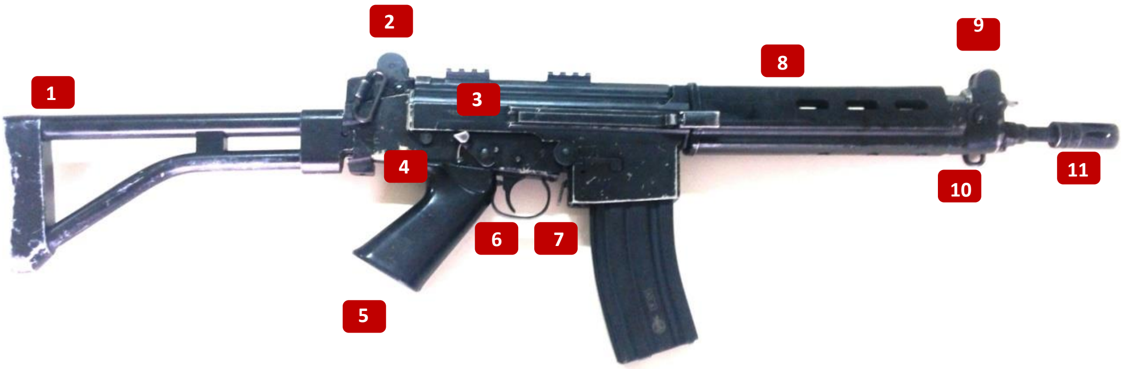


Figura 312 - Nomenclatura

1 Coronha

2 Alça de mira

3 Defletor

4 Seletor de tiro

5 Punho

6 Gatilho e guarda mato

7 Alojamento e retém do carregador

8 Guarda mão

9 Massa de mira

10 Obturador do cilindro de gases

11 Cano

81.6. NOMENCLATURA – DESMONTADA

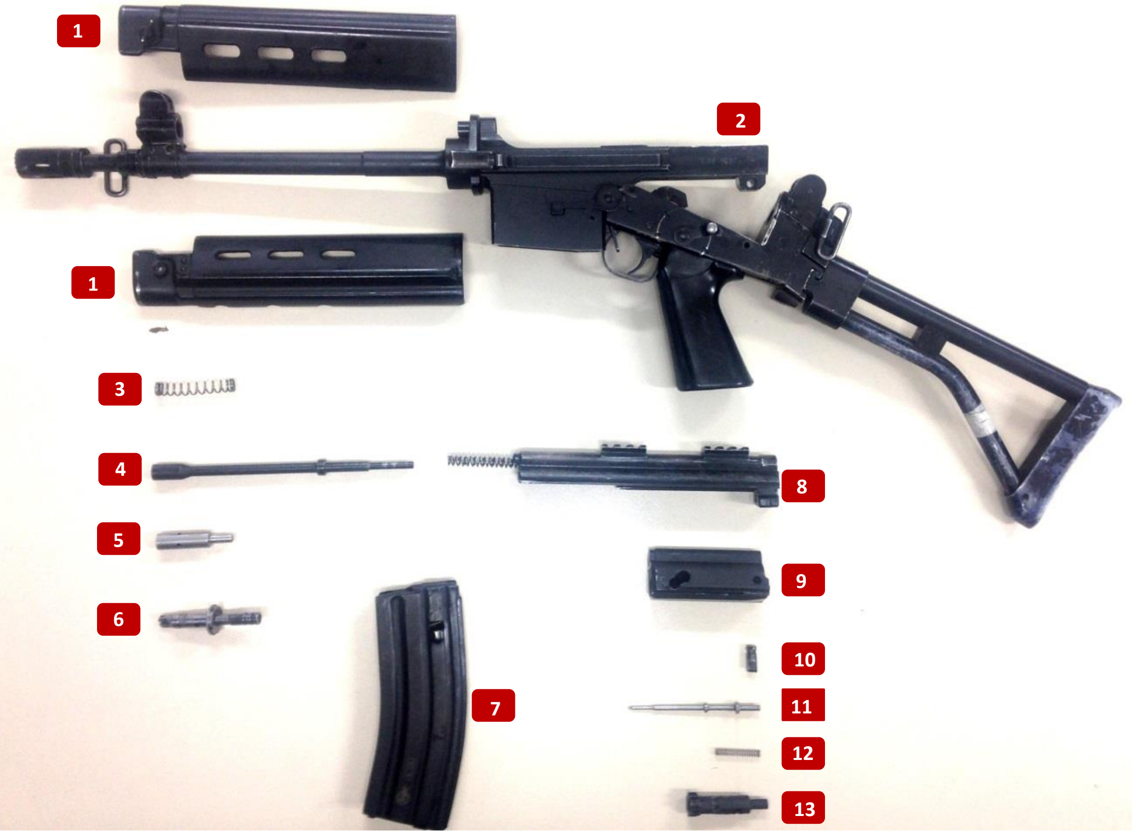


Figura 313 - Nomenclatura desmontada

1 Placa do guarda-mão

2 Cano e caixa do mecanismo

3 Mola do êmbolo

4 Êmbolo

5 Cilindro de gases

6 Obturador do cilindro de gases

7 Carregador

8 Tampa da caixa da culatra

9 Impulsor do ferrolho

10 Pino do ferrolho

11 Percussor

12 Mola do percussor

13 Ferrolho

81.7. AÇÃO DOS GASES

O Fuzil Imbel MD 97 possui um sistema de aproveitamento dos gases para aumento a sua performance durante a série de tiros. O projétil percorre o cano (1) e ultrapassa o evento de admissão (2). Os gases atravessam este evento e atingem o obturador do cilindro de gases (3) montado no bloco do cilindro de gases. Caso o obturador esteja fechado, os gases não penetram no cilindro de gases e a arma funciona como de repetição. Com o obturador (3) aberto os gases passam através do evento de admissão (2) e se expandem no interior da câmara do cilindro de gases (4). Sob a ação dos gases, o cilindro de gases (4) recua empurrando consigo o êmbolo (5), que por usa vez, irá empurrar o impulsor do ferrolho para trás, destrancando e abrindo a arma. A mola do êmbolo, que foi comprimida durante o recuo se distende, retornando as peças do sistema de gases à sua posição inicial.

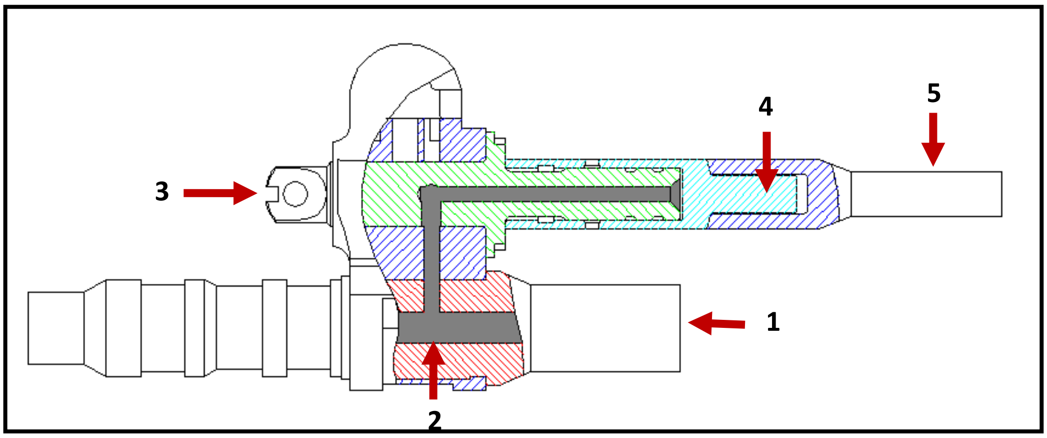
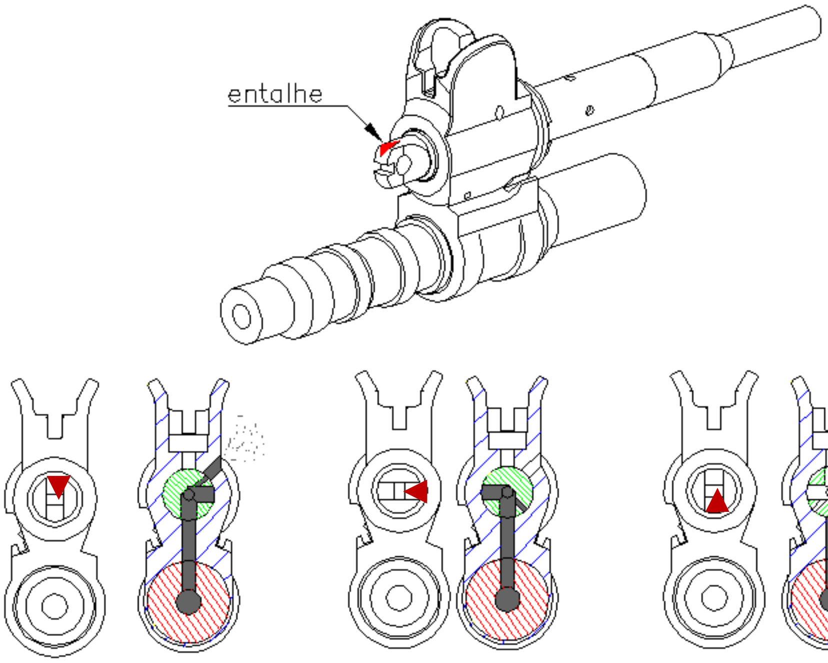


Figura 314 - Ação dos gases

81.8. POSIÇÕES DO OBTURADOR

O volume de gás utilizado para o recuo do sistema pode ser controlado através da posição do obturador que pode assumir quatro posições distintas identificadas pelo entalhe de marcação existente na cabeça do obturador. O posicionamento do obturador pode ser feito manualmente ou com auxílio de ferramenta.



Entalhe para cima
Condições normais

Entalhe ¼ sentido horário
Volume maior de gases

Entalhe para baixo
Repetição – sem gases

Figura 315 – Posição do obturador

Em condições normais, o tiro é efetuado com o entalhe para cima onde se tem admissão e escape abertos. Quando ocorre problema de trancamento ou ejeção devido às condições extremas de funcionamento, o obturador deve ser girado ¼ de volta no sentido horário. Nesta posição, o evento de admissão fica aberto e o de escape fica fechado permitindo que todo o volume de gás admitido no sistema seja utilizado no recuo das partes móveis. Com o entalhe de marcação voltado para baixo tem-se a admissão dos gases fechada ficando a arma em condições de realizar o lançamento de granada de bocal. O entalhe de marcação voltado para 1/8 à direita é utilizado para a desmontagem.

81.9. SELETOR DE TIRO

Possui seletor de tiro ambidestro, tendo quatro ou duas posições básicas de acordo com o modelo:

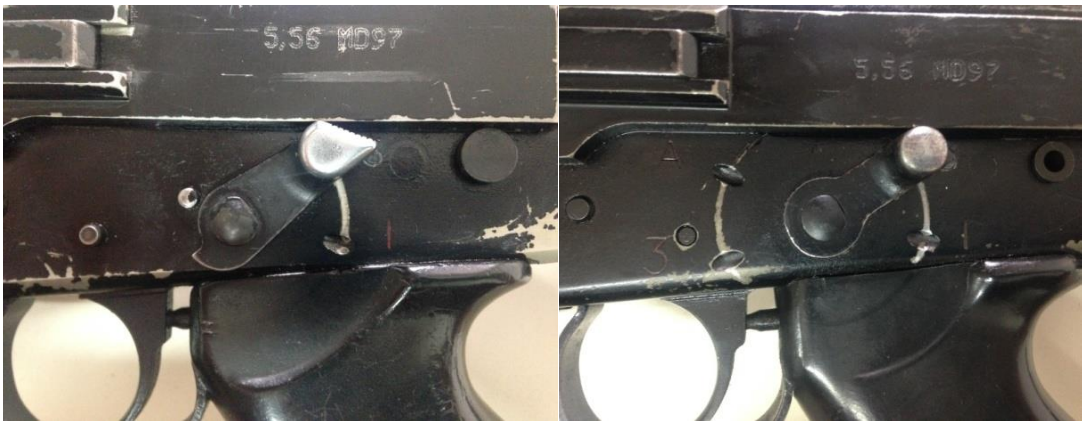


Figura 316 - Seletor de tiro 2 posições (Modelo LC) / Seletor de tiro 4 posições (Modelo LM)

- **S** - Segurança
- **I** - Intermitente
- **3** - Rajada limitada - Três disparos
- **A** - Rajada total - Automático

81.10. DESMONTAGEM

- Retirar o carregador do alojamento.
- Efetuar dois golpes de segurança, verificando arma sem munição.
- Fechar o ferrolho e posicionar o seletor em "S" segurança.
- Retirar a bandoleira.
- Pino de união: o pino de união deve ser pressionado e removido, sendo que a caixa do mecanismo permanecerá conectada à caixa da culatra.

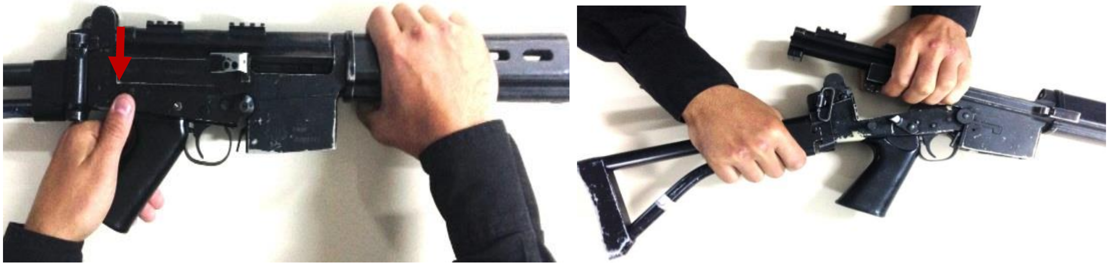


Figura 317 - Retirada do pino de união

- Retirar a tampa da caixa da culatra e conjunto ferrolho-impulsor do ferrolho: puxar para trás a tampa da caixa da culatra, que deverá sair juntamente com o conjunto ferrolho - impulsor do ferrolho, molas recuperadoras e amortecedor. Separar o conjunto tampa da caixa da culatra, molas recuperadoras e amortecedor do conjunto ferrolho - impulsor do ferrolho.

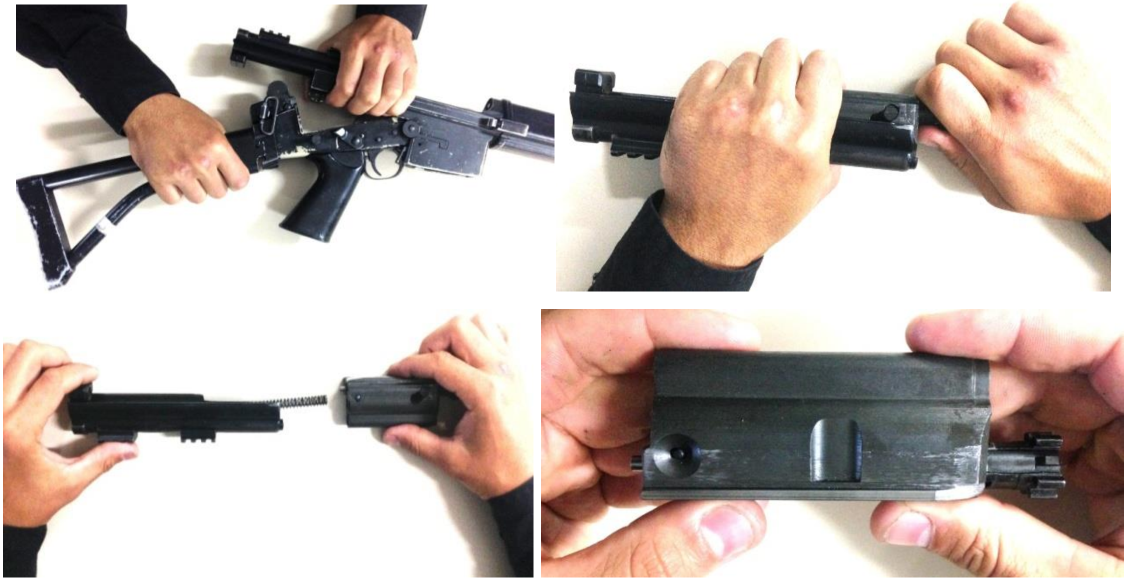


Figura 318 - Tampa da caixa da culatra e conjunto ferrolho-impulsor do ferrolho

- Percussor: retirar o pino do percussor com auxílio de uma ferramenta e deslizar o percussor para trás, para fora de seu alojamento.

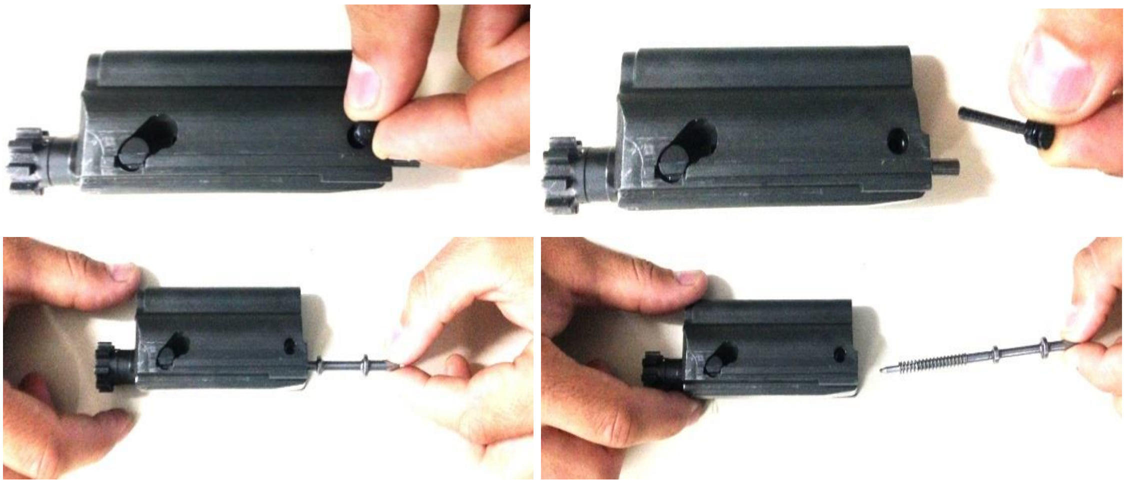


Figura 319 - Retirada do percussor

- Pino do ferrolho: retirar o pino do ferrolho de seu encaixe.

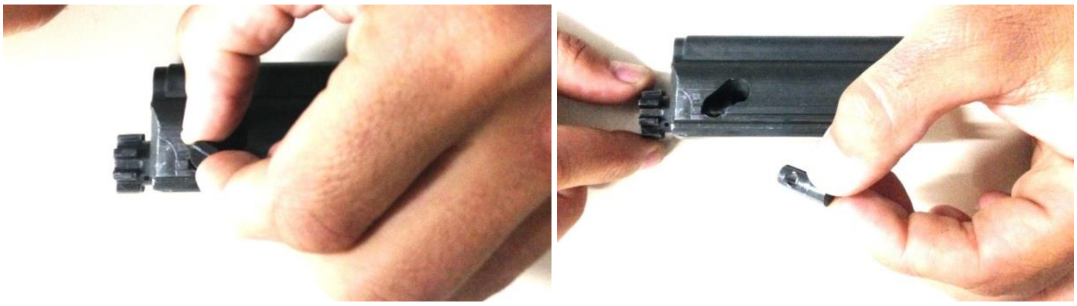


Figura 320 - Pino do ferrolho

- Separar o ferrolho do seu impulsor

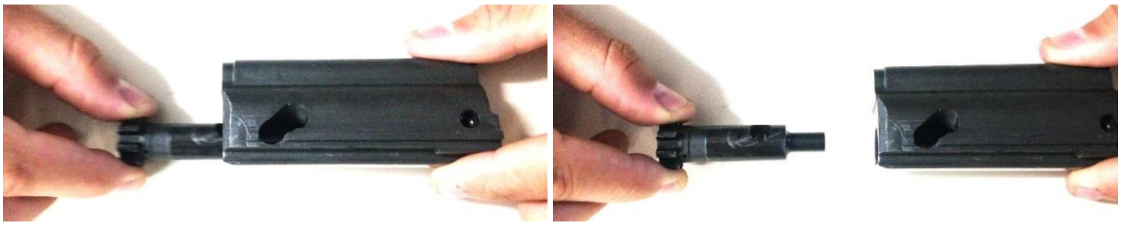


Figura 321 - Separar ferrolho do impulsor

- Guarda mão: afrouxar o parafuso do guarda mão – que será dividido em placa direita e placa esquerda.

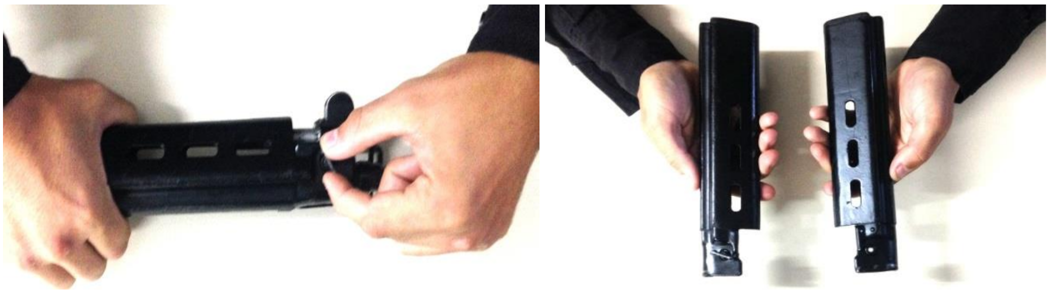


Figura 322 - Guarda mão

- Êmbolo: deslizar o êmbolo e a sua mola para fora do cilindro de gases, separando o êmbolo da mola.

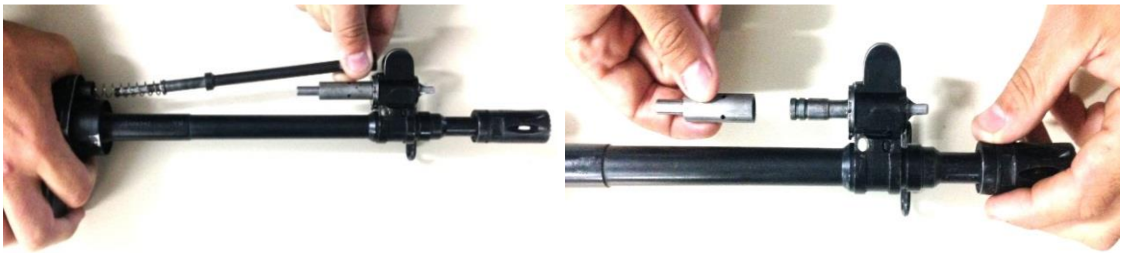


Figura 323 - Êmbolo

- Retirar o obturador do cilindro de gases girando ¼ de volta no sentido horário.

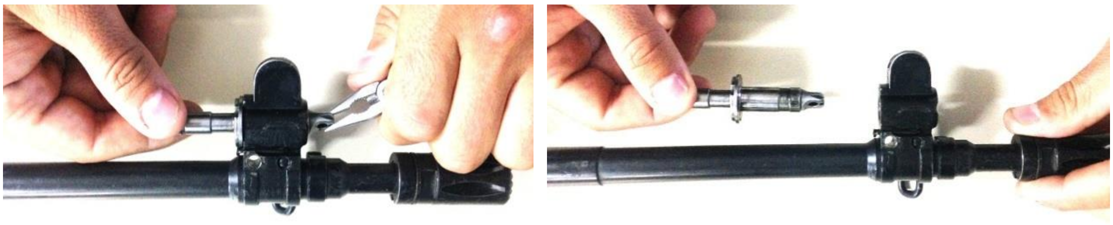


Figura 324 - Obturador do cilindro de gases

81.11. MANUSEIO

Para abertura da caixa de culatra, o operador deverá trazer o preparador em direção à retaguarda da arma, sendo que do lado oposto deverá acionar simultaneamente o retém do ferrolho – que está posicionado na parte inferior do armamento.

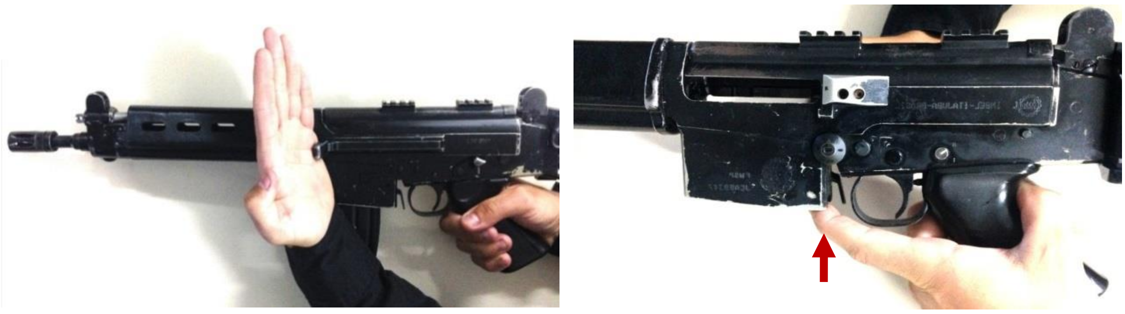


Figura 325 - Abertura/fechamento da caixa de culatra

Para colocação do carregador, o operador deve ajusta-lo em seu alojamento até o final onde ficará encaixado. Já para retirada, deve-se acionar o retém do carregador para que seja liberado do armamento.

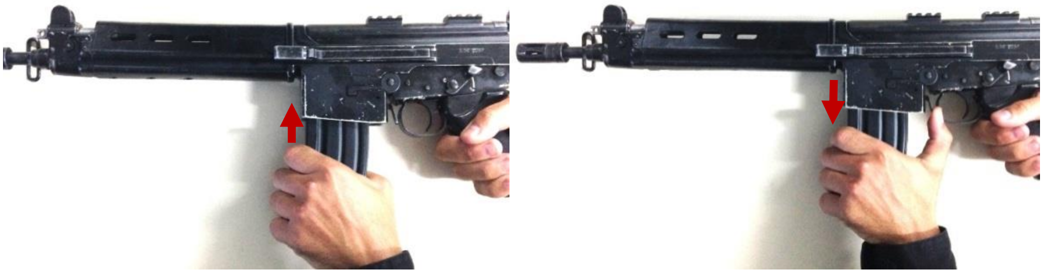


Figura 326 - Colocação/retirada do carregador

A retirada do carregador, também pode ser feita pelo retém existente no lado esquerdo do armamento.

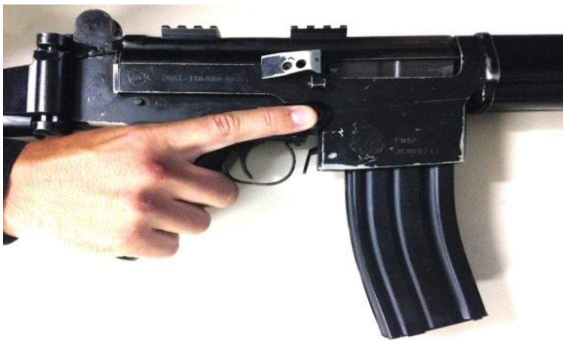


Figura 327 - Retirada do carregador

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

FUZIL ARMALITE M15

82. FUZIL DE ASSALTO M15 SPR MOD 1

Em 1954 a empresa Armalite, com sede em Hollywood – Califórnia, iniciava seus trabalhos com o projeto do "Parasniper" AR-1, fuzil ferrolhado, sendo as letras “AR” a abreviação de Armalite Rifle. Sob a supervisão do engenheiro de armas de fogo, Eugene Stoner, a Armalite desenvolve o Fuzil AR-10 (calibre 7,62X51mm), que viria mais tarde a servir de referência para o AR15 (calibre 5,56X45mm), tendo como característica marcante, o diferenciado sistema de admissão de gases com ação direita no ferrolho.

O fuzil AR-15 foi concebido em 1958 para satisfazer o interesse do Centro de Pesquisas Operacionais do Exército Norte Americano, onde se concluiu que a munição com melhor desempenho seria o calibre .22, posteriormente desenvolvido pela Remington no padrão .223 (5,56X45mm). Após seu lançamento, o AR 15 da Armalite, começou a apresentar problemas de funcionamento. Aliado a esta situação, a empresa enfrentava dificuldades financeiras, motivo pela qual levou a Armalite a vender o projeto do fuzil AR15 para a empresa Colt Manufacturing Company. Em 1963, após algumas modificações, dentre elas a inserção do forçador de munição na câmara, o fuzil AR15 foi redesenhado e denominado de M16 (linha militar com sistema de tiro intermitente e automático), permanecendo o AR15 como uma linha civil (apenas com tiro intermitente). Após a quebra da patente do "AR-15", várias empresas iniciaram a produção de armas de fogo com a consagrada plataforma, inclusive a idealizadora do projeto: Armalite M15; Bushmaster XM-15; SIG SAUER SIG 516; Smith&Wesson M&P15 Rifle; Heckler&Koch HK 416 A5; Remington R4; Safir T-15 Grooved Rifle Series.

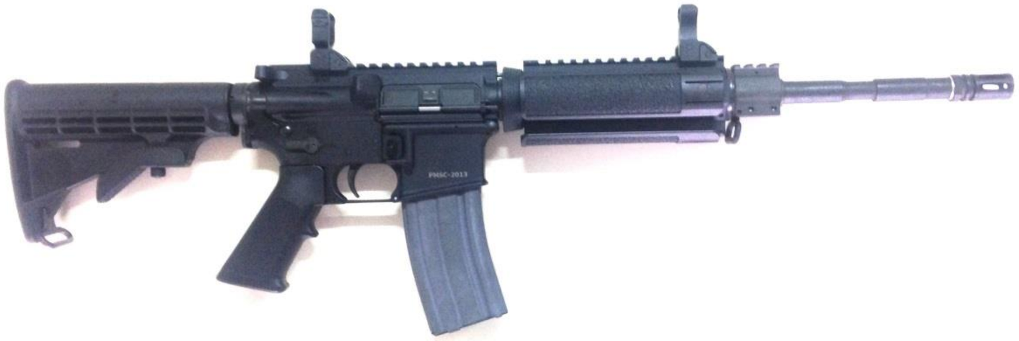


Figura 328 - Fuzil Armalite M15 SPR Mod1

O fuzil M15 possui uma enorme variedade de modelos no que tange ao calibre, e tamanho de cano, sendo o modelo abordado neste manual o M15 SPR Mod1, forjada através de uma liga de alumínio aeronáutico, principal fator responsável pela sua leveza. O termo “SPR”, que identifica o modelo do M15, é a abreviatura de *Special Purpose Rifle* (Fuzil para Propósito Especial), onde as placas do guarda-mão possuem trilhos picatinny em 3, 6, 9, e 12 horas (360°), oportunizando o acoplamento dos mais diversos acessórios.

82.1. TABELA BALÍSTICA

Munição	**Peso do Projétil (grain)**	**Velocidade (m/s)**	**Energia (joules)**
.38 (SPL)	158	245	307
9X19mm (Luger)	115	405	610
.40 S&W (Copper Bullet Tactital)	130	385	624
.40 S&W (Gold Hexagonal)	155	367	677
.357 Magnum (EXPO)	158	372	710
.44 Magnum (EXPO)	240	357	991
.30 Carbine (ETOG)	110	599	1.277
5,56X45mm (M193)	55	965	1.569
5,56x45mm (SS109)	62	915	1.682
7,62X51mm (Comum ETPT)	144	838	3.276
.308 Winchester (HPBT)	168	800	3.484

Fonte: Informativo Técnico CBC n.º 32/2013

- EXPO: Expansivo Ponta Oca
- ETOG: Encamisado Total Ogival
- ETPT: Encamisado Total Pontiagudo
- HPBT: Hollow Point Boat Tail

82.2. MUNIÇÕES CALIBRE 5,56X45mm

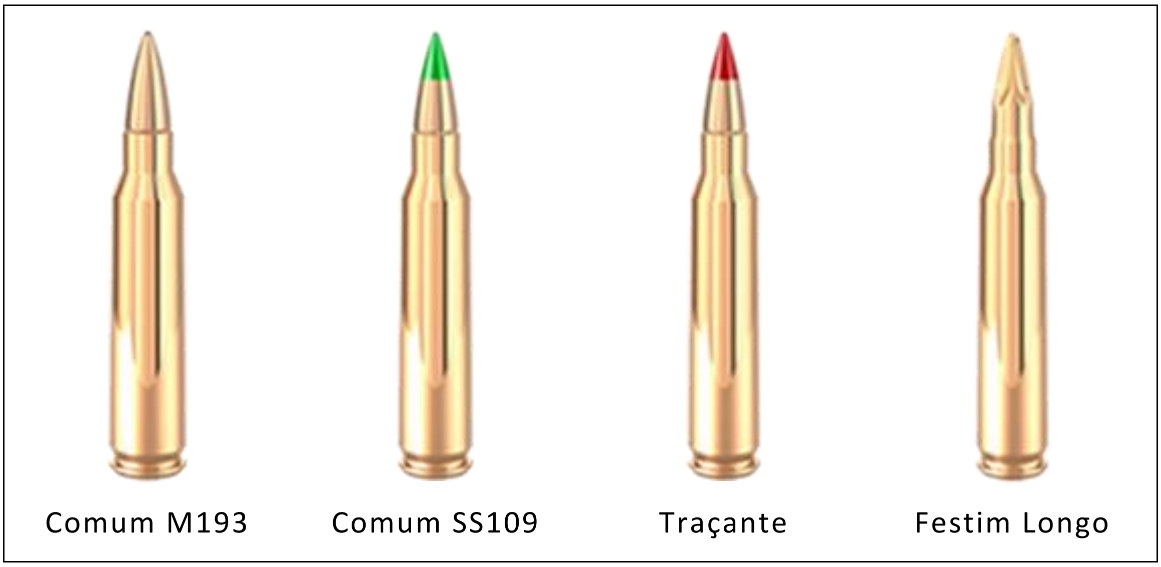


Figura 329 - Munições calibre 5,56x45mm

- **Comum M193**: contra alvos não blindados.
- **Perfurante SS109**: contra alvos protegidos por blindagens leves, e alvos resistentes a projéteis comuns.
- **Traçante**: treinamento de pessoal com a vantagem de poder ser visualizada a trajetória do projétil. O traço é visível da boca da arma a 450 metros no modelo M196 e até 800 metros no modelo L110.
- **Festim**: treinamento de pessoal ou tiro de salva.

82.3. ESPECIFICAÇÃO

Nome	**M15 SPR Mod1**
Calibre	5,56X45mm
Peso da Arma	3,0 kg sem carregador
Peso do Carregador Vazio	115 g
Peso do Carregador Cheio	495 g
Comprimento do cano	370 mm
Comprimento total	86 cm
Comprimento fechada	78 cm
Ejeção	Janela do lado direito
Capacidade do carregador	30 tiros
Massa de mira	Regulável na verticalidade
Alça de mira	Curto e longo alcance e aberta (paralelo) Regulável na lateralidade
Seletor de tiro	SAFE: Segurança SEMI: Tiro-a-tiro BURST: Rajada de três disparos
Outros	Ferrolho aberto após o último disparo

82.4. CLASSIFICAÇÃO

Tipo	**Portátil**
Emprego	Individual
Funcionamento	Semi automática
Sentido de alimentação	De baixo para cima
Raiamento	Alma raiada
Acabamento	Pintura na cor preta

82.5. NOMENCLATURA

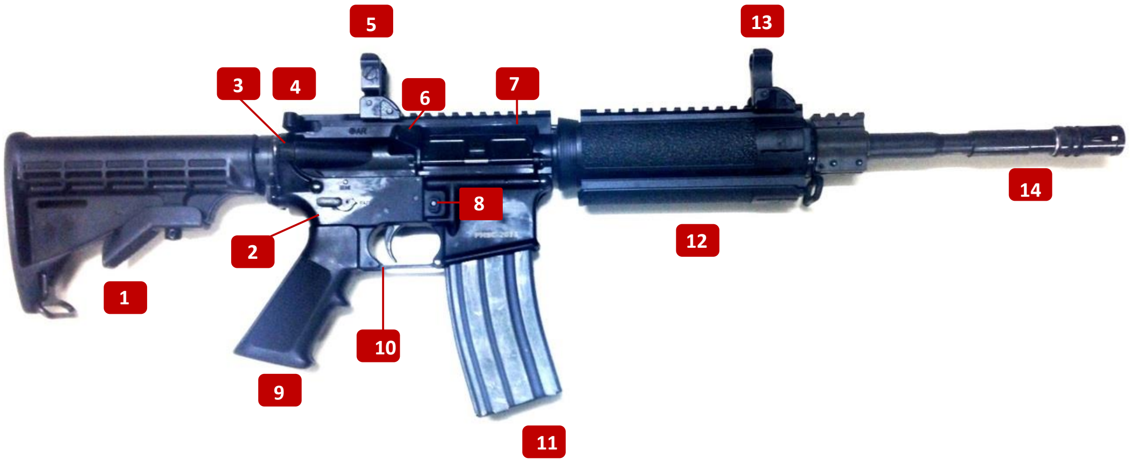


Figura 330 - Nomenclatura

1 Coronha

2 Seletor de tiro

3 Forçador de munição na câmara

4 Alavanca de manejo

5 Alça de mira

6 Defletor

7 Janela de ejeção

8 Retém do carregador

9 Punho

10 Gatilho e guarda-mato

11 Carregador

12 Guarda mão

13 Massa de mira

14 Cano

82.6. NOMENCLATURA – DESMONTADA

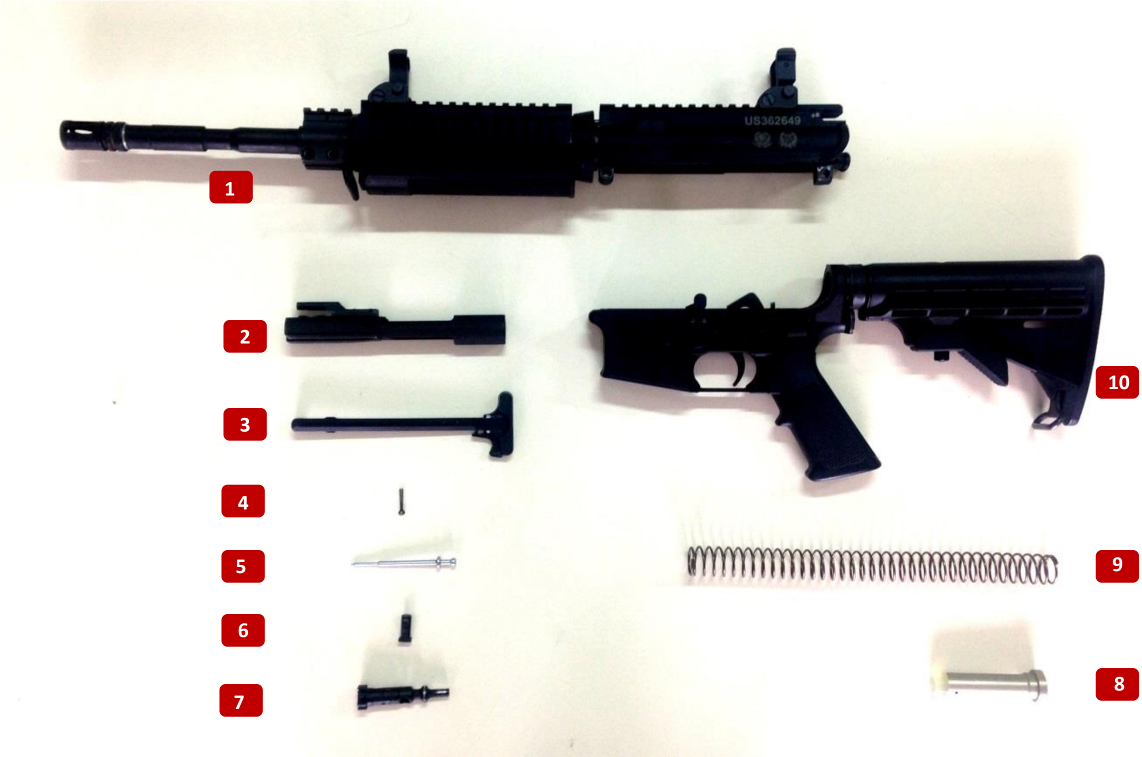


Figura 331 - Nomenclatura desmontada

1 Caixa da Culatra e Cano

2 Transportador do ferrolho

3 Alavanca de manejo

4 Pino retentor do Percussor

5 Percussor

6 Pino câmara do Ferrolho

7 Ferrolho

8 Amortecedor

9 Mola de Operação

10 Mecanismo do gatilho

82.7. SELETOR DE TIRO

Possui registro de tiro e segurança ambidestro, tendo três posições básicas para uso:

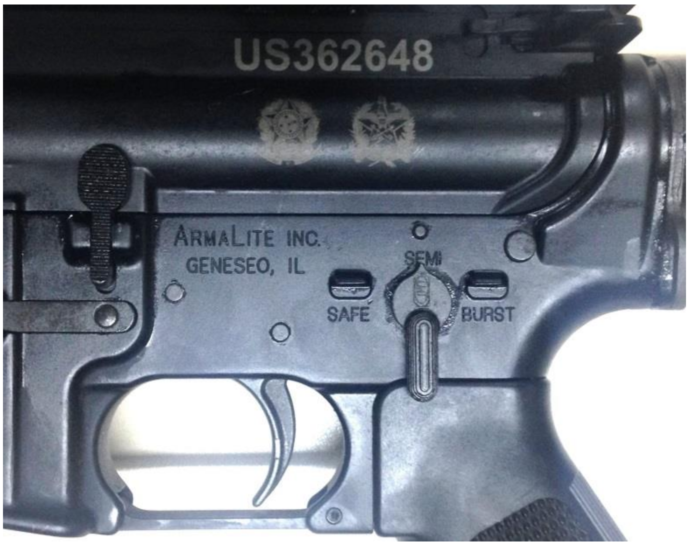


Figura 332 - Seletor de tiro

- SAFE: Segurança
- SEMI: Tiro a tiro (Intermitente)
- BURST: Rajada de três disparos

82.8. SISTEMA DE PONTARIA

Possui um sistema de pontaria da marca Diamondhead, com o seu característico formato em diamante. A massa de mira possui uma proteção em forma de losango, sem sua parte superior, permitindo um engajamento rápido de alvos. A alça de mira possui o mesmo formato, sendo ajustável em três posições: curto alcance (orifício maior) e longo alcance (orifício menor) e aberta (com o poste colocado na posição paralela ao cano da arma, possibilitanto um engajamento rápido do alvo).

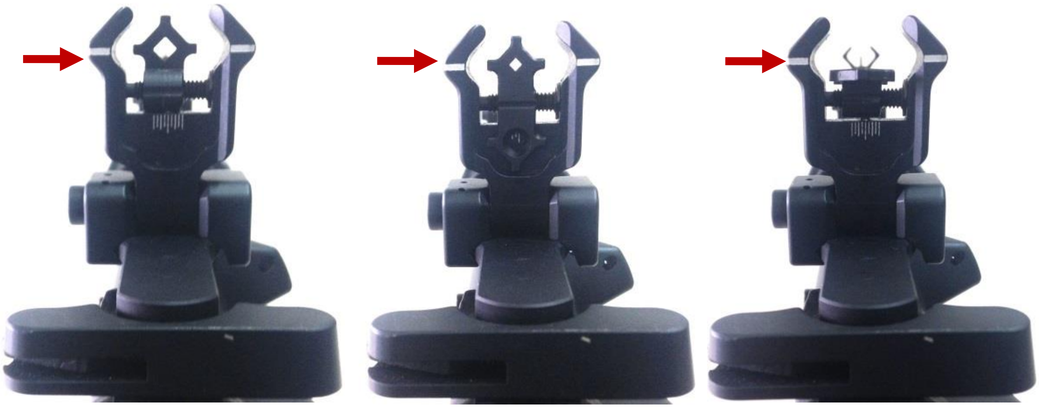


Figura 333 - Sistema de pontaria (orifíco maior, menor e aberto)

82.9. REGULAGEM DA MASSA DE MIRA

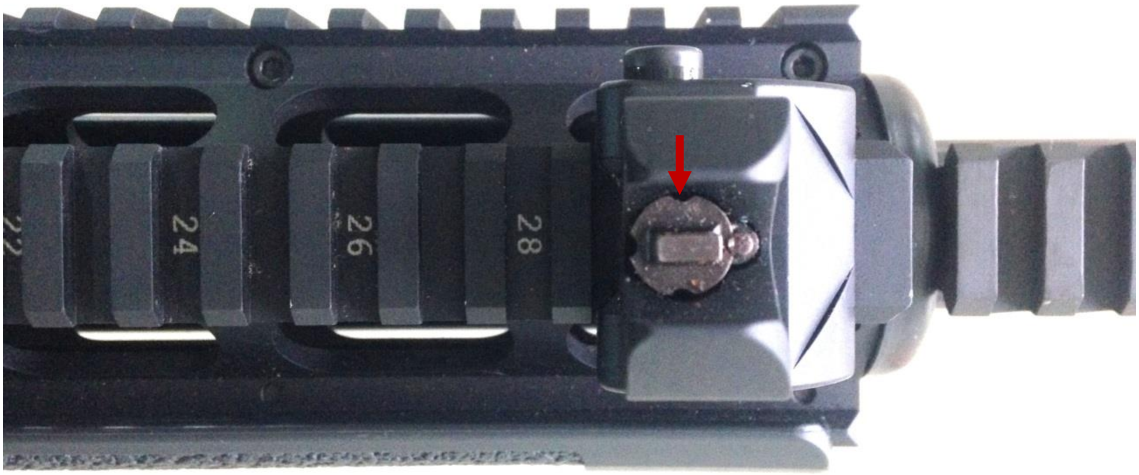


Figura 334 - Regulagem da massa de mira

Regulagem Verticalidade:

- Tiro demasiado baixo: girar o parafuso de regulagem para a direita.
- Tiro demasiado alto: girar o parafuso de regulagem para a esquerda.

82.10. REGULAGEM DA ALÇA DE MIRA

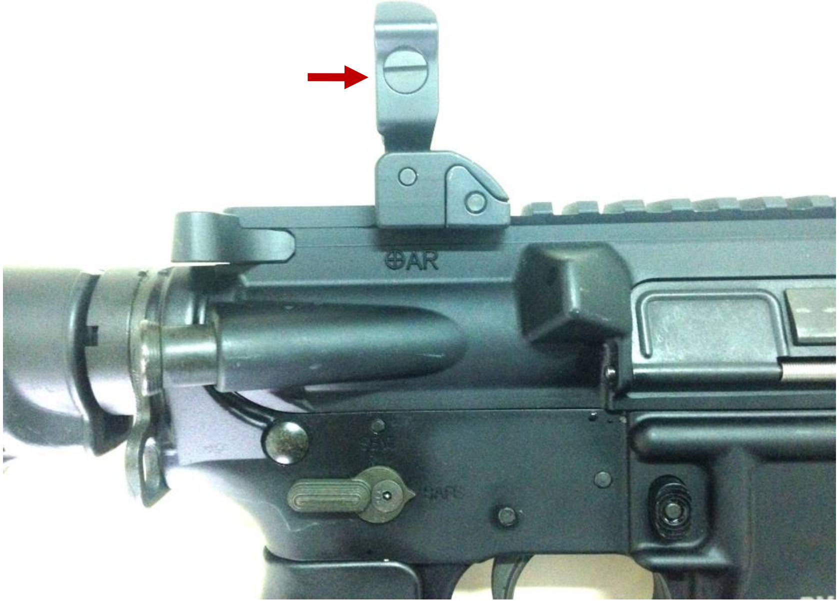


Figura 335 - Regulagem da alça de mira

Regulagem lateralidade:

- Tiro demasiado para a esquerda: girar o parafuso de regulagem para a direita.
- Tiro demasiado para a direita: girar o parafuso de regulagem para a esquerda.

82.11. DESMONTAGEM

- Posicionar o registro de tiro e segurança em “S” segurança.
- Retirar o carregador do alojamento.
- Efetuar dois golpes de segurança, verificando arma sem munição.
- Fechar o ferrolho.
- Retirar a bandoleira.
- Pinos de união: retire inicialmente o pino base (próximo à coronha) e posteriormente, projetando a caixa da culatra e cano para cima na diagonal retirar o pino pivô (início do cano). Desta forma, a caixa do mecanismo se desconectará da caixa da culatra, separando a arma em duas partes.

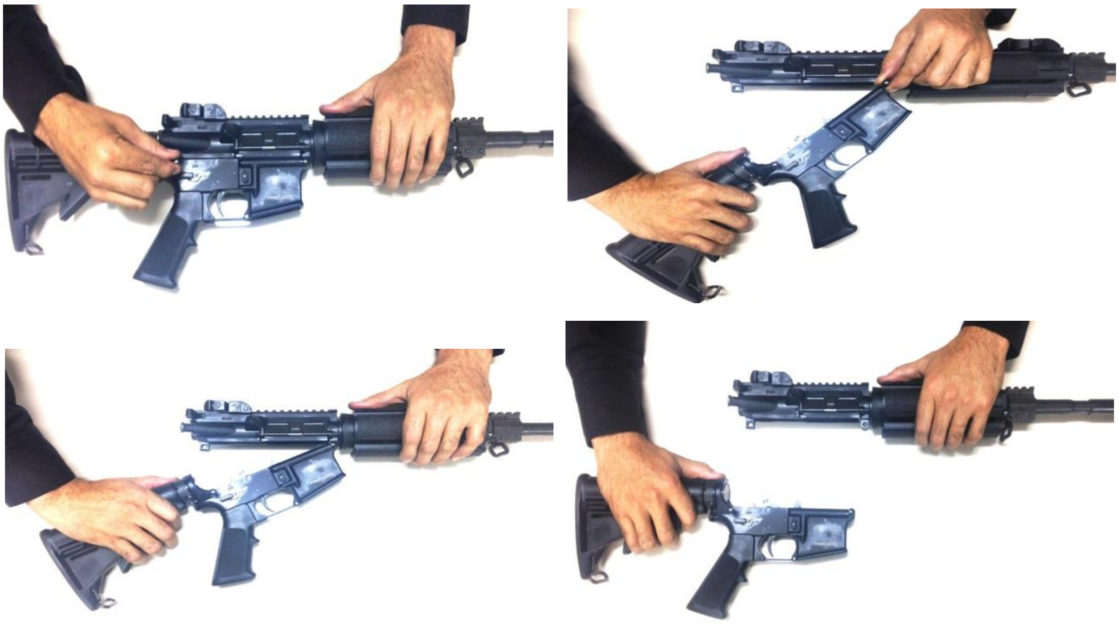


Figura 336 - Retirada dos pinos de união

- Conjunto Ferrolho: Puxe para trás a alavanca de manejo e o transportador do ferrolho.

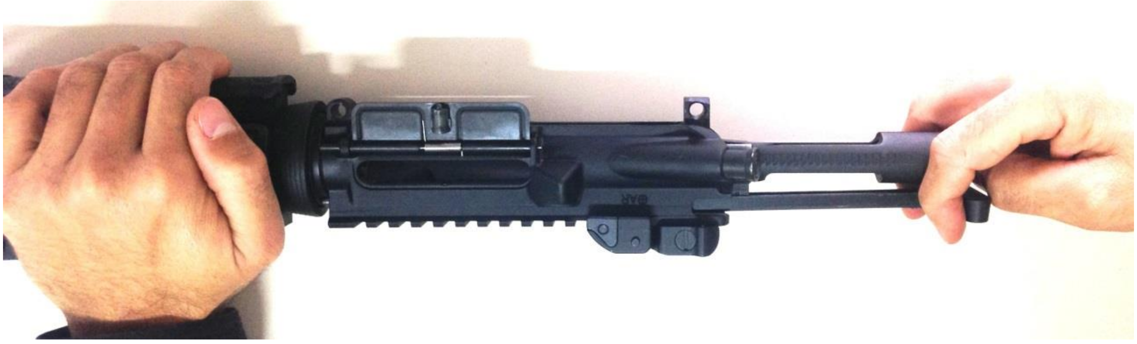


Figura 337 - Conjunto ferrolho

- Conjunto Ferrolho: remova somente o transportador do ferrolho, puxando-o para trás.

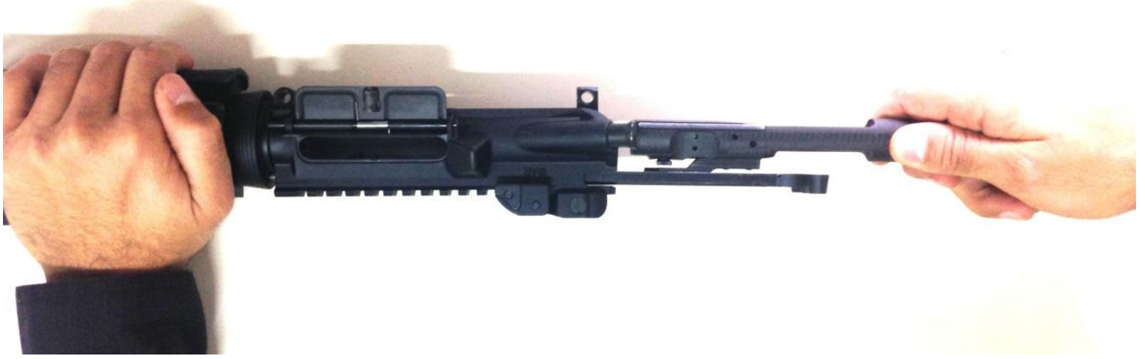


Figura 338 - Conjunto ferrolho

- Alavanca de manejo: Puxe a alavanca de manejo para baixo da arma (verificar um entalhe existente na culatra da arma, local onde a alavanca pode ser retirada).

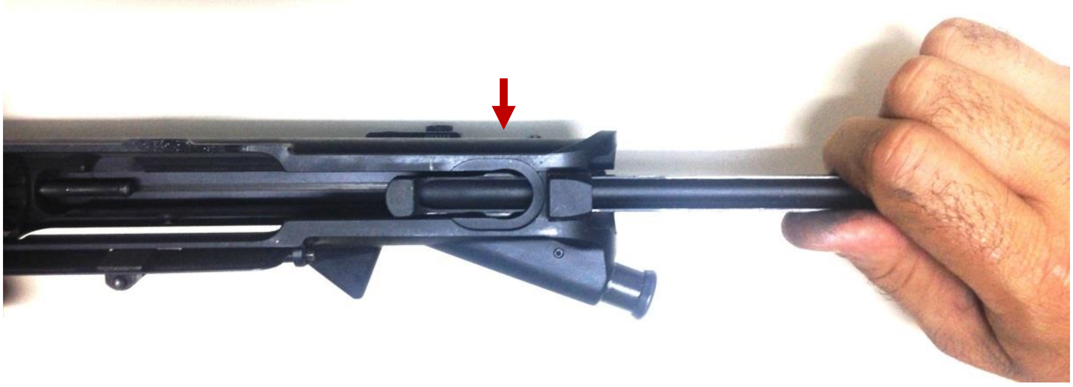


Figura 339 - Vista vertical da arma (entalhe)

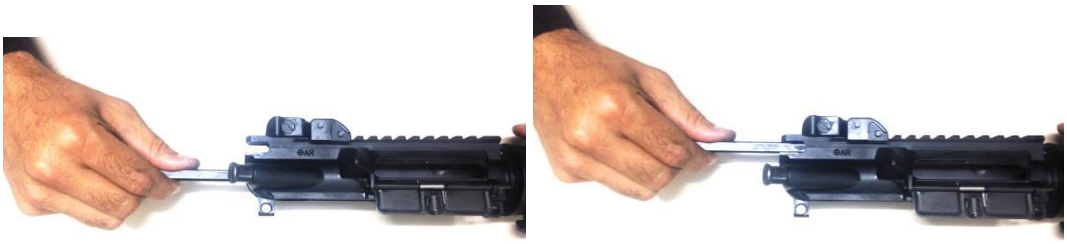


Figura 340 - Vista lateral da arma (Alavanca de manejo)

- Percussor: Projete o ferrolho para frente e remova o pino retentor do percussor (não abra ou feche a extremidade do pino). Em seguida, empurre o ferrolho para trás e retire o percussor do seu alojamento.

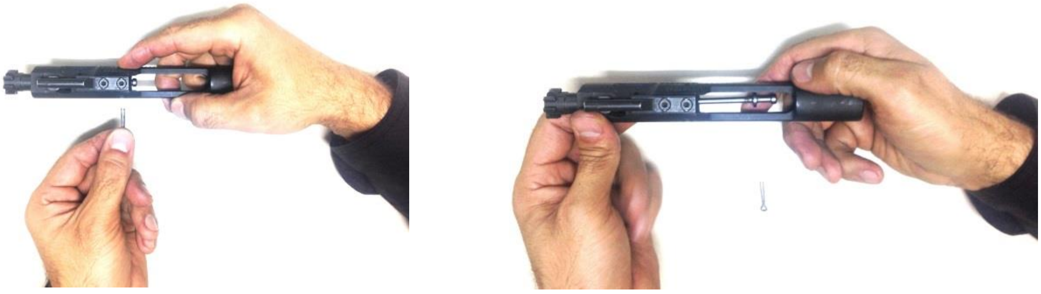


Figura 341 - Percurssor – retirada do pino retentor do percussor (esquerda) e percussor (direita)

- Ferrolho: Com o ferrolho na posição fechado, gire o pino câmara do ferrolho 1/4 de volta e puxe-o para cima, sacando o ferrolho pela frente.

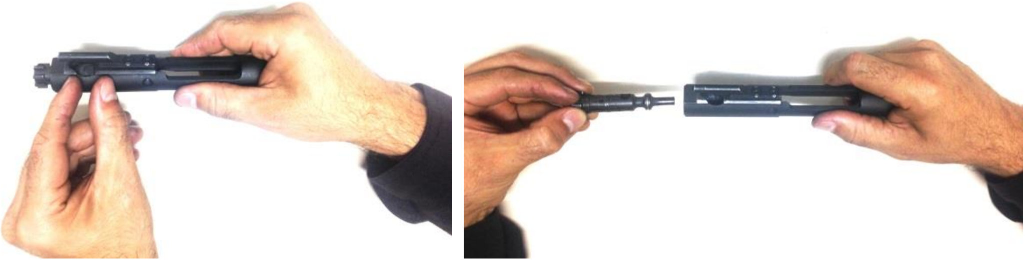


Figura 342 - Pino câmara do ferrolho

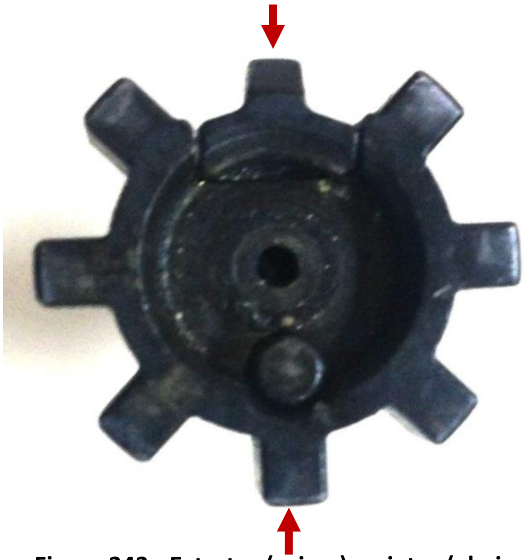


Figura 343 - Extrator (acima) e ejetor (abaixo)

- Amortecedor: Pressione o retém para baixo, rotacione o amortecedor (deixando-o na posição com o entalhe acima do retém) e puxe-o juntamente com a mola de operação para fora da coronha.

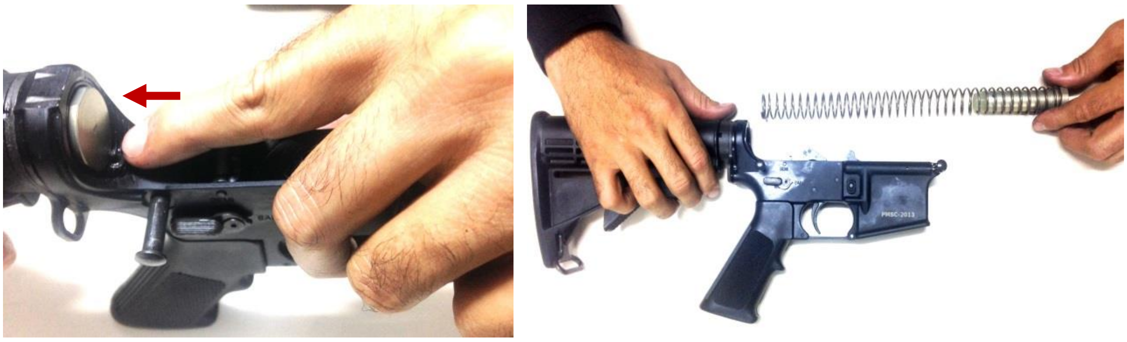


Figura 344 - Amortecedor

82.12. MONTAGEM

- Insira a mola de operação e amortecedor no interior da coronha, rotacionando o amortecedor fazendo com que um dos três sobressaltos fique preso no retém.
- Antes de introduzir o ferrolho, deve-se certificar que os anéis de gás estão escalonados (desencontrados).

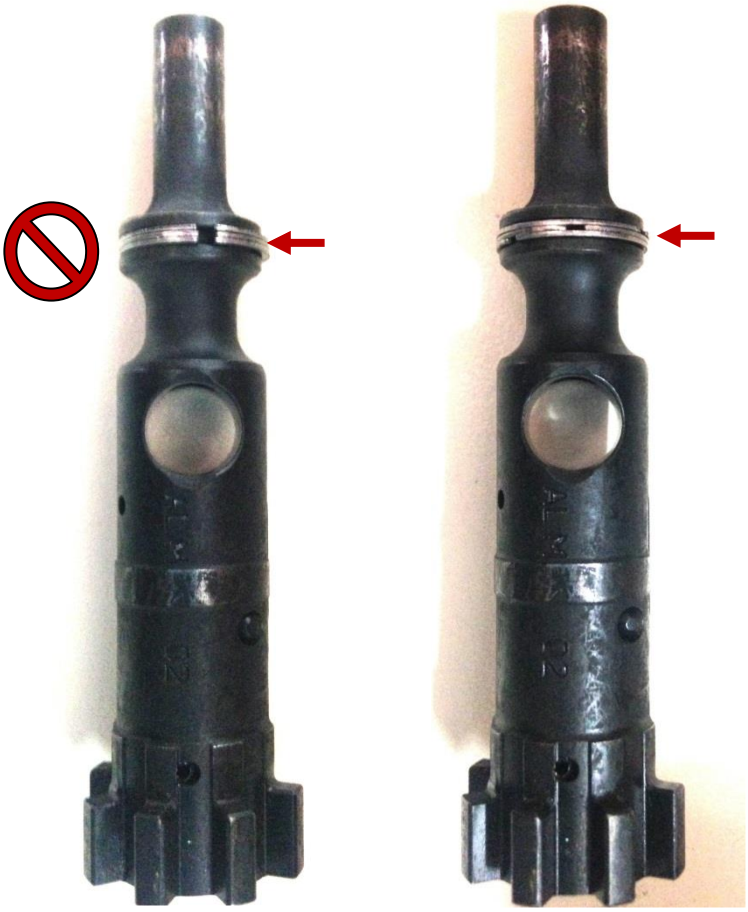


Figura 345 - Anéis de gás

- Introduza o ferrolho para dentro do transportador (apenas o suficiente para inserir o pino da câmara no alojamento de encaixe).
- Insira o pino câmara e dê um giro de 1/4 de volta.
- Deslize o percussor para o seu alojamento. Em seguida empurre o ferrolho para frente, inserindo o pino retentor na área existente entre os dois ressaltos da parte posterior do percussor. A fim de verificar a correta montagem, vire o transportador do ferrolho para cima e tente retirar o percussor, ele não poderá sair.

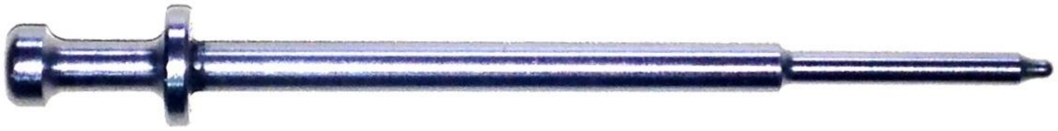


Figura 346 - Percurssor

- Com a arma apoiada em uma bancada (sistema de pontaria apoiada), coloque a alavanca de manejo dentro da caixa da culatra e alinhe a alavanca com os entalhes laterais, depositando-a nos trilhos.

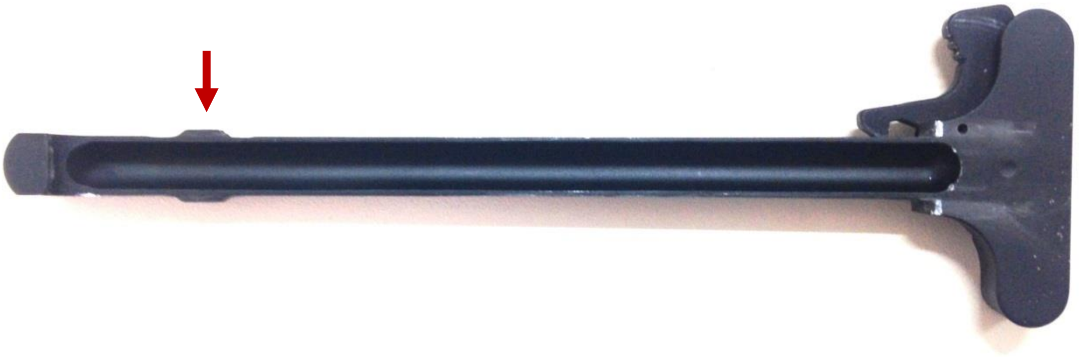


Figura 347 - Alavanca de manejo

- Introduza o transportador do ferrolho (com o ferrolho a frente) acima da alavanca de manejo.
- Empurre o conjunto alavanca de manejo e transportador do ferrolho a frente, até encaixá-lo por completo na culatra.
- Alinhe a caixa da culatra com o mecanismo do gatilho posicionando os pinos de união (primeiramente o pino pivô e em seguida o pino base).
- Verificar o funcionamento do armamento efetuando dois golpes de segurança.

82.13. MANUSEIO

Para abertura da caixa de culatra, o operador deverá trazer a alavanca de manejo em direção à retaguarda da arma, pressionando simultaneamente o retém do ferrolho (porção inferior do retém).

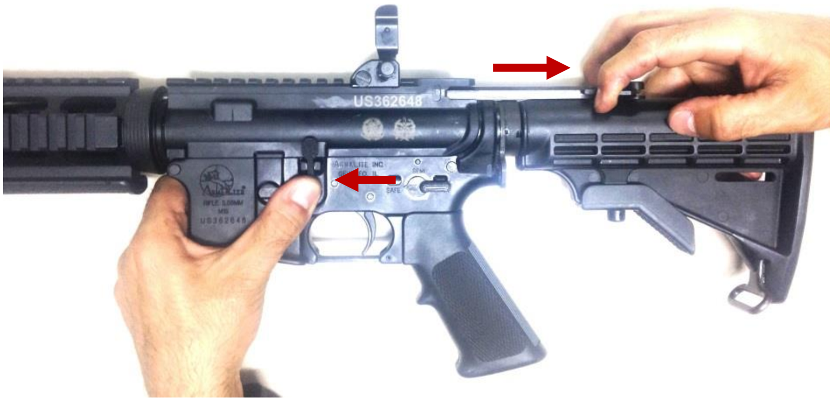


Figura 348 - Abertura/fechamento da caixa da culatra

Para colocação do carregador, o operador deve ajustá-lo em seu alojamento até o final onde ficará encaixado. Já para retirada, deve-se acionar o retém do carregador para que seja liberado do armamento.

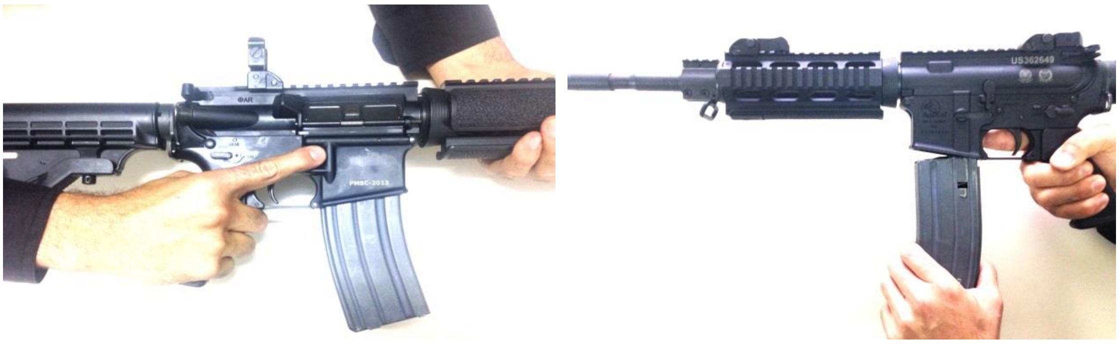


Figura 349 - Retirada/colocação do carregador

A coronha pode funcionar de modo estendida ou fechada, possuindo 6 posições. Para abrir a coronha, o operador deve pressionar o retém da coronha e simultaneamente deslocar a coronha para trás.

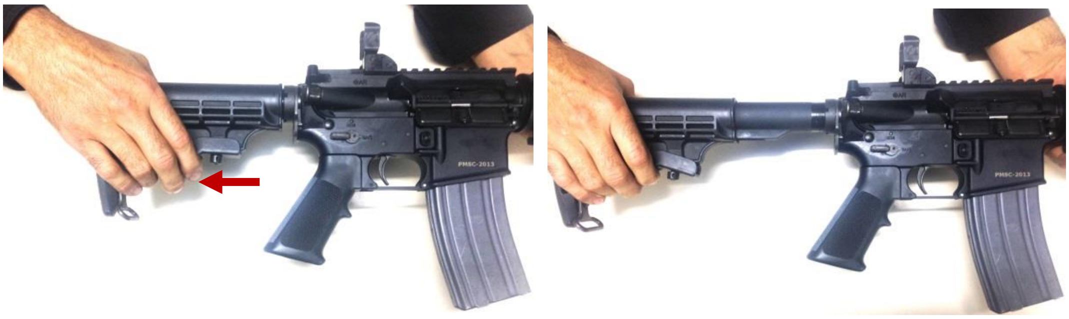


Figura 350 - Coronha

- Os carregadores, padrão projeto STANAG 4179 da OTAN, são confeccionados em alumínio aeronáutico forjado, com capacidade para 30 munições, não havendo identificação de quantidade de munições no seu interior. Os carregadores podem ser acoplados dois a dois através de um clip de união.

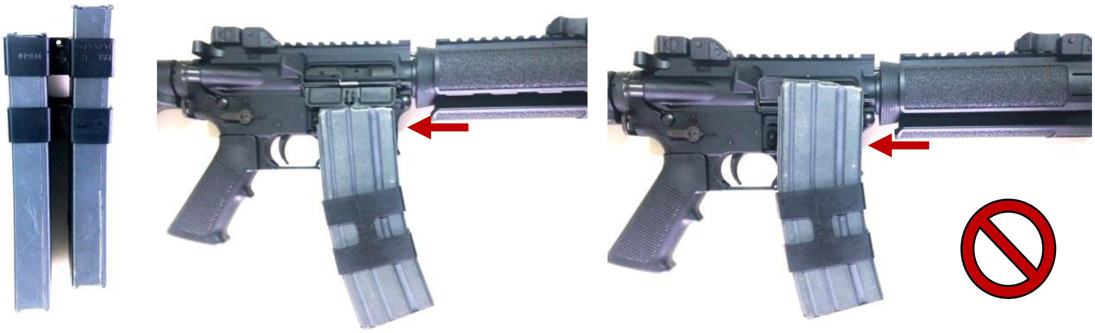


Figura 351 - Carregadores

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

FUZIL SIG SAUER SG 551

83. FUZIL DE ASSALTO SIG SG551

Em 1853, Friedrich Peyer im Hof, Heinrich Moser e Conrad Neher inauguraram a empresa Swiss Wagon Factory, acima das Cataratas do Reno, na Suíça, com o objetivo de se tornarem uma referência na fabricação de vagões. Passado poucos anos, a empresa aceitou um desafio do Ministério da Defesa Federal da Suíça em desenvolver um fuzil que aparelhasse o Exército Suíço. Passaram-se quatro anos e a empresa restou vencedora, vindo em razão deste feito a alterar o seu nome para **S**chweizerische **I**ndustrie-**G**esellschaft, ficando assim, conhecida mundialmente como SIG.

Por volta de 1970, a empresa Suíça Hämmerli Target Arms e a Alemã Ocidental JP Sauer & Sohn, ambas a época conhecidas por suas espingardas de caça, se fundiram a SIG, aumentando o portifólio de armas de fogo. Na década de 80, a SIG expandiu seus produtos para os Estados Unidos da América, mercado este que acabou elevando o nome da empresa, vindo em 1985 a inaugurar na Virgínia, EUA a SIGARMS. Em outubro de 2007, a SIGARMS mudou seu nome para SIG SAUER, uma referência a fusão ocorrida na década de 70 com a empresa J.P. Sauer & Sohn. Atualmente, todas as armas de fogo da marca SIG SAUER são desenvolvidas e produzidas na Alemanha e Estados Unidos.

O fuzil SIG modelo SG 551, possui este nome em razão da abreviatura em alemão de **S**turm**g**ewehr- SG (fuzil de assalto), por isso é também conhecido como: “Sturmgewehr 90” ou “Stgw 90”, em razão de ter sido um fuzil de assalto produzido pela SIG no ano de 1990.

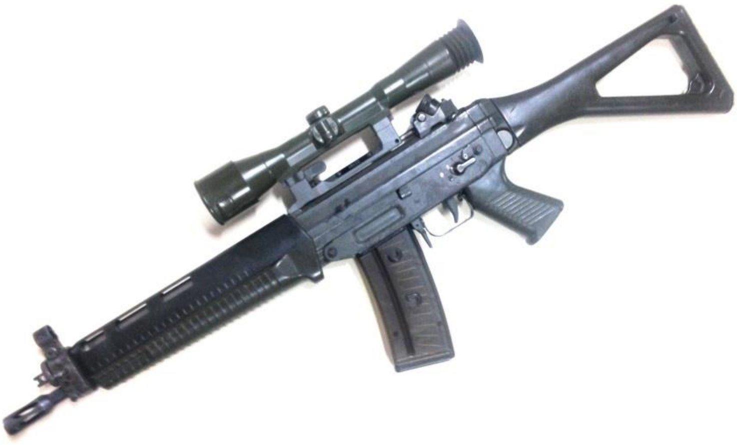


Figura 352 - Fuzil Sig Sauer SG 551

83.1. TABELA BALÍSTICA

Munição	Peso do Projétil (grain)	Velocidade (m/s)	Energia (joules)
.38 (SPL)	158	245	307
9X19mm (Luger)	115	405	610
.40 S&W (Copper Bullet Tactital)	130	385	624
.40 S&W (Gold Hexagonal)	155	367	677
.357 Magnum (EXPO)	158	372	710
.44 Magnum (EXPO)	240	357	991
.30 Carbine (ETOG)	110	599	1.277
5,56X45mm (M193)	55	965	1.569
5,56x45mm (SS109)	62	915	1.682
7,62X51mm (Comum ETPT)	144	838	3.276
.308 Winchester (HPBT)	168	800	3.484

Fonte: Informativo Técnico CBC n.º 32/2013

- EXPO: Expansivo Ponta Oca
- ETOG: Encamisado Total Ogival
- ETPT: Encamisado Total Pontiagudo
- HPBT: Hollow Point Boat Tail

83.2. MUNIÇÕES DO CALIBRE 5,56X45mm

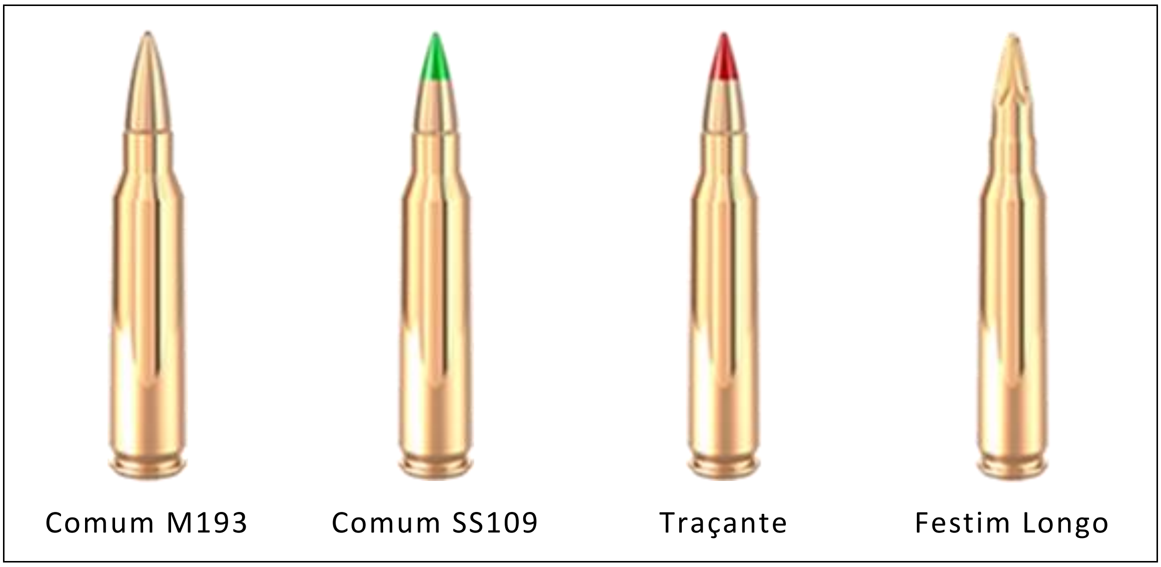


Figura 353 - Munições calibre 5,56x45mm

- **Comum M193**: contra alvos não blindados.
- **Perfurante SS109**: contra alvos protegidos por blindagens leves, e alvos resistentes a projéteis comuns.
- **Traçante**: treinamento de pessoal com a vantagem de poder ser visualizada a trajetória do projétil. O traço é visível da boca da arma a 450 metros no modelo M196 e até 800 metros no modelo L110.
- **Festim**: treinamento de pessoal ou tiro de salva.

83.3. ESPECIFICAÇÃO

Nome	**SIG SG 551**
Calibre	5,56X45mm
Peso da Arma	3,4 kg sem carregador
Peso do Carregador Vazio	95 g (20) e 110 g (30)
Peso do Carregador Cheio	350 g (20) e 490 g (30)
Comprimento do cano	320 mm
Comprimento total	83 cm
Comprimento fechada	58 cm
Ejeção	Janela do lado direito
Cadência de tiro	650 tiros/min
Capacidade do carregador	20 e 30 tiros
Massa de mira	Fixa
Alça de mira	100, 200, 300 e 400 metros Regulável em altura e lateralidade
Seletor de tiro	S: Segurança 1: Tiro-a-tiro 3: Rajada de três disparos 20: Rajada automática
Outros	Ferrolho aberto após o último disparo

83.4. CLASSIFICAÇÃO

Tipo	**Portátil**
Emprego	Individual
Funcionamento	Semi automática
Sentido de alimentação	De baixo para cima
Raiamento	Alma raiada
Acabamento	Pintura na cor cinza

83.5. NOMENCLATURA

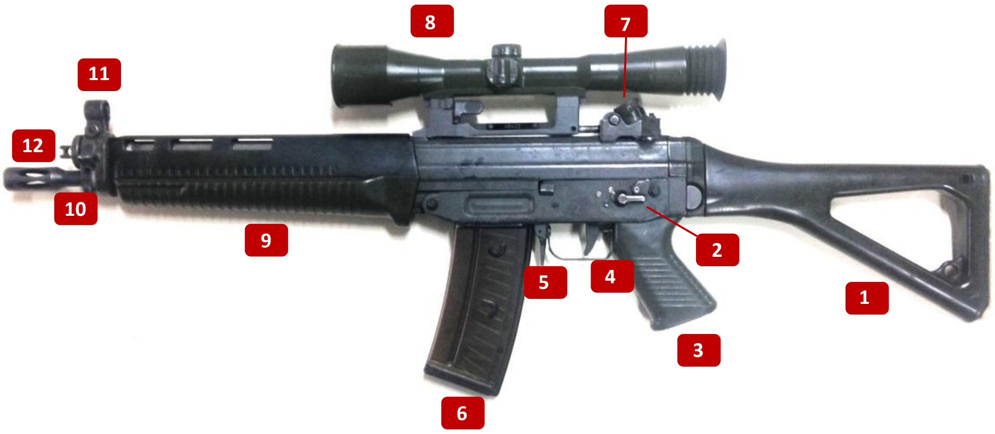


Figura 354 - Nomenclatura

1 Coronha

2 Seletor de tiro e segurança

3 Punho

4 Gatilho e guarda-mato

5 Carregador

6 Alça de mira

7 Massa de mira

8 Luneta

9 Guarda mão

10 Cano

11 Massa de mira

12 Obturador do Cilindro de Gases

83.6. NOMENCLATURA – DESMONTADA

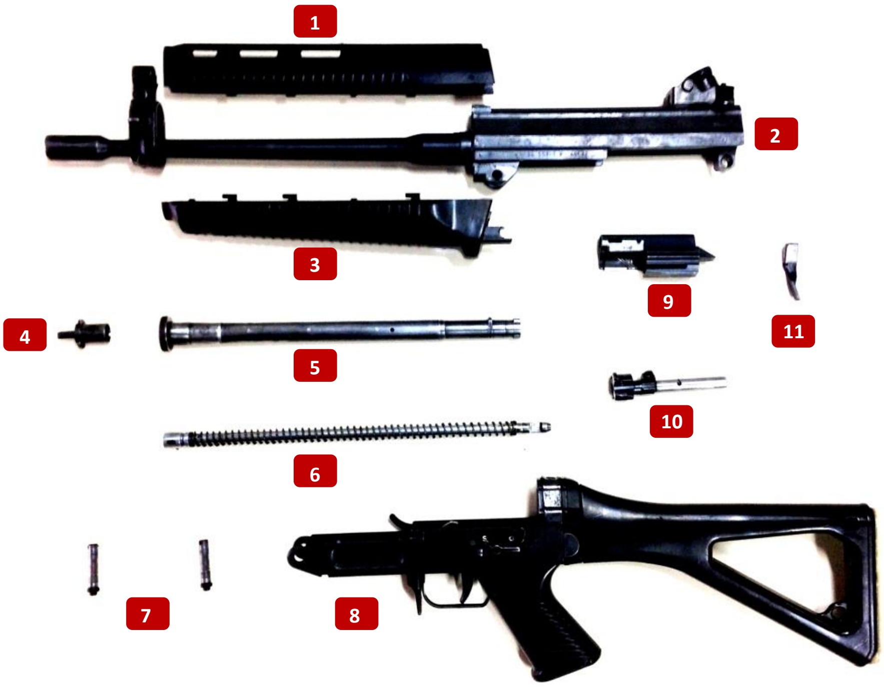


Figura 355 - Nomenclatura desmontada

1 Placa do guarda mão

2 Caixa da culatra e cano

3 Placa do guarda mão

4 Obturador do cilindro de gás

5 Cilindro de gás

6 Êmbolo

7 Pinos de união

8 Caixa do mecanismo

9 Impulsor do ferrolho

10 Ferrolho

11 Alavanca de manejo

83.7. SELETOR DE TIRO

Possui registro de tiro e segurança ambidestro, tendo quatro posições básicas para uso:

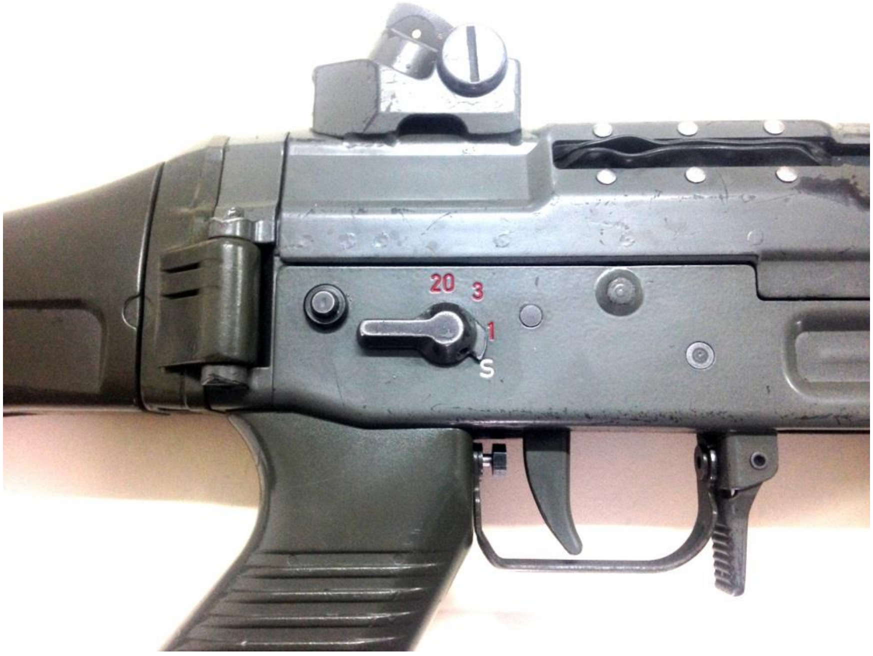


Figura 356 - Seletor de tiro

- S: Segurança
- 1: Tiro a tiro
- 3: Rajada de três disparos
- 20: Rajada automática

83.8. SISTEMA DE PONTARIA

Possui duas massas de mira, sendo uma fixa e uma rebatível com tritium para o tiro noturno (ambas no estilo poste) protegida por um túnel. A alça de mira (estilo tambor) possui quatro posições de regulagem: 100/200/300/400 metros, sendo ainda possível a aferição do disparos em verticalidade e lateralidade. Os dois pontos de tritium da alça servem para o tiro noturno (massa aberta para 100 metros). O Fuzil SG

551 é acompanhado de uma Luneta modelo Hensoldt Wetzlar ZF 6 x 42 BL (1 click = 1cm/100metros).

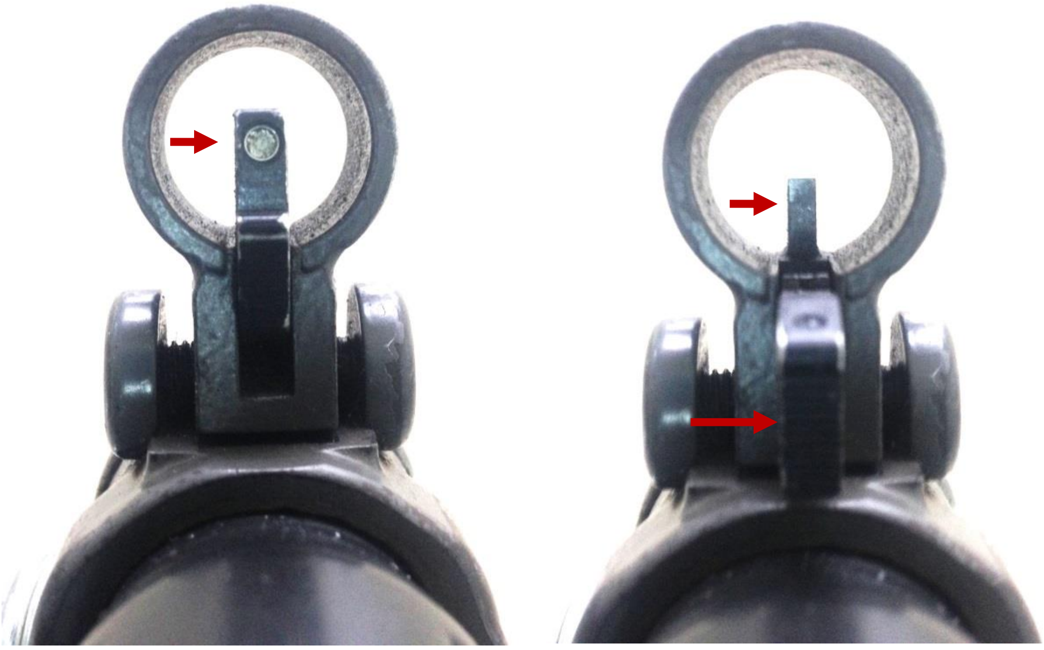


Figura 357 - Massa de mira de Tritium estendida (esquerda) e rebatida (direita)

83.9. REGULAGEM DA ALÇA DE MIRA

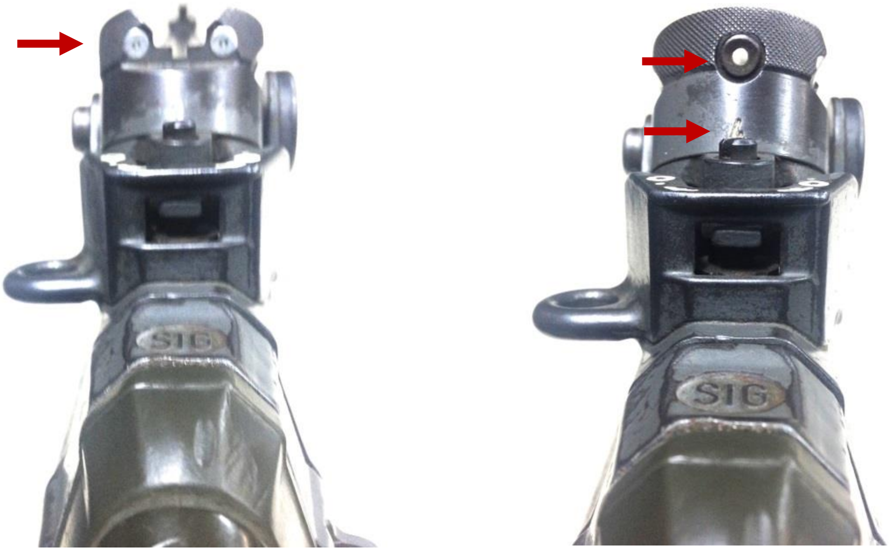


Figura 358 - Regulagem da alça de mira em distância (Aberta= 100 e 4= 400 metros)

Regulagem Verticalidade:

- Tiro demasiado baixo: girar o parafuso de regulagem para a direita.
- Tiro demasiado alto: girar o parafuso de regulagem para a esquerda.

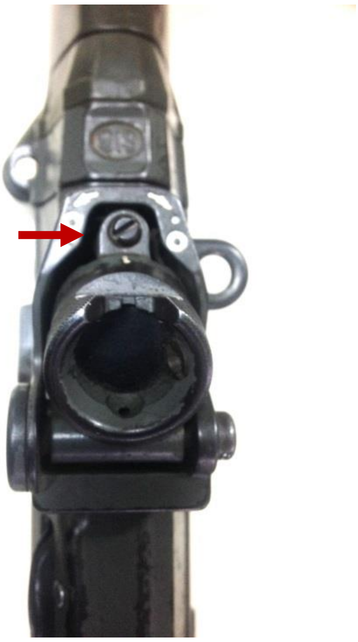


Figura 359 - Parafuso de regulagem de verticalidade

Regulagem lateralidade:

- Tiro demasiado para a esquerda: girar o parafuso de regulagem para a direita.
- Tiro demasiado para a direita: girar o parafuso de regulagem para a esquerda.

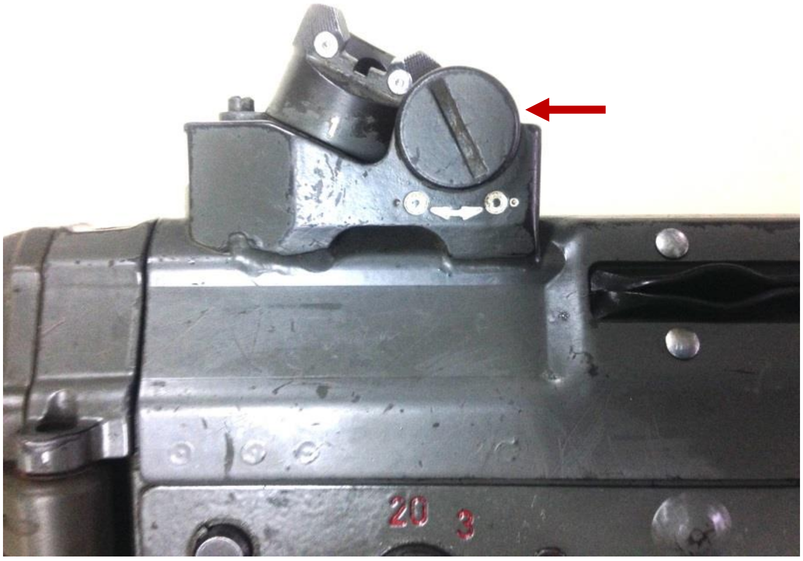


Figura 360 - Parafuso de regulagem de lateralidade

83.10. REGULAGEM DO OBTURADOR DO CILINDRO DE GASES

O Obturador do cilindro de gases possui duas posições, sendo que na posição 1 (ressalto na vertical) há um aproveitamento normal dos gases agindo no êmbolo, já na posição 2 (ressalto na diagonal) ocorre um maior direcionamento dos gases no êmbolo, esta posição deve-se apenas ser utilizada quando o armamento apresentar algum mal funcionamento em razão do acúmulo de resíduos no dispositivo.

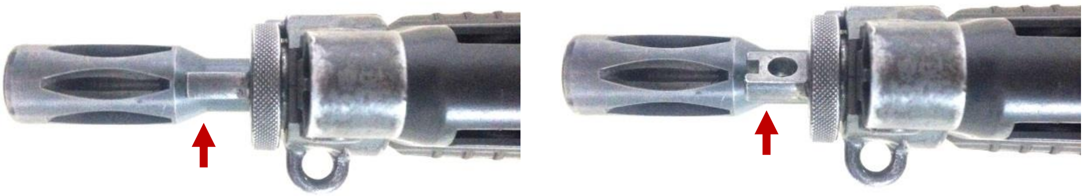


Figura 361 - Regulagem do obturador do cilindro de gases Posição 1 (esquerda) e Posição 2 (direita)

83.11. DESMONTAGEM

- Posicionar o registro de tiro e segurança em "S" segurança.
- Retirar o carregador do alojamento.
- Efetuar dois golpes de segurança, verificando arma sem munição.
- Fechar o ferrolho.
- Retirar a bandoleira.
- Pinos de união: os pinos de união para serem removidos devem ser pressionados, onde a caixa do mecanismo se desconectará da caixa da culatra, separando a arma em duas partes.

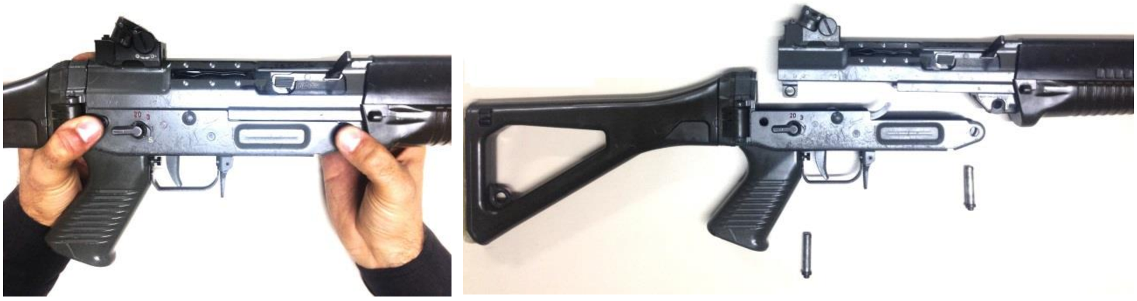


Figura 362 - Retirada dos pinos de união

- Conjunto Ferrolho: Para retirar o conjunto ferrolho da caixa da culatra, deve-se pressionar para baixo o retém da alavanca de montagem e retirar a alavanca.

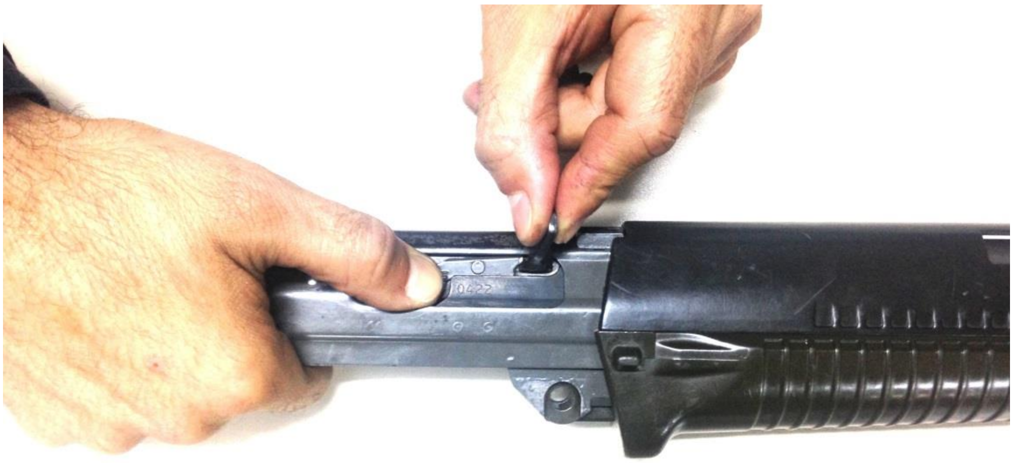


Figura 363 - Retirada da alavanca de montagem

- Culatra: o ferrolho sairá pela parte posterior da caixa da culatra, sendo necessário somente desconectar o preparador (alavanca de manejo) do retentor acionando o retém do preparador (alavanca de manejo).

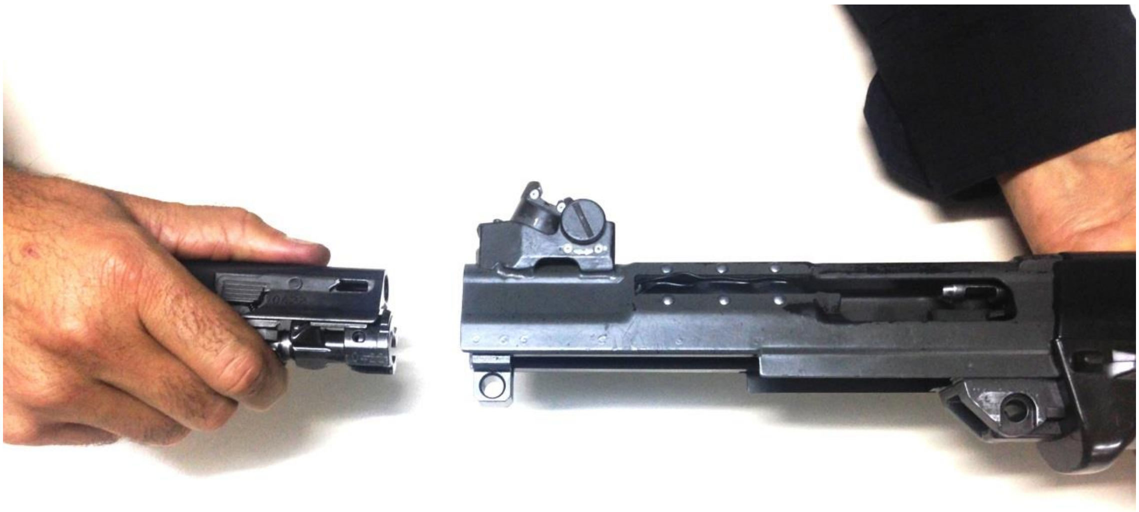


Figura 364 - Retirada do ferrolho e impulsor

- Ferrolho e impulsor: após ser retirado da caixa de culatra, o operador deverá girar a cabeça do ferrolho nos trilhos existentes no interior do impulsor e retirá-lo.

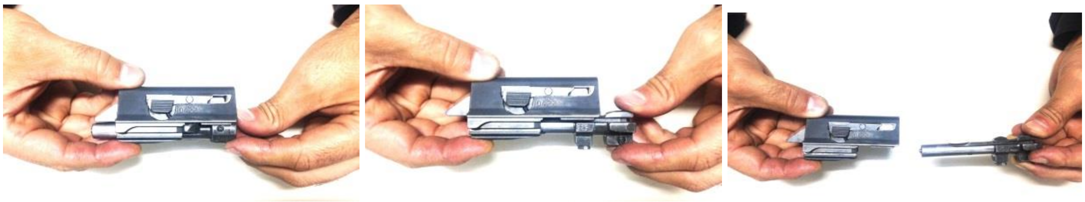


Figura 365 - Retirada do ferrolho e impulsor

- Placas do Guarda-mão: primeiramente retira-se a placa inferior movimentando-a para trás e para baixo e posteriormente a placa superior.

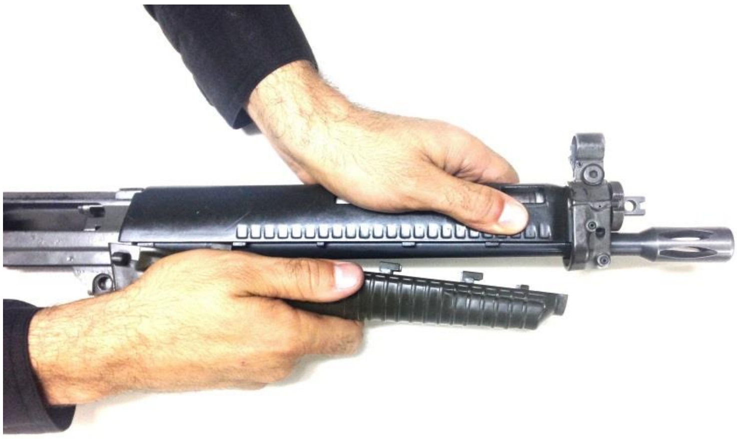


Figura 366 - Placas do guarda mão

- Pressione o retém do obturador do cilindro de gases, removendo o obturador, girando-o e puxando-o para frente.

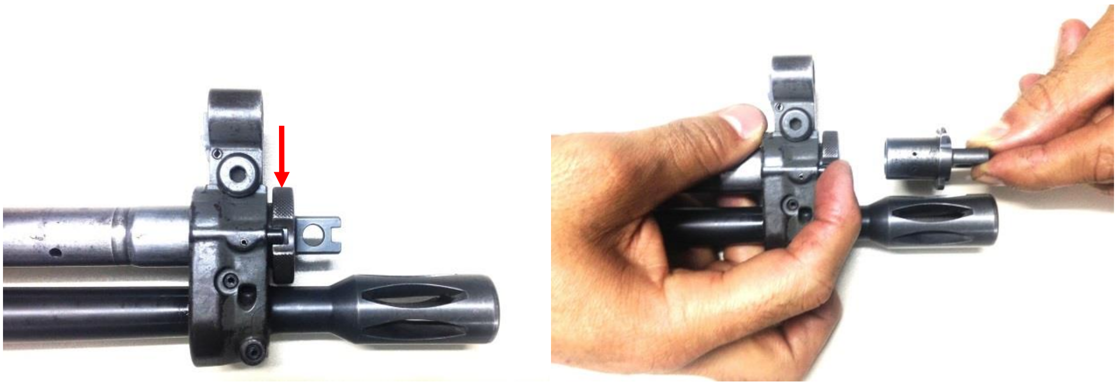


Figura 367 - Retirada do obturador do cilindro de gases (destaque para o retém)

- Retire pela frente o êmbolo e sua mola pelo cilindro de gases (pode-se empurrar o êmbolo pela janela de ejeção ou inclinar o cano para baixo).

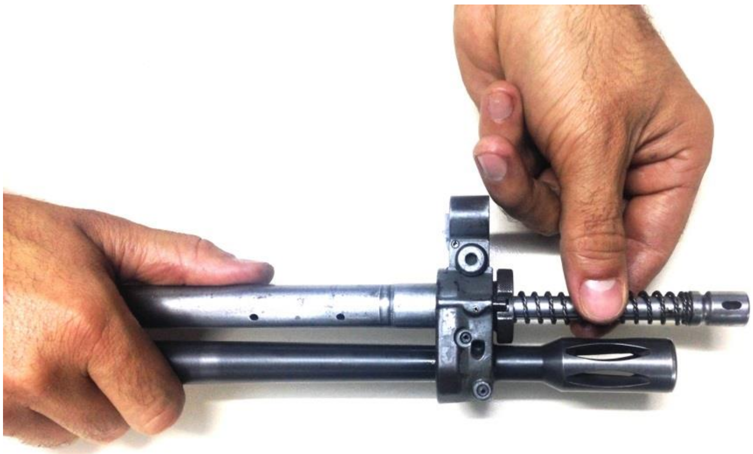


Figura 368 - Êmbolo

- Pressione o retém do obturador do cilindro de gases para baixo e gire o cilindro em 90º, até ficar faceado ao cano, então retire o cilindro de gases pela frente da arma.

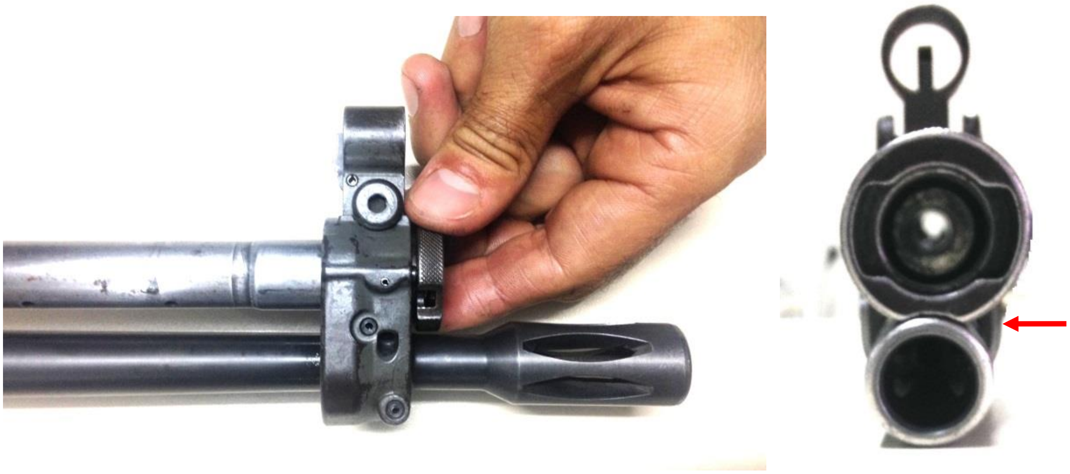


Figura 369 - Cilindro de gases

83.12. MONTAGEM

- Introduzir o cilindro de gás pela frente da arma, com o ressalto para baixo empurrando-o até a abertura da armação da arma. Pressione-a contra o suporte de massa de mira, rotacionando-o 90º para a direita e travando-o no retém.

- Introduzir o êmbolo com sua mola no cilindro de gás, verificando se ele esta se movendo livremente (o orifício de admissão de gás deverá ficar para baixo, posicionada sobre o cano).

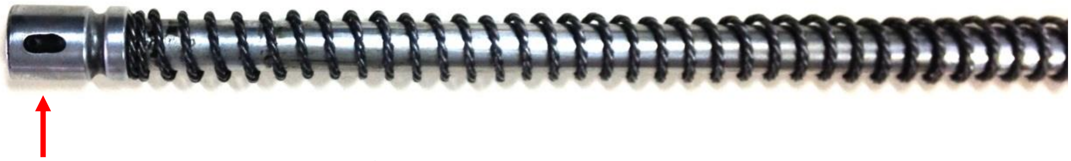


Figura 370 - Êmbolo (orifício de admissão de gás)

- Introduzir o obturador do cilindro de gás pressionando o retém e rotacionando o obturador para a direita na posição 1 (vertical). Deve-se certificar que o obturador do cilindro de gás esta retido.
- Colocar as placas do guarda mão (primeiro a superior e em seguida a inferior) verificando se não interferiu nos orifícios de passagem dos pinos de união.
- Introduzir o ferrolho em seu impulsor e coloca-lo na caixa da culatra. Na primeira imagem, o ferrolho está alojado totalmente no interior do impulsor - o que impedirá sua colocação na caixa de culatra, já na segunda imagem a extremidade do ferrolho está colocada corretamente.

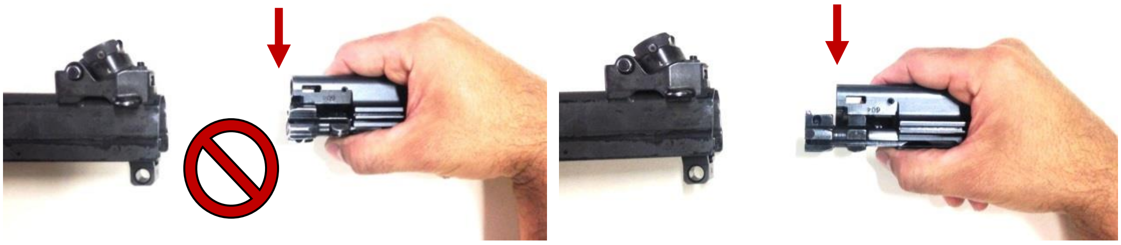


Figura 371 - Ferrolho e impulsor

- Após a colocação do conjunto ferrolho e impulsor, deve-se conectar o preparador (alavanca de manejo) em seu retentor.

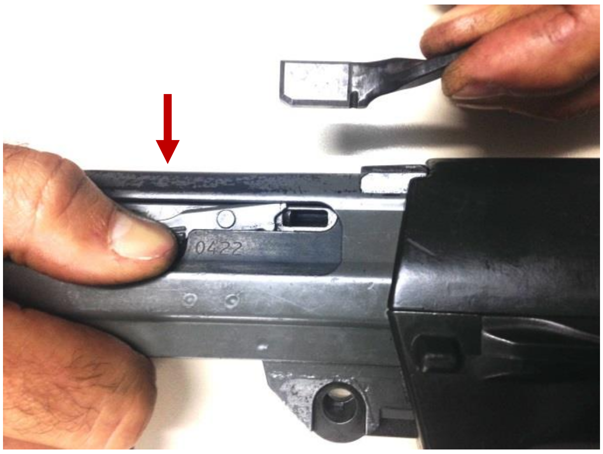


Figura 372 - Alavanca de manejo

- Unir as caixas do mecanismo e da culatra posicionando os pinos de união.
- Verificar o funcionamento do armamento efetuando dois golpes de segurança.

83.13. MANUSEIO

Para abertura da caixa de culatra, o operador deverá trazer o preparador (alavanca de manejo) em direção à retaguarda da arma, sendo que do lado oposto deverá acionar simultaneamente o retém do ferrolho (para baixo mantém aberto, para cima fechará).

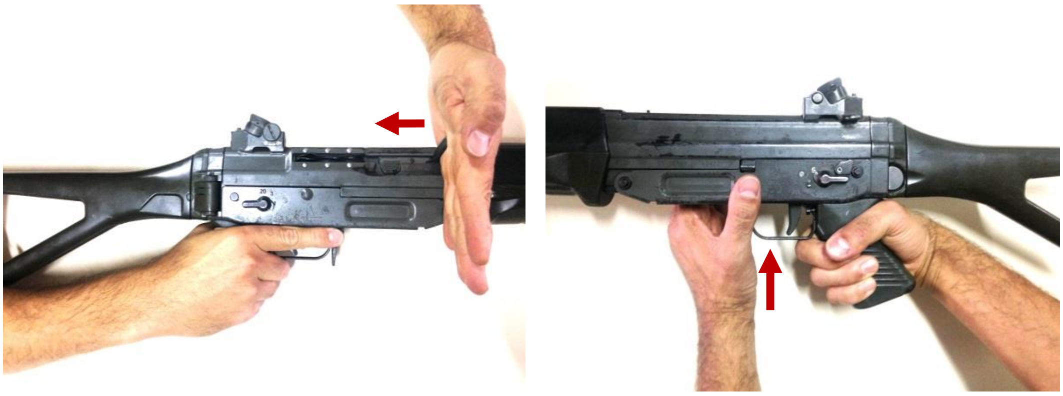


Figura 373 - Abertura/fechamento da caixa de culatra

Para colocação do carregador, o operador deve acoplar inicialmente a parte frontal do mesmo (diagonal) e posteriormente ajustá-lo (trazendo-o para trás) em seu alojamento até o final onde ficará encaixado. Já para retirada, deve-se acionar o retém do carregador (parte inferior/centro) e conduzir sua parte inferior na diagonal para frente liberado-o do armamento.

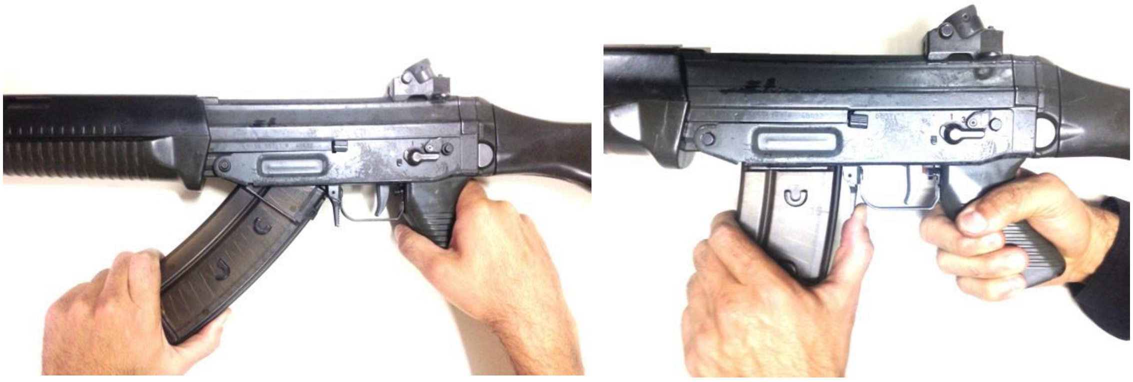


Figura 374 - Colocação e retirada do carregador

A coronha pode funcionar de modo estendida ou rebatida. Para rebater a coronha, o operador deve pressionar o retém da coronha do lado esquerdo e simultaneamente deslocar a coronha para a direita.

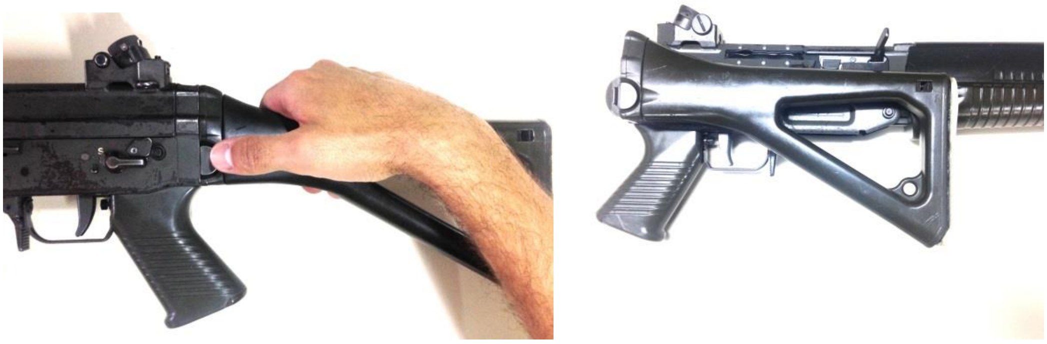


Figura 375 – Coronha

- Os carregadores são confeccionados em polímero transparente (visando facilitar a identificação da quantidade de munições no seu interior), bem como possuem dois entalhes que possibilitam que sejam acoplados lateralmente.

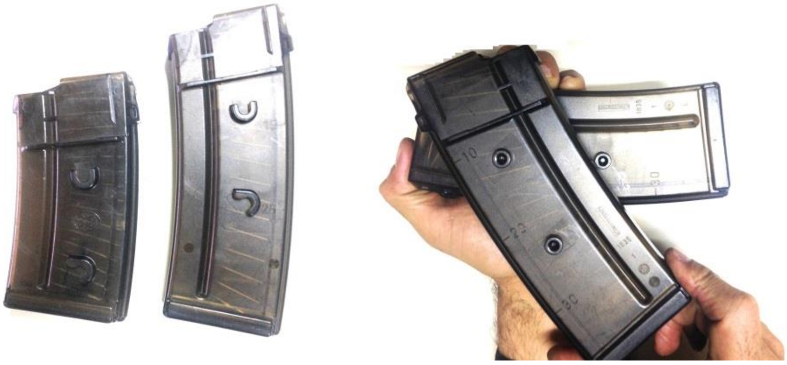


Figura 376 - Carregadores

- Para acoplar a luneta deve-se introduzir primeiramente a sua parte posterior no monte existente à frente da alça de mira e pressioná-la para trás encaixando-a na parte anterior do entalhe acima da armação. Após devidamente encaixada, gire para cima o retém da luneta, certificando que a mesma encontra-se fixada a arma.

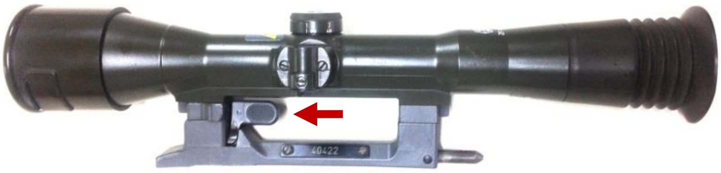


Figura 377 - Colocação da luneta (retém da luneta)

BATALHÃO DE OPERAÇÕES POLICIAIS ESPECIAIS

FUZIL IMBEL PARA-FAL

84. FUZIL 7,62 PARA-FAL A1MD1

O “Fusil Automatique Légère” (Fuzil Automático Leve – FAL) foi desenvolvido pela FN – Fabrique National d’Armes de Guerre de Herstal (Liége – Bélgica), em 1948. Em 1953, buscando facilitar o apoio logístico mútuo em caso de guerra, as Nações pertencentes a OTAN (Organização do Tratado Atlântico Norte) resolveram padronizar o armamento e a munição de suas Forças Armadas.

Foi então adotado o calibre 7,62X51mm para o armamento leve. Padronizada a munição foi aberta concorrência para a aquisição de um Fuzil semi-automático que utilizasse o calibre 7,62X51mm, destacando-se dos modelos apresentados, os fuzis M14 (Americano), SIG (Suiço) G3HK e G3RH (Alemães) e o FAL (Belga), sendo selecionado após os diversos ensaios este último.

Adotado pelo Exército Brasileiro em 1964 (daí sua denominação “Fz 7,62 M964 FAL”), em substituição aos antigos fuzis e mosquetões de repetição de calibres 7mm e .30 esta arma foi projetada e executada com objetivo de colocar nas mãos do soldado, uma arma que tivesse – em grau até agora não igualado – as mais importantes qualidades a saber: perfeita maneabilidade; possibilidade de iniciar instantaneamente tiro intenso; facilidade de manutenção em campanha e segurança absoluta de funcionamento.

Com mais de um milhão de unidades produzidas, o famoso fuzil FAL assinou seu nome nos livros de história militar ao lado de outras lendas como o fuzil AK-47 Kalashnikov, Heckler & Kock G-3 e o Colt AR-15. É uma arma de aceitação internacional, usada por mais de 70 países. Suas excepcionais características já foram comprovadas nas mais diversas situações e condições de emprego.

Hoje é usado por poucos países como o Brasil e alguns países sul americanos, além de outros poucos no continente africano. Atualmente somente o Brasil e os Estados Unidos o mantém em linha de produção. No Brasil, a empresa que fabrica o FAL é a IMBEL (Indústria de Material Bélico do Brasil), uma estatal que desenvolve e produz armamentos além de outros produtos destinados ao mercado bélico como sistemas de comunicação, explosivos e componentes de foguetes.

A PMSC adquiriu o modelo PARA-FAL em razão da sua coronha rebatível e, por conseguinte a sua facilidade em operar no interior das viaturas e locais confinados. O exemplar do PARA-FAL produzido pela IMBEL é chamado de A1MD1.

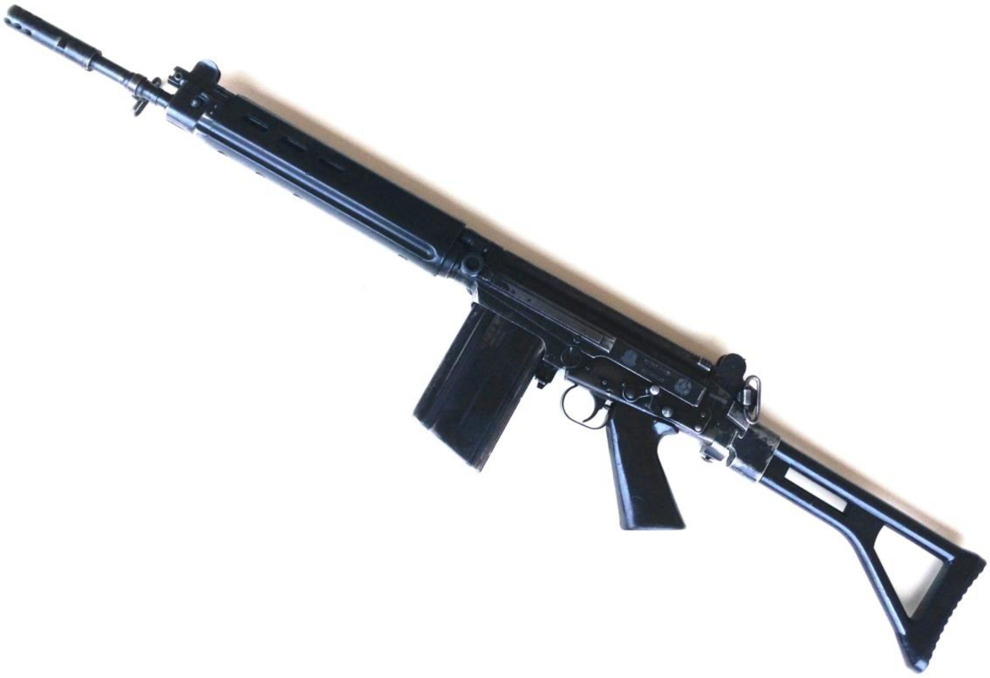


Figura 378 - Fuzil Imbel 7,62 Para-Fal A1MD1

84.1. TABELA BALÍSTICA

Munição	Peso do Projétil (grain)	Velocidade (m/s)	Energia (joules)
.38 (SPL)	158	245	307
9X19mm (Luger)	115	405	610
.40 S&W (Copper Bullet Tactital)	130	385	624
.40 S&W (Gold Hexagonal)	155	367	677
.357 Magnum (EXPO)	158	372	710
.44 Magnum (EXPO)	240	357	991
.30 Carbine (ETOG)	110	599	1.277
5,56X45mm (M193)	55	965	1.569
5,56x45mm (SS109)	62	915	1.682
7,62X51mm (Comum ETPT)	144	838	3.276
.308 Winchester (HPBT)	168	800	3.484

Fonte: Informativo Técnico CBC n.º 32/2013

- EXPO: Expansivo Ponta Oca
- ETOG: Encamisado Total Ogival
- ETPT: Encamisado Total Pontiagudo
- HPBT: Hollow Point Boat Tail

84.2. ESPECIFICAÇÃO

Nome	**Para-Fal A1MD1**
Calibre	7,62 x 51mm
Peso da Arma	4,3 kg com carregador vazio
Peso do Carregador Vazio	250g
Peso do Carregador Cheio	730g
Comprimento do cano	430 mm
Comprimento total	99 cm
Comprimento fechada	75 cm
Velocidade na boca do cano	850 m/seg
Ejeção	Janela do lado direito
Cadência de tiro	700 tiros/min
Capacidade do carregador	20 tiros
Massa de mira	Regulável em altura
Alça de mira	150m e 250m
Seletor de tiro	S: Segurança R: Tiro-a-tiro (Intermitente) A: Rajada plena (Automático)
Outros	Ferrolho aberto após o último disparo

84.3. CLASSIFICAÇÃO

Tipo	**Portátil**
Emprego	Individual
Funcionamento	Semi automática
Sentido de alimentação	De baixo para cima
Raiamento	Alma raiada
Acabamento	Pintura na cor preta

84.4. NOMENCLATURA

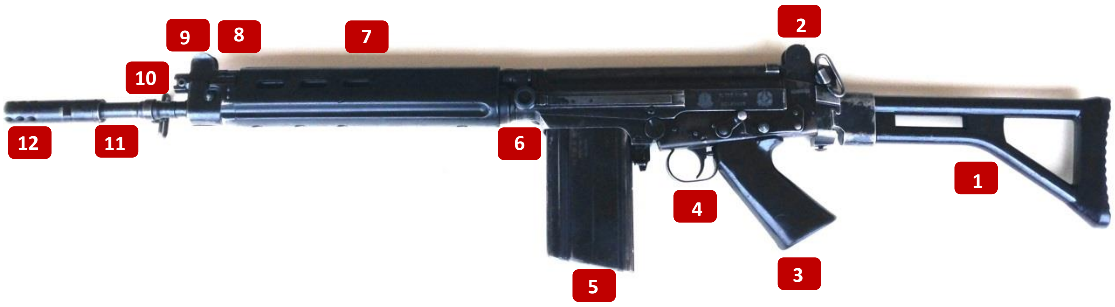


Figura 379 - Nomenclatura

1 Coronha

2 Alça de mira

3 Punho

4 Gatilho e guarda-mato

5 Carregador

6 Alavanca de manejo

7 Guarda mão

8 Regulador do Escape de Gases

9 Massa de mira

10 Obturador do Cilindro de Gases

11 Cano

12 Quebra chamas

84.5. NOMENCLATURA – DESMONTADA

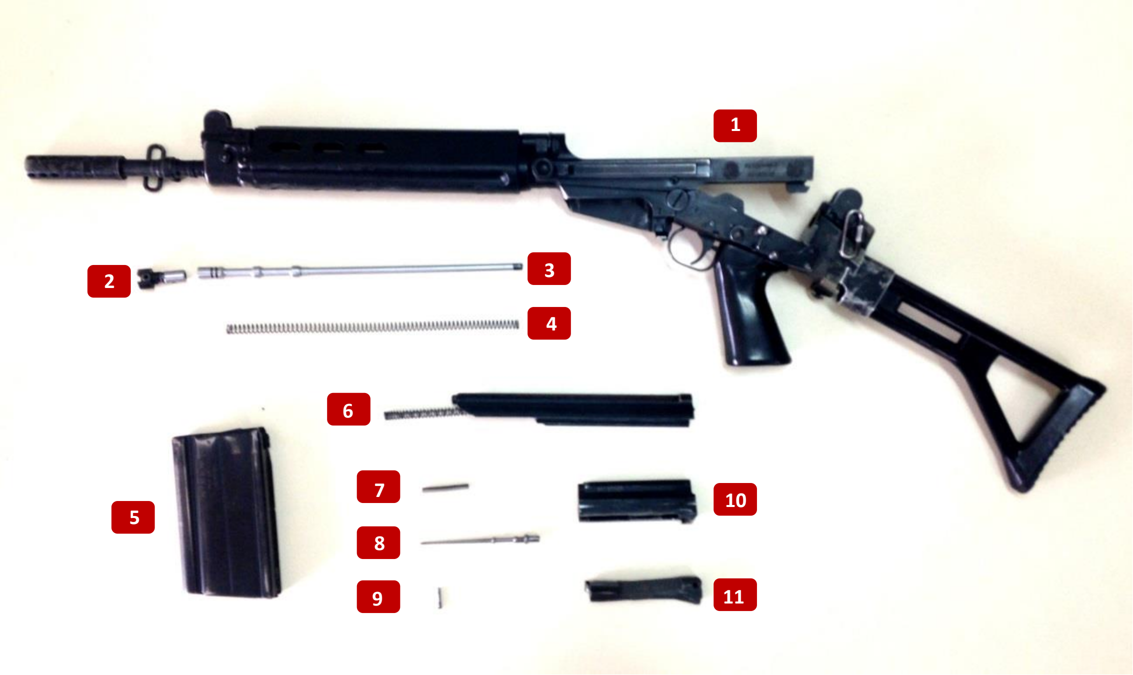


Figura 380 - Nomenclatura desmontada

1 Cano e caixa do mecanismo

2 Obturador do cilindro de gases

3 Êmbolo

4 Mola do êmbolo

5 Carregador

6 Tampa da caixa da culatra

7 Mola do percussor

8 Percussor

9 Pino do percussor

10 Impulsor do ferrolho

11 Ferrolho

84.6. MUNIÇÕES CALIBRE 7,62X51mm

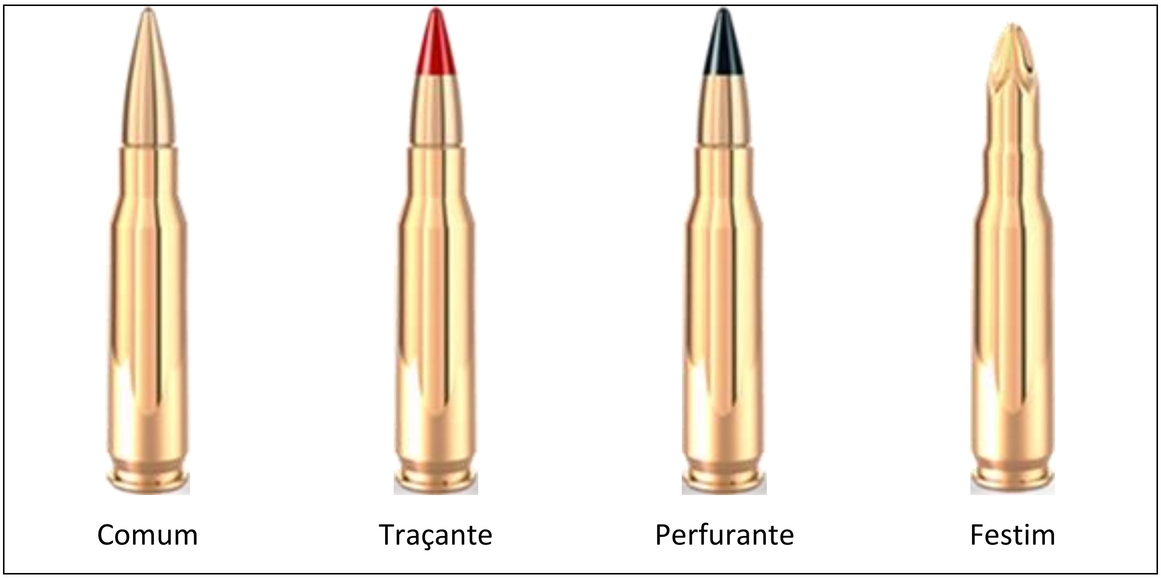


Figura 381 - Munições calibre 7,62x51mm

- **Comum**: contra alvos não blindados.
- **Perfurante**: contra alvos protegidos por blindagens leves, e alvos resistentes a projéteis comuns.
- **Traçante**: treinamento de pessoal com a vantagem de poder ser visualizada a trajetória do projétil. O traço é visível a 800m da boca da arma.
- **Festim**: treinamento de pessoal ou tiro de salva.

84.7. SELETOR DE TIRO

Possui registro de tiro e segurança apenas do lado esquerdo, tendo três posições básicas para uso:

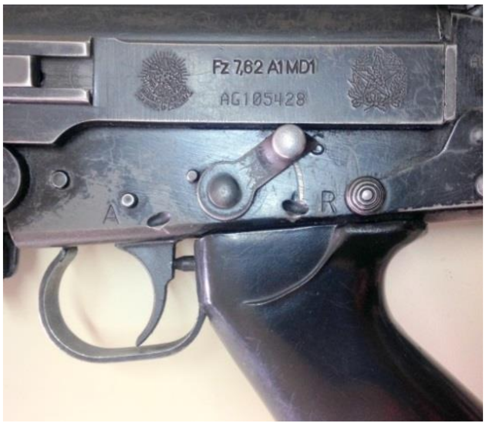


Figura 382 - Seletor de tiro

S: Segurança

R: Tiro a tiro (Intermitente)

A: Rajada plena (Automático)

84.8. SISTEMA DE PONTARIA

Possui massa de mira regulável em altura e alça de mira com seletor de posição para 150 e 250 metros e regulagem de lateralidade.

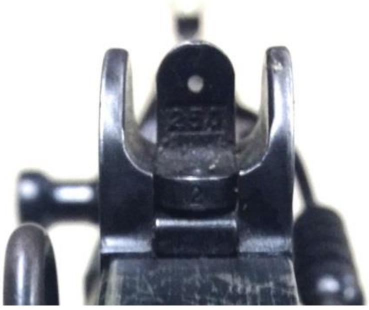


Figura 383 - Sistema de pontaria

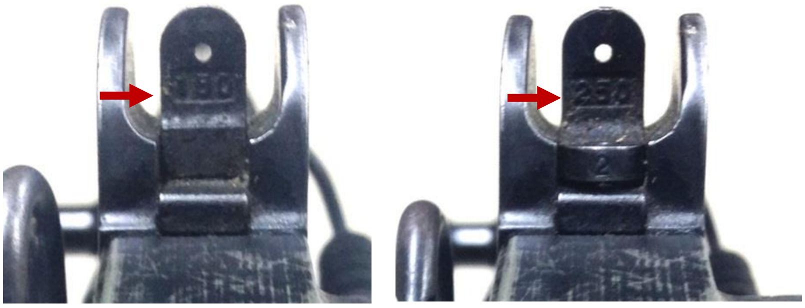


Figura 384 - Seletor de posição para 150 e 250 metros

84.9. REGULAGEM DA MASSA DE MIRA

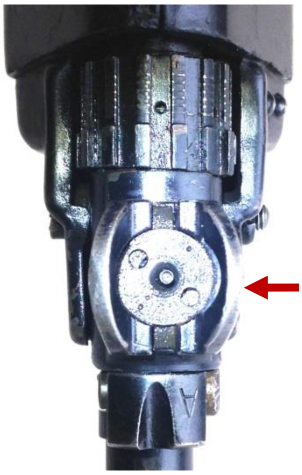


Figura 385 - Regulagem vertical

- Tiro demasiado baixo: girar o parafuso de regulagem para a direita.
- Tiro demasiado alto: girar o parafuso de regulagem para a esquerda.

84.10. REGULAGEM DA ALÇA DE MIRA

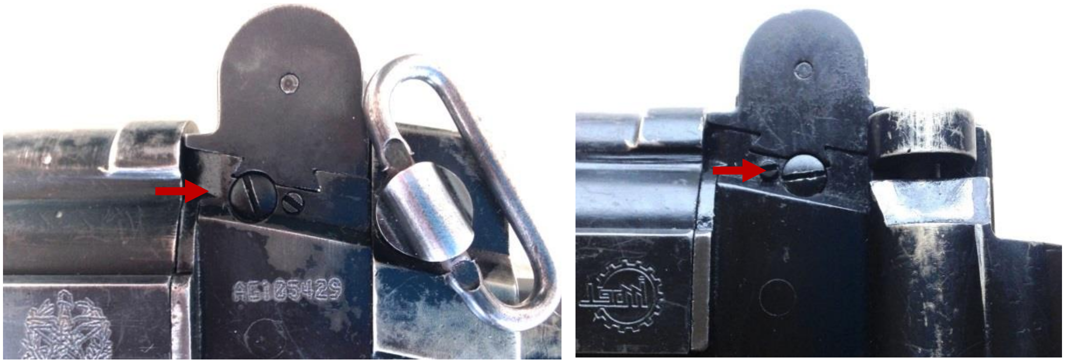


Figura 386 - Regulagem lateral

- Tiro demasiado para a esquerda: liberar os parafusos do lado direito e esquerdo da massa de mira, após liberação, deve-se posicionar o bloco da massa para a direita e assim apertar os parafusos na posição desejada.
- Tiro demasiado para a direita: liberar os parafusos do lado direito e esquerdo da massa de mira, após liberação, deve-se posicionar o bloco da massa para a esquerda e assim apertar os parafusos na posição desejada.

84.11. REGULAGEM DO REGULADOR DE ESCAPE DOS GASES

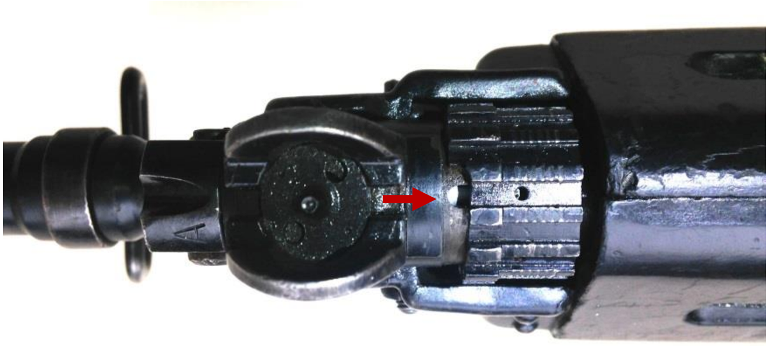


Figura 387 - Regulador totalmente aberto

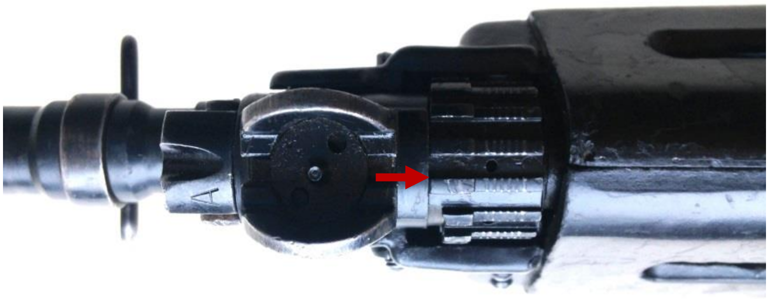


Figura 388 - Regulador totalmente fechado

- O regulador do escape de gases do Para-Fal oportuniza que seja fracionado a emissão de gases no êmbolo, permitindo um funcionamento regular e suave, sendo que quando rotacionado totalmente para o lado direito estará fechado, ou seja, todos os gases provenientes do canal de admissão irão agir no êmbolo, sendo que quando rotacionado para o lado esquerdo possibilitará, gradativamente a liberação dos gases para o ambiente (diminuindo a ação no êmbolo).

84.12. DESMONTAGEM

- Posicionar o registro de tiro e segurança em “S” segurança.
- Retirar o carregador do alojamento.
- Efetuar dois golpes de segurança, verificando arma sem munição.
- Fechar o ferrolho.

- Retirar a bandoleira.
- Chaveta do trinco da armação: a chaveta do trinco da armação deve ser pressionada para cima através do polegar da mão direita, sendo que a mão esquerda força o cano através das placas do guarda mão, fazendo com que a caixa da culatra se incline e fique apoiada no conjunto da caixa do mecanismo.

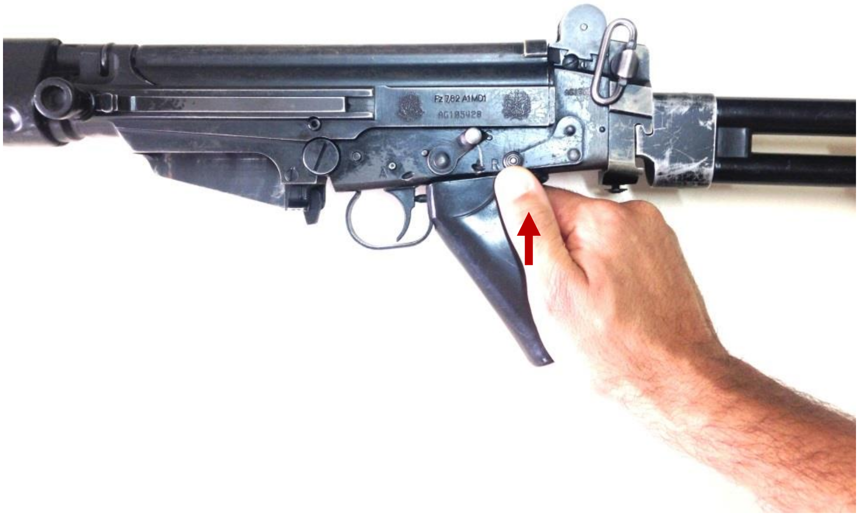


Figura 389 - Acionamento vertical da alavanca de desmontagem

- Retirada da Tampa da Caixa da Culatra e Conjunto Ferrolho e Impulsor do Ferrolho: após abrir o armamento, o operador deverá envolver a caixa da culatra com a mão forte e apoiar o indicador no início do impulsor do ferrolho, puxando todo o conjunto para trás. Tal procedimento evitará que o conjunto ferrolho seja arremessado pela mola recuperadora localizada na caixa da culatra.

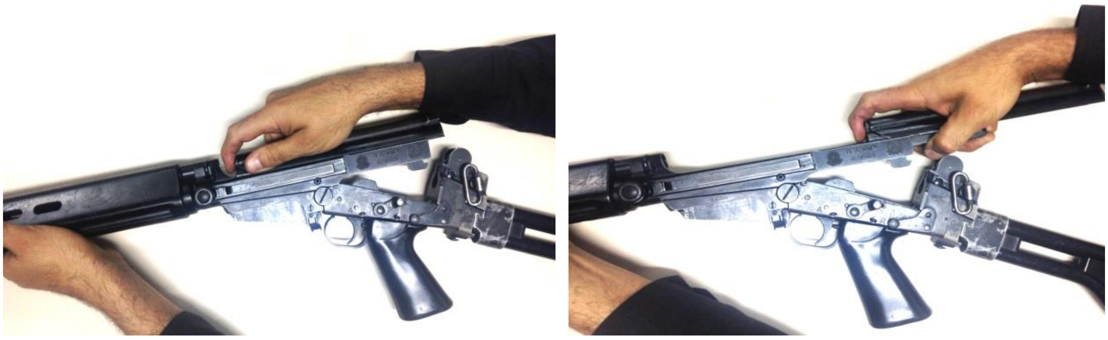


Figura 390 - Retirada da tampa da caixa da culatra e conjunto ferrolho/impulsor do ferrolho

- Tampa da Caixa da Culatra e Conjunto Ferrolho e Impulsor do Ferrolho: deve-se pressionar o Impulsor do Ferrolho para trás da tampa da caixa da culatra e simultaneamente inclina-lo para baixo e para frente aliviando a pressão da mola recuperadora.

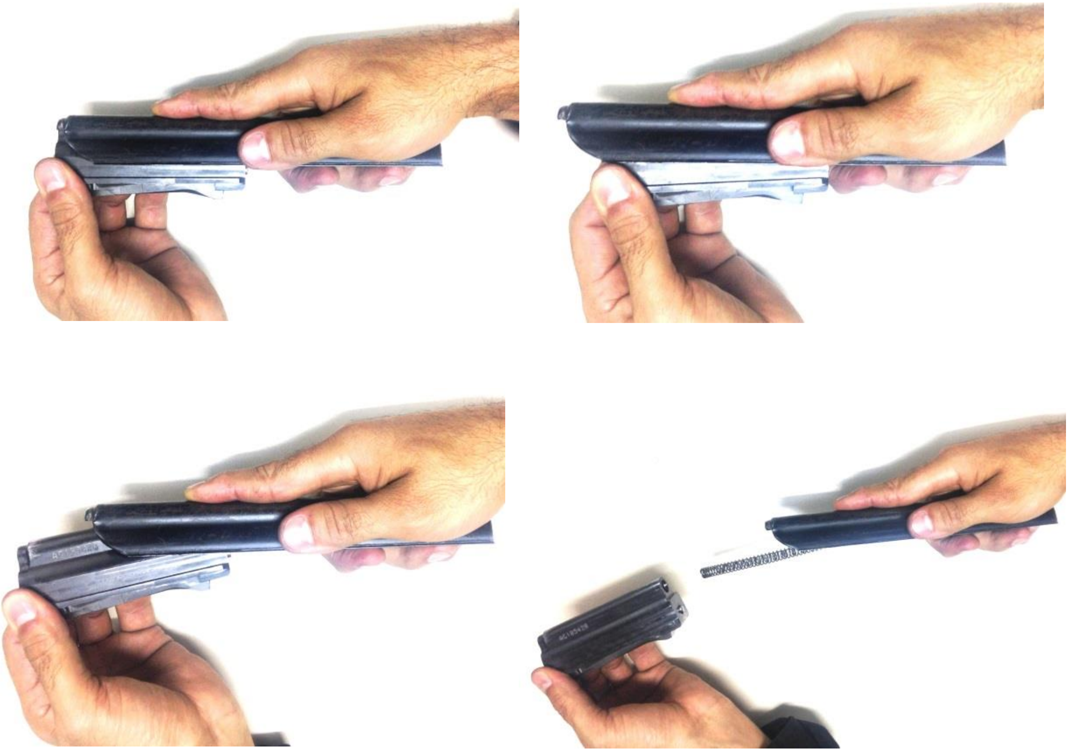


Figura 391 - Tampa da caixa da culatra e conjunto ferrolho e impulsor do ferrolho

- Impulsor do Ferrolho e Ferrolho: Faz-se necessário imprimir uma pressão com o indicador na parte posterior do percussor, inclinando ao mesmo instante o ferrolho para baixo/fora do impulsor.

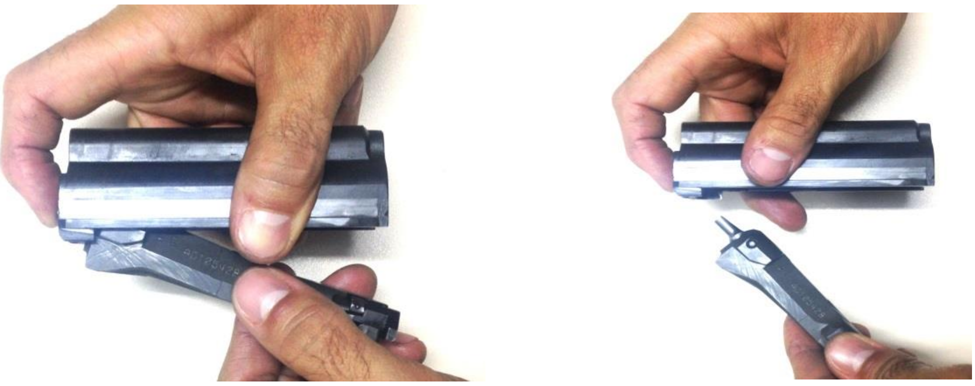


Figura 392 - Impulsor do ferrolho e ferrolho

- Ferrolho: Identificar o pino do percussor: com o ferrolho lateralizado e pressionando com o polegar da mão forte a parte posterior do percussor, deve-se bater este na palma da mão fraca, liberando assim o pino do percussor e posteriormente o percussor e sua mola.

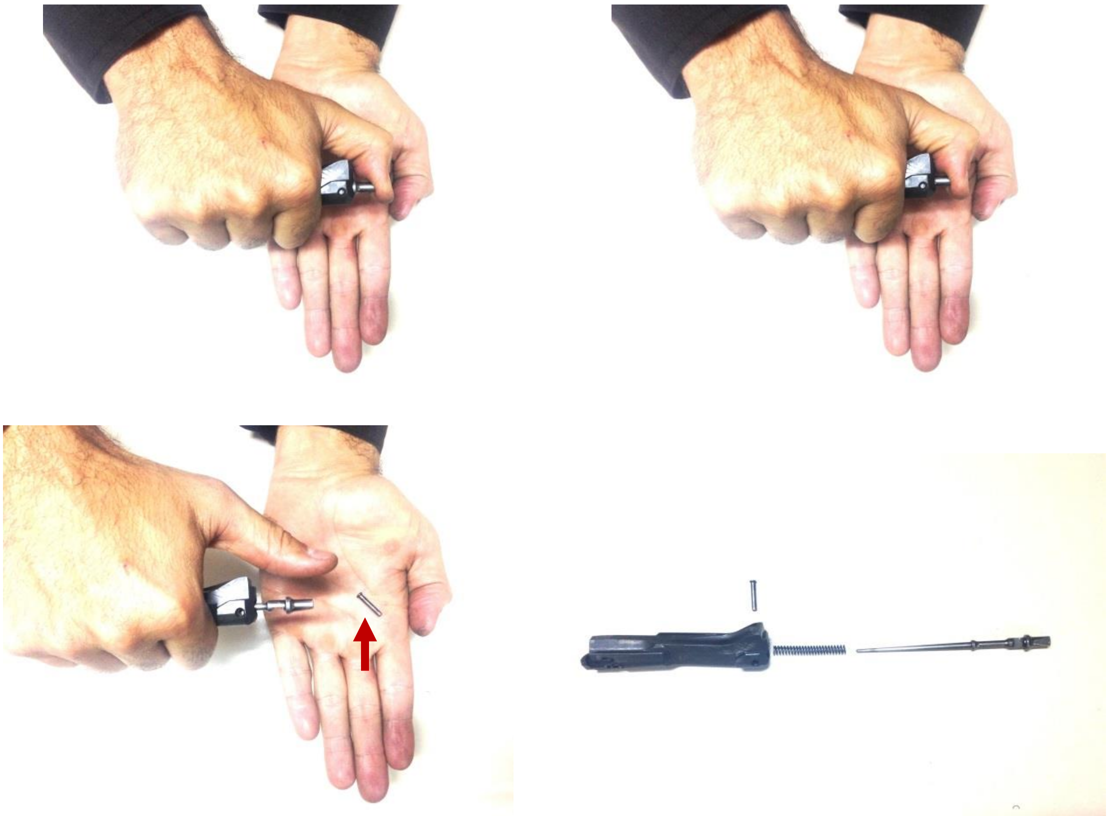


Figura 393 – Ferrolho, percussor e pino do percussor

- Obturador do cilindro de gases e êmbolo: O obturador do cilindro de gases esta localizado à frente da massa de mira logo acima do cano. Possui a letra “A” (automático) em uma face e as letras “GR” (granada) na face oposta.

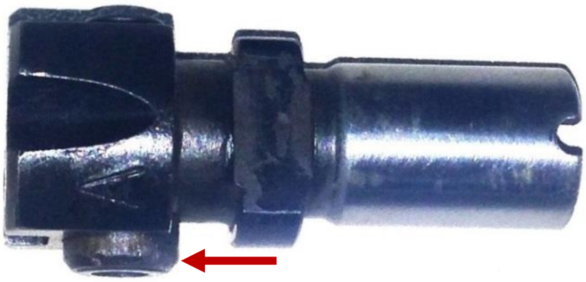


Figura 394 - Retém do obturador do cilindro de gases

- Deve-se identificar o retém do obturador e comprimi-lo da esquerda para direita, mantendo a pressão sobre o retém girando o obturador para a esquerda, no sentido anti-horário (um quarto de volta), diminuindo a pressão até a total saída do obturador do cilindro de gases.

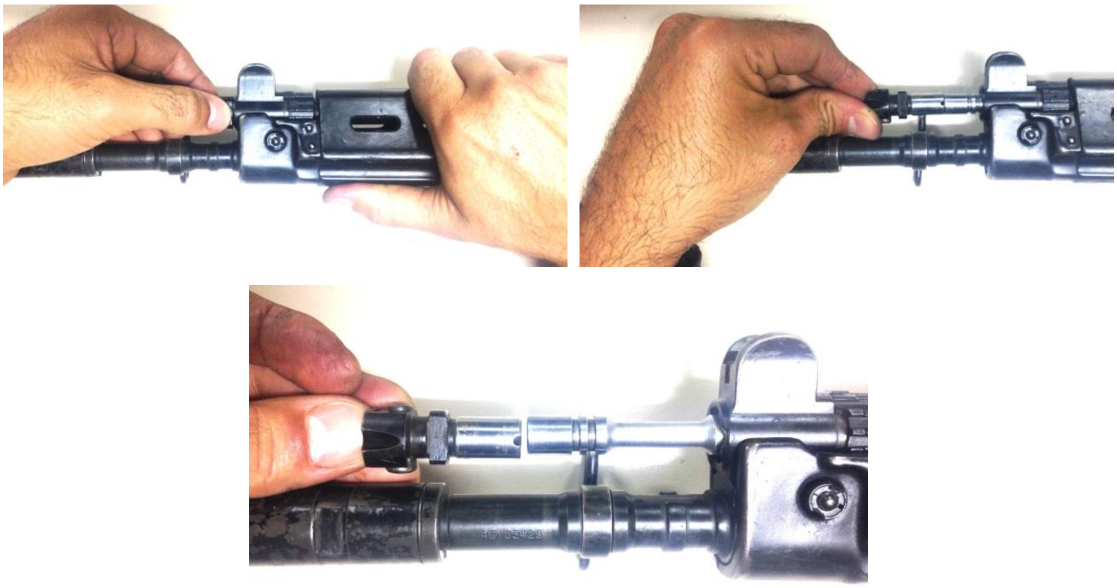


Figura 395 - Retirada do obturador do cilindro de gases

A desmontagem em 1º escalão estará completa quando da retirada do êmbolo da sua mola.

84.13. KIT MANUTENÇÃO DE CAMPANHA

Na parte inferior do punho encontra-se um receptáculo contendo componentes para a manutenção em campanha para o armamento (cordel, óleo, graxa e chaveta).

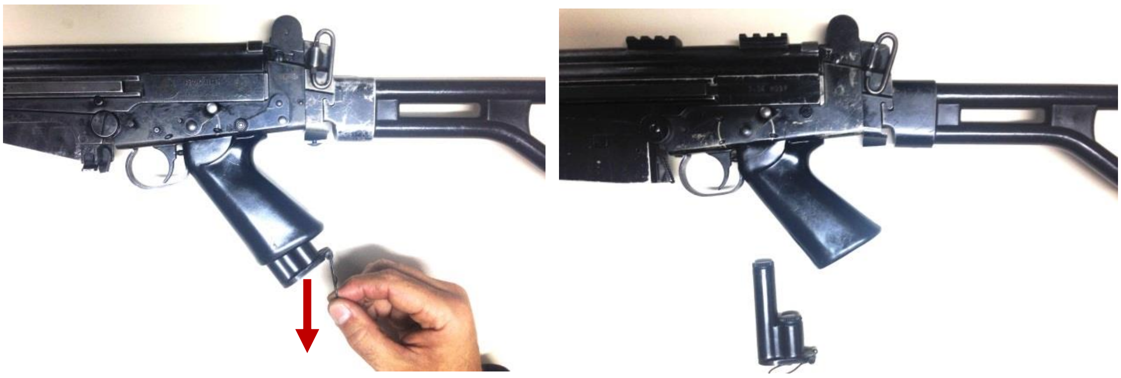


Figura 396 - Componentes de manutenção

84.14. MONTAGEM

- Introduzir o êmbolo na sua mola.
- Introduzir o êmbolo com sua mola no seu alojamento.
- Pressionar o êmbolo com obturador do cilindro de gases lateralizado com o entalhe e inscrição “A” para o lado esquerdo, fazendo pressão sobre a parte anterior do obturador. Empurrando o êmbolo através do obturador do cilindro de gases até o seu curso final, deve-se rotacioná-lo para direita, fazendo com que a inscrição “A” permaneça para cima.

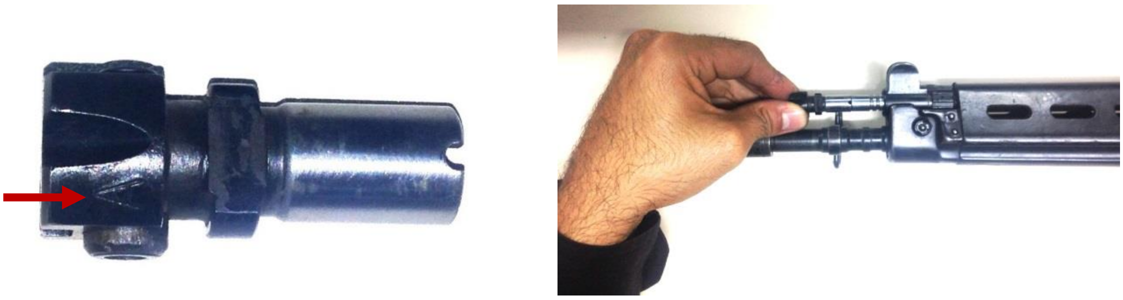


Figura 397 - Entalhe e inscrição “A” para cima

- Unir a mola do percussor ao percussor e introduzi-los no ferrolho, atentando para a colocação do pino do percussor.

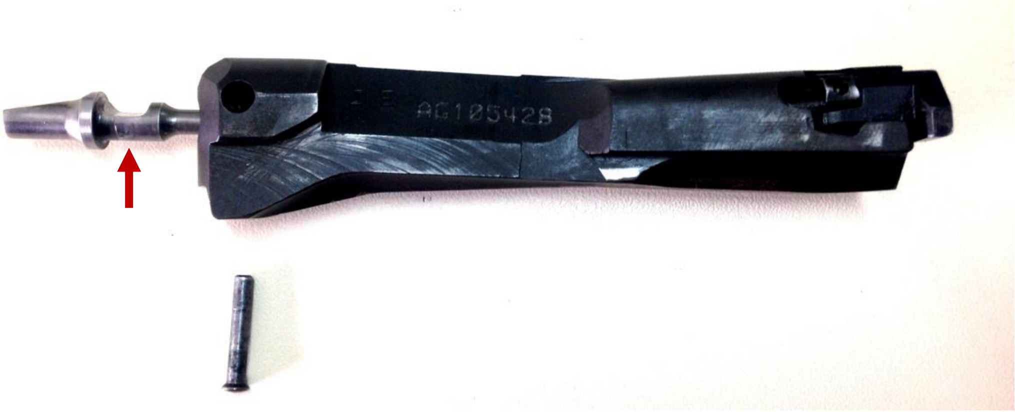


Figura 398 – Posição do percussor e do pino do percussor

- O percussor deverá estar com a sua parte saliente para cima.

- Posicionar o ferrolho no impulsor do ferrolho, introduzindo inicialmente a parte posterior do percussor no orifício localizado no impulsor do ferrolho, pressionando-o.

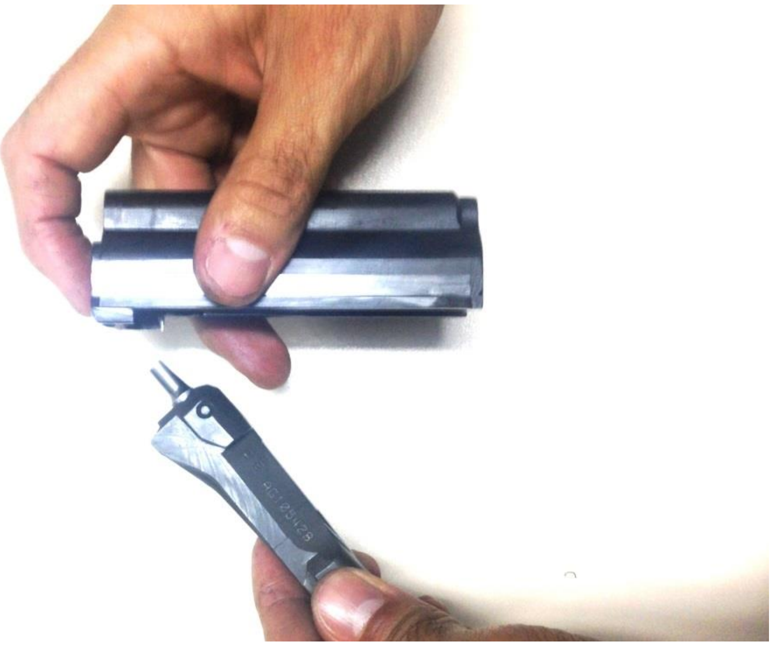


Figura 399 - Posicionamento inicial do ferrolho em seu impulsor

- Introduzir o conjunto impulsor do ferrolho e ferrolho na mola recuperadora, fixada na caixa da culatra.
- Condicionar a tampa da caixa da culatra nos trilhos da armação do armamento.

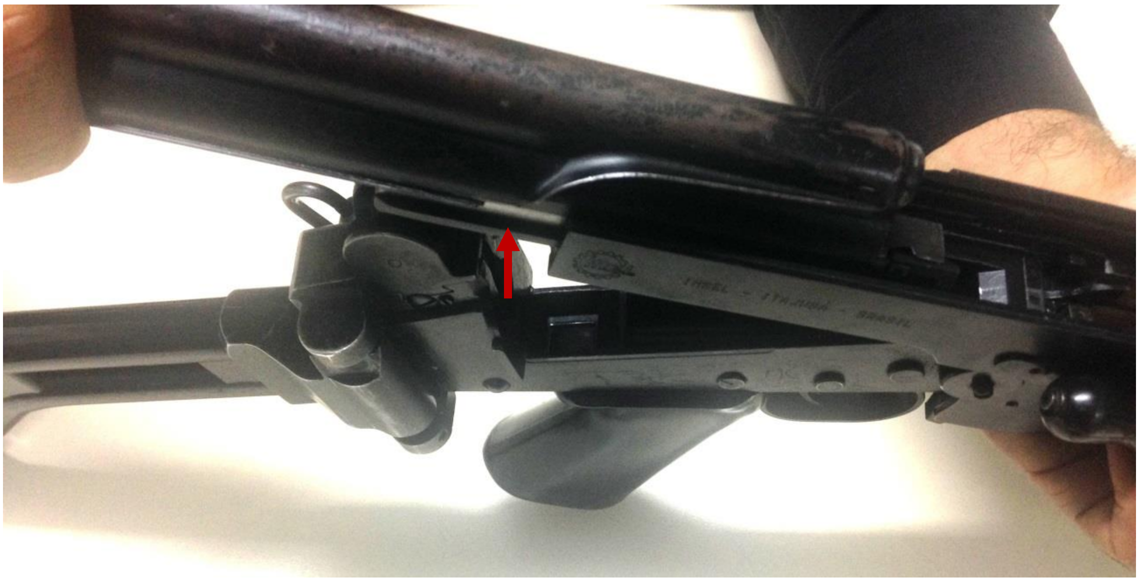


Figura 400 - Saliência da tampa da caixa da culatra

- Atente para o início do trilho do lado direito da arma (saliência onde ocorre a ejeção dos estojos)
- Fechar a parte superior do armamento (conjunto cano/ferrolho) em direção ao conjunto do mecanismo (gatilho e seletor de tiro e segurança).
- Verificar o funcionamento do armamento efetuando dois golpes de segurança.

84.15. MANUSEIO

Para abertura da caixa de culatra, o operador deverá trazer a alavanca de manejo em direção à retaguarda da arma, e simultaneamente pressionar o retém do ferrolho (parte inferior/esquerdo) para cima. Para liberar o ferrolho, basta acionar o retém do ferrolho para baixo ou conduzir a alavanca de manejo (sem o carregador) para trás.

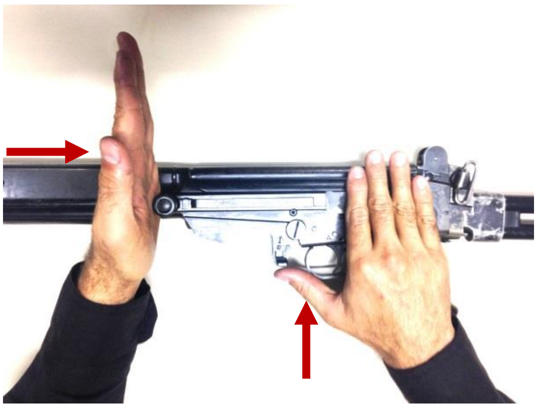


Figura 401 - Abertura/fechamento da caixa de culatra

Para colocação do carregador, o operador deve acoplar inicialmente a parte frontal do mesmo (diagonal) e posteriormente ajustá-lo (trazendo-o para trás) em seu alojamento até o final onde ficará encaixado. Já para retirá-lo, deve-se acionar o retém do carregador (parte inferior/direita) e conduzir sua parte inferior na diagonal para a frente liberado-o do armamento.

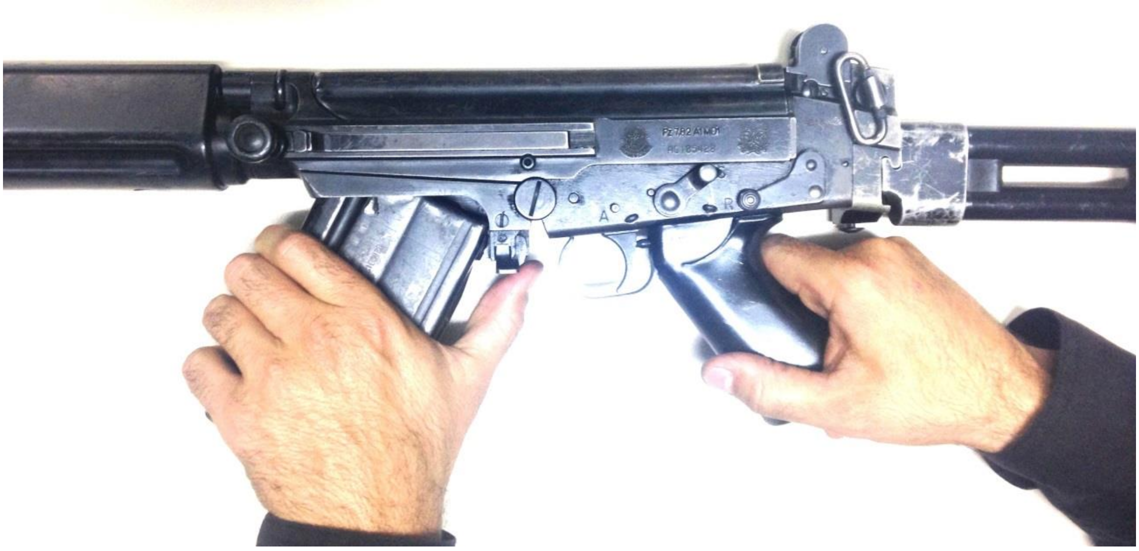


Figura 402 - Alimentação/retirada do carregador

A coronha pode funcionar de modo estendida ou rebatida. Para rebater a coronha, o operador deve pressionar o retém da coronha para a esquerda e simultaneamente deslocar a coronha para baixo, dobrando-a para a direita.

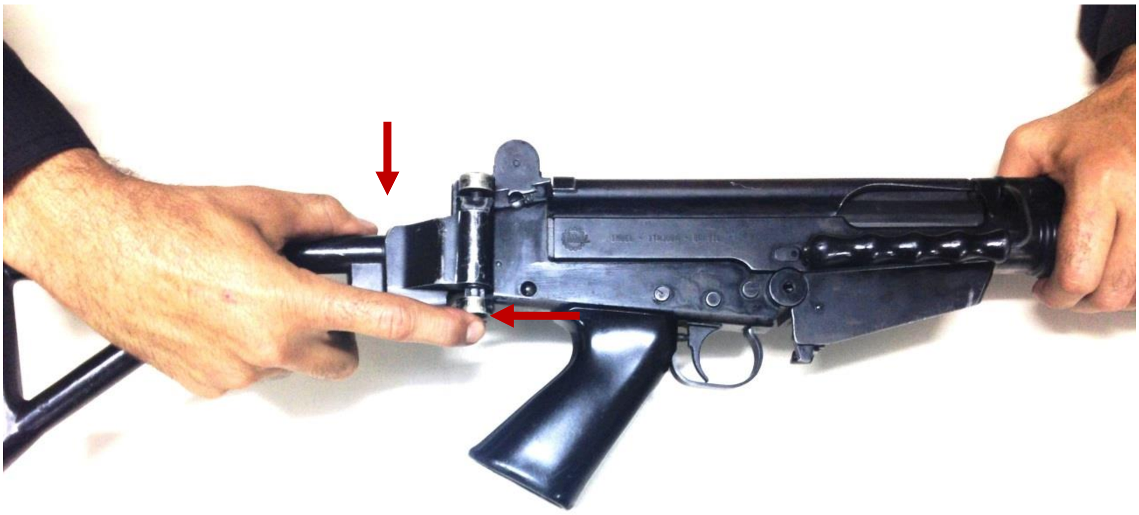


Figura 403 - Detalhe do dedo indicador pressionando o retém

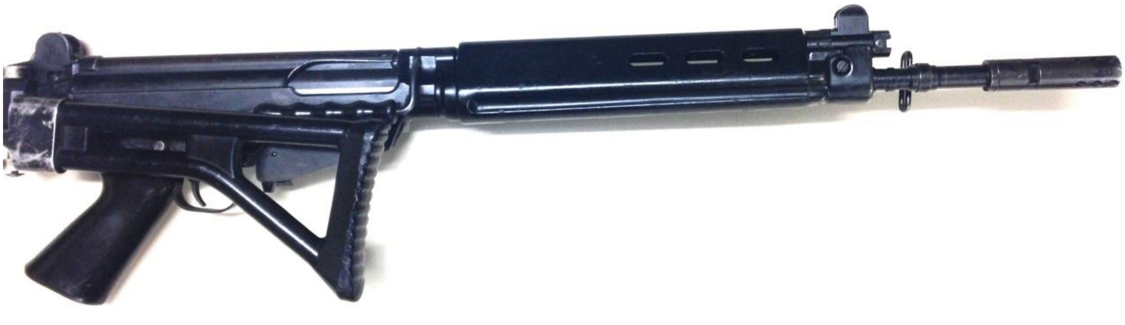


Figura 404 - Coronha rebatida

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Jonh B. **Armas não-letais: alternativas para os conflitos do século XXI.** Rio de Janeiro: Welser-Itage/condor, 2003.

CHIBA, Satoshi. **Proposta de criação de comissões de Gerenciamento de Crises na Policia Militar do Estado de São Paulo.** Monografia do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais (CAO), CAES, PMESP, 2000.

FRANCISCO, Diego Remor Moreira. **Comportamento Suicida.** Florianópolis, 2016.

LEÃO, D. J. A. **Doutrina para operações antibomba.** São Paulo, 2000. Universidade de São Paulo, Pró-Reitoria de Pós-Graduação.

LUCCA, Cap PM D.V.D. **Alternativas Táticas na Resolução de Ocorrências com Reféns Localizados.** São Paulo, 2002.

MASCARENHAS DE SOUZA, Wanderley. **Gerenciamento de Crises: Negociação e atuação de Grupos Especiais de Polícia na solução de eventos críticos.** Monografia do Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais (CAO), CAES, PMESP, 1995.

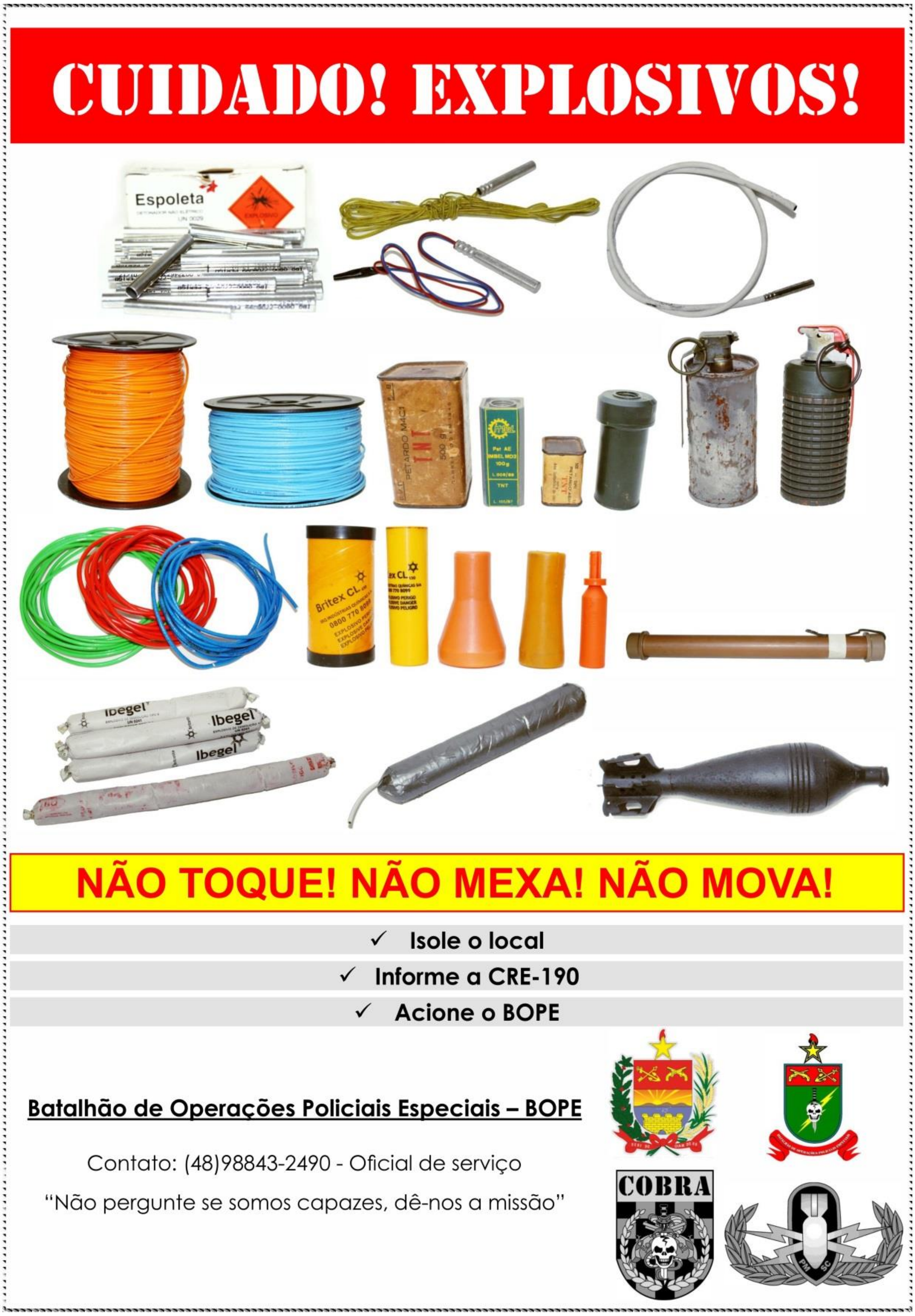
MASCARENHAS DE SOUZA, Wanderley. **Como se comportar enquanto refém.** São Paulo: Ícone, 1996.

MONTEIRO, Roberto das Chagas. **Gerenciamento de crises.** Departamento de Polícia Federal: Brasília, 1991.

ROSA, A. J. P.; GOMES JR, C. A.A.;; NICHNG. C. R.; SILVA. J. C. **Manual de Manual de Técnicas de Polícia Ostensiva**. 3ª Ed. Polícia Militar de Santa Catarina. Florianópolis: 2014.

ANEXO

Banner BOPE – Grupo Antibombas – Alerta para identificação de explosivos



CUIDADO! EXPLOSIVOS!

NÃO TOQUE! NÃO MEXA! NÃO MOVA!

- ✓ Isole o local
- ✓ Informe a CRE-190
- ✓ Acione o BOPE

Batalhão de Operações Policiais Especiais – BOPE

Contato: (48)98843-2490 - Oficial de serviço

"Não pergunte se somos capazes, dê-nos a missão"